

Histórias do começo e do fim do mundo

O contato do povo Paiter Suruí

Ĝaami Anine Suruí, Ĝakaman Suruí,
Ĝasalab Suruí, Ĝaserê Suruí, Ĝathag Suruí,
Iba Suruí, Ibekain Suruí, Ihxob Suruí,
Inkar Suruí, Insereg Suruí, Ipatarra Suruí,
Itabira Ĝapoi Suruí, Mapini Suruí,
Nema Uredmilar Suruí, Pamadjeron Suruí,
Soman Suruí, Yab-alapixah Suruí



Histórias do começo e do fim do mundo

O contato do povo Paiter Suruí

Ɠaami Anine Suruí, Ɠakaman Suruí,
Ɠasalab Suruí, Ɠaserê Suruí, Ɠathag Suruí,
Iba Suruí, Ibekain Suruí, Ihxob Suruí,
Inkar Suruí, Inserreg Suruí, Ipatarra Suruí,
Itabira Ɠapoi Suruí, Mapini Suruí,
Nema Uredmilar Suruí, Pamadjeron Suruí,
Soman Suruí, Yab-alapixah Suruí

Organização Angela Pappiani e Inimá Lacerda

São Paulo
Ikorê
1ª. edição



Sumário

Prefácio 5

Forest Trends

Apresentação 9

Ãgaami Anine Suruí

Introdução 12

Ikorẽ

História da captura dos ossos 21

Ãgakaman Suruí e Ãgaserê Suruí

Padxe pãweitxa ãgarah kuyé – nós, vivendo dentro da floresta 27

Tempo da origem 29

Iba Suruí

A história do massacre dos ãpãgĩr 39

Ãgaserê Suruí

A vida de antigamente 53

Ãgathag Suruí

O começo de tudo 63

Ãgaami Anine Suruí

História do roubo do fogo 69

Ãgakaman Suruí

Padxe sowesore ikĩn – nós encontramos o conflito 73

O tempo do conflito 75

Ãgathag Suruí

O encontro com o yara 93

Ãgasalab Suruí

Vivendo na floresta 103

Ipatarra Suruí

Resgatar a tradição 107

Yab-alapixah Suruí

Começo dos tempos 111

Itabira Gãpoi Suruí

Como meko, a onça 129

Nema Uredmilar Suruí

Viver sem pai 145

Ãgaami Anine Suruí

História de duas mulheres 179

Ãgakaman e Gãthag Suruí

Waleley ewãwe – a palavra das mulheres 195

Origem 197

Insereg Suruí

O ataque inimigo 205

Ihxob Suruí

Não era para ser assim 213

Inkar Suruí

Antes de meu pai morrer 219

Mapini Suruí

Vivendo como o yara 229

Soman Suruí

Uma vida bonita 233

Pamadjeron Suruí

O tempo antigo 237

Ibekain Suruí

Contexto histórico 241

Narradoras e narradores 248

Glossário 251

Fontes de informação 258



Prefácio

Muito já se viu e ouviu falar do povo Paiter Suruí na história recente de reconhecimento dos povos da floresta.

Especialmente nos últimos dez anos, tem sido comum deparar com lideranças dos Paiter Suruí em manchetes de jornais, em noticiários na TV, em grandes fóruns e palestras ligados às mudanças climáticas ou à valorização da sociobiodiversidade globalmente.

Em uma era de alta tecnologia para comunicação, das redes sociais e dos pactos globais que cada vez mais visam dar voz aos povos indígenas e comunidades tradicionais, sem dúvida, os Paiter Suruí são um povo que se destaca. Tornaram-se exemplo para o Brasil e outros países na elaboração e implementação do primeiro projeto indígena de redução das emissões por desmatamento e degradação florestal (REDD+) no mundo a ter seus créditos de carbono efetivamente comercializados em 2014.

Apesar desse marco na história da evolução dos serviços socioambientais, e da presença constante na mídia como uma “notícia boa”, poucos conhecem o grande desafio que o Povo Suruí segue enfrentando. Ainda há muito para se investir e aperfeiçoar no fortalecimento institucional das associações clônicas e no desenvolvimento de atividades econômicas relacionadas à conservação de suas florestas, como a organização da produção e comercialização do artesanato das mulheres Suruí, de aplicações de técnicas agroflorestais para que a produção de alimentos venha contribuir não apenas para a segurança alimentar e saúde desse povo, mas também para uma economia de base agroflorestal, a valorização de sua cultura e de seus costumes.

Também pouco se fala da origem desse povo tão maravilhoso. De onde vieram? Qual sua história?

Muito mais do que uma lenda, teria mesmo a profecia ancestral se confirmado no final da década de 1960? *“Uma cobra gigante engolirá todo o povo Paiter e destruirá tudo em seu caminho...”*

As primeiras experiências de contato dos Paiter Suruí com pessoas “não indígenas” se deram com seringueiros que vieram a Rondônia para a extração da borracha. Esses contatos não eram amistosos. O contato pacífico veio através da FUNAI, na expedição chefiada por Francisco Meireles em

1969. Logo após, o vírus do sarampo de outras enfermidades quase dizimaram a população. Tiveram ainda de lutar pela reconquista de parte do seu território que havia sido invadido por colonos. A partir de 1986 a exploração ilegal de madeira e pequenos garimpos trouxeram novas e sérias ameaças para essa sociedade já tão sofrida.

Somente no período que vai de 2000 a 2010 é que os Paiter Suruí puderam dar início a novas formas de conciliar a conservação de seu território com o resgate de sua identidade cultural associadas a uma economia de base agro-florestal que culminou no Plano de Gestão Etnoambiental da Terra Indígena Sete de Setembro. Somam-se aqui a coragem e a determinação desse povo para combater o desmatamento ilegal e todas as suas consequências nocivas. É, de fato, uma conquista que deve ser mantida e lembrada por todos.

Para se entender como os Paiter Suruí chegaram a ser a vanguarda de um povo da floresta é necessário conhecer seu passado e suas tradições. Tornar imortais suas crenças e costumes é permitir às futuras gerações uma estima elevada e saudável, tornando o bem viver dessa sociedade perene e forte, irradiando transformações positivas para o meio ambiente e para outras sociedades muito além de seus territórios.

Ao estudar a história dos Paiter Suruí também compreendemos a história de outros povos do Corredor Tupi Mondé. Localizado nos estados de Mato Grosso e Rondônia, esse imenso corredor cobre aproximadamente 3 milhões e meio de hectares de florestas em um Mosaico de Terras Indígenas dos povos Gavião, Arara, Cinta Larga e Zoró. E quando entendemos a história do Corredor Tupi Mondé também podemos sonhar com a grandeza do impacto gerado pela gestão territorial eficiente, que ganha escala e abrangência, podendo influenciar municípios e Estados ao estabelecer critérios e incluir os povos indígenas e as populações tradicionais no planejamento e nas políticas públicas locais, com vistas à conservação e à manutenção dos corredores biológicos e florestais.

A maneira como esta obra foi construída tem muito a ver com a autenticidade dos Paiter Suruí. Foram depoimentos emocionantes, relatos detalhados e lamentos profundos. Os anciãos aqui se tornaram imortais ao repassar para a juventude de seu povo o testemunho de uma história vívida e tão intensa. São lembranças de aguçar a imaginação de quem aprecia e reconhece o valor da cultura tradicional indígena.

Pela riqueza revelada nesta obra e pelo amor e admiração a este povo tão especial é que seguimos com a certeza de que há de chegar o dia em que a humanidade conciliará natureza, sociedades e economia em um ambiente global mais amistoso, que valorize verdadeiramente a vida, em todas as suas formas e direitos, com harmonia e gratidão a todas as gerações anteriores que muito lutaram, ali viveram e nos ensinaram.

Boa leitura,

Beto Borges

Diretor da Iniciativa Comunidades da Forest Trends

Eternizar a memória das pessoas Paiter Suruí que viveram o antes e o pós-contato é algo de grande preciosidade que já estava passando da hora de acontecer. Conheci esse lindo povo em 1976, ou seja, apenas sete anos após o encontro amistoso com os não indígenas. Os conheci porque busquei. Queria estar próxima a eles, conhecê-los e, como jovem idealista, fazer parte de sua história.

Nesses anos todos, a minha vida se mesclou profundamente às suas vidas. Ler todos esses relatos me leva de volta a um passado temporalmente próximo que parece ter saído de um sonho, o sonho que escolhi para fazer parte de minha caminhada.

Hoje velhos, os contadores e eu nos emocionamos. Eles, desfiando o fio da memória para a construção dos relatos apresentados no livro, e eu, na leitura dos fios ligados um ao outro e que de alguma forma se ligam também ao fio de minha vida.

Maria do Carmo Barcellos

Assessora para Gestão Territorial Indígena da Iniciativa Comunidades da Forest Trends

A Iniciativa Comunidades da Forest Trends é parceira dos povos indígenas e das comunidades tradicionais na garantia de seus direitos, na conservação de suas florestas, culturas e costumes, e na promoção do seu bem viver.



Apresentação

Ãaami Anine Suruí

Este livro é importante para o futuro do povo Suruí, para nós que estamos aqui e para as novas gerações que virão. Para que todos saibam o significado do que é ser Paiter Suruí. Paiter quer dizer “ser humano”, quer dizer alguém muito educado, que pode deixar sua marca como Suruí.

A ideia de fazermos este livro tem um grande valor. A nossa amiga Betty Mindlin já fez um livro de histórias Suruí, o clã ĶapĶir está fazendo o seu terceiro livro. Agora nós estamos construindo esta nossa história, de todos os Suruí, para que amanhã o povo possa conhecer seu passado, o que aconteceu há muitos anos, saber quem foram aquelas pessoas que não chegaram a conhecer, como o povo Suruí vivia, como enfrentava as guerras com outros povos, como foi a chegada do homem branco.

Tudo isso estará aqui registrado, em cada capítulo. Por isso este livro é bom, é tão importante! Porque vamos deixar esta história não só para o povo Suruí, mas para outros povos indígenas, para o não indígena, para o antropólogo, para o estudante, para uma pessoa que nunca conheceu o povo indígena e que pode se interessar e querer saber mais sobre a história Suruí.

Precisamos mostrar ao mundo que nós temos nosso pensamento, uma cultura diferente, uma história, uma vontade de futuro. Cada brasileiro tem sua cultura, assim como nós temos o nosso modo de viver. E essa diferença deve ser respeitada.

Eu quero agradecer nossa companheira Angela Pappiani que ajudou também a fazer este livro. Ela tinha esse sonho, que era o meu sonho também. Desde o contato com o branco, durante toda a minha vida, eu pensei que seria bom ter um livro com nossa história, então nós juntamos esses sonhos e fizemos uma ideia só, como uma pessoa só. Não havia diferença entre os nossos pensamentos, por isso deu tudo certo, até chegarmos ao livro pronto. As pessoas curiosas, as que têm vontade de saber, vão encontrar aqui um trabalho sério e muito interessante, o resultado de muitas conversas com vários anciãos de nosso povo que contaram sua história, a história do povo Paiter Suruí.





Introdução

A história do povo Paiter Suruí sempre foi transmitida pelos mais velhos para as novas gerações através das narrativas e dos cantos, estação após estação, geração depois de geração, num círculo que sempre recomeça e é marcado pelos rituais. A voz, a emoção, os gestos, o conhecimento são heranças preservadas pela tradição oral, patrimônio compartilhado por todo o povo, que busca vencer os desafios dos tempos atuais.

A vontade de registrar a história do contato do povo Paiter é um sonho antigo que agora se concretiza, antes de os últimos anciãos nos deixarem, antes de essa história se ocultar de vez em algum canto esquecido do tempo, na memória dos que viveram essa saga.

Talvez essa memória, tão carregada de informação e simbolismo, continue a se materializar nos sonhos de jovens Paiter, sem que eles se deem conta de que entram no tempo de seus ancestrais e bebem da mesma fonte de saber.

Talvez todo o conhecimento recebido de Palob, o pai criador, toda a riqueza da tradição que parecem estar se perdendo, ainda estejam vivos nessa memória, capazes de aflorar a qualquer momento e fazer mudar as cores da paisagem, como a nova estação que chega com as chuvas e faz brotar as sementes.

Essa história guardada na memória deve ser conhecida por todos, pois nos traz relatos de vida de um povo único, os Paiter, os humanos, que mesmo sendo tão poucos, nos presenteiam com sua forma especial de estar no mundo.

As vozes de homens e mulheres Paiter Suruí que estão aqui reunidas trazem o testemunho dos que viram pela primeira vez um avião cruzando o céu da aldeia; que sentiram pela primeira vez os cheiros ruins da gasolina, da pólvora, da borracha, dos remédios; que ouviram pela primeira vez os tiros das armas de fogo, o som ensurdecedor dos tratores que arrastavam a floresta; que sentiram o corpo queimar da febre que não conheciam.

Esses homens e mulheres sobreviveram aos tiros, às epidemias, à tristeza. São heróis e heroínas de seu tempo. As rugas no rosto revelam mui-

tas histórias, muita bravura, muita determinação. Suas palavras devem ser ouvidas com atenção e respeito, são palavras de poder, de conhecimento, de amor à humanidade, de orgulho de pertencerem ao povo Paiter.

Este não é um livro definitivo sobre o contato do povo Paiter Suruí com o *yara*, o branco. Muitas histórias não foram ainda contadas... por medo da dor de enfrentar o passado, por medo das punições prometidas pela religião cristã, por motivo de doenças ou questões políticas internas ao povo. Nosso desejo é que este seja o primeiro de muitos livros, para que outras vozes possam também ser ouvidas.

Este trabalho foi possível porque o sonho de realizá-lo foi sonhado junto com Ġaami Anine Suruí e Itabira Ġapoi Suruí, amigos e companheiros de muitos anos que enxergaram a importância de reunir esses relatos sobre a história do povo Paiter. Porque contou com a confiança e o envolvimento de Iba, Ġaserê, Ġasalab, Ġakaman, Ihxob, Inkar, Insereg, Mapini, Nema Uredmilar, Ġathag, Yab-alapixah, Ipatarra, Soman, Pamadjeron, Ibekain, que compartilharam seus sentimentos e lembranças.

Mas deveria trazer histórias de outras pessoas que viveram o contato quando eram adolescentes ou adultos como Ubajara, Ġahega Raimundo, Pamatoa, Mariapkãri, Pangoxidjór, Marimabá, Uratana, Mopiri, Idiaraga, Nema Mambeĩb, Ibabi, Yamasí, Agamenon Ġamasakaká, Weitãg, Tehru, Mangarnogã, Paweika, Perpera. Que muito em breve elas também se façam ouvir.

Quando começamos o trabalho, no mês de abril deste ano de 2016, planejamos cada passo junto com Anine. Com ele visitamos a aldeia Sertanista Apoena Meireles, na Linha 07, em Rondolândia, para encontrar Itabira, e as aldeias Ġaserê e Betel, em Pacarana, as três no estado do Mato Grosso. Depois visitamos as aldeias nas Linhas 9, 10, 11 e 14. Nosso ponto de apoio e sede do trabalho foi a aldeia Sete de Setembro, na Linha 12, onde Anine e sua extensa família nos receberam com muito carinho.

Foram muitos e muitos quilômetros percorridos, em todas as quatro direções do território, por estradas empoeiradas e esburacadas, vivendo as diferentes realidades e expectativas da população Paiter Suruí. Foram quatro viagens da equipe da Ikorê para Rondônia, 50 dias de trabalho em campo, e uma viagem de Anine e Hinkir Suruí, para São Paulo, onde finalizamos as traduções, no mês de agosto.

Gravação e tradução

Os narradores contaram suas histórias de vida no idioma Paiter Suruí, do grupo Tupi, da família linguística Mondé, em suas casas, cercados de esposas, filhos, netos, bisnetos, amigos, que muitas vezes comentavam fatos e contribuíam com suas memórias. Anine Suruí acompanhou todas as conversas.

Nossa equipe viveu momentos de muita emoção, compartilhando com os homens e mulheres as alegrias, tristezas e constatações de quem viveu o período do contato. As gravações eram interrompidas pela voz embargada, para dar espaço ao choro, ao olhar comovido de quem revivia momentos muito fortes de suas vidas. Cicatrizes que ainda marcam a pele eram reveladas, como as marcas de balas no corpo de Ihxob, testemunhas da violência sofrida. As cicatrizes da alma afloravam na voz trêmula e nas lágrimas de Inseg, no canto épico de Nema. O corpo se erguia da rede ou do banco para traçar a coreografia vigorosa do momento do ataque. Arcos imaginários eram retesados e flechas lançadas no ar em busca do inimigo. Movimento e recolhimento, silêncios e cantos. Tanto vigor e beleza, tanta tristeza.

Essas narrativas foram gravadas e o áudio registrou para sempre as vozes e as emoções desses anciãos. Esse acervo estará à disposição das comunidades, preservando para o futuro esse momento e possibilitando que outros usos possam ser feitos no futuro.

Entendendo as palavras

A tradução foi o trabalho mais delicado e difícil. A proposta era envolver nessa tarefa os jovens que dominam o português e a escrita. Momento de entrar em contato com a riqueza do idioma Paiter Suruí, com os detalhes emocionados das narrativas, com a beleza e riqueza da cultura, com o conhecimento desses anciãos sobre o território, a grande diversidade da floresta.

Muitas vezes os jovens tradutores enfrentaram dificuldade em compreender as palavras em um idioma que é vivo e se transforma ao longo do tempo. Outras vezes a dúvida era sobre rituais ou plantas usadas no passado e que não fazem mais parte do cotidiano das aldeias. Em todos esses momentos, recorreram aos mais velhos para solucionar as dúvidas, aprendendo com essa troca, transformando suas percepções sobre o mundo.

Depois de uma primeira versão escrita das narrativas, todo o material foi conferido por Anine, que dirimiu as últimas dúvidas. Com os textos já em português, o próximo passo foi trabalhar na versão final, construir as notas de rodapé, os títulos e subtítulos; preparar o perfil de cada narrador para apresentá-los aos *yara* e aos outros indígenas que terão também acesso a este livro.

O principal tradutor das narrativas foi Júlio Naraykosar Suruí. Colaboraram também o professor Diori Suruí, Hinkir, Salomé e Enoque Suruí, sempre com a supervisão de Anine.

Organizando os capítulos

Para o povo Paiter Suruí existe um tempo da criação do mundo, de todos os seres e todas as coisas. São muitas as histórias desse tempo, muitas personagens importantes, e nas conversas com os anciãos algumas dessas histórias apareceram. Como a proposta deste livro era registrar o tempo do contato, decidimos reproduzir aqui apenas três dessas histórias da criação do mundo, cada uma abrindo um capítulo.

A História de duas mulheres, a História da captura dos ossos e a História do roubo do fogo falam de três momentos fundamentais para se entender o povo Paiter. A primeira é sobre a criação da primeira humanidade, que depois desapareceu, devorada totalmente pelas onças, meko. A segunda relata o esforço de Palob, o criador, para recuperar os ossos de seus filhos, devorados pelas onças, e recriar a humanidade. E a terceira conta sobre o roubo do fogo para que os filhos de Palob pudessem sobreviver e se multiplicar no mundo.

O primeiro capítulo Padxe pãweitxa garah kuyé – nós, vivendo dentro da floresta–, traz o depoimento de quatro narradores sobre a vida de antigamente, sobre o aprendizado e a forma tradicional de vida antes do contato. O segundo capítulo, Padxe sowesore ikĩn – nós encontramos o conflito –, traz sete depoimentos sobre o período de guerras e conflitos com invasores e outros povos indígenas e o contato com a frente de atração da FUNAI, com suas dores, contradições e consequências. No terceiro e último capítulo, Waleley ewãwe – a palavra das mulheres –, estão reunidas as vozes e o universo feminino. As mulheres revelam suas visões sobre

os mesmos episódios e trazem abordagens totalmente novas sobre a vida do povo Paiter, antes e depois do contato. É o olhar da mulher guerreira e corajosa diante das mesmas ameaças e mudanças, a perspectiva de quem gera a vida, de quem cuida do alimento, da formação das novas gerações.

Para ajudar os leitores, indígenas e não indígenas, a compreenderem um pouco melhor a formação do Estado de Rondônia, sua ocupação, os conflitos envolvendo os diversos grupos de migrantes e invasores que chegaram e as consequências para os povos indígenas que ocupavam e ainda ocupam esse mesmo território, há um capítulo final com fatos e datas mais relevantes e indicações de outras leituras.

O território

A Terra Indígena Sete de Setembro foi homologada em 1983, com 247.869 hectares, compreendendo parte do município de Cacoal, em Rondônia, e Pacarana e Rondolândia, no Mato Grosso. Antes mesmo do contato oficial do povo Paiter Suruí com o branco, toda uma grande extensão de terras, incluindo esse território, havia sido dividida por linhas e travessões traçados no mapa, sem considerar a topografia e a hidrografia do local, e depois demarcados sobre a terra, abrindo a floresta para dar acesso aos loteamentos para colonização. As linhas, com aproximadamente quatro quilômetros de distância entre elas, correm paralelas e receberam os números com os quais são conhecidas até hoje. A população do Sul e Sudeste do país que foi levada para ocupar esses lotes não conhecia a floresta, nem os povos que a ocupavam. Sofreram com doenças e dificuldades para se adaptar, com a precariedade do acesso e das condições para estabelecerem seus cultivos, com os conflitos com os Paiter e outros povos indígenas que defendiam seus territórios tradicionais.

Esses conflitos diretos se estenderam até a década de 80, com a invasão da terra já delimitada para o povo Paiter. Depois da expulsão de uma parte dos invasores, o povo Paiter Suruí conseguiu recuperar essas áreas, ao longo das linhas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13 e 14 e ali estabeleceu suas aldeias, na fronteira do território, como estratégia de controle e proteção. Apesar da proteção legal ao território, os desafios para sua gestão continuam, e são muitos.

Com o incentivo da FUNAI, ao invés de recuperar a grande área desmatada pelos invasores, os Paiter Suruí assumiram as lavouras de café e arroz e os pastos deixados pelos colonos. Hoje, além dessas culturas, a economia das aldeias está baseada nas plantações de banana e coleta de castanha, além da importante contribuição sociocultural e econômica da produção de artesanato pelas mulheres.

Hoje, ao longo da BR 364 e das outras estradas que cruzam Rondônia, o que se vê são grandes fazendas de gado, pequenos sítios, propriedades rurais de médio porte. As cidades são movimentadas, com as áreas de comércio e serviços bem desenvolvidas, aeroportos regionais com voos diários, um modelo de desenvolvimento que não levou em consideração a floresta e sua diversidade socioambiental. Os dados sobre desmatamento e as imagens de satélite deixam claro que a natureza está preservada somente nos territórios indígenas e parques nacionais, e, mesmo assim, sob intensa pressão e muita exploração ilegal de madeira e minérios.

As palavras escritas

As palavras escritas no idioma Paiter Suruí neste livro, que seguiram a grafia usada pelos professores e tradutores que acompanharam o trabalho, foram sinalizadas em *itálico*, exceto os nomes próprios, e identificadas em notas de rodapé quando de seu primeiro aparecimento. Outras têm seu significado entre parênteses ou esclarecido no próprio texto, dependendo de como o narrador as apresentou. Todas as palavras estão reunidas no Glossário, ao final do livro. A palavra *Çapgĩr*, nome de um dos clãs do povo Paiter, segue a grafia adotada por eles próprios.

Algumas palavras recorrentes ao longo de todos os textos, são importantes para a compreensão das narrativas, por isso vão listadas aqui:

Paiter – pode ser compreendida como ser humano, humanidade, e também como a autodenominação do povo Suruí

Yara – o não indígena, o branco. A forma yara ey é usada como plural

Gameb – nome de um dos clãs originais do povo Paiter Suruí

Çapgĩr – nome de um dos clãs originais do povo Paiter Suruí

Makor – nome de um dos clãs originais do povo Paiter Suruí

Kaban – nome de clã mais recente, criado a partir da incorporação de mulheres do povo Cinta larga ao povo Paiter Suruí. Alguns dos relatos do livro fazem referência ao surgimento do clã Kaban

Palob – o criador. Depois da evangelização do povo Paiter Suruí, a palavra às vezes se refere ao herói criador, dentro da tradição, e outras vezes se confunde com o Deus cristão

Yatir – bebida fermentada à base de cará, mandioca, batata-doce ou milho. É preparada pelas mulheres, em grande quantidade, em panelas de barro. A fermentação é obtida pela mastigação. A bebida é guardada em grandes pilões de madeira feitos especialmente para isso. Essa palavra, além de designar a bebida em si, também dá nome à festa em que é consumida por todas as pessoas da aldeia.

Labway – o líder, o chefe, aquele que comanda o povo ou a aldeia. A palavra também é usada para as mulheres do líder, que também são líderes.

O som das palavras

As palavras que começam com a letra G, e são muitas, são grafadas com um sinal gráfico sobre o G indicando um som anasalado, que não tem correspondência no português. É algo mais parecido com o som do G seguido de NH. O som da letra S se assemelha a RR (dois erres). Em algumas palavras também se acentua o I com um til, indicando o som mais anasalado. O H depois do A indica um prolongamento dessa vogal.

Agradecimentos

Agradecemos o apoio e a confiança da Forest Trends, em particular a Beto Borges e Mirela Sandrini. A colaboração e amizade de Maria do Carmo Barcelos, parceira do povo Paiter desde a década de 70. O apoio de Betty Mindlin, a autorização do uso das imagens de Jesco von Puttkamer pelo Instituto Goiano de Pré-história e Antropologia – IGPA. E principalmente a cooperação de todos os narradores que contribuíram com suas histórias

de vida e de todas as famílias Paiter que nos receberam em suas casas com tanto carinho. A amizade e parceria de Āaami Anine Suruí e suas esposas Mapini, Artemira, Rita e Jurandina. E especial gratidão a todas as crianças Paiter, que nos alegraram nesse tempo de trabalho e convivência.



Ĝakaman Suruí e Ĝaserê Suruí



História da captura dos ossos

Contam que as onças, meko, nos comeram. Comeram todos os Paiter. Comeram toda a humanidade. Então Palob, o criador, estava a pensar como poderia resolver aquilo e convocou o veado. Em pensamento, ele chamou o veado. Por isso Itxiab, o veado mateiro, se apresentou, foi até a casa de Palob. Assim, cantarolando e tocando sua flautinha:

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

— Em cima da pedra, podem me esperar sossegados.

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

Então Palob disse:

— Você canta enquanto estou aqui querendo os ossos dos meus filhos!

— Eis-me aqui, eu mesmo, Itxiab! – respondeu o veado.

— Você apareceu bem na hora! Eu preciso pegar os ossos dos meus filhos – disse Palob. — Busque para mim os ossos dos meus filhos!

— Sim! – respondeu o veado.

Palob avisou que antes faria um tratamento nele, antes que ele fosse. Então Palob passou *garaub*¹ em todo o corpo de Itxiab, passou *morabtapó*,² passou *napó kabé*.³ Passou no veado todo tipo de árvore e cipó amargos. Então, disse:

— Mas, antes, faremos o teste com você!

Isso acontecia no alto de uma montanha. Quando o veado começasse a descer, ele jogaria uma pedra rolando atrás do veado, montanha abaixo, para testar sua agilidade. Contam que Itxiab saiu correndo, morro abaixo, e Palob, logo atrás dele, jogou a pedra que saiu rolando. Quando Itxiab já estava bem adiantado, de repente, gritou:

— Bééé!

E saiu fora, saiu da frente da pedra e a pedra passou por ele rolando.

— Ah, não! Não deu! Você não é capaz! – contam que assim Palob disse para ele.

Contam que, junto dele também estava o veado preto, o veado campeiro Patxaïd, e Palob lhe disse:

— Você poderia também fazer o teste.

Palob já tinha definido que o veado campeiro iria recuperar os ossos de seus filhos. Ele tem tudo sempre decidido, mas estava cumprindo a regra. E Patxaïd também veio tocando sua flautinha e cantando:

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

— Em cima da pedra, podem me esperar sossegados.

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

Contam que Palob também fez com Patxaïd o mesmo que tinha feito com o outro, também passou todo tipo de planta amarga nele, no corpo todo, no olho, no ânus. Depois de tudo pronto, disse ao veado:

— Agora, pode ir!

E o veado campeiro saiu correndo, montanha abaixo, e logo atrás dele Palob jogou a pedra que rolou, rolou, rolou atrás de Patxaïd. Por pouco a pedra não pegou o seu calcanhar, foi por pouco, mas ele chegou ileso ao fim da descida. Depois que a pedra parou, o veado campeiro também parou.

— Pronto, eu consegui!

— Sim! Você conseguiu! Você é o escolhido! Você deve ir buscar os ossos de meus filhos para mim. Você deve ir tocando. Assim que a abelha cortar a linha que prende os ossos, ela vai te avisar fazendo Zum, zum! perto de seu ouvido, então será a hora de pegar e fugir.

Contam que então ele foi lá, tocando e cantando:

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

— Em cima da pedra, podem me esperar sossegados.

— Poun, pun, porin porin pun pun, porin porin pun pun.

Agora compreendo que quando Palob, em pensamento, convoca os veados, é aquele o momento de sua criação, porque, se não fosse assim, as onças que comeram todos os humanos já os teriam comido também.

Contam que o veado chegou andando, aproximou-se das onças que estavam se aquecendo perto do fogo. Então as onças correram dando esturros:

— Rí, Rí, Rí! Deixe-nos comer você! – disseram elas.

— Pois não, eis-me aqui! – contam que assim ele disse para elas.

— Pois é, vamos comer você!

— Mas tem um porém – disse o veado campeiro –, eu não sirvo para ser comido. Vocês podem provar, podem lambe aqui.

Então o lambeiram.

— Nossa! Você não serve para ser alimento! – contam que assim disseram para ele, depois de provar seu corpo com uma lambida. — Pois, bem. Você deve vir deitar-se aqui na rede.

Contam que, então, o colocaram na sua rede, no fundo da casa, vigiando seus movimentos. A casa estava toda lotada, tinha rede por todos os lugares, da mesma forma que também tinha ossos. Ossos pendurados dentro da casa e lá fora. Eram muitos ossos, de vários povos. Ossos até dos Kalerey, Agoiey, povos que já foram extintos.

Então, lá dentro da casa, quando já estavam deitados, as onças continuaram dizendo que queriam comê-lo.

— Deixe-nos comer você!

— Não, não sirvo de alimento. Ninguém consegue me comer. Você pode experimentar, lambe aqui – disse ele.

Ele, o veado campeiro, já tinha deixado que o lambessem para sentirem o gosto amargo. Contam que diziam as onças para ele:

— Deixe que pelo menos comamos o seu olho!

— Não sou comestível.

Lambiam e diziam:

— Nossa! Como você poder ser assim?

— Sim! – disse ele. — É isso que estou querendo dizer a vocês. Eu não sirvo para ser comido.

— Então, deixe-nos comer pelo menos o seu ânus.

— Podem lambar, vejam, eu não sirvo de alimento!

— Nossa! Que desperdício!

As onças cochichavam:

— Como podemos fazer para comê-lo?

Ele, o veado, estava preocupado, esperando a hora de ser avisado. Eles, as onças, já haviam tentado comê-lo de todas as formas. Até o cérebro dele elas pediram para comer e ele dizia que era mais amargo ainda.

— Entendemos! – disseram para ele. — Mas podemos comer você assim mesmo.

Contam que ele arrumou a perna para fora da rede, pronto para se levantar, e junto as onças também se arrumaram. Então ele se deitou de novo, mas a perna ficou no jeito de fugir. Ele se ergueu e as onças também se ergueram. Então, deitou-se novamente, esperando o momento de ser avisado. Foi quando... Zum, zum, zum! Era o sinal da abelha, era o momento de agir. E, de onde estava deitado, ele saltou bem alto, por cima das onças, e de salto em salto ele foi pegando os ossos.

Contam que assim ficavam os ossos: ali ossos do clã Ġapğir, aqui ossos do clã Ġameb, aqui ossos do clã Makor e assim seguidos de outros ossos. Então ele pegou. Primeiro, pegou os ossos dos Ġapğir, depois dos Ġameb e depois dos Makor, e assim saiu puxando os ossos, de muitos outros povos, até de Kabaney, os brancos, ele pegou.

As onças, esturrando, diziam:

— Rí, rí, rí. É isso que ele estava planejando!

Ele ficava saltando e as onças tentando pegá-lo, mas não conseguiam, assim contam. E de salto em salto ele saiu da casa, pegando mais ossos humanos. Contam que eram muitos ossos. Ele passou várias vezes pelo mesmo lugar por onde já tinha passado. Os ossos faziam barulho batendo uns nos outros.

Então ele conseguiu sair e fugir com os ossos, saiu correndo, correndo muito e saltando, e as onças o perseguiram – Ri, ri, ri! – esturrando. Foi quando uma multidão de *tamaris*,⁴ ao se assustarem, voaram esguichando cocô sobre as onças. As onças caíram mortas, assim contam. Muitas onças morreram. As onças que sobreviveram, perceberam que não era mais possível pegá-lo, então decidiram voltar.

Assim contam. O veado campeiro chegou à morada de Palob com os ossos e os entregou.

— Muito bem! Agora posso completar o meu plano! – disse Palob.

Contam que Palob tomou em suas mãos os ossos que o veado havia trazido e os soprou. Contam que da boca dele saiu a fumaça da vida. Contam que ele soprou e os Paiter ficaram em pé. Assim ele fez com os ossos, dando vida à humanidade.

.....
1 Pau pereira, árvore muito amarga.

2 Espécie de cipó, muito amargo.

3 Espécie de cipó muito amargo.

4 Pássaro jacamin.



A black and white photograph of a man in a forest. He is shirtless, wearing a headband and a loincloth, and is holding a long spear. He is looking to the right. The background is a dense forest with many trees and foliage. The image has a film strip effect at the top with a row of white circles and horizontal lines.

Padxe pãweitxa ģarah kuyé
nós, vivendo dentro da floresta

Iba Suruí



Tempo da origem

Assim alguém me contava a história. Sei daquilo que me contaram. Disseram que foi Palob quem nos criou. Ele disse que surgimos segundo o plano de Palob. Ele disse que por isso nós, Paiter, temos origem. Ele me disse que foram as onças, meko, que, ao comerem as pessoas, organizaram os ossos: os ossos dos Ķapġir, os ossos dos Ķameb. Assim, Palob fez Kaban, fez Ķameb, fez Agoiey, fez Watanr¹ e também nos fez, os Ķapġir, todas as raças de humanos que existem.

Disse-me ele que por isso devemos seguir nossas origens: “Como você deve chamar os seus filhos, quando eles existirem?”, assim ele me disse. “Você deve dizer a eles que somos Paiter, somos Ķapġir, e assim eles também, no futuro, devem passar isso aos filhos deles, para que sejamos sempre um só.” É assim, meu pai me disse que eu sou Ķapġir, sou Paiter, e assim quando meu filho nascer devo passar o mesmo conhecimento para ele, dizer para ele que somos Ķapġir e assim também ele deve fazer quando o filho dele surgir e assim sucessivamente, no futuro.

Eu poderia ter um entendimento melhor sobre isso, mas agora, devido a problemas de saúde, estou limitado, tenho tudo confuso. Tudo que sei é aquilo que meu pai me ensinou, não posso mudar esse ensinamento, sei aquilo que ele me disse. Que somos líderes por natureza e depois de nós, são os Ķameb, assim ele me disse.

Posso dizer que os Ķameb e os Ķapġir são parentes porque são todos marimbondos. Foi Palob que deu nossa origem. Primeiro fez os Ķapġir, seguido pelos outros clãs. Quando Ķapġir se casa, seu filho é Ķapġir. É assim. Já os netos, se conheceram os avós, aprendem e depois contam o conhecimento passado pelos avós, o que receberam deles.

Estou contando conforme alguém me contou. Meu pai me falava assim quando eu já tinha entendimento das coisas. Então ele me disse: “O que você entende que é? Da sua origem? Você é Paiter”, ele me disse. “Você é Ķapġir, pelo fato de eu ser Ķapġir. Quem me fez foi Ķapġir e por isso eu sou Ķapġir e também por isso você é Ķapġir”, ele disse. “Eu não estou

contando nada que não seja verdade. Você tem que saber quem você é.” Ele disse assim para mim. Depois de nós, vêm os Ĝameb, eles também devem repassar esse conhecimento para os seus filhos. Da mesma forma que passamos conhecimentos para os nossos. E assim todos nós devemos saber da nossa origem.

Eu não dava muita atenção, por isso não sei de coisas que ele, meu pai, fazia. Hoje em dia as pessoas confundem tudo. Querem ser os importantes, os primeiros a ser criados. Mas não é assim. Os primeiros que foram criados foram os Ĝapĝir e depois os Ĝameb. Os Kaban também, da mesma forma. Assim surgiram os primeiros humanos.

Os meus avós falavam entre si: “Por que as pessoas falam mal dos Makor?”. Falavam isso somente entre eles, sentados. O meu avô materno, o avô Koab, era um Ĝameb. Os dois juntos comentavam: “As pessoas diziam que Makor não vale nada, que não é ninguém”. Mas eles discordavam disso. Para eles, os Makor foram criados por Palob para se relacionarem com os outros povos e por isso também são importantes. “Makor é um ser calmo”, diziam eles. Assim diziam. Como já falei, eu não dava muita atenção para as discussões, por isso não sei de quase nada. É mais ou menos assim, como já contei. É assim, dessa forma a origem da humanidade. Foi assim a criação dos humanos...

O modo de vida

Não sei por que vivíamos em festa, nos embebedando, mas é certo que foi Palob quem nos fez assim. Sempre tínhamos *yatir*, bebíamos muito *yatir*. Tínhamos festa de *yatir*, fazíamos pilões e fazíamos festa dos pilões, *ikabi*. Sei que derrubavam árvores com pedras, pedras em forma de machado, para fazer pilão. Algo que tinha corte. Palob fez algo que o povo pudesse usar como ferramenta, deu sabedoria para cada povo.

Vivíamos bem distante daqui. Viemos para cá porque fomos atacados por outras tribos que atualmente vivem conosco. Ao fugir, nos deparamos com vestígios de *yara ey*. Dessa forma, achamos facões e machados deixados pelos brancos. Assim alguns de nós conseguiram enriquecer. Quem

conseguiu machado e facão conseguia fazer mais coisas. Antigamente quem tinha machado tirava muito mel. Algumas famílias revezavam usando o mesmo machado e facão. Assim conseguimos sobreviver. Nossa origem é onde o sol nasce, depois seguimos na direção onde o sol se põe. Assim conseguimos chegar aqui.

Nós vivíamos todos juntos. Viemos do Leste. Construíamos aldeias e mais aldeias, de tempos em tempos. Meus pais contavam que foram desafiados a derrubar *ikahkoy* (imburana) grande. A roça era grande para realizar festa. Eles contavam que derrubaram a imburana grande e houve uma festa para isso, assim eles contavam. E eles perguntavam se éramos capazes de fazer como eles faziam, perguntavam para mim. E eu respondia que sim, que eu era capaz de fazer igual, sim. E só não faço igual porque não tem quem faça as festas, que provoque, porque, se houvesse, com certeza eu faria, sim.

Quem provocava essas festas eram os cunhados, que faziam para os seus cunhados. E assim vieram construindo aldeias, porque os inimigos nos perseguiram e éramos obrigados a mudar de lugar, construindo novas aldeias. Já eu nasci na aldeia mais para o Sul, eu nasci lá. Atravessamos um grande rio para fugir dos inimigos, contavam.

Nessa travessia, tinha um jovem rapaz que criava um macaco barrigudo. Quando ele fazia a travessia do rio, o macaco, com medo, grudou nele impedindo-o de nadar e ele se afogou. Contava o pai do Matera que, ao perceber o afogamento, ele retornou e fez o resgate da pessoa do fundo do rio. Assim ele contava que conseguiu salvar as vidas de duas pessoas que tinham se afogado. Dessa forma conseguimos atravessar o rio, o rio Branco, rio transparente, dava para ver o fundo, parecia ser próximo, mas era muito fundo.

O cunhado do meu pai tinha pedido para ele fazer a segurança do grupo enquanto estavam fugindo. Assim ele fez, e bem de tardezinha veio correndo, para alcançar as pessoas. Quando já era noite, percebeu que na beira do rio havia fumaça e uma proteção para chuva e ali embaixo havia uma mulher com uma criança no colo. Então, contava ele que disse para ela: “O que houve, por que está aqui?”. Então ela respondeu: “Fui deixada pelas pessoas”. Então ele a ajudou a atravessar.

Infelizmente havia isso, a falta de amor. O marido não se importava com ela, tinha abandonado a esposa com o filho e tudo. Se não houvesse alguém para socorrê-la, ela morreria ali. Ou seria morta pelos inimigos que nos perseguiam. Não sabemos o que aconteceu com ela depois disso, mas com certeza ela tentou seguir sua vida de outra forma.

Era assim. Só eles, os irmãos Ğapğir, tinham coragem e faziam o que outros achavam impossível, só eles. Hoje em dia vivemos como *yara*, parece estar tudo bem, mas antigamente a vida era difícil e por isso algumas pessoas não ligavam muito para a dificuldade dos outros. Tinha muita falta de amor.

O que eu posso contar é como eu servia *yatir*. Meus colegas me provocavam. Alguém provocava quando queria festejar. Assim fizeram comigo. Tiraram lenha da minha roça e colocaram milho descascado pendurado dentro da casa que tinha na roça. Eu tinha ido caçar, acima da minha roça, quando alguém foi lá e disse: “Irmão, como você está?”. Então eu disse: “Eu estou bem, já faz alguns dias que eu vim para caçar”. “Tudo bem”, ele disse. “Mas é o seguinte: eu vinha fazer companhia para você, mas ao passar na sua roça vi que o provocaram. Dentro da sua casa na roça está cheio de milho descascado e pendurado.” Então eu perguntei: “Como foi que isso aconteceu?”. E ele disse: “Não sei como foi que aconteceu!”.

O menino não sabia de nada. Anteriormente eu já tinha sonhado. No sonho alguém tinha mostrado que haviam colocado milho descascado na minha casa. Quando ele me contou, logo me lembrei. Então quando eles acabaram as festas deles, eu comecei os meus preparativos e realizei a festa. Muitos não aguentavam. Eu servi a bebida o dia inteiro. Então resolvi: “Agora eu vou fazer *pamatō*”.² Mas antes eu resolvi embebedá-lo com *yatir* que servi na taboca.³ Como eu caçava muito macaco, enfeitei a taboca com muitos dentes de macaco.

Enfeitado com cocares, me aproximei escondido dos que iam beber *yatir*. E ali estavam todos tranquilos, sentados, fazendo suas flechas. Quando de surpresa eu disse: “Eis-me aqui”. E alguém falou: “Preparem-se, jovens”. Enfeitados com cocares, todos os meus companheiros estavam assim, e eu com *yatir* na taboca para servir. Aquele que havia me provocado

estava sentado junto de seus companheiros. Eu fui até ele e o cumprimentei da forma que tinha que ser: “Olá, há tempo está por aqui?”. “Creio que sim!”, respondeu ele. “Eu venho lhe oferecer *yatir*. Faça como o grande macaco, beba *yatir*, direto da fonte.” Eu disse, já colocando a taboca cheia de *yatir* na boca dele. Agora estou calmo, lá eu estava ansioso, todo trêmulo. Então ele já ia tomando quando alguém lhe disse: “Pelo menos lave a mão”. Então assim ele fez. E sem lhe dar muito tempo, já coloquei *yatir* na sua boca, e depois outro. Meus companheiros já ofereciam *maxo* (cigarros) também. E diziam para eles: “Eu já avisei vocês que provocar não é fácil”. Quando vinha alguém ajudá-lo a beber, eu já tinha outra panela cheia de *yatir* para servir.

Então veio a mulher com uma panela toda enfeitada, cheia de *yatir* e disse: “Aqui, pai! Beba desta bebida”.⁴ Não aguentamos muita pressão, então logo ele ficou bêbado. Nem se bebermos por nossa vontade, aguentamos, logo também ficamos bêbados. Ele ficou mais bêbado porque não lhe dávamos tempo nem de respirar. Mesmo os parentes dele o ajudando a beber. Vinha um após o outro ajudar a beber e da mesma forma fazíamos, vínhamos um depois do outro, servindo. Eu fiz assim com as pessoas ali. Depois tínhamos que provocá-los a tirar lenha. Combinamos, os donos de *yatir*, que íamos fazer isso juntos. Então escolhemos uma árvore muito grande. Achamos uma *wabedyorīn* (embirema) muito grande, preparamos o local.

Uma noite antes, resolvi fazer a cerimônia *pamatō*. Assim é feita: “Sobrinho, olá! Como ainda é noite, você ainda está dormindo?”. Então ele acorda e responde: “Creio que sim”. É complicado dar o conselho. Aí continuei: “Então, eu venho te dar o conselho”. “Sim!”, ele disse. Sempre usamos o nome de alguém próximo como autor do conselho, e nesse caso eu estava usando o nome do meu neto. Então eu disse: “O meu sobrinho, que se chama Gasiter, está a convidá-lo para tirar lenha, ele quer tirar lenha da árvore onde ficam os macacos para fazer *yatir*. Ele resolveu de última hora, mas fica a seu critério acompanhá-lo”. E continuei: “As pessoas são sozinhas e com você não é diferente, não é?”. Então ele disse: “Creio que sim, mas eu tenho uma companheira”. Então ele me apresentou uma menina e eu também fiz o ritual do conselho com ela.⁵ E logo em seguida eu ofereci um

cigarro para ele. Eu fiz isso por volta da meia noite. Eu servi cigarro a ele; e ele fumou. Eu tinha mais cigarros na minha mão e minha mulher também estava comigo, me acompanhava em tudo, fazia tudo o que eu fazia. Então, para encerrar, eu fiz o Conselho por último com um amigo: “Olá! Como ainda é noite, você ainda está dormindo? Amigo! Amigo! Como ainda é noite, você ainda está dormindo?”. Ele acordou e respondeu: “Creio que sim!”. Eu fiz todo o ritual com ele e ia me retirando, já ansioso por descobrir quem era o desafiante, quando alguém disse: “Enquanto isso, quero dizer a você que as mulheres que fizeram *yatir* devem dançar comigo, assim é o pedido dos jovens”. Então eu voltei até ele e respondi: “Sim, mas o seu pedido não é do meu alcance”. Ele respondeu: “Creio que sim, não é apropriado não atender ao nosso pedido”. Então eu lhe servi os cigarros que tinha preparado.

Ele me desafiava e eu o desafiava também. Então eles fumaram todos juntos os cigarros que eu tinha em mãos. Eu só estava esperando a hora de descobrir o desafiante. Quando chegou a hora, eu estava pronto.

Ao amanhecer eu os convidei para irem tirar lenha onde tínhamos preparado, já estava me organizando para pegar o desafiante quando ele menos esperasse. Eu ia pegá-lo na melhor hora, quando fosse bom para mim. Então lá foram as pessoas, cada qual com um machado mais bonito que o outro, todos enfeitados. E um depois do outro iam cortando a árvore, se revezando até derrubar. Quando ele disse: “Já derrubamos a árvore”. “Sim!”, respondi, “e gostaria que tirássemos lenha”. Então todas as pessoas começaram a tirar lenha. Cada grupo tirando lenha. Eram o pai do Gopodxu, aquele que os meninos chamavam de Gavião, e o meu primo, esses eram os responsáveis. Também o que chamávamos de “cortador de flechas”. Esses eram os responsáveis, donos de *yatir* junto comigo.

Então, mais ou menos a esta hora, eu perguntei: “Quando devo fazer?”. “Pode ser agora”, respondeu. Eu fui e pedi para a mulher preparar *yatir*. Enquanto isso, vinham os caçadores de lenha. Vinham e se despediam, cada um deixava lenha, e assim todos faziam. E, da mesma forma que o desafiante se revelou a mim por último no ritual do conselho, assim ele também fez na entrega da lenha. Ele foi um dos últimos. Quando foi a vez dele, eu falei: “Não o deixem escapar!”. Ele foi para o outro lado, ten-

tou fugir, mas já tinha outros prontos para pegá-lo. Quando o cercamos, ele disse: “Já me pegaram”.

Eram todos irmãos, o irmão mais velho, o irmão depois dele, mais outro irmão, mais outro. Eram cinco irmãos e logo ficaram bêbados, um, depois outro e depois outro. Sim, eles provocaram porque queriam ficar bêbados. Depois pedi que os levassem às casas deles. Esse o levou, outro levou o outro, mais outro, lá para o *metareilá*.⁶ E logo vieram muitas pessoas e se ofereceram para beber e eu servi em pequena quantidade. Aí falei para a mulher: “Agora é sua vez!”. Ela pegou uma vasilha maior, encheu e os serviu. E assim, muita gente ia bebendo. Até que um caiu e depois outro também caiu, andava rastejando; e depois mais outro, mais outro e mais outro. Quando vi, falei: “Já embebedei as pessoas!”. Já era tarde quando as pessoas se deitaram. Foi um silêncio... todos estavam bêbados, por isso o silêncio. Assim que eu fiz com as pessoas, com os meus amigos. São eles, os velhos, o meu cunhado, amigo dele, irmão dele, estava aquele que os filhos moram na Linha 9. Esses eram os velhos. Eu os embebedei, e eles, os seus.

História de encontro com o yara

Aconteceu um conflito. Às margens de um grande rio. Não foi no mar, não, foi à beira de um grande rio...

O encontro com os *yara ey* foi assim. Houve um tempo, quando o irmão estava caçando, o outro irmão caçula foi à sua casa e ficou feliz ao ver seu filho. Estava brincando com o menino quando a mãe disse a ele: “Como você brinca com o menino que nem é seu filho?”. Então o rapaz ficou muito zangado, pegou sua flecha e matou a mulher.

As pessoas levaram a notícia do acontecido até o irmão que estava caçando. Então ele veio e disse: “Por que você fez isso? Então agora você pode acabar com a minha vida!”.

Contam que ele disse ao irmão: “Já que você me condena pelo que fiz eu vou embora e você não procure saber notícias minhas, porque estou indo embora por sua causa, porque você me condena”.

Ele era o irmão mais novo. Então se foi, e muitos o seguiram, até que conseguiram barcos e seguiram rio acima. Durante a viagem, seguindo pelo rio, ele dizia: “Pavuruuu, Machadooo”. Ele falava assim, palavras que conhecia, nomes diversos, nomes de facas. E assim ele se aproximou, com o barco, de uma casa na beira do rio, quando um *yara* aparece: “Você aí, estou pedindo que me dê facão”. Quando o *yara* pegou uma espingarda, ele disse: “Ele vai fazer algo com a gente. Então pega um remo e coloca na sua frente”. Nesse instante, pou!

É difícil sobreviver a um tiro. Pode ser possível se a pessoa conseguir correr ou se estiver mais distante. Então os *Çameb*, que estavam no barco mais atrás, disseram: “O *yara* nos atacou”. Não sabemos direito o que aconteceu. Então, quando o *yara* se preparava para dar outro tiro, o flecharam. As pessoas se jogaram no rio. O irmão foi atingido, contam que a mãe dele tinha dito para esse mais novo: “Filho, peço que volte para mim”.

Contam que ele, quando atingido pelo tiro de espingarda, afundou, e sem poder se mexer, sentado no fundo do rio, lembrou-se: “Minha mãe pediu que eu voltasse e eu prometi a ela que voltaria”. Então ele reagiu, se movimentou e conseguiu subir. Quando saiu do fundo do rio, já tinha sido levado pela força da correnteza para alguns metros do local do acontecido. Ali muitas pessoas tinham morrido, um morreu, outro morreu e outro morreu. Assim aconteceu antigamente, assim contam. Não era fácil, o povo só vivia com dificuldade. É isso, as pessoas são assim.

Foram os meus antepassados que fizeram isso. Ele fez isso, procurou a morte porque tinha matado a mulher e estava arrependido, por isso ele foi embora, fez isso de propósito, por arrependimento pelo que fez. É, foi assim.



.....

1 Agoiey e Watarn são povos indígenas já extintos.

2 Pamatô, o ritual do Conselho, era realizado durante algumas festas tradicionais.

3 Palavra de origem tupi que designa uma planta rígida, oca e sem nós.

4 A palavra pai, na língua Suruí, também é usada como tratamento de respeito aos parentes. Neste caso, ela disse: Aqui, senhor, beba desta bebida.

5 O ritual do Conselho acontece de madrugada. O ritual é realizado até o dia amanhecer. Primeiro é feito com o líder e suas esposas e depois com todas as pessoas que ele indicar.

6 Metareilá - local de trabalho na mata, onde se preparam adornos e artefatos que serão depois trocados na festa de yatir, com o grupo da casa, responsável pela festa.

Ĝaserê Suruí



A história do massacre dos Ġapġir

Tudo o que sei da nossa origem é o que ele, o meu pai, me contava do nosso clã. Ele contava que vivíamos próximos a um taquaral. Numa certa época, um grupo passou pela aldeia dos Ġapġir para buscar taquara para confecção de flechas e os Ġapġir fizeram festas oferecendo bebidas a eles. Eram outro povo. Eles e os Kaban, o outro povo, já bêbados, cantavam. E se embebedavam mais e mais, no ritmo de festa, até que todos foram dormir com a noite.

Um *xamiah*¹ jogou um banco de madeira, fazendo barulho, assustando quem já estava dormindo. Quando isso aconteceu, perguntaram, entre eles: “O que faremos com o *xamiah*?”. Ele escutou e perguntou: “O que estão cochichando aí, meus amigos?”. E eles responderam: “Estamos combinando que amanhã iremos apanhar castanha”. “Ah, sim!”, disse ele. “Também quero ir junto com vocês.” Então os outros cochicharam, entre eles: “Está muito fácil para resolvermos”. E o *xamiah* falou: “Sei que devemos ser independentes em tudo, mas quero estar junto com vocês”. E eles novamente cochicham: “E ele ainda provoca a gente”.

Então comunicaram que já estavam indo e todos seguiram o caminho. Mais adiante, resolveram parar e esperar a chuva passar. Armaram pequenas coberturas para se protegerem da chuva e, bem próximo, o *xamiah*, que era o alvo deles, também fez uma pequena cobertura para si e suas duas esposas.

Chovia forte quando falaram: “Esse é o momento de o atacarmos!”. E assim convidaram um Ġameb a participar do ataque. Chegaram por trás da proteção contra chuva e, ao perceber o ataque, a mulher gritou! Mesmo assim, ele foi atingido na cabeça e caiu. “Pronto, já resolvi, já fiz com ele o que queríamos.” “Sim, sim!”, disse o Ġameb. “Para comprovar que participei, vou flechá-lo, mesmo morto!”. E assim ele fez.

Quando foi flechado, o homem que julgavam estar morto levantou-se e tentou atingi-los também com flechas. Eles continuaram atirando muitas flechas e quando viram que ele demorava a cair, o atingiram na cabeça,

flechando-o no nariz, e ele caiu morto. “Agora, sim, resolvemos de uma vez!”, disseram entre eles. Assim contam que o mataram.

Depois de matá-lo, eles ainda tomaram posse das mulheres dele, casaram-se com elas. Xamaway era parente dele e, de tempos em tempos, visitava outros povos. Ele era Kaban. Quando ainda era recente o acontecido, o irmão das esposas do falecido veio visitá-las e ficou confuso quando viu suas irmãs servindo outros homens e também não viu o marido delas. Mas ficou calado e logo quis ir embora, quando Xamaway o seguiu com a intenção de contar o ocorrido. E assim o fez. Quando conseguiu alcançá-lo, contou tudo e o convenceu de que ele tinha que fazer vingança. Quando soube do ocorrido, o irmão das mulheres, que se chamava Adxu, resolveu retornar e se despedir de todos, mas antes de ir para a aldeia resolveu pescar para levar peixes, mas pescou somente uma piranha.

No dia seguinte começou a se despedir de todos e avisou o *labiway*,² Amõ Maguy,³ que ele deveria tomar cuidado e não seguir outros andarilhos. Então Adxu foi embora e em poucos dias outra pessoa apareceu. “Onde está o meu irmão?”, disse ao chegar. Ele era Pamoiba.

Pamoiba disse para as mulheres: “Vocês podem me dizer onde está o meu irmão?”. E todas as pessoas ficaram sem saber o que fazer. Ele carregava com ele muitos facões e resolveu ir embora levando consigo todos os facões. Antes que ele fosse embora, alguém lhe disse: “Você deveria me dar alguns de seus facões”. E assim ele fez. Colocou facões em um local onde as pessoas pudessem escolher e disse: “Vocês mesmos têm que pegar aqui”. Pois ele pensava: “Essa é a oportunidade de eu ferir alguém”. Mas as pessoas tiveram medo de pegar, já que imaginavam sua intenção. Então ficaram discutindo: “Não! Você pode me entregar!”. “Não! Você pode pegar aqui!”. Nesse instante, em meio à discussão, alguns conseguiram pegar algumas facas, mas, com medo, desistiram de pegar os facões, e ele foi embora.

Assim começa a história do massacre dos *Çapğir*. Alguns conseguiram pegar mais facões, facões deixados para traz pelos Kaban, num tapiri. Era uma estratégia de Pamoiba para reconhecimento da região para depois fazer o ataque aos *Çapğir*. Ele já teria organizado vários grupos de povos aliados para atacar a aldeia que ficava à beira de um grande rio.

Então, de repente, surgem os Agoiey⁴ em um barco, dizendo aos que avistavam: “Já foram avisados que seriam visitados, Patê!”. E ali mesmo começa a discussão, quando os Agoiey convidam os Ćapğir para uma viagem de barco. Amō Maguy então fala aos Agoiey que se recusam a ir com eles, pois isso poderia ser uma emboscada. E eles diziam que não, que apenas queriam fazer com que conhecessem outros povos: “São nossos parentes que não têm intenção de nos fazer mal algum. Por isso podemos visitá-los”, diziam eles. E assim convenceram os Paiter a irem com eles visitar outros povos.

Ao chegar no lugar proposto pelos Agoiey, depararam com os *yara ey*. Uma emboscada montada estrategicamente para matar os Ćapğir. Os *yara ey* receberam a todos, os alimentaram, mas na hora da despedida os capturaram, amarraram as mãos nos pescoços, amarraram os pés, pegaram as espingardas e... Pou, pou, pou! Mataram os Paiter.

Alguns foram escravizados e outros foram libertados. Essas pessoas eram os que não tinham culpa de nada. Foi assim que aconteceu.

A história de Amō Anarxegah

Foi nessa época que o pai de Amō Anarxegah⁵ foi abandonado pelos *yara ey*, quando ele era criança. Assim foi a origem do Amō Anarxegah. A criança abandonada consegue sobreviver, viveu por muitos anos. Assim Amō Anarxegah veio a existir.

Ele cresceu e seu objetivo por toda sua vida foi ter contato com os *yara ey*. Preparou-se por várias vezes na tentativa de contato com os *yara ey* e todo o povo o seguia. Houve uma época em que ele organizou grupos que foram de barco buscar contato com os *yara ey*. Num desses barcos foi alguém disposto a ser o primeiro a fazer o contato. Também os Ćameb seguiram com seu grupo organizado. Até que encontraram uma casa do *yara* à beira do rio.

Estava tudo quieto, então o Ćapğir disse: “Machadoooo”, dizia ele. “Machadooo, *pavuruuu* (faca), *wakiseee* (facão)”. Aproximou-se da casa e então o *yara* saiu da casa com a espingarda já em punho e atirou contra eles.

Quando os Ćameb viram que o *labiway* dos Ćapĝir fora atingido, atiraram contra o *yara*, matando-o. Conta a história que o jovem, ao cair ferido no rio, no fundo do rio ele viu o pai dele também ferido e falou: “Força, pai! Ainda que seja um rio, pode-se tocar no fundo e assim conseguir sair!”. O velho pai respondeu: “Lamento! Pois estou gravemente ferido e sem força para viver”. Então afundou no rio e nunca mais foi encontrado.

Contam que o jovem conseguiu sobreviver, bonito e todo enfeitado como era, mas ficou com as mãos deformadas pelo tiro que levou. Ele conseguiu sobreviver, reorganizar o povo e liderar por muitos anos. Aquele jovem que sobreviveu, ele era Amō Anarxegah.

Ainda na época da liderança do Amō, os seus irmãos mais novos viram vestígios dos Cinta larga, os seguiram, viram que estavam fazendo roça e decidiram atacá-los. Avisaram o Amō Anarxegah da decisão. Ele era contra, mas não conseguiu convencer os seus irmãos a não irem. Então eles foram e colocaram fogo nas casas, mas não mataram ninguém. O pedido dele aos irmãos era para que cuidassem de sua segurança.

Anos se passaram e ele fazia festas oferecendo *yatir* aos demais. Algum tempo depois decidiu ele mesmo fazer a vigilância e se ausentou da aldeia. Enquanto isso, as pessoas realizaram uma festa sem a presença dele. Quando ele retornava da vigia, muito cansado, foi abordado por um dos que beberam *yatir* e começou a beber junto. O povo vivia com medo, mas como havia pessoas responsáveis pela segurança, tentavam levar uma vida normal. Eles beberam a noite toda e já era madrugada quando resolveram ir dormir. As mulheres que cuidavam e organizavam as bebidas, avistaram de longe tochas de fogo se aproximando das casas e gritaram: “Irmãos, por que trazem fogo até as nossas casas?”. Pensavam que fossem as sentinelas que faziam a vigilância da aldeia, mas eram inimigos que haviam conseguido passar pela barreira. De repente, ouvem-se gritos de socorro. O ataque dos inimigos começou e o Amō Anarxegah, que estava bêbado, saiu pela porta principal e foi atingido. Sua esposa também foi atingida. Assim os inimigos conseguiram matar o *labiway* de nosso povo. Por um pequeno descuido, perdemos o líder de nosso povo, assim, de repente.

Foi assim que a liderança de nosso povo passou a ser feita pelos meus avós, assim conta a história. Até chegarmos aqui, neste local onde hoje moro, aqui mesmo, lideraram o povo por essa região, por anos. Meu avô tornou-se *labiway* do nosso povo quando ainda era muito jovem, construiu novas aldeias.

Talvez tenha sido nessa época que o povo Paiter começou a se dividir. Foi por causa de casamentos realizados entre os clãs, casamentos não consensuais. Por isso os clãs se dividiram, assim contavam as pessoas.

Como meus avôs eram líderes, casaram-se com muitas mulheres, eles eram em três e cada um tinha mais ou menos dez esposas. O povo não aceitava isso porque outros também queriam as mulheres que eles tinham. Então houve muita traição, muitos amantes. Eram os Kaban que faziam isso. Houve guerra entre eles e assim se deu o fim da liderança dos Āpǵir sobre o nosso povo.

Depois dessa tragédia, o povo se organizou novamente e o novo *labiway* foi escolhido. Foi assim que aconteceu, essa é a verdadeira história. Naquela época, quem se dizia Kaban era o meu avô materno, somente ele. Na verdade, ele era da origem Āameb. Ele era Āameb.

A origem dos Kaban

Aconteceu assim, os *lahd*, nossos inimigos, guerreavam sempre conosco. E nessas guerras alguns sobreviviam, mas muitas pessoas morriam. Assim, num dia desses, alguém pediu para Omay, um pajé, curar uma jovem moça. Ao invés de curá-la ele a assassinou, enforcando-a. Ao ser descoberto, Omay resolveu ir embora e morar com outro povo, que vivia próximo à nossa aldeia.

Após várias tentativas de contato, ele enfim conseguiu envolver-se com esse povo que nos escravizava. Esse parecia ser o nosso fim. Nossas mulheres sentiam-se atraídas por homens desse outro povo e também os homens sentiam-se atraídos pelas mulheres daquele povo. Assim estavam armados novos conflitos com os inimigos que mataram quase todos do nosso povo.

Os que conseguiram fugir da escravidão e do conflito sobreviveram e tornaram-se andarilhos. Um dia, esse pequeno grupo de andarilhos escutou: Tá, tá, tá! Alguém estava a tirar mel. Resolveram aproximar-se e logo viram que eram algumas mulheres que tentavam sobreviver na floresta e que estavam tirando mel. Resolveram fazer contato. Amō disse: “Quem está aí?”. E a mulher respondeu: “Somos nós, mulheres”. Então resolveram unir-se e viver juntos. Elas eram mulheres Kaban. Assim foi a origem dos Kaban. Assim que se deu a origem dos Kaban no nosso povo. Essas mulheres foram as mães dos meus avôs maternos que assumiram ser filhos de mulheres de outro povo: meu avô e os irmãos dele, o pai dos Kaban, o pai do Imayüid, aquele que faleceu na linha 12. Também o pai de Ūr Eimilar, irmão caçula deles. São esses que deram origem aos Kaban dentro de nosso povo. Eles se sentiam, se consideravam Kaban por causa de suas mães serem Kaban. Essa história de que os Kaban existiram desde a época do Ary não é verdade. A história de Ary já é da época de outra geração, anterior à nossa. As mulheres que estavam tirando mel, que eram mais ou menos umas dez mulheres, essas, sim, eram Kaban.

Essas dez mulheres encontradas tirando mel... somente o Amō casou-se com elas. Ele foi atacado por uma onça que matou muitas de suas mulheres, mas uma conseguiu fugir com ele e foi ela a mãe dos Kaban.

Os meus avôs eram *labiway* e os seus filhos tinham casos amorosos com as irmãs dos Kaban. Já os Kaban tinham casos amorosos com as esposas dos meus avôs. Num desses encontros marcados com as irmãs dos Kaban, os Kaban convencem os filhos de meus avôs a assassinar os próprios pais. Os jovens aceitaram, porque eles também ficariam com as esposas de seus pais. Então, os Kaban que sabiam disso e que tinham ciúme deles, pensaram assim: “Eles vão acabar se matando e aí as mulheres ficam para nós, aí podemos nos casar com elas”.

Então convenceram os jovens a matarem seus pais dizendo que só assim eles, os jovens Čapğir, poderiam ficar com as esposas de seus pais. Assim aconteceu a tragédia de nosso clã e assim perdemos a liderança de nosso povo. Por causa de mulher.

Assim aconteceu, eles estavam no auge da liderança de nosso povo, todos os admiravam, mas foi assim que aconteceu seu fim. O fim da liderança deles. Não conseguimos compreender como se deu isso, mas sabemos que foi uma estratégia bem bolada e planejada. Isso aconteceu bem aqui próximo, bem ali, no rio Mosaab ery.

Assim os Kaban assumiram a liderança de nosso povo, depois de meus avôs liderarem por vários anos. E assim conseguimos chegar nos dias de hoje... os descendentes, os netos do Amō Anarxegah, são eles, os meus primos, o Libab e eu. Sou descendente dos que lideraram após a morte do Amō Anarxegah, eu sou neto do mais novo, irmão caçula dele que assumiu após sua morte. Na verdade, somos um povo só. Somos Āameb, somos Āapğir, os Kaban são Āameb.

Amō Anarxegah existiu muito antes de mim, estou falando de século, talvez séculos. Meus bisavôs foram filhos dos irmãos caçula dele, então isso faz muito tempo, muito tempo mesmo. Eles são nossos ancestrais, são nossos ancestrais mesmo. Chamamos de *matered ey*, antepassados, aqueles cuja história sabemos, mas não os conhecemos.

E esses são eles, nossos bisavôs, os que desconhecemos. Aqueles que conhecemos, podemos chamar de Paiter, mas chamamos de antigos aqueles de quem só sabemos a história.

Eram assim meus avôs maternos, eles eram três descendentes da mulher encontrada. Eles sempre se diziam filhos de Kaban, só são eles os Kaban. Existiam outros Āameb que eram irmãos deles, do mesmo pai. Eles se diziam Kaban pelo fato de serem filhos daquela mulher. Mas hoje, os Kaban são em maior número, desobedecendo isso. Nos dias atuais a tradição se perdeu, todos os parentes se tornaram Kaban. Eu, por minha vez, sei da minha origem, por isso não tenho vergonha em dizer que sou neto dos Kaban, os verdadeiros Kaban.

A origem, na verdade é Āameb. Antes eram todos Āameb. Sentiam-se poderosos por isso. Tudo se confundiu, depois que eles se foram. Atrapalharam tudo. Foi assim. Já eu, é impossível rasgar meu nome, ninguém pode rasgar meu nome. Mas eles mesmos rasgaram os seus próprios nomes. Conta a his-

tória que, quando os três irmãos assumiram ser Kaban, um dos tios deles, que era Ğameb, gritou em voz alta: “Isso permitiria nos relacionarmos com nossos próprios parentes, irmãos, irmãs, tios, tias! Vocês têm certeza de que desejam isso, rapazes?”. Esse com certeza tinha Deus no coração. Ele disse que só aquilo bastava e que não deveria ter continuidade.

Teve um outro caso entre eles, os Kaban. O filho mais novo deles, dos sobreviventes da tragédia dos Ğapğir, era bonito, todo enfeitado e pintado de jenipapo e as mulheres, que eram esposas dos tios dele, o namoravam escondido. Quando descobriram, armaram uma cilada para ele, o perseguiram e tomaram seu arco e flecha. Ele tentou fugir, mas as pessoas correram atrás dele, conseguiram capturá-lo e o mataram por ciúme das mulheres e também pelo simples fato de ele ser filho de um sobrevivente. Foi assim. Palob fez tudo perfeito para nós, e nós, Paiter, destruímos tudo. Por isso somos poucos, se fosse conforme Palob planejou, seríamos muitos. Os humanos não têm muita inteligência. Acabaram com tudo aquilo que era perfeito, consigo próprios. Contam que mesmo um membro dos Ğapğir teve culpa na tragédia do seu clã. Ele mesmo foi culpado. Se isso não acontecesse, seríamos muitos, como os *yara ey*, e seríamos donos de tudo isso. É assim. Assim contei a história de meus avôs maternos, da minha origem, dos meus avôs Kaban, dos quais somos sobrinhos.

A história de Ary

A história de Ary⁶ é assim. Os Ğameb tinham raiva do Ary e queriam matá-lo. Ary era cego, mas muito cauteloso, e como não conseguiam pegá-lo, resolveram pegar o seu filho. Quando Ary ouviu o grito de seu filho, ele foi ao encontro dos gritos guiado por suas esposas. Era uma emboscada. Ele era cego porque foi capturado pelo *yara* que o deixou cego de tanto bater no rosto dele. As mulheres, que guiavam o Ary até os gritos do seu filho, ao perceberem que era uma emboscada gritaram e saíram correndo dizendo: “Estamos sendo atacados”. Ary perguntava: “Mas quem são, eu já não matei todos? Quem agora pode estar nos atacando?”.

Após matar Ary, também tomaram suas mulheres como esposas. Os ĶapĶir escolheram algumas mulheres, os Ķameb também. Os ĶapĶir, ao verem que os Ķameb tinham escolhido uma bela mulher, resolveram tomá-la. Não conseguiram, não houve acordo, mas ficaram com todos os pertences dela. Esse é a história de Ary. Essas mulheres não eram Kaban, não.

O conhecimento dos ĶapĶir

Não sabemos ao certo sobre a nossa origem, por isso não sei contar. Quem sabe sobre a nossa origem é Palob, só ele sabe. Por isso pouca gente sabia contar, mas hoje tudo se perdeu. Antigamente só os velhos sabiam, os velhos que contavam essas histórias.

Por isso os ĶapĶir existiram. Porque Palob os fez. Eles não surgiram do nada não, foi Palob quem os fez. Se eu disser que os ĶapĶir sempre existiram, estarei errado. Os ĶapĶir foram feitos por Palob, isso é certo. Só ele sabe como e para que fez os ĶapĶir, por isso devemos entender que somos subordinados a Palob.

Palob deu a eles a sabedoria de confeccionar arco, flecha e seus enfeites. Fazer acabamentos e colocar penas. É por isso que os ĶapĶir tinham arco e flecha, para que pudessem caçar.

Depois Palob deu a sabedoria de fazer *yatir*, de cultivar os produtos para fazer *yatir*, por isso têm essa sabedoria. O dom de fazer *yatir* foi dado por ele para a mulher. Ele deu ao homem a sabedoria de manter autoridade sobre ela. E a ela a autoridade de servir *yatir* e por causa disso as pessoas tomam *yatir*. E, bebendo, as pessoas faziam rodas de cantos. Os ĶapĶir faziam rodas de cantos, bebendo *yatir*. Bebiam porque tinha quem servisse bebidas a eles. Então as pessoas eram felizes, por causa das festas, isso era a felicidade das pessoas. Será que isso é certo? As pessoas serem felizes porque vivem em festas? Às vezes falo para minha companheira: “As pessoas não são felizes porque não vivem mais em festa, não fazem mais *yatir*. Será que a felicidade das pessoas está nas festas de *yatir*?”. Assim comento com ela. Por que será? Talvez porque Palob tenha feito assim, tenha decidido que a vida fosse assim!

Enquanto quem ia servir *yatir* estava a preparar a bebida, os Ćapğir ficavam acampados no *metare*,⁷ se organizando, nos preparativos para a festa. De vez em quando eles provocavam os donos de *yatir*, era uma forma de se embebedarem. Quando provocados, os donos de *yatir* os capturavam e os embebedavam. Então ali mesmo, já bêbados, começavam a dançar e a cantar, já colocavam chocalho no tornozelo e começavam a dançar. Dançavam e o chocalho fazia Chu, chu, chu! enquanto dançavam e cantavam. As esposas os acompanhavam e era muito bonito, naquele momento era muito bonito. E assim chegamos até aqui, isso começou lá no início e foi passado de pai para filho e é assim até nos dias atuais.

Como o exemplo dos macacos: os macacos sempre são macacos, não viram outra coisa. Os Ćapğir também são assim: Ćapğir pai, Ćapğir filho. Ćapğir filho que se torna Ćapğir pai e daí de novo, Ćapğir pai. E assim serão sempre Ćapğir.

Assim aconteceu comigo. Lá no princípio alguém fez os primeiros Ćapğir e esses me deram origem. Assim eu sou Ćapğir desde o princípio. Meu pai era Ćapğir, viveu aqui, mesmo sem mulher. Vivia andando pela mata até que um dia conseguiu se casar com minha mãe e assim eu vim a existir. Eu nasci ali na linha 14 mesmo, bem ali próximo à aldeia. “Você não nasceu quando eu era jovem”, meu pai dizia para mim. “Você nasceu quando eu já estava velho, como você está me vendo agora.” Ele estava certo, falava a verdade. Então ele falava para mim: “Nem sua mãe existia quando eu era jovem, ela nasceu bem depois, quando eu já estava na fase adulta”. Assim ele me contava. E por isso eu existo e assim também vieram a existir os meus. Assim é a origem, assim é a origem das pessoas.

Vivíamos fazendo roças, realizando festas, bebendo *yatir*, cantando, seguindo felizes. Cantávamos músicas muito bonitas. Os compositores, mesmo bêbados, cantavam suas músicas criadas ali mesmo. Algumas pessoas criavam músicas muito bonitas e outras queriam fazer igual, mas não conseguiam. As esposas dos que não conseguiam compor suas músicas ficavam com vergonha quando viam outros dançando e cantando. Esses eram os nossos avôs, nossos pais. Eles tinham muitas mulheres, como eu já contei. Só eles tinham muitas mulheres. Eles eram chefes e por isso eram importan-

tes. Tinham muitas mulheres, eram muito ricos, casavam com sobrinhas, com outras mulheres, mulheres Makor. Eles eram três, o irmão mais velho, que era *labiway*, o irmão do meio e o irmão caçula. Muitas mulheres mesmo, por isso alguém planejou acabar com eles, porque eles eram assim. E então aconteceu. Acabaram com eles e depois os Ġameb viveram como queriam. Era assim, foram os filhos deles que me contaram como era a vida deles. Sentados à porta, faziam suas flechas. Todos juntos, reunidos, o irmão mais velho, o do meio e o caçula, reunidos faziam flechas sentados à porta.

Viver unido incomoda muita gente, as pessoas têm raiva, inveja de união. E assim, as pessoas planejaram destruí-los, acabar com a união deles, acabar com eles e ficar com as suas mulheres. Eles eram muito importantes e temidos. Por isso quando as pessoas falam hoje: “Eu sou mais importante, sou o mais temido!”, nada disso é verdade. Somos capazes e iguais diante de Palob. A verdade é que outros preferem a humildade, sem que isso signifique que somos inferiores a ninguém.

Quando os viam reunidos, isso incomodava, por isso planejaram a morte deles. Ficar com as mulheres também fazia parte do plano dos invejosos. Assim foram eles, famosos, temidos, faziam sucesso e por isso causavam muita inveja entre as pessoas de nosso povo.

Hoje não quero me engrandecer e dizer: “Eu sou neto deles, sou importante como eles foram”. Só Palob pode todas as coisas. Sei disso porque ele já me disse: “Eu sou o senhor da vida, eu sou o dono da vida e por isso dou a vida a você. Eu sou o dono da paz e por isso dou a paz a você”. Caso contrário, Palob pode me perguntar: “Onde está o seu valor, o seu poder?”. E aí eu não saberei responder. Palob é poder, é importante. Porque somente ele pode tudo, é o salvador. Ele liberta quando vamos mal. Ele coloca água fria que nos traz a paz. As pessoas fizeram seus destinos, acabaram com nosso povo, acabaram com suas próprias vidas. Se isso não tivesse acontecido hoje seríamos muitos. Era para ter muitos Ġapġir, e porque aconteceram essas mortes, hoje não existem muitos Ġapġir.

Aconteceu assim. Assim meus pais conseguiram sobreviver. Meu pai me contava que conseguiu sobreviver porque foi protegido pelo tio, que não deixou matá-lo.

Porque fomos criados por Palob, as pessoas bebiam *yatir*, porque assim ele fez. As pessoas cortavam pilão, faziam vários pilões que enchiam com *yatir* e bebiam muito *yatir*. As mulheres faziam a bebida. As mulheres tinham tanta sabedoria quanto o homem. Faziam balaies e painéis de barro, enquanto isso os homens tiravam lenha. A nossa vida era assim, a nossa vida foi assim. Palob deu conhecimento ao povo Paiter. Deu o conhecimento de fazer enfeite de flecha, deu o conhecimento de fazer flecha. Conhecimento de fazer roça. Paiter é assim...

.....

- 1 Pessoa mentirosa.
- 2 Líder, liderança.
- 3 Povo indígena já extinto no século passado.
- 4 Não é um nome, mas sim, um título. Assim, em todas as histórias de clãs se ouve falar de Amõ Maguy, mas são pessoas diferentes em tempos diferentes.
- 5 Amõ Anarxegah foi o líder maior do clã Çapğir, respeitado até hoje por todos.
- 6 Ary era um assassino muito perigoso, matava as pessoas em emboscadas, matou muitas famílias de seu próprio povo. Por isso os clãs tinham raiva dele e foram os Çameb que conseguiram matá-lo e destruir sua família.
- 7 Clareira na mata onde construíam casas para trabalhar nos preparativos dos artefatos tradicionais.



Ĝathag Suruí



A vida de antigamente

Eu vou contar a história de meu pai. De como ele viveu, em meio aos Paiter. A maneira como eu conheci o meu pai, como eu cresci e aprendi com meu pai. Vou contar a história de meu pai, não dos outros.

Meu pai sempre ia à casa de outras pessoas, gostava de ir aonde tinha muita gente. Ele era muito observador, observava tudo com atenção, tudo o que estava acontecendo a sua volta: as flechas, os objetos... e dava sua opinião sobre tudo.

A lei dos Paiter dizia que isso era proibido. Não se podia falar, comentar sobre a vida e as coisas de outras pessoas, mas ele não respeitava a lei. Eu sempre me pergunto por que ele fazia isso...

Ele chegava como se fosse um pai falando aos filhos, mexendo nos objetos, sem pedir permissão. Ele pegava as flechas e, com a faca, refazia a ponta da flecha, arrumava. Ele comentava: “Você está vivendo embaixo de uma árvore seca, sua casa está correndo riscos”. Ele aconselhava. Parece que ele sabia de tudo, era mais sábio que os outros. Aconselhava o povo sobre o modo de vida, aconselhava até mesmo o maior dos líderes.

Meu pai era importante, do clã Ćapğir, como sempre falava para mim: “Eu sou Ćapğir, você também é descendente de Ćapğir. Por isso, sabemos quem somos nós”. Porque é o pai que orienta, garante tudo. Quando alguém perguntar, vou responder: sou dessa linhagem.

Meu pai era muito amoroso, gostava muito das pessoas, gostava de *yatir*, a festa da chicha, por isso ele fazia muitos presentes para dar às pessoas, flechas, colares, para dar aos líderes, donos da festa, para que assim acontecesse a festa, para todos ficarem felizes e unidos.

Essas festas ele fazia com os seus companheiros, porque eram jovens, se divertiam entre eles, a geração deles. Ele era muito respeitado, tomava *yatir* com seus colegas, eu o via assim. Cresci vendo meu pai, aprendendo, quando era criança, com a vida no *metare*, no movimento do *metareilá*, convivendo com ele. Uma criança sempre pede ao pai para fazer um arco, uma flechinha de brinquedo. Eu cresci vendo meu pai fazer para mim.

Na festa, meu pai bebia muito *yatir*. Eu chorava com pena dele, porque ele ficava muito bêbado. A festa acontecia porque o grupo do *metareilá* pedia *yatir*. Quem dava a festa ficava bêbado também, como meu pai. E tinha festa de derrubada da mata para fazer a roça, *ḡamagaré*; para fazer casas, *lab āāh*, a festa do tempo da seca. O ano todo tinha festa.

Quando chegava o tempo da roça, o *labiway*, o líder, avisava a todos: “Amanhã vamos procurar o local onde vamos abrir a roça”. Então, pela manhã, ele ia a cada casa chamar os homens. Quando chegavam ao local, ele escolhia o lugar de cada um, colocava o cunhado, o sogro perto, tudo certinho, cada família no seu lugar. Tudo era planejado pelo *labiway*. Ninguém ficava sem roça, dos mais humildes aos mais importantes, ninguém ficava sem participar, todos juntos, sem individualismo. A roça era feita no local escolhido pelo *labiway*, não em qualquer lugar. O *labiway* chamava o segundo líder e depois o outro, o outro. Chegavam a um acordo. Não era a decisão de uma pessoa só. Cada líder chamava seus parentes e fazia o seu grupo. Isso era bonito. Todos viviam juntos, unidos. Assim eles brincavam também, um com o outro, se divertiam. Viviam felizes.

Eu estou contando a história de meu pai, de uma forma rápida, mas a vida com ele foi muito longa. Durante minha vida com meu pai eu vi muitas coisas, derrubadas de mata, roças, construção de casas, festas, guerra. Muita coisa boa e muitas coisas ruins.

Aprendi muito com ele. Pescávamos no rio, com flechas. No dia de pescaria tinha muito peixe. O povo batia cipó no rio para a pescaria. Tinha muita caça também, mas não era todos os dias que íamos caçar. Nossa vida era muito boa. Nossa única preocupação era buscar comida e fazer enfeites para as festas. Um tempo muito bom.

As pessoas eram sadias, fortes. Hoje em dia as pessoas são fracas. Querem comer carne todo dia, estão viciadas. Naquele tempo tinha muita comida saborosa, mel, frutas, sucos. Hoje é só carne, carne... não tem comida suficiente para as pessoas, por isso estamos fracos.

Naquela época os caçadores iam buscar caça longe e demoravam dois dias ou mais e chegavam com a carne assada. De vez em quando, quando

encontravam muita caça, entregavam ao pai ou ao *labiway*. Eles convidavam os chefes de cada casa para comer aquela carne recebida dos caçadores. Não faltava carne para ninguém, nem para os mais humildes. Todos recebiam uma parte igual. O *labiway* dava um pedaço de carne para cada um, todo tipo de caça: *mebé* (porco), *ariméh* (macaco), *tamoahb* (jacu), *waloy* (tatu), *wayã* (nambu)... tudo. Assim vivíamos. Assim era naquele tempo. Tinha caldo de nambu, caldo de macaco e de outros animais, *makaloba*.¹ Falta hoje o *labiway* para conduzir a vida. Parecemos formigas sem líder, abandonadas, vivendo cada um por si mesmo. Chegamos ao ponto de filho não respeitar o pai.

Um filho tem que aprender com o pai. Aprender a fazer flecha, caçar, aprender a maneira de viver. Quem não aprendeu com o pai não faz nada direito. O homem tem que ser responsável pela sua família. Escolher o lugar para construir a casa, fazer o alicerce, ajudar o pai na época da derrubada, cortar as árvores, tirar os galhos, limpar a roça. Tem que aprender com seus professores. O pai e a mãe são os professores, devem deixar o exemplo, não ficar à toa, se envolvendo em confusão. Têm que dar o exemplo. Meu pai me ensinou, por isso sou uma pessoa educada, tenho limites.

Naquele tempo não tinha motosserra, facão. Mesmo com machado tradicional, nós derrubávamos a mata, era sofrido! O alicerce da casa era difícil. Tinha que medir, colocar o esteio principal. Todas as pessoas que vão morar na casa devem ajudar, mas é o mestre quem sabe como se faz o alicerce da casa. Os jovens têm que ajudar para aprender. A gente não ficava à toa, aprendia durante todo o tempo. O mestre ajudava a fazer todas as casas, orientava, como engenheiro. A casa, *lab alawã*,² era muito grande, comprida, larga, difícil de fazer. Era necessário um mutirão, juntar muita gente para fazer *lab alawã*. Na *lab alawã* tem o espaço para cozinhar, o lugar do líder se sentar. Precisa muito planejamento, conhecimento do mestre.

Eu observava, aprendia a fazer tudo isso. As pessoas cuidavam da família, do seu sogro, cunhado, genro. É necessário tratar bem de todos, considerar seu próximo como você mesmo, amar seu cunhado, ele é como um pedaço de você, pois está casado com seu filho ou filha. Tem que ser

considerado como você mesmo. Por isso se faziam as festas, a vida ia muito bem. Alegre, todos unidos, sem problemas. Quando terminava a construção de *lab alawã*, o líder chamava todos para dentro e distribuía o local de cada um. Colocava o jirau para guardar as flechas para a caça, para a pesca, para a guerra, todos os tipos. Arrumava o lugar para guardar as sementes, tudo montado, direitinho. Os mestres faziam muitas flechas e os jovens que gostavam de presentes tinham que escolher ali. Todo tipo de presente havia. Havia um lugar especial para fazer os presentes, o *metareilá*, um lugar na mata, quieto, para se concentrar, sem confusão. Se fazia todo tipo de coisas lá, durante todo o tempo da seca, dessa forma tinha-se todo tipo de artefatos prontos, bons. Todo o necessário para as pessoas usarem. Não faltava nada.

A festa ia do mês de abril até agosto. No tempo de começar a plantar a roça, começa a festa. No tempo do *meguir* (milho verde) já começa a festa. Do tempo de plantar até o tempo de colher. Tempo de cortar e fazer *ikabi* (pilão), de fazer *itxira* (panela de barro) para *yatir* (chicha). Trabalho longo! Os homens ao mesmo tempo preparam as penas, as pontas de flechas. As mulheres preparam panelas, conchas. Todo o material necessário tem que ser arrumado. Na festa nada é de graça. A *yatir* é paga com muito trabalho dos homens e das mulheres fazendo colares, pulseiras, panelas, flechas, dentes de macaco, *betiga*,³ tudo. A pessoa que pedia a festa tinha que ser responsável, trazer a caça, buscar comida. Quem faz *yatir* não tem tempo para caçar. Então tudo é uma troca, para compensar esse trabalho. Mas acho que o dono de *yatir* também se vingava, dando muita bebida para quem comia muita carne vomitar. Não se podia tratar ninguém mal. O dono da festa, para agradar, dava muita comida e *yatir*, para não dizerem que ele era pobre.

Sabedoria de pai

Aquele que não liga para o pai, não aprende nada. O que tem sabedoria aprende com o exemplo do pai. Para aquele filho que não obedece, o pai não tem vontade de ensinar. Ele gosta mais quando o filho é obediente, humilde. O desobediente não aprende. Sempre faz coisas erradas. Não é todo pai que gosta de ensinar. Existe também o pai que faz o filho e o

abandona, como animal. Isso também existe entre nós. Esse filho, abandonado, é bruto, tem pensamento bruto, nunca aprende coisas boas. Esse tipo de pessoa não se importa com a lei, com a tradição. Não tem medo de se machucar, tem uma vida sem orientação, rebelde. As pessoas muito educadas são assim porque o pai leva para conhecer, para viver entre pessoas boas, viver entre gente honesta. Os outros vão aprender somente coisas erradas. Os que não deram boa educação aos filhos são os que não se envolvem com a comunidade, ficam isolados das pessoas importantes. Não é bom quando o pai trata assim o seu filho. O bom pai apresenta o seu filho para as autoridades, cuida, dá vacinas de remédio tradicional para ele, o educa. Quando tem a festa, o pai pede o remédio para que o filho tenha saúde, para que seja respeitado, para que faça coisas boas.

Havia vários medicamentos para o corpo ter saúde: *garah y, walaxapoma, gabeypagah, pawele*.⁴ O remédio ajuda muito a ter coragem para enfrentar o inimigo. Quando for atacado, flechado, você não corre com medo. Enfrenta, flecha o inimigo também. O remédio dá coragem.

Nesse tempo passado, havia essa sabedoria. Dessa forma, todas as pessoas viviam. Para isso, tínhamos que ser preparados.

O furo abaixo do lábio, no nariz para colocar o enfeite, o remédio dá coragem, prepara para isso. O primeiro furo no corpo da criança é abaixo do lábio inferior, acontece com oito ou nove anos.⁵ O pai cuidava do filho quando era menino até que ele ficasse rapaz. Daí para frente, ele devia seguir a vida sozinho. Não pode se preparar quando ainda é criança, só quando é adulto. Durante esse período todo de preparação, há uma dieta especial, a criança não pode comer comida forte, que causa inflamação. Só comida leve. É a preparação para ser guerreiro, porque quando se está na guerra, não se come, só quando se está em casa. Assim se prepara o estômago, desde criança. A última alimentação de carne é com *wakoya* (mutum), uma carne muito forte, que só pode ser comida de novo depois que termina a preparação.

Durante o resguardo, pode-se comer *wayã* (nambu) e *ariméh* (macaco). A carne de mutum, quando você mata e come o mutum, dá azar. Você fica um mau caçador. Não pode matar e comer. Assim eu aprendi.

Eu estou contando a história de meu pai, como ele me criou como mãe e pai. Ele provia tudo o que eu precisava. Meu pai deixou muito exemplo para que eu gostasse das pessoas. Aprendi a ser educado com meu pai. Ele cuidava de mim muito mais que minha mãe. Eu vi que o amor de meu pai para com as pessoas não tinha limite, ele não diferenciava ninguém. Com ele aprendi a fazer *yah*, flecha. Nesse tempo os homens só pensavam em fazer flecha, viviam tranquilos, havia muitos bancos para se sentar. Dependíamos das flechas para viver. Sem flechas não havia como sobreviver.

Aprendíamos também como nos pintar. Havia mestres que sabiam fazer belas pinturas. Não é qualquer um que faz, só os homens fazem. Quando uma pessoa está interessada em aprender, procura ajuda de quem sabe, de um mestre. O mestre dizia: “Cuide-se, preste atenção, você deve seguir como eu estou ensinando”. As pessoas seguiam o ensinamento dos mestres de flecha, de pintura e até da arte da caça. O mestre pega pela mão e orienta, ajudando a fazer. Esse é o mestre. As pessoas inteligentes aprendem rápido e nunca se esquecem do que seu mestre ensinou.

Estou contando a história de meu pai, assim meu pai ensinou aos outros. Ele gostava muito da comunidade, ensinava como fazer as coisas certas. Meu pai era diferente, muita gente gostava dele. Hoje eu não entendo os homens que têm inveja.

Ele ensinava também a atirar flechas. As pessoas faziam o desenho do animal para testar a habilidade dele e ele acertava sempre. Nunca errou. Ele achava que essas pessoas que o tratavam mal, queriam testá-lo para saber se era bom mesmo. Se ele não revelasse sua capacidade podia se transformar em vítima deles. Como provava que era bom, era respeitado. As pessoas gostavam de quem fazia tudo certo. Por isso gostavam dele. Ele tinha caráter. Assim eu aprendi. Quando as pessoas perceberam que ele atirava bem, preparavam a caça para que ele fosse na mata, matar o animal: nambu, macaco. Meu pai era como o pai de todos, deixou exemplo, eu o admiro muito. As pessoas o chamavam quando encontravam algum animal difícil de caçar para testar se ele acertava. As pessoas o animavam para que ficasse contente. Na verdade, elas precisavam dele, não era para que ficasse contente. Todas as pessoas importantes precisavam

dele, respeitavam que fosse o principal de seu clã. Ele era um líder de seu clã, tinha força, poder. No final, parece que ele era o *labiway* principal. Comentavam que os ancestrais dele eram muito importantes. Ele mostrou, provou o que haviam falado de sua raiz, a qualidade de sua verdade.

Houve traição, tomaram o seu lugar como líder. Ćapğir e Ćameb não são inimigos, a diferença é a maneira de agir. São irmãos, mas tinham inveja. Quando foi criada essa geração de Paiter, a lei dizia que não podíamos casar com parentes. Tínhamos que casar com Makor. Quem não obedecia, vivia pouco tempo. Eu conto para as crianças que no tempo da criação dos Paiter havia apenas três clãs: Ćameb, Ćapğir e Makor. Ćapğir não pode se casar com Ćameb, só com Makor. Depois inventaram o clã Kaban. Não existia esse clã, foi inventado. Não entendo porque inventaram. Algum tempo depois dos velhos responsáveis morrerem, os jovens se casaram com o clã proibido. Traíram nossa tradição. Eu penso que, quando eles traíram nossa tradição, inventaram outro nome para justificar a lei. Eles se chamam hoje Kaban.

Meu pai nunca me ensinou assim. Ele ensinou só coisas boas, não coisas erradas. Ensinou aos filhos seguirem seu exemplo. Quando se faz coisa errada, dá-se mau exemplo. Aquele que é educado, mostra sua educação. Antes de falar, ele pede: “Me dê licença, eu vou falar”. Ele tem que mostrar a luz para as pessoas. A maneira de falar agradável, o rosto, o corpo, é assim aquele que tem a luz.

Antes de sua morte, meu pai me chamou e disse: “Meu filho, venha aqui, preste atenção. Tudo que eu ensinei, você aprendeu. Você sabe fazer flecha, a casa, a roça. Uma coisa eu vou repetir: você é Ćapğir, lembre-se disso, porque eu sou filho de Ćapğir. Você é descendente dessas pessoas. Eu deixei uma semente, que é você. Reproduza essa semente, não a destrua. Aquele que é educado não pode fazer coisas erradas. No passado, pessoas rebeldes que não seguiram o conselho do pai, mataram, destruíram. Por isso deixo esta palavra, para que você sempre a siga. Naquele tempo passado muitas pessoas morreram, por isso nossa população é tão pequena. O que o homem mau faz? Ele inventa, persegue, tem inveja, quer destruir a vida do inocente”. Meu pai deu exemplo. Antes de morrer deixou sua palavra:

“Hoje estou vivo pela graça, sou uma pessoa que nasceu com muita sorte. Por isso estou repetindo: não seja mau, porque o mal se paga com o mal”.

Meu pai tinha muitos inimigos, mas ele era mais inteligente do que os seus inimigos. Ele não caía nas armadilhas deles. O seu grupo confiava nele, o apoiava. Parece que ele estava à frente do grupo por sua sabedoria. Ele contava muito exemplo do passado para que eu não entrasse no mau caminho. Preocupava-se com minha vida. Ele me ensinou só coisas boas. Então hoje eu quero mostrar que sou um ser humano, sou Paiter, sou o que meu pai me ensinou. Existem muitas pessoas grosseiras, que matam, que apoiam os assassinos. Mas o que meu pai ensinou foram só coisas boas. Quando ele estava vivo, mostrava o caminho certo, fazia festas, trazia alegria para toda a comunidade. Hoje, nossa vida não é mais assim. Somos como crianças, agimos como crianças, falamos como crianças. Tenho muita saudade dessa forma de vida. Estou muito triste com nossa forma de vida hoje. É muito diferente, meu filho, minha família. É o contrário! Ele é muito bruto, não quer ouvir, não quer obedecer. Não é falta de ensinar ao meu filho. Parece que ele tem medo de chegar perto de mim. Eu gostava de estar perto de meu pai. Acho que meu filho não gosta de mim. Para ele é certo o que nasce na sua cabeça, não o que eu ensino. As pessoas só aprendem a fazer as coisas se ouvem o conselho do pai. Quem escuta, quem presta atenção vai aprender coisas boas. Para quem não escuta, a fala é como o barulho da cachoeira, não se entende nada. Quem presta atenção, entende. Hoje eu posso falar desse exemplo de meu pai. Por quê? Porque meu pai não tinha pai. Um dia eu falei: “Pai, eu ouvi um pai contando histórias para seu filho. Porque você não conta histórias para mim?”. E ele disse: “Eu não posso contar histórias para você porque nunca ouvi de meu pai. Eu cresci sozinho no mundo”. Então eu disse: “Seu primo estava contando muita história para seu sobrinho”. E ele respondeu: “Sim, mas foi outra pessoa da família que contou as histórias para ele, porque ele também não tem pai”. Naquele tempo, a família toda foi morta para tomada de poder. Meu pai ensinou assim, para não fazer nunca o mal. Por isso ele dizia: “Quem me criou foi minha mãe, sozinha, como pai e como mãe”. Assim ele falava.

Ele entendia tudo, de alguma maneira, sabendo pelas histórias que ouvia de outras pessoas. Hoje, quando eu não sei de alguma coisa, não tenho vergonha. O que ele podia me ensinar, ensinou. O mais importante ele ensinou. Hoje eu falo para o meu filho: “Eu não conheço histórias, mas tenho a história do meu pai”. O que eu posso contar hoje? A educação que meu pai me passou, aplicando na vida o ensinamento dele: “O que você aprendeu comigo, passe para seus filhos e para os filhos das outras pessoas. Não brinque muito com os outros, não seja brabo, seja educado. Não é bom tratar mal os outros, porque eles vão tratar mal você também”.

É isso que eu tinha para contar. Desculpe, revelei aqui que não sou nada, não tenho nada de bom para contar. Desculpe.

.....

1 Makaloba – mingau de milho.

2 Tipo de casa com a porta no meio.

3 Betiga – enfeite para o furo no lábio inferior feito de resina de árvore.

4 Nomes de remédios tradicionais.

5 Wapea – o primeiro furo é com um tipo de espinho, depois, quando alarga, se coloca betiga, um enfeite feito com a seiva da árvore beti, o jatobá. O nome do furo é mepoã.

Ĝaami Anine Suruí



O começo de tudo

Eu nasci no Mato Grosso, onde hoje está o município de Pacarana. Naquele tempo a vida era muito boa, sem preocupação. Na verdade, havia preocupação, sim, porque era um tempo de muita guerra com os brancos e também com outros grupos indígenas, os Zoró, os Cinta larga, os Arara, e nós tínhamos que defender o nosso território. Mas, ao mesmo tempo, vivíamos muito bem, com muita saúde, com boa alimentação. Isso eu vi, como toda criança começa a saber das coisas quando tem cinco ou seis anos, naquela época eu tinha essa idade e observava a maneira como o povo Suruí vivia. Havia muita fruta, no tempo de frutas, no tempo de chicha, havia muita chicha de cará, batata-doce, mandioca, milho, todo tipo de alimento. Tinha o tempo da caça também, com muita caça. Assim vivíamos.

Nossa aldeia ficava num mesmo lugar um ano, dois anos, era nosso costume. Quando o lugar começava a ficar sujo, com lixo, a gente mudava para outro lugar, mais limpo, com o rio limpo. Naquele tempo não tinha poço de água, encanamento. Isso a gente não conhecia. Vivíamos com a mina d'água, morávamos perto da água. Fazíamos a roça, a preocupação era a comida. Não tínhamos roupa, não existia doença. Tuberculose, gripe, malária, dengue, todas essas doenças que enfrentamos agora, não tínhamos conhecimento. Nossa vida era de muita saúde, muito alimento natural. Tinha época de caçar mel de abelhas, tinha época de patuá, uma fruta muito gostosa, com gosto mais ou menos de Nescau, com muito suco. Buscávamos cupuaçu. Quando eu era moleque, com nove ou 10 anos, eu buscava com meu tio, com meu irmão, carregava muito peso até chegar em casa para fazer suco. Nós não conhecíamos, naquele tempo, o homem branco. A maioria do povo não conhecia, só os guerreiros conheciam porque eles viajavam para longe...

O povo vivia só em festa. A festa durava seis meses, começava no mês de abril e seguia em maio, junho, julho, agosto. Então os Suruí viviam com alegria, com as cerimônias, com pinturas, caçadas, o dia de tirar lenha, e muita bebida. A cada dia se bebia *yatir*, esse é o nome da bebida, da chicha. Não conhecíamos doença nem dinheiro. A única preocupação

era a festa, fazer presentes, flechas para o dono da bebida, também caçar para ele, porque a pessoa que estava fazendo a bebida não tinha tempo para caçar, preparar a festa é muito serviço mesmo!

Eu fico muito admirado como, naquele tempo, antes de mim, antes de meu pai, nossa história diz que não havia facão, não havia machado e eles roçavam com machado de pedra. Eu não sei como eles roçavam, como eles faziam... eles tinham sua maneira de viver, de derrubar a mata e fazer a roça. É muito interessante, hoje os jovens não conhecem a forma como os antigos viviam. Eles viviam de um jeito muito natural, dentro da floresta. Admiro muito como faziam a roça naquele tempo, derrubavam a mata, tiravam mel.

Quando chegou no meu tempo de viver, já havia machado e facão para roçar e derrubar árvores maiores. Por isso íamos atrás dos brancos, para roubar facão onde estava sendo construída a BR 364, onde passava uma linha, o fio até Porto Velho, até Manaus. Essa linha passava dentro do território do nosso povo, foi quando começamos a perseguir os brancos e matar. Matava por quê? Porque eles não deixavam as ferramentas, o facão, o machado, na casa, no barracão. Eles carregavam com eles. Por isso as pessoas começaram a matar os brancos, para tomar aquele facão, aquele machado. Então eu conheci a vida do nosso povo quando era muito tranquila, sem doença, sem preocupação com o dinheiro, que hoje nós temos.

Tinha muita festa para derrubada, festa para fazer a casa, festa para fazer colheita... tudo isso, no tempo antigo, nós fazíamos. Hoje não fazemos mais a festa para construir a casa, a festa para tirar a lenha. Nós vivíamos com a lenha para nos esquentar e para fazer comida, por isso precisava tirar muita lenha para guardar no depósito, dentro da casa. E na colheita de milho, cará... tinha que fazer um jirau, um depósito para guardar aquele alimento. Quando a pessoa tinha vontade de comer, aquele alimento estava guardado, pronto para servir. Como café da manhã nós bebíamos chicha, no almoço cozinhava-se mandioca, batata-doce ou cará para se comer junto com amendoim ou castanha. Mingau de milho junto com mel de abelha. Tinha vários tipos de comidas, comíamos muito bem, comida saudável e ao mesmo tempo fazíamos a festa. Ninguém passava

fome, ninguém passava dificuldade, tínhamos tudo que precisávamos para viver. Mas, ao mesmo tempo, as pessoas tinham que defender sua casa, sua família de outros guerreiros que vinham nos atacar, do seringueiro que vinha nos atacar. Assim vivíamos. Existe uma grande diferença na vida, antes da chegada do homem branco.

Lei e tradição

À noite fazíamos festa. À noite o velho contava história, a história da origem das gerações. Contava a história de Palob, porque naquele tempo o velho já falava que existia deus. Ele não sabia ainda da existência de Jesus, mas falava que existia um criador que havia criado o céu e a terra, que havia criado os humanos. Os velhos conheciam muitas histórias e aproveitavam o tempo para contar essas histórias. Eles falavam também como se devia viver, porque para nós também existem “pecados”. Ensinavam que não se deve matar o parente, pode-se matar o inimigo para se defender, mas não se pode procurar o conflito, fazer o mal, não se pode roubar. Eles sabiam tudo. Tudo isso já fazia parte do conhecimento dos velhos, era a nossa lei: era proibido matar, proibido roubar, proibido mentir, acusar o outro, ter inveja. Porque as pessoas tinham inveja dos que eram líderes.

Naquele tempo um grande líder transmitia a liderança para o seu filho, e depois ele também para o seu filho. Era diferente do costume dos brancos que votam no político que quer o poder, quer ser o melhor e por isso se candidata a um cargo. Não era assim no costume de nosso povo. Existia somente uma família que era mais importante e a liderança era transmitida para cada geração. Assim seguia. Por isso, algumas pessoas tinham inveja e pensavam: “Por que somente aquela família pode ser importante? Por que não eu?”. Existiam essas pessoas que tinham muita fartura, aquele que caçava muito, que atirava muito bem e conseguia muita caça, que tinha muito alimento na roça, mas existiam também as pessoas que não tinham comida. Naquele tempo, o que não se faz mais hoje, o que tinha fartura dividia a sua comida com quem não tinha, chamava os que não tinham para ir buscar cará na sua roça. Só era proibido roubar. Mesmo assim, tinha gente que ia na roça do outro para roubar. Até rouba-

va a flecha. E flecha, é muito fácil de identificar o dono, saber quem fez. Quando alguém tinha muita caça guardada dentro ou perto de sua casa, às vezes uma pessoa ia e roubava a carne durante a noite. Isso existia, mas era proibido. Existia punição para esse comportamento. A própria família tinha a responsabilidade de corrigir o erro dos seus membros. Não era a liderança que punia esses erros, era o pai, os responsáveis por quem tinha cometido o erro que o puniam. Existia a lei e o pai era o responsável por manter a ordem dentro de sua família, o restante das pessoas deviam obediência ao chefe da família, ao pai, ao avô, ao tio. Naquele tempo as pessoas eram muito obedientes às autoridades. Respeitavam seu pai, respeitavam sua liderança. Era assim.

A liderança também tinha o seu limite. Nunca a liderança era mais importante que sua comunidade. O líder tinha que ter muita humildade, chamar o seu povo para comer junto a caça, a chicha. Mais ainda, quando havia festa, todos comiam juntos, no mesmo prato, a mesma comida, sem diferença. Por isso o povo gostava de seus líderes, por sua humildade, bondade, generosidade. Ele sabia ser o líder. Tudo isso eu vi, eu conheci enquanto eu crescia; a forma de vida do povo Paiter. Isso antes da chegada do homem branco.

Nosso povo fazia a casa. O líder chamava para fazer a casa muito grande, com mais ou menos 40 metros de comprimento e oito metros de largura e depois o líder colocava cada grupo de sua família, o cunhado, o irmão, seu pai, todos naquela casa, toda a família. Na aldeia central existiam 80 casas. Havia outras aldeias espalhadas com quatro casas, cinco casas, outra com três casas, outra com duas casas. Várias moradas espalhadas. Mas na aldeia central era muita casa, havia muita festa, muita união, muita alegria. Não havia tristeza naquele momento.

Os jovens namoravam muito, era só alegria. Eu não via tristeza. Havia muitos enfeites bonitos, muita pintura, dança. O pessoal se banhava no rio no melhor horário, num lugar muito limpo, arrumado, bonito, como se fosse uma praia, e ali se alegrava, cantava. Era muito lindo aquele tempo.

Essa aldeia central ficava onde hoje é a cidade de Pacarana, esse lugar ficou fora do território demarcado. Muitos lugares que eram nosso territó-

rio ficaram fora da demarcação, como Cacoal, Riozinho, como Ji-Paraná, como Pimenta Bueno, Espigão do Oeste, Ministro Andreazza, Pacarana, Rondolândia. Todos esses lugares eram nossos. Perdemos muito. Com certeza esses lugares não voltarão a ser nossa terra. E hoje temos medo de perder também este lugar onde estamos vivendo. Porque cada vez mais o plano dos políticos é de não valorizar os povos indígenas. Por eles, o povo indígena deveria desaparecer para liberar a terra para a União.

Por isso guardo muita lembrança desse tempo passado que nunca vai voltar.



Ĝakaman Suruí



História do roubo do fogo

Contam que depois de soprar a vida sobre os ossos, quando os Paiter já estavam vivendo, Palob pensou o que poderia fazer com eles. Ele pensou:

— Meus filhos devem estar com frio. Farei alguém para buscar o fogo.

Nesse momento Orowáhb, o pássaro, surgiu.

— Tudo bem, Amõ?¹ – disse Orowáhb.

Contam que Palob então explicou:

— Eu preciso de fogo para meus filhos e você pode pegar para mim.

— Sim! – respondeu Orowáhb.

— Você deve ir buscar o fogo. Você deve tomar o fogo das onças.

Contam que ele concordou e Palob propôs fazer o tratamento com ele. Fez com Orowáhb da mesma forma que havia feito com o veado, passou as plantas amargas em todo o seu corpo, até nos olhos e no ânus. Contam que então Palob o orientou assim:

— Ao chegar lá, na casa das onças, você deve dizer a elas que está doente, com muita febre, porque está com saudades dos seus antepassados.

— Sim! – disse ele.

Contam que assim Orowáhb fez. Chegou à casa das onças cabisbaixo. Contam que as onças vieram ao seu encontro com esturros – Ri, ri, ri! – e então ele disse.

— Estou aqui, andando entre vocês, porque não estou bem.

Contam que as onças o colocaram sentado na beira da fogueira, dizendo para ele:

— Sente-se aqui na beira do fogo.

— Estou com saudades dos meus pais, dos meus antepassados, e isso está me deixando com febre.

Contam que as onças, ouvindo o que ele dizia, falavam assim:

— Deixe-nos comer você.

— Não, não sirvo para ser comida. Podem me lambar aqui para sentir.

Assim faziam as onças, lambiam o Orowáhb.

— Nossa! O que aconteceu com você? Que desperdício!

— Não sei – dizia ele.

— Será que pelo menos o seu olho podemos comer? – diziam para ele.

— Será que o seu cérebro podemos comer?

— Não, eu sou todo amargo assim mesmo – dizia para as onças.

Contam que foi assim que o Orowáhb, que estava com as penas grandes, colocou a pena no fogo. Foi quando alguém disse para ele:

— Amigo, você está queimando, sua pena está queimando!

Quando a onça falava, Orowáhb tirava a pena dele do fogo. Contam que logo em seguida ele fazia novamente, colocava a pena de novo no fogo.

— Você está queimando sua pena, amigo! – diziam para ele.

Foi quando a pena de eu rabo pegou fogo de verdade, antes que as onças percebessem. Quando sua pena pegou fogo, ele saiu voando. Contam que ele pousou primeiro no *noah papi*, o urucum do rio. Depois, contam que ele pousou no *aber*, na árvore do Breu e pousou no *toubaray*.

E então ele chegou até Palob. Contam que ele se apresentou, entregando o fogo.

— Você fez muito bem! Era isso que eu estava querendo! – Palob disse para Orowáhb.

Foi assim que viemos a ter o fogo, assim contam as pessoas. Assim Palob tomou o fogo das onças para os seus filhos, fortalecendo seus filhos. E assim distribuiu o fogo. Por isso o urucum tem fogo, *aber* tem fogo e também o *toubaray*.

Contam que as onças foram embora porque não tinham mais o fogo. Depois disso Palob também fez muitas outras coisas para o futuro dos seus filhos.



.....
1 Amõ, na língua Paiter Suruí, pode ser usado com o significado de avô ou tio, quando o homem é casado com a irmã da mãe, e também como tratamento de respeito a pessoas mais velhas.





Padxe sowesore ikĩn
nós encontramos o conflito

Ġathag Suruí



O tempo do conflito

Bem depois de conviver com meu pai, dentro da tradição, bem depois disso eu comecei a perceber a mudança, o tempo do medo. Esse tempo do medo chegou quando outros povos indígenas nos perceberam. Os *yara ey* também nos perceberam. Eles trouxeram o medo.

Quando eu era criança, há muito tempo, eu entendi. Quando os guerreiros foram para bem longe, pela primeira vez atrás do facão, Pagopür, os pais dele e o irmão mais novo foram mortos. Quando isso aconteceu os Paiter entraram em pânico, abandonaram a aldeia e começaram a andar, sem sossego, construindo *guerekân*¹ dentro da mata por causa do medo. Sempre espreitando, vigiando... com medo.

A morte dos guerreiros não aconteceu lá longe, perto dos *yara ey*, mas quando eles estavam voltando para a aldeia. Os *yara ey* não gostaram quando eles foram pegar o facão. Perseguiram o grupo pela mata, durante muito tempo.

Eu fico imaginando que não foram os *yara ey* que os mataram. Pelo que contam, eu acho que foram os *Soso yab*, o povo Gavião. Os *Soso yab* já tinham contato com os *yara ey*. O povo pensou que foram os *yara ey* que mataram porque a morte foi por tiro. Mas não foi. Agora eu entendo, sei que foram eles, o povo Gavião. Assim, nosso povo ficou com medo e por isso as pessoas se uniram mais.

Foi por arma de fogo a morte. Ele estava vindo da caçada, de tarde, e escutou gritos de aviso. O irmão mais velho dele viu rastros de inimigos na trilha, percebeu que alguém estava atrás deles. Ele gritou para seu irmão mais novo, que estava dentro do tapiri, no acampamento, ficou assobiando, dando sinal, chamando os outros. As pessoas que estavam atrás deles correram, já os tinham cercado. Ele caiu na armadilha. Esse acampamento onde estavam ficava na beira de um córrego. Então o *yara* chamou seus companheiros e disse: “Pode atirar agora porque ele está fugindo”. Então ele pulou dentro do córrego e o *yara* atirou e voltou, no lugar do acampamento atirou de novo. O tiro acertou o pé de um guerreiro que estava dentro do tapiri.

As pessoas ficaram com muito medo. Minha avó ficou muito triste, sentindo a falta dos filhos. Nunca mais ficaram tranquilos, não faziam mais roça, não faziam casa. Foi um tempo de muita dificuldade. O homem que levou o tiro no pé não morreu, ele nasceu de novo. Era tio do Mesesor, o que morreu com o tiro.

Então o povo, com o tempo, esqueceu-se do que havia acontecido no passado. Seguiam caminhando pela mata, fazendo acampamentos, construindo *guerekân*, não *lab alawã*, as malocas grandes. Então encontraram um lugar onde já havia uma clareira aberta e construíram *lab alawã*. Começaram de novo a se enfeitar para fazer festa. Meu pai se enfeitou e pediram *yatir*.

Quando estavam na festa, comemorando, os inimigos de outro povo pegaram um dos homens, sem que os Paiter percebessem. Havia rastros deles na beira do caminho. Assim, o povo se espalhou de novo e fizeram outro acampamento, longe dali. Voltaram a se enfeitar e a tradição continuou. Fizeram nova festa, beberam muito *yatir* e de novo esqueceram o que passou.

Então encontraram um *yara* andando na mata e o mataram. Foram os irmãos do Mabeyhb que mataram o *yara*. Novamente se dispersaram, atravessaram o rio, para este lado onde estamos hoje, e fizeram derrubada e construíram outras casas para nossa morada. Foi o rio Ikabékain,² que atravessamos. Ficamos lá, onde hoje é a aldeia da Linha 14, vivemos ali, mais perto de onde estavam os *yara ey*.

Então, naquele tempo, o povo se dispersou de novo, em várias aldeias. Meu pai foi em direção ao local onde haviam matado os Gõxor, (os Zorô), foi em direção a esses parentes inimigos. Outros seguiram o rio, descendo. Outros foram em direção à Linha 9, subindo o rio. Meus pais seguiram um caminho diferente, atravessaram e fizeram *lab alawã*. Outros foram morar no *Morabtĩ esamõy*. Cada grupo na sua aldeia, seguiu a tradição fazendo *yatir*.

Não era uma aldeia original Paiter, era uma morada antiga de outro povo indígena, que eles arrumaram, renovaram. Parece que nós tínha-

mos ficado doidos. O medo que tínhamos, nesse tempo, nos deixou desorientados. Por isso ficamos morando numa aldeia de inimigos, num lugar que não era nosso, que havia sido abandonado pelo inimigo. Tinha roça, muita *mokoba* (banana), *soah* (cará), tinha tudo... A aldeia havia sido abandonada há pouco tempo. Por isso a aldeia ficou com esse nome Morabtĩ.

Vivemos ali, nós vivemos no Iamni, onde havia muita taquara para flechas, para arcos. Meu pai tinha *Iāmgah*,⁴ ele era o dono daquele lugar, com muito poder. No lugar do inimigo, nós vivemos, e ele deu uma parte do lugar para seu tio. Ali nós bebemos *yatir*. Naquele lugar.

Então, naquele tempo, eu vivi, cresci convivendo com meu pai, com fartura. Ali meu corpo se formou, como homem. Ali coloquei *pasap*.⁵ Quando me tornei um jovem guerreiro fiz a primeira viagem, vi pela primeira vez o *yara*, para aquele lado onde é Pimenta Bueno e Riozinho, onde, na minha frente, meu pai disse o nome Shipasé.

Eu fui para ver como era. Era apenas um caminho largo, muito aberto, sem movimento, sem carro. O caminho seguia na beira do rio. Foi ali que ouvimos um barulho muito alto, assustador, que eu nunca tinha ouvido antes. Parecia até que fazia a terra tremer. Não entendíamos o que era aquilo, ficamos curiosos e todos falaram: “Vamos ver que barulho é esse!”. Então vimos um trator muito grande, derrubando as árvores, arrastando a floresta. Vimos o trator abrindo uma trilha muito larga. Nós ficamos muito assustados com aquilo. Foi assim que eu vi o trator abrindo o caminho para os carros, abrindo a BR 364. Nós vimos isso pela primeira vez. Eu e meus pais vimos os *yara ey* pela primeira vez.

Voltamos para avisar o povo. As pessoas se agitaram e quase todos os dias os guerreiros iam para atrapalhar a construção da estrada. Atacávamos para pegar facões, machados. Os antigos deram o nome Gaĩrg poe iwai⁶ para esse lugar onde hoje fica Ji-Paraná. Eles deram o nome Mamgala iwai⁷ para nossos vizinhos, Cacoal. Eu vi também quando a estrada estava chegando a Shipasé onde é Pimenta Bueno. Deram o nome de Isokāhg alwiway⁸ para Espigão do Oeste. Eu vi o começo da construção de muitas estradas. E ali deram o nome Nambekonora iwai.⁹

Então eu fui aonde as pessoas estavam fazendo roça, e quando voltei para a aldeia aconteceu um conflito, onde mataram Paiter, lá na Linha 9. Então voltamos com medo. Voltamos de novo, atravessamos o rio e viemos construir nossas casas, derrubando a mata, tudo de novo.

Nós fugimos quando aconteceu esse conflito e voltamos à aldeia abandonada para pegar comida na roça. Durante o tempo que estávamos comendo os alimentos da roça, o pai dos que haviam sido mortos perseguiu os inimigos. Ele e seu grupo encontraram os inimigos (Zoró) enquanto eles faziam festa e atacaram. Mataram todos. Depois ficaram com medo porque sabiam que os inimigos iriam persegui-los. Quando foram de novo na aldeia do inimigo, foi morto o pai do Iba e do Gaserê.

Naquele tempo havia muito conflito. Tínhamos medo dos Zoró, dos Cinta larga, dos Gavião e dos *yara ey*. Ficávamos encurralados, cercados por todos os inimigos. Por isso ficávamos andando, rodando como um disco, sem saída. Voltamos e descemos o rio, do lado do território dos nossos inimigos. Meu pai conhecia o lugar e achava mais seguro ficar ali. Mas quando confiávamos que estávamos num lugar seguro, ficamos frente a frente com os inimigos. Vimos muita caça, penas de arara, de jacamim, vimos a casa. Não sei onde eles estavam. Era uma aldeia Zoró. Naquele tempo vivíamos muito perto, todos os inimigos estavam num mesmo lugar, distante um dia, dois dias, uma semana de caminhada.

Voltamos para o nosso lugar. Estávamos sem espaço. Nosso território de caçada era muito próximo, 500 metros, 1 km, no máximo. A gente podia escutar a mulher pilando o milho, fazendo *makaloba*. Se fossemos mais longe, dentro da mata, podíamos encontrar o inimigo. Naquele tempo, quando estávamos todos próximos, o caçador encontrou rastros de estranhos. O guerreiro foi atrás e matou o inimigo.

Depois disso tudo, voltamos a fazer festa. O *labiway*, para mostrar que é importante, tem que prover, com fartura, boas casas, boa roça, *gahd*, muita festa. Tratar a todos muito bem, com bom planejamento.

Como hoje, naquele tempo as pessoas não ouviam o líder, os jovens não obedeciam. iam atrás dos facões e matavam os *yara ey*. Os *labiway* fa-

lavam: “Cuidado, não vai provocar mais conflito!”. Mas eles não ouviam. Eles foram, mataram um homem branco e começou tudo de novo. Os *yara ey* vieram atacar nossa aldeia. Quando isso aconteceu, acabou a festa. Começou novamente o tempo da guerra, o tempo do medo.

Depois do ataque à aldeia, os *yara ey* pararam perto de uma seringueira muito grande. Já estavam feridos, mas atiraram e balearam o *labiway*, o *wāwā*, o pajé, e outros guerreiros importantes. Ao todo, oito pessoas foram baleadas, parentes do meu pai, gente importante. Era um tempo de muitos conflitos, muita tristeza. Os tiros pegaram perto do coração, na cabeça, em lugares muito fortes. Uma mulher morreu na aldeia, durante o ataque, os outros ficaram baleados mas sobreviveram.

Nós saímos desse lugar e fomos para outro. Nessa mudança, encontramos rastros de Cinta larga. Então seguimos os rastros, encontramos os inimigos e os matamos. Pensávamos que eles iam ficar com medo, mas aconteceu o contrário. Eles vieram atrás de nós e nos atacaram.

Recolhendo presentes

Naquele mesmo tempo, enquanto vivíamos os conflitos com os inimigos, um outro grupo de guerreiros fez contato com os *yara ey*, da FUNAI. Esse outro grupo estava recolhendo os presentes: facão, machado, espelho e até boneca. Cada grupo de guerreiros estava em sua tarefa: uns guerreando com os inimigos e outros recolhendo presentes.

Os guerreiros iam atrás dos presentes, ninguém parava quieto. Pegavam facão, panela... o tempo todo era só guerra ou ir atrás dos presentes. Parecíamos loucos. Ninguém ficava na casa, na aldeia, ninguém cuidava da roça, das coisas. Não havia paz.

Era tempo de guerra, poucas pessoas estavam na aldeia e os Cinta larga atacaram. Por isso o povo mudou para outro lugar, ali pertinho. Depois disso houve outro ataque, de outro grupo inimigo, sem ferir ninguém. Não havia mais saída. Cada vez que fugíamos, chegávamos mais perto dos *yara ey*.

Por isso, muito rapidamente, começamos a usar roupas dos *yara ey*. Por causa da perseguição dos inimigos. Hoje sabemos, os Zoró e Cinta larga chegavam cada vez mais perto de onde morávamos. Antes eles viviam mais distante, mas por causa da perseguição e aproximação dos *yara ey* eles nos expulsavam e tomavam nosso território.

Nós não queríamos virar branco, *yara*. Mas não tivemos outra saída. Era a única chance de ficar vivos, porque soubemos que esses *yara ey* estavam defendendo nosso povo, davam roupa, comida, facão, remédios para as doenças. Eram mais amigos que os outros índios inimigos. Por causa do medo das guerras, tivemos que nos aproximar dos *yara ey*. Se nós estivéssemos bem, felizes, duvido que tivéssemos ido ao encontro deles, nós não iríamos usar roupas, chegar até os *yara ey*.

Sabíamos que íamos morrer. Já tínhamos sido avisados do perigo da morte. Nós não obedecemos aos conselhos dos velhos. Por isso, logo encontramos a doença e a morte. Da forma como foi avisado, aconteceu mesmo. Os guerreiros morreram, os velhos quase todos morreram. Só restaram alguns jovens.

No contato com os *yara ey*, os guerreiros mais velhos morreram. Os que nasceram depois do contato sobreviveram. Os antigos, a maior parte morreu lá, naquele tempo. Nossos antigos já haviam avisado que no meio dos *yara ey* havia doenças perigosas. Não era surpresa. Já tinha sido avisado. Mas o medo do inimigo era maior.

O cheiro do *yara* era muito diferente, tinha perfume, gasolina, gás, fumaça. Muitos cheiros que não conhecíamos, diferente do ar puro da floresta. Esse fedor provocava e aumentava a doença. O corpo, na natureza, era forte, mas diante das doenças, das coisas dos *yara ey*, ficava fraco. As pessoas sabiam disso. Assim aconteceu. As doenças e as mortes.

Todos os velhos, os guerreiros antigos, quando iam para o local do contato, na volta ficavam mais de uma semana distantes da aldeia, ficavam tratando de seus corpos para não adoecerem e não levarem doenças para a aldeia. Era assim nossa maneira de viver naquele tempo. Vivíamos de um jeito muito natural, educado, respeitando a tradição de cuidar de nosso povo. Eu acho que nós sabíamos viver. Muito diferente do que vivemos hoje.

Mas chegou o tempo do medo. Depois de tudo que vivi, sem conhecer o *yara*, chegou o tempo do contato, de conhecer e encontrar o homem branco. Aí eu queria ser *yara* também, vestir roupas, ganhar presentes, comer outra comida. Mas como eu tinha outra cultura dentro de mim, eu só aprendi a comer a comida do *yara*. A minha cultura ficou dentro de mim. Não aprendi a falar como o *yara*, não deixei meu pensamento. Eu só aprendi a usar roupa, comer outra comida e usar arma de fogo. Mas eu não virei *yara*, continuei com minha cultura.

Para virar um *yara* eu teria que aprender a ler e escrever. Não aprendi, não tenho prática. Já sou idoso, sou duro de aprender, de entender o *yara*. Foi um engano. Queria virar *yara*, mas não consegui.

Território cercado

Vi muitos invasores chegarem à terra Paiter. Apareceram as Linhas 9, 7, 8, 10, 11. Com os invasores que começavam a chegar, vinha a destruição, por todo lado...

O invasor chegou de todos os lados. Os colonos ocuparam tudo. Não sabíamos o que fazer. Éramos poucos Paiter contra muitos invasores que chegavam.

Houve um tempo em que o Paiter agradava os colonos invasores. Chegava na casa deles, comia, levava até presentes. Até que Anine chegou, como líder, e disse: “Você não deve agradar o *yara*, fazer amizade com o invasor. Isso vai trazer problemas para nós depois”.

Ele reuniu o povo e falou: “Isso não é bom”. Ele fez reuniões muito importantes. Todos os velhos e adultos acreditaram que isso iria acontecer, então apoiaram. Naquele tempo, Anine falou: “Nós nunca vamos viver como o *yara*, somos povo da floresta, essa é nossa forma de viver, precisamos da floresta. O *yara* não, ele vem destruindo tudo. Nós sempre vamos viver na floresta”. Quando ele falou isso, pensei: “Onde nossos filhos vão viver? Onde nossos netos vão viver?”. Por isso eu apoiava essa decisão.

Ele falou: “O *yara* não quer que o povo Paiter fique vivo. Ele quer nos matar para ficar com nossa terra. Vocês não podem ir até eles, dar o facão, o machado que ganharam da FUNAI, não podem ir agradecer o *yara*, dar presentes para eles”.

Naquele tempo eu acreditava nisso, confiava. O que ele ordenava eu cumpria. Naquele tempo a FUNAI também estava apoiando. Ensinar a extrair seringa, diziam que devíamos fazer a fiscalização do território para não permitir a entrada de invasores. Eles falavam também com os colonos que esta era terra indígena. Mas os colonos não respeitavam. Tinha muito café plantado, muita casa construída. Ninguém queria sair. Em outros pontos do território tinha muitas fazendas entrando na área, não era só colono. Tinha muita coisa construída. Onde eu vivo hoje, tinha muitos moradores, muito cafezal. Mais para baixo, no Lapetanha,¹⁰ também tinha muitos moradores, muito problema, muita reclamação.

Muitos Paiter também não tinham sabedoria. Iam lá na casa dos colonos, caçavam junto com eles. Deveriam estar ajudando a liderança a defender, mas apoiavam o colono, incentivavam ainda mais a invasão. O homem dizia, quando chegava em casa: “Olha a caça que eu matei!”. Mas a caça havia sido morta por tiro. O colono é que tinha caçado. Os próprios Paiter enganavam seu povo. Eu observava o que os outros estavam fazendo, via os novos invasores chegando, demarcando seus lotes para ocupar nossa terra. Eu pensava: “Vai ter muita destruição”.

Avisamos a liderança, o Anine: “Mais invasores entraram agora”. Fui lá falar com as outras aldeias, dei notícias e ele foi organizar o grupo para tirar os invasores. Organizou dois grupos. Um ia na frente e outro atrás, como estratégia, cercando o invasor. O primeiro grupo ordenava que os invasores tirassem a roupa e os calçados, eles ficavam sem nada e tinham que ir embora a pé. Não era para matar ninguém.

Eu entrei na mata e vi muitos homens derrubando as árvores, roçando, todos com muita arma. Eu pedi para nosso grupo tirar os facões, as foices, as armas... tudo que eles tinham nós tiramos. Quando pegamos a arma de um dos homens, ele se assustou, brigou e saiu arrastando o guerreiro. Eles lutaram e o *yara* fugiu. De outro homem, tiramos a arma e atiramos: Tum,

tum, tum! Só para assustar, para fazer medo nele, não para matar. Quando isso aconteceu eu falei: “Não atira nele, ele é homem como nós, ele não tem dó de ninguém, ele vai se vingar, nos atacar depois”. Eu comecei a ensinar o grupo a chegar sem agressão e conversar: “Este é o nosso lugar, tudo que você tem, jogue aqui na minha frente”. Depois falava a mesma coisa: “Tire a sua roupa, seu calçado, tire tudo”. Eu perguntei para os invasores: “Quem mandou vocês entrarem aqui?”. E eles responderam: “O nosso chefe se chama Moacir, ele que nos mandou entrar aqui”. Eu disse: “Vocês não podem entrar aqui, este é o nosso território, vocês têm que ir embora pelados e descalços”.

Peguei uma vara e batemos nos *yara ey* para que eles corressem pelados. Foi muito sofrimento para eles saírem daquele lugar pelados e sem sapatos. Era uma distância grande para andar, difícil, tinha muito espinho. Eu tinha pena deles.

Cada grupo de 30 guerreiros estava fazendo a mesma coisa em cada lote. Nossos guerreiros chegavam, um grupo pela frente, outro por trás. Nós conversávamos com os invasores: “Por que estão fazendo isso?”. E eles explicavam que haviam sido mandados para lotear a terra.

Então, chegamos até o Moacir. As outras pessoas apontaram: “É aquele ali o responsável”. Ele chegou até nós e disse: “Eu estou invadindo a sua terra, mas eu também tenho um chefe, também sou mandado”. Eu era o líder dos guerreiros e fizemos a mesma coisa, mandamos tirar a roupa e batemos neles. Um guerreiro muito forte cuidou do Moacir, porque o Moacir era muito grande e muito forte. O guerreiro bateu nele e quebrou seus dentes com a ponta da espingarda.

A maioria do nosso grupo tinha medo também, mas tínhamos que fazer isso para defender o nosso território. Era cansativo, eu fiquei muito cansado e tinha muito medo. Foi desde a manhã até a tarde. Encontramos outro grupo de guerreiros e nos juntamos, ficou muita gente. Tinha invasores até o rio Branco, muito fundo, dentro do nosso território.

Os guerreiros chegaram com muitas armas e outros objetos de valor, como relógios, que haviam tirado dos brancos. Chegaram muito tarde, muito cansados.

Depois disso, o conflito aumentou, tinha muito invasor e os guerreiros passavam muito medo. O *labiway*, o líder principal, avisou à FUNAI que os Paiter estavam brigando para tirar os invasores. Veio a polícia, a Polícia Federal e outros povos indígenas, todos juntos para expulsar os invasores. Com isso, os *yara ey* ficaram mais fracos e queriam chegar a um acordo para não perderem seus bens. Mudaram de postura.

Como eu era conhecedor de meu território, havia escolhido o lugar onde queria morar: “No dia em que eu conseguir tirar os invasores, vou morar aqui”. Sim, foi assim que escolhi este lugar. Eu também queria morar na Linha 9, onde dois *yara ey* foram mortos, lá eu também tinha o desejo de morar... mas eu escolhi este lugar mais perto do lugar do contato e fiquei aqui.

Depois aconteceu que os *yara ey* não quiseram sair. Os guerreiros se uniram novamente e, como sou responsável pelo grupo, estava à frente. Entrei aqui por dentro, passamos o rio, chegamos lá. Não vi problemas e voltei. Estava tudo bem, a viagem muito boa, com 30 guerreiros.

Mas eu tinha o plano de voltar lá, com outro grupo, com mais gente. A segunda viagem foi com mais de 200 guerreiros. Chegamos lá, caçamos, comemos. A gente andava, parava, andava de novo. Parecia que tudo estava tranquilo. Quando chegamos, queimamos as roupas e a rede de uma mulher que seguia com nosso grupo, os sinais do *yara*.

Depois atravessamos a Linha 10, paramos no nosso acampamento, matamos muito porco, macaco, comemos bem. No outro dia fizemos pescaria. Parecia até que nada estava acontecendo, todos comendo bem. No período da tarde, chegamos na Linha 9 e encontramos dois *yara ey*: “Nós encontramos, encontramos o *yara*!!! Olha, ele está correndo!”. Como tínhamos coragem de chegar perto do inimigo armado? Enquanto corria, todos nós corremos atrás dele: Popopopo... Um dos dois estava com muito medo, corria e olhava para trás, com medo de tantos índios. Ele viu que não era bom estar armado, então jogou a arma dele longe e disse: “Olhem, não estou armado, não me matem”. O outro fez a mesma coisa, correu e jogou a arma: “Olha, estou sem arma, não me mate”. Pegamos os dois. Isso tudo eu só entendi depois, não entendia o que eles falavam. Os mais jovens do nosso grupo é que disseram.

Os guerreiros que estavam nesse ataque, depois que pegamos os dois, perguntaram: “E agora, o que vamos fazer com eles? Temos ordens de matá-los”. Escolheram um lugar, perto do córrego, amarraram os dois numa árvore e mataram com flechas e bordunas. Eu peguei a arma que ele havia jogado, calibre 20. Os que moram na Linha 14 pediram: “Eu preciso de arma”. E eu dei, não negaria um pedido, porque eu era líder, queria ser generoso.

Um dos guerreiros tinha um couro de onça na cabeça, tirou-o e o colocou na cabeça do *yara*: “Você sabe que vai morrer? Antes de morrer vai usar o couro da onça”. Na hora em que estavam prontos para matar, eu saí de perto. Eu não queria presenciar a morte. Eu tinha pena do que eu fazia, mas eu tinha que cumprir a lei. Um guerreiro bateu com a borduna: Tu! E o outro com a flecha: Ô, ô, ô!

Eu achei que aquilo era ruim, descobri depois que esses dois que morreram eram cristãos porque depois da morte os guerreiros começaram a passar mal. Vários, muita gente passou mal. Primeiro os que tinham flechado e usado a borduna. Iam andando e reclamando, tontos, passando mal, mas tínhamos que ir embora. No caminho, tivemos que acampar. Fizemos o acampamento e dormimos, tivemos que andar à noite também, só chegamos no outro dia.

Na aldeia, as mulheres, as crianças, todos ficaram revoltados: “Por que vocês mataram o *yara*? Agora eles vão atacar!”. Estavam contra a ordem do líder. Era errado matar. Minha esposa brigou comigo. Disse: “Você quer a minha morte?”. Ela queria me abandonar. “Você é culpado da morte, não quero mais ser sua mulher, não vou mais me deitar com você, vou me separar de você antes que eu morra também”. Foi muita confusão. Não foi só a minha mulher, outras pessoas falaram a mesma coisa. Fiquei sem ação. Era verdade, eu era culpado pelo que acontecera. Dei razão à minha família, fiquei calado. Como guerreiros, cantamos o hino de guerra.

Depois de tudo isso eu também fiquei doente, com febre, sentindo muito frio. Então falaram comigo: “Já que você matou uma vez, continue matando. Procure as pessoas que vão atacar a nossa aldeia e nos defenda agora”.

Mesmo doente, eu segui no caminho onde havíamos matado os dois *yara ey*, procurando outros invasores. Eu vigiava a aldeia, noite e dia, mesmo doente. Fui ficando cada vez pior, não aguentava mais ficar com os olhos abertos. Pensei que minha vida chegava ao fim. Quase morri.

Eu queria só comer caldo de peixe. Tinha nojo das outras comidas. Fui para a mata, mesmo doente, encontrei cipó e bati o cipó com a pedra: Tum, tum, tum!, num lugar de água parada. Matei muito peixe e comi o que tinha vontade de comer. Assim comecei a me recuperar. O caldo do peixe foi como um remédio, me curou.

Estava longe de minha casa, como era nosso costume. Eu estava deitado na rede e outro homem chegou. Eu não escutava nada. Ele dizia: “Meu irmão, meu irmão...” Eu olhei e disse: “Quem é meu irmão? Aqui não tem meu irmão”. Ele falou: “Eu estou falando com você. Você é meu irmão, estou pedindo para você fumar este cigarro”. “Eu não posso”, eu disse. “Eu estou pedindo para você fazer isso, é para o seu bem!” “Você quer que eu morra? Eu não quero fumar, estou muito doente.” “Obedeça, faça o que estou pedindo.” E ele colocou o cigarro na minha boca, e eu fumei, fumei, fumei. Então chegou um barulho, como de chuva, e eu não vi mais nada, acabou.

Quando acordei eu estava todo suado, mas me sentia bem melhor. Então perguntei: “Você fez isso comigo? É esse o seu poder? Você me curou? Por acaso você é pajé?” Ele respondeu: “Sim, eu sou, eu mesmo. Um espírito foi mandado para curar você. O espírito sempre aparece para mim. Não sou considerado pajé, mas sou pajé”. Então eu melhorei e fiquei sabendo que meu irmão era pajé, pois foi através dele que eu melhorei.

Perseguição e morte

Naquele tempo, eu me lembro muito bem, eu sofri muito. Depois que melhorei, chegou notícia de mais invasores. Fui colocado na liderança dos guerreiros e me enviaram para onde estavam os invasores. Fui conduzindo o grupo, como seu líder. O local se chamava Fazenda Catuva, no Mato Grosso. Cheguei até o território dos Zoró, na divisa. Encontramos

com os Zoró, e eles nos estranharam, queriam briga. Perguntaram: “O que vocês vieram fazer aqui? Vocês não são nossos inimigos? Como vocês chegam na minha casa, como se fossem amigos? Vocês vieram para me matar, como antes?”. Eu respondi: “Não, eu não vim como inimigo, vim ajudar vocês a tirarem o invasor de sua área”. “Não, você não veio ajudar, está me enganando, você veio me matar. Você é um inimigo pior que os *yara ey*.” Depois dessa conversa e das ameaças, eles arrumaram uma casinha fechada para ficarmos. Eu fiquei com medo de ficar dentro da casa, fiquei do lado de fora, andando de um lado para o outro, na escuridão. Por que eu fiquei com medo? Porque na escuridão eles estavam, muita gente, conversando, baixinho. Eu não sabia o que falavam, mas pensei que planejavam nos matar. Na verdade, quando chegamos à aldeia, o líder deles não estava. Somente seus assessores. O líder havia ido a Ji-Paraná e eles não sabiam o que fazer.

De madrugada, já quase amanhecendo, um grupo deles seguiu para avisar o seu líder, na cidade, e outro grupo seguiu para avisar os invasores. Enquanto isso, seguimos nosso caminho dentro da área. Encontramos muitos sinais de gente que havia abandonado o acampamento há pouco. Muitos garimpeiros e madeireiros haviam sido avisados pelos Zoró que estavam de acordo com esses invasores. Eu encontrei barracões, roupas velhas, muito buraco de garimpo, rastros de madeireiro para todo lado. Tinha muitos invasores, muita confusão por lá.

Assim apareceu um sinal. Na primeira noite, estávamos dormindo e vimos o sinal de que íamos passar fome e muita dificuldade. Sabíamos que iríamos encontrar problemas. Seguimos o caminho, e novamente acampamos. No grupo havia Paiter, Gavião, Zoró e Cinta larga, guerreiros dos quatro grupos estavam juntos para ajudar esse grupo Zoró. O convite inicial tinha partido dos Cinta larga.

Aí a cigarra cantou: “laaaaaaa!”, avisando: “Você vai passar fome, vai encontrar problema sério”. Nós gritamos, nos manifestando, e os Zoró perguntaram: “O que vocês estão falando?”. Dissemos: “O sinal está avisando que vamos enfrentar o inimigo”. E eles falaram: “Por que não dissemos? Nós estamos juntos! Não se guarda um segredo de guerra!”.

Ficamos preparados para o que viesse de mau. Desde os antigos já estava avisado, os sinais significavam morte. Nós íamos morrer ou o inimigo seria morto.

Seguimos em direção ao local do conflito. Então, no caminho, encontrei Papayô, o líder principal dos Zoró, e ele foi duro comigo: “Você não tem nada a ver com isso. Fui eu que mandei o madeireiro e o garimpeiro tirar madeira e ouro. Você não tem nada que se meter no meu território. Volte já!”. Eu disse a ele: “Um dia você vai perder a terra, se você deixar o invasor entrar, ele vai tirar a sua terra”. Quando eu disse isso, ele puxou a arma de fogo e apontou para mim. O filho dele correu, pegou a arma da sua mão e disse: “Pai, não faça isso com outro parente, ele está querendo nos defender!”. E tomou a arma do pai. Depois disso, vi o chefe do povo Zoró pedir para o motorista *yara* ir embora, e ele foi.

Como eu ia ficar na terra Zoró? Como ia continuar a viagem? Eu sabia que ia acontecer a morte, que alguma coisa não ia dar certo. O *labiway* Paiter era o Henrique. Eu estava com câimbra, doente, ia andando muito devagar. Eu dependia dele, tinha que seguir as ordens dele. E não era só isso, ele tinha ficado com uma jovem Zoró e isso criou mais problema. Era problema sério de todos os lados.

Continuamos andando por muito tempo, muito cansados, com muita sede. Chegamos a um lugar e encontramos um grupo de *yara ey*. Continuamos fazendo da mesma forma, tirando as roupas deles, batendo. Pedimos para saírem: “Esta é nossa terra, tem dono, vocês não podem ficar aqui!”. Arriscamos a nossa vida, parecíamos loucos!

Então Henrique disse: “Não se preocupe, eles têm medo de nós, não vão fazer mal nenhum, eles vão embora...”.

Tum, tum, tum! O pica-pau cantou, deu outro sinal. O que ia acontecer? Eram muitos sinais, muitos presságios de algo ruim. Os Zoró se manifestaram, atiraram flechas, deram tiros em direção ao passarinho. Perguntei: “Por que vocês estão fazendo isso?”. “Porque o passarinho deu o sinal. Vai haver morte. Morte do nosso lado ou dos *yara ey*. Ele está avisando que vai haver tiros”.

Então fiquei sabendo o que ia acontecer. Fiquei muito preocupado e muito triste. Cheguei no lugar que se chamava Paraíso. Perto dali um Zoró perguntou: “Você vai para onde? Os *yara ey* roubaram minha filha. Cuidado, eles estão se preparando para matar vocês. Não continuem, voltem daqui”. Eu perguntei: “Você quem é? É Paiter?”. Ele disse: “Não, eu sou Zoró, por isso escapei, por isso estou dizendo, não sigam em frente, voltem! Eu vi um grupo de *yara ey* reunido em Paraíso, dizendo que vão acabar com o grupo de guerreiros Paiter”.

Nós acampamos ali, ficamos ali um dia. Por quê? Porque chamamos a atenção do pajé: “Salve nosso grupo, não permita que nosso inimigo seja mais forte”. Eram dois pajés e pedi para nos protegerem, para não deixarem acontecer nada de mau. Eu fiz um cigarro, dei para eles fumarem e nos protegerem. Depois que eles fumaram e se comunicaram com os espíritos, um deles disse: “O espírito brigou comigo. Ele não pode ajudar. Uma coisa ruim vai acontecer conosco. Nosso inimigo vai nos matar”. O pajé falou: “O espírito me falou que chegou o fim. Você vai morrer”. O pajé ficou muito triste. Nós ficamos muito tristes. O grupo todo ficou com medo. Todos desistiram e voltaram. Zoró voltou, Cavião voltou, Cinta larga voltou. Todos os guerreiros desses povos voltaram. Nós continuamos nossa viagem. Já estávamos perto de nosso território. Antes de Paraíso, pegamos outra estrada, à esquerda. Um Cinta larga, o Roberto Carlos, estava junto porque se considerava família. Aí o tempo fechou, a escuridão tomou conta.

O tucano cantou: Tumtum, tum, sucum! até a noite chegar. Quando acordamos, no outro dia, o tempo acordou muito triste, abatido, já revelando o que iria acontecer. Nossa comida acabou, não tínhamos mais alimento nem água. O tempo estava seco. Eu falei para o grupo: “Já batemos e expulsamos os invasores por aquele lado, vamos embora para o nosso território. Este lugar é perigoso, podemos encontrar de novo com os invasores e eles vão querer se vingar”. Outros disseram: “Não, eles já foram embora com medo, não vão querer saber da gente”.

Continuamos viajando e encontramos outro grupo de invasores. Tomamos as armas, mandamos tirar as roupas, batemos neles. Nosso

chefe mandava fazer, e nós fazíamos. Quando a noite chegou, acampamos. Quando acordamos, cada um contou o seu sonho: “Eu vi uma pessoa que quebrava uma melancia em cima de mim, fiquei com o corpo todo sujo de melancia”. O outro contou: “Alguém atirava em mim mingau de milho quente, queimando meu corpo”. Então falamos: “Vamos encontrar a morte, nosso inimigo vai nos matar”. Naquele momento, sabíamos o que ia acontecer.

Quando continuamos nossa viagem, paramos para descansar. Todos se sentaram e eu falei: “Nema, tome cuidado, seja forte, tenha coragem, não fique desanimado”. Isso porque ele estava de cabeça baixa, estranho. E ele disse: “Estou com diarreia forte e febre. Estou no fim da minha vida”. Então eu disse: “Fique firme, porque estamos longe de nossa casa, no meio dos inimigos”. Ele continuou: “Eu não estou bem, estou muito fraco. Então entrego ao inimigo a minha vida”. Eu disse: “Hoje é o dia em que vamos encontrar a guerra. Levar tiro ou matar alguém. Hoje é o dia do desafio”. Ele disse: “Lembre-se sempre de mim, conte para o nosso *labiway* que eu vou andar devagar, seguir vocês. Se encontrar um carro, eu pego carona. Quando você chegar na FUNAI, conte que eu fiquei para trás”. “Não faça isso”, eu falei, “se você pegar carona com seu inimigo ele vai matá-lo, vai acabar com você. Não se entregue ao inimigo”. Aconselhei bastante e disse: “Se eu chegar, vou avisar ao líder – um guerreiro ficou para trás porque estava muito doente. Talvez ele consiga um carro da FUNAI ou da Polícia Federal para pegar você, mas não pegue carona”.

Então começamos a andar. “Vamos deixar você. Cuide-se!”. Depois que deixamos o Nema, andamos, andamos, andamos. Uns dois mil metros depois, aconteceu. Nosso inimigo apareceu. Chegou o nosso dia. Era uma fazenda com um pasto limpinho pelo fogo e um córrego passando no meio do pasto. Um velho do nosso grupo foi se banhar no córrego. Eu estava na frente, como líder. Os que vinham andando atrás não avisaram. Aí chegaram os inimigos por trás, encontraram o guerreiro mais velho se banhando, deram muitos tiros e o mataram. Eu estava longe, a muita distância. Me avisaram: “Os *yara ey* atacaram, mataram o guerreiro”. Também escutamos os tiros. Os guerreiros gritaram. Muitos tiros, muitos tiros: Pá, pá, pá! Era muita bala em nossa direção. Eles vieram para cima do nosso

grupo. Nos preparamos. Muita gente veio, em dois carros, atirando. Um dos guerreiros atirou e acertou. O carro parou, mas continuaram atirando em nossa direção. Pá, pá, pá! Então todos nós nos defendemos, nos escondemos atrás do que era possível. Estávamos seguros e prontos para matar.

Assim foi meu trabalho como guerreiro, protegendo a nossa terra, não só o território dos Paiter, mas também de nosso vizinho. As pessoas que hoje me veem, acham que eu não fiz nada. Mas quem lutou na terra dos Paiter e ao redor, fui eu. Por minha causa nossa terra está segura. Meu trabalho não é o responsável sozinho, mas o trabalho de todos os guerreiros envolvidos. A força dos guerreiros tirou os invasores para garantir a terra.

Foi assim a minha luta durante a minha vida. Eu conheço o *yara*. Ele, como os Paiter, mata. O ser humano é igual. Eu conheço a história toda desta terra Paiter.

.....
1 Tipo de tapiri, pequena construção improvisada, abrigo dentro da mata.

2 Nome do rio, significa rio velho.

3 Local de muito gengibre, onde outros indígenas já haviam morado.

4 Plantação de taquaras para flechas.

5 Protetor peniano, rito de passagem do menino para a vida adulta, formação do guerreiro.

6 Dono do lugar de muita areia, como uma praia.

7 Castanhal, lugar de muitas castanheiras – hoje município de Cacoal.

8 Dono do curral.

9 Homem do facão grande – perto de Presidente Médici.

10 Nome de aldeia na Linha 11.

Gasalab Suruí



O encontro com o *yara*

Esta é minha aldeia e eu sou o cacique daqui. Este lugar se chama Aldeia Ġapġir, sou cacique desta aldeia e meu nome verdadeiro é Ġasalab. Já os *yara ey* me chamam de Joaquim Suruí.

Vou contar da época e de como chegamos até aqui. Vou contar a partir do momento em que eu tive consciência das coisas. É assim.

Nós, Paiter, o povo Suruí, tínhamos nossa vida. Vou contar da nossa mistura com os *yara ey*. Quando os Paiter tinham sua vida, fomos mortos pelos *yara ey*, o meu clã. Havia uma aldeia só do nosso clã, próxima a outra aldeia, e os *yara ey* nos atacaram. Mataram meu tio, irmão de minha mãe. Foi assim que viemos para cá, nos misturamos com os *yara ey*. Eles nos atacaram e o mataram. Também estávamos sendo perseguidos e atacados por *lahd*,¹ por isso resolvemos enfrentar os *yara ey*, assim viemos para cá, já com o objetivo de vingança. Resolvemos enfrentar.

Meus irmãos mais velhos planejaram fazer vingança, então atacaram uma primeira vez, mas não deu muito certo. Então planejaram fazer novo ataque. E contam que, quando estavam indo, encontraram no tapiri que haviam feito anteriormente, no primeiro ataque, facões pendurados. Viram facões pendurados. E como tínhamos sido atacados por *yara ey*, tínhamos medo. Também estávamos com medo dos Cinta larga que sempre nos atacavam.

Assim retornaram, trazendo notícias para as pessoas. No outro dia mesmo, os Paiter foram para ver o local onde acontecera esse fato. Quando foram, contam os Paiter que havia outro local, com mais facões, então trouxeram muitos facões de lá. Foi quando os Paiter trouxeram vários tipos de facas e outras coisas que batizamos esses objetos. Antes disso não sabíamos que existiam vários tipos, só sabíamos que existia facão, *nābekod*. Demos o nome, *ġātxiah*, o que reflete a imagem do rosto, para o espelho; *arimekā*, quadril de macaco, para a tesoura; conhecemos vários tipos de facas.

Então as pessoas “enlouqueceram”, queriam cada vez mais, foi quando resolveram ir em maior número e trouxeram muitos facões. A partir

daí só faziam assim com os *yara ey*. Nesse mesmo tempo em que estavam adquirindo as facas, os Paiter atacaram os *Lahd amiah*, os Cinta larga, ao mesmo tempo. E temendo a vingança deles, os Paiter se aproximaram mais ainda dos *yara ey*.

Foi quando a doença surgiu. Não tínhamos nenhuma doença antes, não tínhamos tosse, não tínhamos gripe, não tínhamos dor nos olhos. Não conhecíamos essas doenças. Foi ali que essas doenças apareceram: a gripe, a tosse, a febre... febre que era como uma praga, a febre que não acabava de jeito nenhum. Surgiam feridas no corpo – não tínhamos conhecimento de feridas. Foi assim que as pessoas adoeceram. Logo no começo, nos dias seguintes ao contato, apareceu dor nos olhos, enfraquecendo as pessoas, logo em seguida as tosses e assim os Paiter se aproximaram mais, vieram e abriram uma nova aldeia. E ali fizeram várias festas.

Nessa mesma época, estávamos sendo perseguidos por [guerreiros] Cinta larga. Eles capturavam as pessoas, envenenavam e depois soltavam para morrer na aldeia. Nesse mesmo tempo surgiu a doença que nos extermiou. E nesse mesmo tempo ainda aconteceu o contato.

Então, assim fez o *yara*: cada vez que pendurava os facões, ele fazia isso em lugar diferente e cada vez mais próximo, mais adiante, mais adiante e mais adiante. Assim ele fez, até chegar à beira do rio. Ali, na beira do rio, ele pendurou facões em um tapiri, e do outro lado ficou observando as pessoas pegarem os facões pendurados. Assim fizeram o contato. Do outro lado do rio, os *yara ey* nos chamavam para pegar facões. Assim fizeram. As pessoas travessaram o rio e chegaram mais perto para pegar facão. Eles, os que fizeram o contato, contavam que enquanto estavam pegando facão alguém sempre ficava com o arco armado, pronto para flechar. Temiam ser agarrados à força, mas o contato foi pacífico.

Se isso tivesse acontecido, os Paiter teriam matado o que fez contato conosco! Quando um dos guerreiros foi segurado pelo *yara*, ele disse: “Não faz nada, está bem assim”. Porque percebeu que só estava sendo tocado.

Nesse mesmo tempo, os jovens estavam em festa, bebendo *yatir*. Quando a festa já tinha acabado, no *Agoykira*,² eles chegaram e contaram

que tinham feito o contato com os *yara ey*, e os velhos, que participavam da festa e que estavam todos pintados de jenipapo, decidiram ir até o local, todos os que tinham participado da festa. Estavam enfeitados de cocares, tinham *abeseb*³ pintados, os Paiter estavam desse jeito! Todos, junto com as mulheres, junto com as crianças, eles foram lá, onde havia sido feito o contato com os *yara ey*. Os Paiter foram ver.

Quando voltaram, o irmão da minha mãe disse que eram como nós mesmos, eram gente, humanos. O irmão da minha mãe era Makor, então ele disse que tinha encontrado um sobrinho lá. Porque ele disse que o Macurap se apresentou a ele dizendo que era *Makor apid*. Anos depois, descobriram que se tratava de outro povo indígena. Naquela ocasião, tinham entendido a palavra macurap como *makor apid* que na língua Paiter Suruí quer dizer “sobrinho do Makor”. Por isso ele disse que tinha sobrinho lá. Ele tinha visto um indígena Gavião que também estava lá e que usava uma pena no nariz, esse ele identificou como filho do Koro.⁴ Então, ele disse que eram todos deuses.

Os Paiter, quando o *yara* apareceu, não acreditavam no que estava acontecendo. Aquele momento que estavam vivendo não parecia ser real, parecia ser sonho. Aí os Paiter se aproximaram mais, vieram e abriram nova aldeia onde beberam *yatir*, na festa do *Gonhoah Si*. Pouco tempo depois de realizarem a festa seguiram mais adiante. Abriam outra aldeia que chamaram de “local onde apareceu *lahd* magro”. Foi quando estávamos ali, que o *yara* veio. Veio do rumo da cidade de Espigão do Oeste, já fazendo picadas e demarcando linhas.

Quando o *yara* entrou na aldeia, viu a casa que estava à sua frente, abriu com as mãos um buraco nas paredes de palha da casa para ver do outro lado e dar continuidade à demarcação da linha. Assim, do nada, e fez como se não tivesse ninguém ali, fez o trabalho e se foi. Todos estavam muito doentes, morrendo na aldeia.

Então os Paiter resolveram seguir esses *yara ey*. Os Paiter queriam saber de onde vinham para fazer aquilo. Muitos foram. No lugar que chamávamos de Bertiganhá, eles, os *yara ey*, estavam. E era dali que saíam para fazer picadas na mata e demarcar as linhas. Então os Paiter os expulsa-

ram. Assim fizeram, e depois do feito, retornaram dali mesmo. Então eu, o pai do Nambu, o Nambu, aquele que chamavam de Pipirim, o Soeter, o Gaaub, decidimos seguir os *yara ey*. Nós os seguimos e chegamos às seis horas da tarde, anoitecendo, no Espigão.⁵ Estávamos impressionados! Observamos que as casas eram novas, até então eram somente cinco casas. Era dali que os *yara ey* saíam, demarcando as linhas, passando no meio de nossas aldeias, nessa aldeia em que o *lahd* magro apareceu. Eu sei disso porque eu estava lá.

A chegada do *lahd* e da doença

Eu morava em outra aldeia, onde o avião pousava, junto de outro irmão. Mas como um de meus irmãos também morava na aldeia onde o *lahd* magro apareceu, então eu vivia por lá. Por isso sei dos acontecimentos que lá ocorreram. Foi onde o *lahd* magro apareceu, causando mais medo nos Paiter. Foi para o pai do Pinig. O *lahd* magro apareceu primeiro para ele, quando estava tirando lenha. Ali, bem próximo da aldeia mesmo.

Ele contava que enquanto estava pegando a lenha, sentiu alguém tocar no seu ombro. Quando olhou, que susto! Um estralo! Jogou a lenha nele. Contava que então perguntou: “Quem é você?”. E ia levantando as mãos com o machado, pronto para golpear, quando o *lahd* disse: “Paikini pamã”.⁶ Essas foram as primeiras palavras do *lahd* ao fazer contato. Então ele gritou, chamando as pessoas e dizendo: “O que pode ser isso?”. O *lahd* trazia um assado de jabuti e junto dele estava uma mulher. Aí os Paiter os adotaram. Com esse acontecimento, as pessoas tinham mais medo, temiam, questionavam o que estaria acontecendo.

Foi quando a doença apareceu, acabando com os Paiter. Parecia ser um sonho. Enquanto isso, meu irmão mais velho estava com os *yara ey* da FUNAI. Quando ele chegou e viu aquela cena, no mesmo instante retornou buscando o Apoena. Então o Apoena veio até nós, lá na aldeia onde o avião pousava, e viu que estávamos doentes. Dali ele foi até a outra aldeia e viu que ali também muitos estavam morrendo, parecia ser um sonho, não podíamos acreditar! Parecia que estavam envenenados. Apoena co-

municou-se através do rádio que ele carregava, foi quando o avião pousou na roça de batatas que tínhamos. O avião veio trazendo mais pessoas, médicos, enfermeiros, remédios. Mas muitos já haviam morrido. Sei que conseguimos sobreviver por isso, porque faziam medicação com injeção naquelas pessoas que ainda pareciam estar vivas.

Ele trouxe muita gente. Vieram muitos empregados. Carregavam doentes nas costas na tentativa de levar até o posto. Muito triste! Até hoje não esqueço. Muitos Paiter morreram no caminho, abandonados, não tinha quem pudesse socorrer, todos estavam doentes. Os *yara ey* não podiam fazer mais nada. E nós estávamos ali, no mesmo lugar onde muitos de nós já haviam morrido. Nós conseguimos sobreviver. Os Paiter vieram morar com os *yara ey* pelo fato de estarem morrendo. Vieram embora.

Mudamos, fomos morar ali próximo daquele rio onde morávamos antes. Todos nós passamos por aqui, passamos por aqui e fomos para aquele lado. Já outras pessoas passaram também por aqui, mas foram para lá. Depois resolvemos voltar de novo, junto com os sogros dos meus irmãos, resolvemos morar mais distante.

Quando viram vestígios que os Zoró deixaram na casa, as pessoas já tinham abandonado a aldeia, ninguém tinha voltado lá. Então, depois que viram vestígios de Zoró, resolveram voltar de novo e abrir nova aldeia, mais próxima do posto. Eram vários, o pai do Nambu tinha o grupo dele e também tinha o grupo do meu clã, mas eu estava junto do grupo do pai do Nambu. Então abrimos aldeia aqui, onde realizamos festa. O irmão da minha mãe é que era o responsável. Já o grupo do Nambu foi morar próximo a Espigão.

Só depois que todos os Paiter foram embora, resolvemos ir e abrir aldeia dentro da cidade dos *yara ey*. O *yara* nos deu um lugar para morar, uma casa grande que ele tinha bem no centro, o nome dele era Miro. Os *yara ey* o chamavam de doutor Miro. Foi ele quem nos viu primeiro. Éramos muitos, todos nós aqui. Depois construímos mais casas junto daquela, pois éramos muitos. Ele, Miro, deu aquele lugar temporariamente, com a promessa de que ia construir um lugar só nosso. E assim ele fez. Construiu uma grande casa para nós.

Já estávamos morando em Espigão quando esse, que fez contato conosco, o Apoena, foi na tentativa de nos levar para a aldeia. Até então, desconhecíamos a existência da FUNAI, desconhecíamos qual era a proposta dos que fizeram o contato, por isso não aceitamos o que ele estava querendo fazer.

Ele veio e levou todos os nossos pertences, mas ninguém foi com ele. Aí o Miro, que era nosso dono, nos disse: “Não liguem para isso, eu vou comprar tudo de novo para vocês”. Ele foi até Pimenta⁷ e trouxe um carro cheio de redes e cobertas e nos deu. Quando ele fez isso, agradecemos a ele.

No dia seguinte a FUNAI retornou com todos os nossos pertences, pediu desculpas e devolveu tudo. Quando o Miro viu isso, ele percebeu que dependíamos da floresta para viver e então nos levou mais distante da cidade, abrindo uma aldeia para nós. E ali moramos.

Ainda não sabíamos qual era o papel da FUNAI. Quando estávamos morando ali, a FUNAI se aproximou e foi quando conhecemos a medicina. A FUNAI nos medicou e trouxe uma enfermeira para ficar entre nós.

Foi quando percebemos que existiam grupos diferente de *yara ey*. Mas gostávamos mais do outro, do Miro. Gostávamos dele porque ele comprava mandioca de quem plantava e nos dava, comprava milho de quem plantava e nos dava. Quando alguém reclamava que estávamos invadindo, que estávamos roubando, ele ia lá e comprava toda a produção e dava para nós.

Quem fazia isso era aquele que hoje é nosso vizinho, o Carlão, ele era funcionário do Miro, era parente dele, sobrinho dele. Ele que cuidava de nós, a pedido do Miro. Foram eles que fizeram picadas e demarcaram as linhas, toda essa terra que hoje é fazenda, foram eles que demarcaram, mas morreram todos, só o sobrinho, o Carlão, está vivo.

Então eu vim morar no Pawentiga.⁸ E quando eles, da FUNAI, trouxeram meu irmão para cá, para a Linha 14, eu vim morar aqui, junto deles. Nesse tempo, eu recebi a visita do Apoena. Cumprimentaram-me e pediram que eu fosse cacique dos demais do meu grupo, e assim até hoje estou aqui, como responsável, porque eles fizeram assim. Foi o Apoena, não esqueço disso, foi ele que me elegeu como líder. Aí então eu trouxe a

aldeia para cá, onde estamos, construímos as casas que mais tarde substituí por casas de madeira, onde moramos agora.

Estou falando de tragédia! Foi muito sofrimento, sofri muito!

Eu estudei, estudei a pedido dele, do Miro. O *yara* pediu que eu estudasse, mas eu não sabia para que estava estudando. Todos nós já estudamos: eu, o Nambu, o irmão do Anine que mora com a gente, o irmão do Nambu, o Apoena, o Pipira. Mas depois o Miro os tirou, justificando que eram muito velhos e ficamos só eu e o Nambu estudando. Depois o Nambu continuou estudos em Riozinho. Já eu, parei, só estudei um pouquinho lá no Espigão. Por isso ele sabe mais que eu, pelo fato de ter continuado a estudar. E foi assim.

Poderia contar muito mais, mas acho que isso já desperta curiosidade em quem está ouvindo. É como contei, foi uma tragédia, lamentável mesmo. E ainda éramos atacados por *lahd*. Muita gente morrendo e ao mesmo tempo boatos de ataque de *lahd*. Pessoas morrendo em todos os lugares. Não sabíamos quem atacava as pessoas. Na época viram o Pelé, funcionário da FUNAI, e até falaram que era ele que fazia ataques, causando as mortes. Mas não sabemos ao certo quem eram os causadores dessas mortes misteriosas. Nessa época havia um fluxo muito grande de pessoas, de *yara ey* fazendo linhas, demarcando terras. Também foram mortos muitos *yara ey* que demarcavam terras, faziam picadas. Encontramos muitos túmulos mata adentro. Zoró matou muitos *yara ey*. Mataram muitos, enquanto estávamos sofrendo com epidemias. Os Paiter, quando adoeceram, saíram sem destino por não saber o que fazer para encontrar a cura.

Mas antes, vivíamos em união, construindo aldeias, primeiro ali, aldeia da Gonhosi, depois a aldeia onde o *lahd* magro apareceu. Foi então, quando a doença apareceu, e os Paiter viram que estavam morrendo, que nos dividimos em vários grupos na tentativa de sobreviver. E assim viemos para cá, com apoio da FUNAI. Aqui só mora minha família, tem os Kaban, mas são meus sobrinhos. Pode parecer que vivemos abandonados, porque vivemos só em família e não podemos brincar uns com os outros. E assim acontece com todas as aldeias. Eu conto para eles, os sobrinhos, que logo que abrimos esta aldeia, realizamos algumas festas aqui. Trazíamos

outras famílias de outras aldeias e festejávamos com eles. Hoje sentimos falta disso, é por isso que parecemos estar abandonados. Mas isso não volta mais, não. Não vai acontecer nunca mais. O tempo já está no fim. Não há pessoas que possam nos orientar. Pelo fato de estarmos em pequenos grupos familiares, parecemos ser inimigos uns dos outros grupos.

Sempre falo, quando me perguntam o que é mais difícil, o que vivi ou o que vivo, sempre respondo para o *yara* que nada é fácil, que cada tempo tem suas vantagens. No passado a vantagem era desconhecermos doenças, mas enfrentávamos os mesmos desafios que enfrentamos hoje em dia. A única diferença de tudo isso é que quando guerreávamos, tínhamos que sempre mudar de lugar, construindo novas aldeias. Isso era difícil naquela época. Já hoje, para os que acham que, por termos direitos garantidos, temos vida fácil, posso dizer o seguinte: é muito mais difícil hoje! Vivemos com doenças desconhecidas para as quais não temos cura, temos que pagar por tudo que comemos, temos que pagar para buscar a cura de doenças. Somos limitados, impedidos de viver livres, cercados por *yara ey*. É doloroso saber que tudo acabou, ver nosso fim. Conhecemos a pobreza, a necessidade, já não somos felizes. É assim.

.....

1 A palavra *lahd* geralmente é usada para identificar o inimigo, pode ser compreendida como aquele que causa o mal, inimigo, estranho, estrangeiro mau, desconhecido, algo sem vida, sem princípios.

2 Agoykira é o nome da aldeia.

3 Enfeite feito de palha.

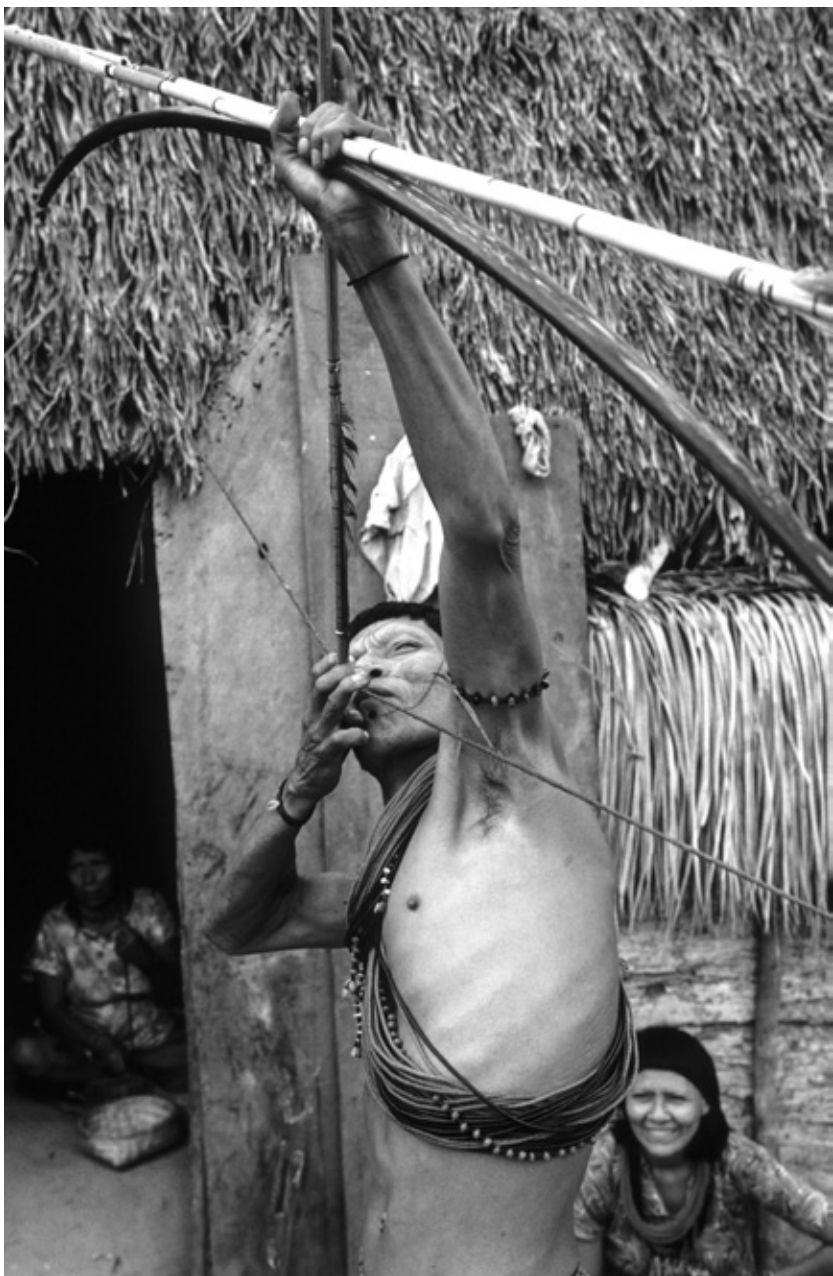
4 Koro na tradição Paiter Suruí é um semideus.

5 Espigão do Oeste – cidade ainda em construção.

6 Sou seu amigo, estou em paz.

7 Cidade de Pimenta Bueno.

8 Local do contato, na Linha 12.



Ipatarra Suruí

Vivendo na floresta

Eu vou falar na minha língua. Sobre o contato. Eu moro aqui neste lugar, na terra onde Palob nos criou, onde ele criou esta floresta. Aqui é onde eu moro.

Aqui meu pai nasceu, aqui minha mãe nasceu, meu avô nasceu. Aqui meu pai viveu e foi onde ele me deixou. Por isso sei quem eu sou. Por isso moro neste lugar. Nesta floresta vivemos andando e por isso outros índios nos encontravam e tentavam nos matar. Fugíamos e lá também encontrávamos outros inimigos e assim voltávamos para o lugar de onde já tínhamos fugido.

E depois os seringueiros também chegaram e queriam nos matar. Nós fugíamos para o lugar de onde já tínhamos fugido antes. Assim viveram nossos ancestrais, aqui na floresta, e por isso vivo aqui nesta floresta até hoje.

Sei como vivi aqui e tenho conhecimento profundo sobre a floresta. Da mesma forma que o *yara* quer, quero a herança que meu pai deixou. Porque sei que meu pai nasceu desta floresta. Por isso sei quem sou e que sou Paiter.

Busco formas de me adaptar, mas com muito medo, porque estou cercado de *yara* por todos os lados, explorando esta floresta. Tentamos muito defender a floresta, os velhos defenderam muito a floresta, defenderam o seu habitat. Respeitavam uns aos outros, consultavam uns aos outros, planejando o futuro, o dia a dia. É por isso que tenho comigo os ensinamentos do meu tio. Ele me disse que eu tinha que ter amigos para viver em paz. Se eu fosse sozinho, tivesse só meu irmão, então não teria paz comigo: “O que traz harmonia para sua vida são os seus amigos, seus cunhados. Você deve agradecer seus cunhados, assim fazíamos com nossos cunhados”, assim ele me dizia.

Ele dizia que, bem distante daqui, o seu pai fora morto por outros índios e que da mesma forma que viveu comigo, ele viveu com meu pai depois que isso aconteceu com o pai dele. Assim ele me disse: “Eu não abandonei o seu pai e por isso eu vivia em paz”.

Esse é o nosso costume, nossa forma de vida. Assim que o cunhado prepara *yatir*, comunica a todos que no dia seguinte irá servir, dizendo: “Vou servir *yatir* amanhã para meu cunhado”. E por sua vez quem vai beber *yatir* também comunica a seus parentes, dizendo que no dia seguinte será embebedado pelo seu tio: “Meu tio está dizendo que vai servir *yatir* para mim”. E assim todos se reuniam para a festa, assim era a nossa vida.

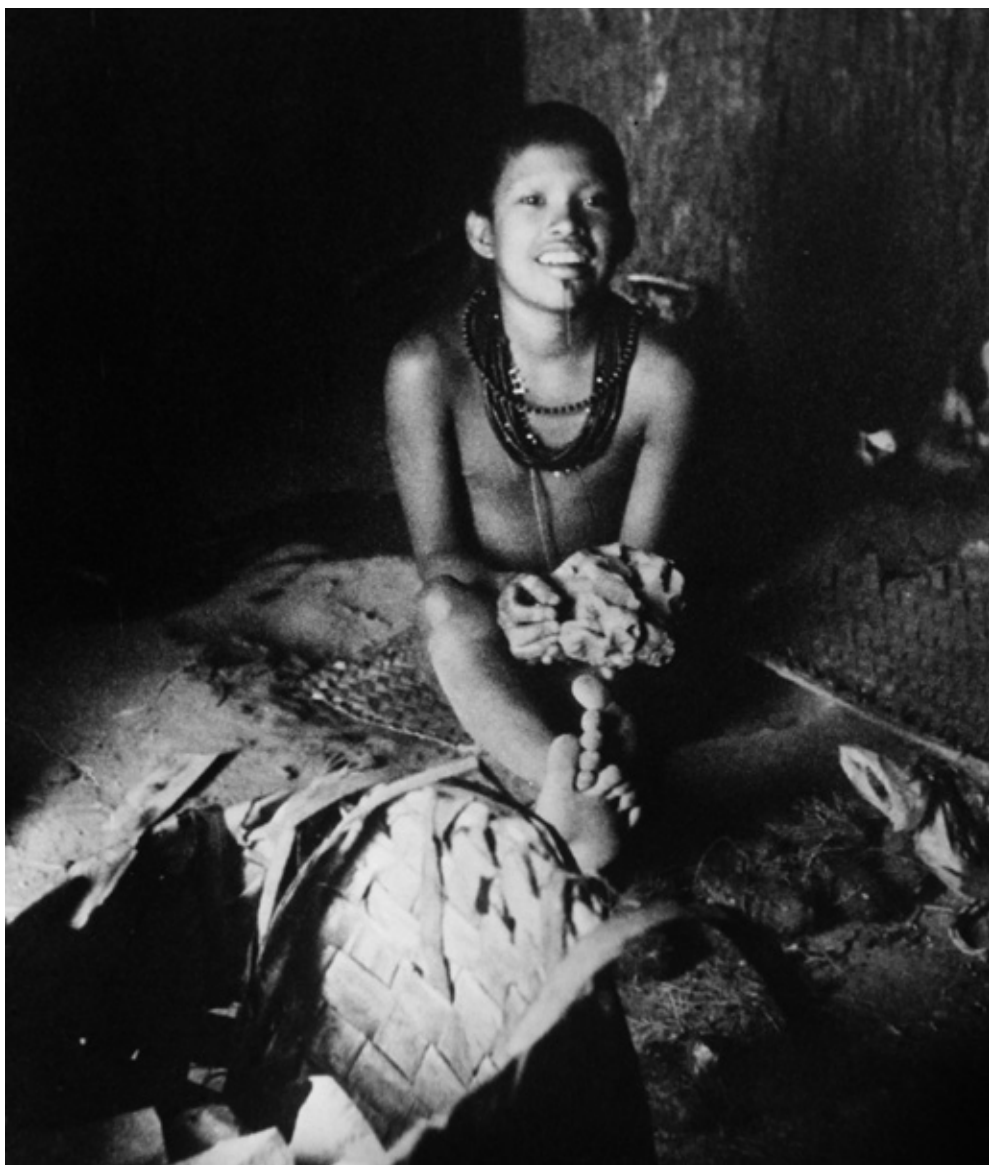
Depois nos reuníamos para caçar e assim que tínhamos a caça, dávamos ao dono de *yatir*. E ali, próximo, nos reuníamos para nos alimentar de cará, milho. Assim fazíamos. Assim vivemos a vida, nós somos Paiter mesmo, meu pai é Paiter, minha mãe é Paiter. Assim, os clãs Kaban, Ćameb, Ćapğir. O Makor foi criado para se relacionar com os outros, os casamentos são com Makor, tomamos deles, dos Makor, as filhas como esposas e seus filhos são nossos cunhados. E assim se vive em harmonia com o genro que, por sua vez, faz *yatir*, embebedando seus visitantes. Os cunhados também fazem o mesmo, embebedando os visitantes.

Meu pai me ensinou que se eu tenho irmã, já tenho esposa. Por isso sou obrigado a cuidar do meu cunhado, do futuro sogro, consultando-o sempre para os trabalhos do dia a dia. Por isso nossa vida era muito justa, porque não vivíamos de qualquer jeito, respeitávamos uns aos outros, não vivíamos como loucos. Bebíamos *yatir*, planejávamos nossa vida, planejávamos a construção de nossas casas, escolhíamos o lugar. Nos reuníamos para cortar pilão, realizávamos a festa de *yatir*. Essa era nossa vida. Assim vivíamos.

Hoje não vivemos mais assim, porque todos os responsáveis por isso morreram. Eles me deixaram e mesmo que eu queira, não tem quem faça isso comigo. Não tem quem me ofereça *yatir*. Como todos morreram, só eu restei. Eles serviam meu pai. Assim era nossa vida, dependíamos da floresta porque da floresta nascemos. Não nascemos na cidade como os *yara ey*, nascemos aqui na floresta. A nossa cidade é toda esta floresta. Por isso que gostamos da floresta como o *yara* gosta da cidade.

Assim eu vivo, gosto da floresta e quero que meu filho também viva da floresta. Se eu destruir toda a mata, ele não vai ter onde morar, por isso

defendo a floresta. Desejo morar na floresta, deste rio pescar e comer o peixe; desta floresta caçar para me alimentar. Alimentar-me do macaco-aranha, assim é nossa vida. É isso que tenho para contar.



Yab-alapixah Suruí



Resgatar a tradição

Meu nome desde o contato é Fábio, já o meu nome tradicional é Yabalapixah. Meu pai contava que há muito tempo atrás morávamos na floresta. Viver na floresta não é o mesmo que viver no meio dos *yara ey*, é uma vida totalmente diferente. Era do nosso jeito. Nossa maneira de viver não era como hoje, vida de *yara*. Plantávamos, nos alimentávamos de raízes, de cará, batata, mandioca, bebíamos *yatir*, realizávamos *metareilá*. Assim vivíamos e assim viemos seguindo nossa vida. Não sabíamos muito sobre os *yara ey*, os facões que tínhamos eram os que as pessoas achavam. Assim vivíamos. Só algum tempo depois descobrimos os *yara ey*, e começamos a pegar escondido os facões dos seringueiros.

Como falei, a vida dos Paiter na floresta era diferente, não havia doença, fazíamos uso dos medicamentos tradicionais: *gabeypagah*,¹ *matxag-lipeh*,² *moraptapoh*.³ Tínhamos todos os tipos de medicina na floresta. Assim vivíamos, fazendo tratamento, por isso não tínhamos doença. Depois viemos nos misturar com os *yara ey*.

Não sabemos ao certo como vai ser o nosso futuro, deveríamos preservar esse conhecimento, preservar nossa língua. Mas não, preferimos viver como os *yara ey* e assim abandonamos nosso alimento tradicional, esquecemos de *yatir*, da bebida sem fermentação. Há tempos que não bebo *yatir*. Mesmo morrendo de desejo, não bebo porque não tem para beber. Eu fui criado com alimento tradicional, minha mãe, além do leite de peito, me dava nosso alimento. Por isso quero muito a comida de Paiter, mas, como não tem, tenho que me alimentar da comida do *yara*.

Se quisermos ainda ser Paiter, temos que voltar agora, temos que resgatar o que éramos para nossas crianças, para que elas possam viver nossa tradição. Já não falamos mais nossa língua, preferimos falar a língua dos *yara ey*. Eu, que vim da floresta, agora vivo a vida de *yara*, imagina quem nasce no meio dos *yara ey*? Vai viver sem saber quem é. Sou filho de índio velho. Imagina os filhos dos que nasceram no meio dos *yara ey*!

Deveria ser de minha responsabilidade ensinar nossa cultura, mas nem eu sei ao certo falar minha língua. Por isso, hoje deveríamos ensinar nos-

sas crianças em nossa língua. É isso que estou querendo dizer. Temos que ensinar as crianças. Antigamente as pessoas faziam assim, ensinavam a fazer flecha, a fazer o arco. Faziam *yatir*, faziam *roça*, a vida de Paiter era próspera. Fomos descaracterizados ao nos misturar com os *yara ey*. Meu pai morreu quando eu era ainda criança, quando eu tinha doze anos, mas antes ele disse que eu deveria viver a vida com responsabilidade, respeitando o meu próximo. Segundo ele, esse é o maior princípio da vida, o respeito. E assim procuro viver, respeitando as pessoas. E assim deveríamos ensinar as crianças, mas vejo que não tem quem faça isso. Estas são minhas palavras.



.....
1 Árvore alta e fina, de uso medicinal, muito amarga.

2 Outra espécie de árvore, mais doce.

3 Cipó muito amargo.



Itabira Ĝapoi Suruí



Começo dos tempos

Este sempre foi nosso modo de vida, nossos antepassados viveram com a floresta, esta terra é herança de nossos avós. Até hoje vivemos com a floresta, na mesma floresta, e dela dependemos, por isso neste mesmo lugar eu construí esta aldeia.

Nós, Paiter, fomos criados por Palob. Nossa história conta que Palob nos criou. Esse povo que foi criado nos primeiros tempos foi extinto, foi comido pelas onças. Todos. Depois Palob criou de novo. Criou a floresta, mas ela era pobre, sem caça, sem frutos. A criação do novo povo foi através dos ossos dos primeiros ancestrais, extintos. Esse novo povo deu origem aos três clãs: Ćapğir, Ćameb e Makor. Um clã podia fazer casamento com os outros dois. As mulheres Ćapğir e Ćameb podiam se casar com o clã Makor. A origem dos Paiter foi definida por esses três clãs. Agora, mais recentemente, nós mudamos a história, assumindo ser outro povo.

Foi assim que nosso povo se classificou. Por isso sou uma pessoa importante. Sou herdeiro de duas pessoas importantes, de Labnabih, meu tata-ravô, e do homem que criou o clã Kaban. Minha bisavô é de origem Kaban.

Os que quebraram a tradição, os Kaban, eram em número maior e Labnabih passou a coordenação para eles, ficando com a autoridade máxima, como um juiz. Quando chegou a vez dos Ćapğir se tornarem liderança, eles mataram seu próprio pai.

Os filhos jovens queriam as esposas jovens de seu pai velho e o mataram para assumir a liderança. Os Kaban, casados com as filhas, vingaram a morte do sogro, matando todos os assassinos. Os Ćapğir só não foram extintos porque o pai de Labnabih disse: “Deixem esses para mim, eu vou criá-los”. Eram cinco crianças: o pai do Joaquim, da Linha 14, o pai do Matera, o pai do Maracujá, o avô do Luiz, da Linha 10.

Quando essas crianças tornaram-se adultas, a proposta foi de que o acontecimento fosse esquecido e voltasse a paz, com o povo organizando-se de novo dessa forma. Depois de muito tempo, quando os jovens ficaram adultos, ele promoveu o casamento desses jovens com a condição de

que os Ćapĝir nunca mais fossem liderança. Esse direito foi tirado deles porque tinham promovido uma tragédia familiar.

Ficou decidido que os Kaban assumiriam a liderança. Desde essa época a liderança passa de pai para filho, de irmão para irmão. Essa mudança acontecia na realização das festas, com revezamento. Um homem assumia a liderança maior e o antigo *labiway* passava para outra função. A liderança entre os Paiter é parecida com a dos brancos, existe uma hierarquia, vários níveis de poder. Tem sempre um líder maior e os outros postos. Primeiro, o *labiway* maior é o dono da festa e o segundo na hierarquia recebe a festa. Os que servem e os que vêm para ser servidos. O *labiway* maior é seguido por seus líderes. A história seguiu assim.

Até que aconteceu o encontro com os primeiros grupos de *yara ey* quando surgiram os primeiros conflitos. Minha avó dizia para o meu pai: “No dia em que houver um conflito com os *yara ey* eu vou me entregar para promover a paz, para que o nosso povo não seja extinto. Vou pedir para que eles sigam em direção do pôr do sol para conquistarem outros mundos para lá, e deixem nosso povo em paz, onde estamos”.

E quando ocorreu um conflito, isso realmente aconteceu. Ela e os filhos não foram encontrados mortos e nunca apareceram. Nessa época muitos corpos foram encontrados abertos ao meio e pendurados nas árvores. Mas não os corpos deles.

Depois que as doenças começaram a atacar os Paiter, passamos a ter completa dependência dos *yara ey*. Todas as coisas dos *yara ey* nos faziam mal, o cheiro das coisas fazia mal. As panelas tinham cheiro, as facas, os espelhos, tudo tinha um cheiro diferente. O cheiro forte dos *yara ey* nos fazia mal.

Meu pai sempre dizia que a borracha, por ser manufaturada na fábrica, vinha com cheiro muito forte, continha produtos químicos que afetavam o povo, principalmente a saúde. Ele tinha muita ferida no corpo e achava que era culpa da química usada para processar a seringa. A prova disso eram as doenças que antes nunca tivemos.

Antes nossa vida era muito natural, não tinha vacinas, não tinha comidas estranhas, não éramos contaminados. Uma vida muito natural,

sem proteção contra as coisas que chegavam. Muitos morreram. Alguns deixavam a aldeia por causa do contato que estava sendo feito com os *yara ey*, para tentar se salvar das doenças. Um grupo foi em direção ao sol poente, um grupo em direção ao sol nascente, outro seguiu no meio.

O nosso grupo ficou onde tinha sido feito o contato e o pessoal da FUNAI pediu para construir uma casa para tentar abrigar as pessoas que estavam morrendo de doenças. Nossa família construiu uma outra casa.

Desde que eu era pequeno, meu pai pediu ao cunhado para que cuidasse de mim, me preparasse para casar com a sua filha, mesmo antes de ele ter uma filha. Desde pequeno, cresci e vivi na casa do cunhado de meu pai. Eu e meu irmão mais velho. Nós dois éramos quase comprometidos com as filhas dele, porque no nosso costume as meninas casam com o irmão da sua mãe. Como o tio não casou com as sobrinhas, esse direito passou para os filhos, no caso, eu e meu irmão.

Quando eu tinha seis anos, meu cunhado fez uma festa para alegrar a todos. Eu era muito criança para assumir a festa como dono; meu irmão assumiu como dono da festa. Meu cunhado me respeitava desde que eu era criança, eu já tinha sogro e sogra. Meu sogro chamava-se Sasão.

A filha mais velha do cunhado fez *yatir* para mim. O meu pai disse que não era para ela me servir, porque ela já estava comprometida com meu irmão mais velho, era para a irmã mais nova me servir. Naquele tempo de muita doença o dono da festa morreu, meu irmão mais velho morreu, no tempo da festa a alegria se transformou em tristeza. Hoje essa irmã mais velha é minha esposa também, porque meu irmão mais velho, que seria seu marido, não estava mais vivo, fiquei com as duas mulheres. Esse também é nosso costume.

Um grupo de guerreiros foi acusado pelo *labiway* de ser culpado, de ter ido buscar a doença. “Agora vocês têm que buscar tratamento também”, ele disse. Esse grupo mesmo pegou sarampo e nem chegou onde estavam os brancos para pedir ajuda. Morreram no caminho sem levar a notícia. O sarampo, depois da tosse, era a doença que mais afetava o nosso povo.

A FUNAI pediu que eu ajudasse as pessoas que estavam doentes porque eu era novo e poderia fazer isso. Enquanto eu estava ajudando, eu também peguei a doença, o sarampo. O sarampo era uma doença que chegava com uma febre forte, deixava o corpo muito ruim, dormente, com manchas vermelhas. A febre não acabava nunca.

Muitos morreram por causa do sarampo. Eu não aguento contar essa história que aconteceu com o povo Suruí. É muito triste! Tinha pedaços de corpos de pessoas espalhados na mata, ossos, cabeças, é muito triste, não dá para contar.

Como meu pai era pajé, ele fumava muito para se proteger, proteger a mãe também. Eu peguei o sarampo muito forte. Fui curado pelo espírito para estar vivo até agora. Os espíritos ajudaram-me a me curar.

Quando eu estava doente eu sonhei. O irmão mais velho me perguntava o que estava acontecendo comigo e eu respondia: “Eu estou morrendo”. Então eu vi uma mulher muito bonita, perto de mim. Ela estava se escondendo, não mostrava o rosto. Ela tinha franja, os cabelos eram pretos e muito longos. Ela ficou por trás de mim. Meu irmão não tinha colar no pescoço, só colar na cintura e os objetos do pajé na mão. Ele ficou na minha frente, estava com o cigarro do pajé.

Eu ouvia a voz dela que dizia: “É para ele que estou pedindo ajuda, para que o ajude”, apontando para mim. Ela, essa mulher, pediu para que eu me deitasse de lado, e eu me deitei. Então ela pôs sua mão sobre mim, a mão dela era como o gelo, gelou todo o meu corpo. Aí eu acordei e não senti mais febre.

No outro dia eu vi meu irmão que estava ali me visitando. Perguntou-me como eu estava. Eu disse que estava curado, porque o espírito havia me curado. Ele colocou em mim a pedra de cura, *ysoah*, sinal do espírito em mim. Contei o meu sonho para ele. Logo depois ele disse: “Eu também estou ficando com febre, ficando doente”.

Ele piorou muito, muito rápido, à noite estava muito mal, no outro dia estava morto. Ele falou comigo como se estivesse bêbado: “Cumpra a minha tarefa, o sonho que eu tenho, você deve cumprir por mim”. Os dentes

dele, batendo, fizeram barulho e logo depois morreu. Eu fiquei como se estivesse sonhando, fora da realidade, não acreditava que ele tinha morrido tão rápido. A tarefa que me deixou era reunir todo o nosso grupo, o pai do Nabetân, Nabetân, também, para ficar junto conosco.

Mas, logo depois disso, Nabetân também ficou doente e morreu. Com as pessoas morrendo assim de doenças, os espíritos maus se aproveitaram e começaram a nos atacar e nos matar, dominando nossa aldeia.

Nabetân havia brincado com o Pipira; quando ele estava chegando, deitou-se no chão se fazendo de morto. O irmão ficou chorando, gritando muito, desesperado: “Meu irmão está morto!”. Então ele disse: “Eu pensava que você era meu inimigo, agora eu vejo que você é meu amigo, você chorou pensando que eu estava morto. Agora acredito que você gosta de mim”. Dois dias depois disso ele morreu mesmo. Eu penso que essa brincadeira provocou a morte dele. Não se pode brincar assim.

O meu irmão ficou com muita dúvida. Falaram que o veado havia passado por cima e pisoteado o corpo do Nabetân. Por isso ele estava doente. Meu irmão era o dono de *yatir*, estava preparando a festa na casa, pensando que todos iam se recuperar logo. Mas a doença matou todos. Estavam alegres, felizes na festa, e de repente a doença atacou e matou todos, muito rápido.

Quando a doença começou a matar muitos, um dos guerreiros conseguiu levar notícias para a FUNAI. A FUNAI então organizou uma equipe, se comunicou por rádio para enviarem um avião com a vacina. Aqueles que tomaram o remédio viveram, os que não tomaram, morreram.

Os *yara ey* pediram que eu fosse o primeiro a ser vacinado. Disseram: “Como você é um guerreiro forte, você será o primeiro a tomar. Assim os outros saberão que a vacina não faz mal”. Eu tomei a injeção muito doída primeiro. Depois da vacina, eles deram remédios. Seria um jeito de mostrar que o remédio dos *yara ey* também funcionava. As pessoas ficaram olhando e depois de tomar eu falei: “Eu não morri”. Os outros disseram: “Se você não morreu, nós também não vamos morrer”.

Nós tomamos remédio, tomamos soro. O soro era muito limpo, como espelho. Começamos a transpirar muito e assim passou a febre. Os que

ainda estavam vivos, sararam. As pessoas passaram a acreditar que podiam se curar. O helicóptero desceu dentro da aldeia com a equipe de socorro, num lugar de derrubada grande.

Depois disso começamos a pensar diferente. A maioria falou: “Nossos remédios da mata já não podem nos curar. Por isso vamos viver com os brancos. Só assim nós vamos nos salvar. Os remédios da mata não funcionam porque as doenças são fortes”. Assim, nós passamos a conviver com os brancos depois disso. Como eu disse que era culpa da FUNAI a doença chegar na nossa aldeia, eles decidiram criar uma equipe para tratamento na aldeia.

Naquele tempo os guerreiros eram valentes, tinham remédio para passar no corpo, para se proteger, como escudo, como armadura, para não serem atingidos. Eles eram muito importantes naquele tempo. Quem tem filhos chama aquele mais corajoso e forte para dar o remédio para que o filho fique valente, destemido também, para que seja seu seguidor, como um guerreiro. Outros não tinham esse espírito do guerreiro.

Eu experimentava tudo de que os outros tinham medo. Eu peguei uma arma de fogo e atirei, pela primeira vez. Fui o primeiro a vestir a roupa dos *yara ey*, dando a ideia para os outros também usarem. Fazia o que era proibido. Eu estava com o pênis amarrado, como na tradição, e vesti a calça por cima, não deu certo, tirei o amarrado. Os outros também quiseram a roupa. Pedimos para a FUNAI trazer mais roupas e eles trouxeram uma caixa de roupas para vestirmos.

O pai do Rafael, para mim, não era *labiway*. Ele queria ser. No dia que os *yara ey* atacaram, o Nema foi escolhido para ser o guerreiro. Ele tinha esse dom de guerreiro, não para ser *labiway*. Quem estava procurando a guerra foi quem achou os presentes dos *yara ey*. Nema estava procurando a guerra, ele só vivia aquilo.

Os homens podem ser muitas coisas na aldeia: *labiway*, escolhido pelo povo para ser liderança, para cuidar da aldeia; também os guerreiros que sabem caçar, para trazer alimentos para as pessoas que estão na aldeia e cuidam da segurança. E outras pessoas comuns, de vida comum, sem

uma função na aldeia. Aquele que queria ser *labiway* tinha que trabalhar na roça, construir casas no começo do verão. Ele não podia ficar sem fazer nada, parado dentro da aldeia, tinha sempre que estar trabalhando. Não se envolvia com a guerra. O guerreiro tem que estar sempre em movimento, tem que caçar, guerrear com outros inimigos, cuidar da sua aldeia para não serem invadidos.

Quando a criança é bem pequena, os adultos ensinam a carregar peso, a carregar muita flecha. Isso tudo acontecia quando a vida era mais calma. Eu fui treinado para ser guerreiro, mas como a guerra terminou, eu deixei. Eu faria esse papel. Os guerreiros tomavam conta de tudo, treinavam com o serviço mais pesado. Eram mensageiros que traziam notícias se algum *yara* ou outros inimigos invadissem a terra.

Eu era um desses guerreiros, fui o primeiro a tentar aprender com os mais velhos quando eles iam a um lugar pegar taquara para fazer flecha. Também fui o primeiro a seguir os guerreiros mais velhos porque eu queria ser um deles. Segui, não era uma das crianças que vivia sua infância dentro de casa. Eu admirava muito meu irmão, Nema, e outros guerreiros, por isso eu ia atrás deles quando eles saíam para algum lugar. Eu só observava, porque eu ainda era uma criança. Ele falava para que eu esperasse escondido num lugar. Ele matava o animal na primeira tentativa. Ele era muito bom na flecha, acertava como se fosse arma de fogo. Eu presenciei esses momentos com os guerreiros. Ele era o melhor. Eu queria ser como ele. Meu irmão mais velho queria ser o líder, por isso ele fazia *yatir*. Meu irmão me pediu: “Se ninguém depois de mim cuidar do povo, você deve cuidar”. Essa era a tarefa que ele deixou antes de morrer. Eu me lembro, naquela época ele pediu para todos trabalharem por isso.

Invasão e luta

Ao mesmo tempo em que estávamos enfrentando a doença, começou a invasão dos *yara ey*. Como estávamos morrendo, quem iria se importar? Tinha muita trilha dentro do território, muito *yara* entrando. Isso ao mesmo tempo que estávamos morrendo.

Depois da invasão dos *yara ey* no território indígena, os que foram para o campo, para a cidade, ficaram praticamente convivendo com eles. O restante pediu para mim, para o Oreia e Anine liderarmos a luta pela demarcação, para que os *yara ey* não invadissem toda a nossa terra.

Nema foi o primeiro que viu o lugar onde os brancos colocaram os facões, os espelhos para o contato. Ele viu primeiro porque estava procurando e matando os *yara ey*. Ele viu primeiro e pegou os presentes da FUNAI. Os seringueiros matavam muitos Paiter naquela época. Por isso o Nema foi em busca de vingança e encontrou um jirau com muitas coisas penduradas: facas, panelas, muitas coisas que os *yara ey* traziam.

Por isso ele cantou a música:

“O yara pediu a paz para não continuarmos guerreando e o matando. Por isso eu troquei minha faca pelo facão dele. Em sinal da paz minha e dele. Para que não continuemos nos matando. O yara pediu a paz e eu perdoei a morte que eles provocavam.”

Esse era o canto do Nema, o canto de sua vitória. Ele era um grande guerreiro. Ele que sabe cantar sua música.

Tudo isso, era naquele tempo! Nada foi o mesmo depois do contato. Os mais jovens queriam ser como os *yara ey*. Não queriam viver a sua cultura, deixaram de viver sua própria cultura para trabalhar para o *yara*. Os mais jovens trabalhavam para a FUNAI, eram empregados dos *yara ey*. Eu não fazia o mesmo porque, como eu era mais corajoso para enfrentar os inimigos, os outros queriam que eu ficasse junto deles, para defendê-los. Eu queria fazer a vingança contra os Zoró que mataram minha família, não queria ficar no posto da FUNAI.

Assumindo a liderança

Foi assim que os *yara ey* começaram a invadir nosso território. Eu estava lutando contra isso. Naquele tempo o Apoena pediu para que eu fosse conversar com ele à noite. Ele queria falar alguma coisa. Eu o chamei pelo nome e ele apareceu. Então eu falei: “O que você queria conversar comigo?”. “Irmão!”, ele falou. “Fico triste em saber que os brancos estão

querendo as suas terras. Você pode ir comigo a Brasília falar com os líderes do INCRA e da FUNAI sobre a invasão dos brancos e pedir ajuda a eles. Você vai brigar com o governo brasileiro. Eu vi a cara das outras pessoas e eles têm cara de passarinho. Só você tem cara de corajoso”. O Apoena falou: “Eu já observei todos, olhei o Dikboba, vários... e você é o único que me olha com respeito. Por isso quero que você fale com os líderes. Eu queria levar uma pessoa. Se você não quiser ir comigo eu posso escolher outro, mas se ele não for bem, como eu quero que seja, eu venho buscar você para ser meu assessor. Porque você é muito novo e as pessoas não vão te olhar como líder, se você for, não demonstre nenhum sentimento”, ele me aconselhou, “nem mesmo se emocione na frente das pessoas. Você pode até chorar, mas não passe a mão no rosto, não pare de falar, porque vão pensar que você está com vergonha, é criança”.

Depois disso viajamos para Porto Velho para conversar com o Governador sobre o assunto que queríamos discutir. O Governador disse para mim que ele não tinha autonomia sobre o assunto da terra. Ele só poderia mandar a Polícia Militar para averiguar o que estávamos falando, mas eles perseguiam o nosso povo, porque estávamos brigando. Ele disse que demitiria a polícia que perseguisse os índios.

Eu estava sozinho no trabalho de atração do Pakaa Nova¹ com o Apoena e depois disso o Anine e outros companheiros vieram e nos encontramos no Pakaa Nova. O governador perguntou: “Por que esses jovens são líderes?”. E o Apoena respondeu: “Por obrigação, porque eles não têm os mais velhos para defendê-los. Os mais velhos morreram”.

Depois disso os *yara ey* começaram a ter mais respeito pelos jovens que queriam ser líderes. O Apoena falou: “Quando você for na frente, falar dos seus direitos, fale na sua língua materna. Eu vou compreender o que você quer dizer e vou traduzir. Eu vou falar do jeito que eu imaginar que você está falando, eu vou falar por você, sobre os direitos, sobre a demarcação da terra. Pode confiar em mim, vou falar de tudo que é necessário”.

Era uma época muito difícil. Eu não sabia falar português. Nós não sabíamos o valor do dinheiro, não nos preocupávamos com nada disso. Não sabia o que iria acontecer comigo. Só queria viver em paz em nossa

aldeia. Hoje fico admirado porque, sem saber, eu lutei pelo melhor para o nosso povo.

Hoje não, hoje as pessoas querem ser melhores que as outras, eu vejo que as pessoas lutam só pelo seu próprio interesse, não ajudam o seu próximo e muito menos tratam bem uma pessoa desconhecida. Tudo é diferente do que era antes. Quando eu vejo essas coisas, isso me faz perder o chão, como quando se corta o cipó e ele fica balançando no ar. É como se alguém cortasse ao meio o meu coração. O pior é quando seu filho não te obedece, vai contra você.

Naquela época, o Governador falou que podia ajudar os Paiter a conquistar suas terras, mas que faria isso em Brasília. Não poderia fazer nada em Porto Velho, que teria que ir a Brasília falar com os líderes de lá. Foi assim que eu deixei o restante do grupo e viajei para Brasília com o Apoena.

Quando cheguei em Brasília, o Apoena conversava com as pessoas que para mim eram qualquer um, não a pessoa especial, com autoridade. Não gostei do que eu vi. Fui conversar com o Apoena e falei bravo: “Você está muito fraco, não vim perder meu tempo para falar com qualquer pessoa, vim conversar com os líderes que podem realmente ajudar, não com esses que você está falando”.

O prédio onde estávamos era muito alto. Então, depois de falar com ele, eu saí correndo e as pessoas ficaram procurando por mim. Eu fiquei perdido nos corredores do prédio e as pessoas alertaram os guardas para me procurarem.

Falavam por telefone com cada setor: “Tem um índio perdido no prédio!”. Quando eles me acharam, os líderes me perguntaram: “Por que você está se comportando assim, o que você quer?”. Eu disse: “Eu queria falar com os responsáveis, mas eles não querem me atender e é por isso que estou me comportando assim”. Chegou o Apoena e já era tarde, ele pediu para todos os guardas cuidarem de mim, não me deixarem sair sozinho. Ele me perguntou: “O que você vai querer para comer?”. E eu respondi que queria só guaraná e bolachas. Todo o dia era assim, só pedia bolacha e guaraná. Ele falou: “Bolacha? Esse alimento não é bom. Se você ficar

comendo bolacha, você vai morrer. Tem que comer comida de verdade”. Mas eu só queria comer isso.

No dia seguinte as pessoas ficavam comentando que um índio estava se escondendo nos corredores do prédio porque a cidade não era o seu lugar de origem, por isso se comportava daquele jeito. O Apoena me perguntou se eu ia almoçar e eu falei que eu almoçaria em qualquer lugar que ele comesse, mas só depois de falar com os líderes, eu iria comer.

Depois disso os líderes vieram e perguntaram o que eu queria. Eu disse que queria demarcar a minha terra. Eu queria o limite, uma cerca entre os Paiter e os *yara ey*. Queria falar com o presidente da FUNAI. Eu mesmo não sabia exatamente como era esse meu pensamento, como seria o cercado para proteger a minha casa. Ali estavam as pessoas que escreviam no computador enquanto eu falava, e foi quando o presidente da FUNAI chegou a mim e disse para eu ir embora. Era umas três horas da madrugada. O presidente falou: “Assim que você sair daqui e entrar no avião para ir embora, o que você pediu, a demarcação, vai ser encaminhado para aprovação”.

Essa Plantel, uma empresa que cuidava naquele tempo da demarcação, demarcava as terras do INCRA também. Era uma empresa particular ligada ao governo. Essas pessoas tinham desenhado os limites da área para eu trazer para a aldeia e também documentos para assinar.

Quando fui para Brasília, fui com o Apoena. Na volta, como eu estava sozinho e não tinha documento, fiz isso com o nome do Apoena. Só depois fiz o registro de nascimento e passei a ter certidão de nascimento. Quando viajei, tive que usar um crachá pendurado no pescoço com minha identificação. A equipe do avião me ajudou a sentar no lugar marcado. Havia uma pessoa responsável e me explicou que íamos para outro lugar, quando mudamos de avião.

Entrei no avião e viemos, Uoooo... Quando cheguei, alguém perguntou: “Onde está o cacique Itabira?”. Eu pedi para que ele chamasse os meus companheiros porque eu não iria sozinho. A FUNAI reconheceu os meus companheiros como líderes também. Eram o Anine e o Idiaraga, que passaram a estar junto comigo.

O Idiaraga estava junto naquele tempo, mas abandonou a luta. Acho que porque se casou. Depois que ele deixou o cargo, o Anine passou a ser o segundo líder. Eu ajudava porque eu praticamente fui criado pela mãe do Anine. Nós dois bebemos o leite do mesmo peito. Eu considero o Anine como meu irmão. Eu ofereci ajuda ao Anine quando ele estava na luta, na vingança de seu irmão, porque tinha gratidão por mamar no mesmo peito que ele. Em consideração à morte de Oreia, que era filho do irmão do meu pai. Pagamento de dívida.

Oreia era um verdadeiro Kaban, o clã do meu pai era Kaban, porque meu avô, com sua autoridade, assim decidiu, que ele seria Kaban como a mãe. O pai de minha mãe era Labnabih, era Ćameb. Oreia é da família do meu pai. Eu era considerado tio dele, o pai dele era do mesmo pai, as mães eram diferentes. Eu me orgulho do que sou. Quando eu e ele estávamos andando pela floresta, todas as frutas que encontrávamos ele comia com gosto e dizia: “Eu gosto de frutas porque sou uma árvore, esse é meu berço. Eu sou verdadeiro Kaban”.

Foi assim que conquistamos a demarcação. A história é muito grande, como estou doente não estou me aprofundando muito na história.

Quando os nossos pedidos não foram atendidos, nosso direito não foi respeitado, começamos a matar alguns *yara ey*. Eu acho que foi por sugestão da FUNAI que fizemos esse barulho. Assim eles teriam força para conseguir mais recursos para o seu trabalho. Com essa pressão que fizemos, nós conseguiríamos a demarcação. Quando a Polícia Federal tirava os colonos, a FUNAI ia junto para tirar e se responsabilizava por arrumar um lugar para eles ficarem, através do INCRA, em Rolim de Moura. A FUNAI alugava casas para eles, fazia um barracão para alojá-los fora do território indígena.

Desde que aconteceu o contato e os Paiter começaram a morrer, os colonos já tinham invadido e dominado as terras e depois que a demarcação saiu, os Paiter tiraram os colonos. Porque esse era nosso território, muito antes. O INCRA se responsabilizou dando outras terras para os colonos.

A FUNAI pediu para o Apoena buscar os Paiter que estavam em Espigão do Oeste. Não foi fácil buscar o pessoal em Espigão, eles não queriam sair

de lá. Não foi por sua vontade que voltaram. Foram obrigados a voltar para a nossa terra. O Apoena correu risco de vida, porque o Carlão queria matá-lo. Os Paiter não queriam voltar para nossa reserva, por isso os *yara ey* estavam revoltados e queriam matar o Apoena.

Aliados na luta

Nós lutamos muito para acontecer a demarcação. Nessa luta nos encontramos com o Ailton Krenak. Ele era nosso parceiro, nos ajudava. Ele criou uma organização, a União das Nações Indígenas, dizendo que só através de uma entidade o povo indígena poderia defender a nossa terra. Ele trazia muita notícia boa. Nós acreditamos e também criamos a Metareilá para nos defender de outra maneira, sem a flecha e o arco. Brigando com a letra, com o documento.

Com o apoio do Ailton, encontrei outros companheiros: Paulo Nonda, Paulo Bororo, Antonio Apurinã, Biraci Brasil, Jorge Terena. Muita gente que também estava na luta eu conheci através do Ailton. Naquele tempo colocamos o Ailton como representante da comunidade indígena, todos apoiaram para ele ser o principal líder.

Depois, quando ele estava trabalhando, algumas pessoas foram contra ele, como hoje acontece aqui. Um derruba o outro e o povo fica fraco, não tem forças para lutar contra o inimigo. Quando isso aconteceu, todos os índios estavam unidos, com o Ailton nós éramos muito poderosos. Por isso começaram a persegui-lo. Foram os Macuxi, de Roraima, os índios da Amazônia, que começaram a perseguição.

Quando ele foi derrubado nós ficamos fracos. Quem derrubou não tinha capacidade para liderar como ele, nosso movimento acabou. Orlando Baré foi o responsável por essa manipulação. Eu me lembro muito bem que quando aconteceu isso ficamos sem força, não havia mais conselhos, quem ajudasse a arrumar passagem, abrir portas em Brasília, ensinar como lutar, como falar com o governo. Por isso não tinha mais o movimento. Ninguém mais faz como ele fazia. Foi a inveja do Orlando Baré, porque ele achava que seria mais capaz do que o Ailton. Mas Ailton fazia

muito melhor, representava o país inteiro, toda a população indígena. Ele sabia como fazer. Por causa do Orlando Baré nossa força foi prejudicada. Nossa luta acabou. No dia em que isso aconteceu é como se tivessem me matado, não tinha mais forças.

Eu sou indígena, se acontece com outro indígena uma coisa ruim, é como se fosse na minha pele. Fiquei muito triste, muito doente, até hoje. Antes de derrubarem Ailton, muito antes, muitos... muitos milhões de índios foram mortos pelos brancos. Eu sinto muita dor por isso. Quando a gente encontrou o nosso líder, era para ajudá-lo. Eu tenho esperança de que Ailton ainda possa voltar como nosso coordenador. Quando os índios começam a brigar um com o outro ele diz: “Está bem, pode deixar o jovem assumir no nosso lugar. Se ele não conseguir fazer uma coisa boa, nós vamos aparecer como um peixe grande, como tubarão, engolir o peixinho, e nós vamos seguir a nossa carreira”. Tenho esperança que ele volte novamente como nosso líder.

Ailton Krenak falava muito bem dos líderes, ele conhecia o Pio Cinta Larga, Catarino Sebirop, Domingos Terena, Álvaro Tukano. Esses são como peixes grandes, esses líderes que conheci primeiro. Espero que isso aconteça. Como ele estava representando muitos indígenas, conhecia muito o trabalho, coordenava o país inteiro, chamava os outros povos, fazia muito barulho, os índios apareciam muito na imprensa, tinham voz, estavam na mídia. Depois que ele caiu, nós também sumimos. Agora eu não saberia com quem falar. Nem dentro do povo Suruí eu saberia com quem falar. No lugar de ajudar, alguns derrubaram. Eles deveriam assumir o mesmo lugar, coordenar, chamar. Os jovens deveriam ser formados, aprendendo com os guerreiros mais antigos, para depois, quando eles morrerem, assumir o seu lugar. Como acontece com os *yara ey*, a pessoa estuda, faz doutorado e assume o espaço. Mas fizeram o contrário, derrubaram nosso líder e ficou por isso mesmo, ninguém assumiu, nem avançou, não temos mais o poder.

Candidatura

Eu tenho experiência, na hora em que eu me candidatei a vereador, o juiz me prejudicou. Disseram que a lei proibia que o analfabeto fosse candidato. Precisava ser estudado para ser autoridade. Eu contratei um advogado para me defender. Ele disse: “Vamos fazer uma prova também para o juiz. Você pergunta para ele na sua língua – como vai você? Se ele não responder, você diz: Eu tenho duas línguas, como você tem autoridade, doutorado, se não entende o que eu estou falando?”. Quando fiz isso, o juiz ficou com muita raiva. Eu sabia que tinha direito a recorrer de novo. Eu fui falar com o juiz em Cuiabá e disse: “Eu me candidatei três vezes em Riozinho, agora me candidatei em Rondolândia, eu sou doutorado na cultura do meu povo, sou estudado, há muito tempo sou chefe dos Suruí”.

Quando contei essa história, ele se emocionou, chorou e disse: “Você fez isso na sua carreira, lutou bastante? Se eu falar que você é analfabeto, eu estarei xingando o meu país porque você é mais brasileiro do que eu. Vou torcer muito para que você passe”.

O outro juiz disse que eu não poderia ser candidato porque não tinha escolaridade, então eu disse para ele me dar uma prova: “Mas para garantir que você é doutorado, você também terá que passar na minha prova. Se eu não passar na sua prova vamos ficar empatados”. Então ele disse: “Está bem, você pode concorrer porque com certeza eu não vou passar na sua prova”.

Os meus inimigos, os candidatos contrários, falaram que eu não era morador de lá. Continuei brigando. O juiz disse que se eu ganhasse a eleição ele iria ver se realmente eu morava na minha casa, na minha aldeia. Ele foi. Eu disse: “Este é meu lugar. A reserva indígena demarcada fica a 2 km de Rondolândia. Pertence ao município de Rondolândia, é aqui que eu moro”. Naquele dia ele me deu o meu diploma: “Você é morador daqui e tem compromisso com os índios e os não índios”. Ele me pediu desculpas pelo que havia feito comigo.

Eu tenho poder, quando eu quero fazer alguma coisa eu consigo. Fui candidato e consegui ser vereador, criei muitas organizações; quando que-

ria a demarcação, demarquei a terra. Todos os planos que eu tinha, eu consegui realizar, por isso acredito que tenho muito poder para fazer as coisas. Já fui empresário, antes de ser vereador tinha uma linha de ônibus. Quando resolvi vender a linha, vendi e vim para cá. Isso por causa de pessoas bêbadas, de ameaças. Por isso vendi minha empresa. Eu tenho condições de fazer o que quero, sou capaz.

Eu sempre falo que Anine também tem muita competência, faz coisas boas, tem muita coragem e tem condições de fazer o que quer. Eu falo para meu filho: “Ele é muito inteligente, muito poderoso, corajoso, é a única pessoa que fez coisas boas para os Suruí. Eu tenho prova. Eu o admiro muito. Quando ele estava demarcando a terra tinha pessoas muito perigosas na Linha 8, ninguém conseguia tirar aquelas pessoas. Ele chegou com os policiais e comandou a retirada. Se não tivesse tirado, eles ainda estariam lá. Ele mora na Linha 5, tem 600 alqueires, por isso ele tem muita terra, esse homem perigoso da Linha 8.

Não sou melhor do que ninguém, sou uma pessoa simples, educado, não quero que ninguém me elogie. Por isso mesmo, Anine é importante, tem caráter, é muito educado, muito humilde como líder verdadeiro, tem todas as qualidades. Por isso serviu muito a meu lado. Eu queria ter essa pessoa do meu lado, gostei de sua maneira de agir, de pensar, de falar. E hoje? As pessoas que são muito gigantes, muito orgulhosas, não conseguem nada.

.....

1 Pakaa nova – nome de um povo indígena do oeste de Rondônia onde a FUNAI tinha equipe para estabelecer o contato.



Nema Uredmilar Suruí



Como meko, a onça

Nasci na mata, onde não havia *yara*, só havia floresta. Eu nasci no meio dela. Nasci e cresci vendo meu pai governar, ele era *labiway*, o líder, ele era construtor de casa, ele chefiava o clã dele. Depois que construía *lab*, as casas, saía andando na floresta, onde parava e observava se havia vestígios de inimigos. Eu cresci observando ele fazer isso. Toda esta floresta, ele já andou. Ele já comandou tudo isto aqui, toda esta floresta. Ele me explicava que fazia isso porque estava preocupado com o meu futuro, estava preocupado onde eu ia construir minha família, onde eu ia criar meus filhos, onde eu ia viver. “É preciso expulsar estranhos da floresta, desocupado este seu lugar”, assim ele explicava. “Ali, na beira do rio, eu queimei *lab* de inimigos, ali eu expulsei os *yara ey*, tomei os facões deles”, assim ele contava. “Depois eu expulsei outro que estava morando na beira do rio”, assim ele contava para mim. “Essa foi a minha forma de *labiway*”, ele explicava. “E você é herdeiro disso, mas vejo que você não é capaz de fazer igual a mim. O que aconteceu com você? Você deveria dar continuidade àquilo que fiz. Você não é capaz de cuidar da floresta, você não constrói aldeia, você não fabrica pilão, você não faz roça como eu fiz. Você não sabe como fazer um caminho aberto até o rio para que seu povo possa caminhar livremente, chegar até o rio. Eu vejo que você só é capaz de guerrear com quem está invadindo nosso território, por isso, quando vejo você saindo com esse objetivo, já não temo. Sei o que você está fazendo e sei que você vai voltar; e quando volta, você conta dos grandes feitos para mim. E sabedor disso, eu não temo quando você vai enfrentar perigo, porque sei que você volta.” Assim ele falava para mim. “Esse é o seu dom, você não tem o dom de todas as coisas, como eu tenho.” Ele explicou assim para mim.

Eu procurei ser como ele, da forma como ele tinha me educado. Como ele, habitei esta floresta, tomei como missão tudo o que ele tinha me ensinado, já andei por toda esta floresta. Andei por onde agora é a Fazenda Catuva, Fazenda Castanhal. Já expulsei vários invasores da beira dos rios, de todas estas terras. Isso foi o que fiz. Acho que fiz grandes coisas. No meu pensar, fiz coisas sem igual. Hoje vejo que fiz o que não deveria ter

feito. Fico imaginando que eu já fiz coisas impossíveis. Eu já fiz, sim. Quando andava na floresta, já matei onça, matei gavião parado. Matei onça quando ela estava comendo o caititu, e usando o couro dela, matei mais animais aqui, gente de outros povos. Fiz com eles como fez Meko, a onça dos meus antepassados, quando comeu o seu escravo.

Isso aconteceu assim, antigamente. Essa onça é do tempo da criação e junto dela o pai também foi criado. Contam que o povo Kiran estava nos envenenando. O pai ordenou que fizessem a vingança. O pai deles tinha um filho onça, que ele escondia. Então ele, o pai, ordenou a esse filho onça que ele mantinha escondido que fosse comer aqueles que os estavam envenenando. “Vá e coma! Antes que eles consigam fugir.” Contam que o filho onça foi correndo, enquanto os inimigos estavam na antiga aldeia, alimentando-se de cará. Contam que já era noite quando ele avançou no Kiran que estava deitado na rede. Ele, onça, confundiu os pés com a cabeça. O Kiran estava na rede com o filho deitado no peito dele. E quando a onça deu o bote errado, mordeu os pés, achando que era a cabeça dele. Mordeu, mordeu, mordeu os pés achando que era a cabeça, avançou mais adiante, para atingir o corpo. Foi quando atingiu o filho que estava sobre ele, perfurando o corpo do filho no meio. Contam que então conseguiram expulsá-lo, batendo com lenha acesa nele. Estressado com o ocorrido, ele, a onça, estava caminhando de volta quando o serviçal de seu pai o encontrou no caminho, assim contavam. E, ao vê-lo, o serviçal correu e subiu na árvore. “Por que você foge de mim, se nem consigo pegar o inimigo certo?”, disse ele. Contam que ele avançou e derrubou o serviçal do alto.

Estou contando isso porque foi assim que fiz. Fiz como ele, onça, fez. Estava usando o couro da onça que eu tinha matado. Eu tirei o couro da minha cabeça e coloquei na cabeça do inimigo morto. “Este aqui comeu vocês, animais! Por minha causa, agora se alimenta de vocês, *Itxanguêi*.”¹ Eu o imitei quando coloquei o couro da onça na cabeça do inimigo morto. E saí correndo.² Estou contando o que fiz, eu não fazia mais nada além disso. Eu fazia apenas isso, a guerra.

Eu nasci para ser guerreiro. Eu tinha muita sabedoria sobre esse assunto. Um dia o irmão do meu pai falou: “Vou ajudar o meu primo a guerrear,

a matar os inimigos”. E meu pai disse: “Você não tem dom para isso. Ele é o guerreiro, nasceu com o dom para matar a caça, para guerrear. Você tem dom para ser o *labiway*”. Então ele ficou quieto, deu razão para mim. Eu era assim mesmo.

O encontro com o yara

Hoje tenho compreensão, assim busco algo. Tenho compreensão, sim! Com experiência, vejo que não é assim, fico separando as coisas. Fui eu o autor do contato com *yara ey*, e os meninos tiraram isso de mim.

No passado, quando eu vivia na floresta, o *yara* me feriu. Nessa época eu era respeitado. Eu estava dormindo, quando o *yara* tentou me matar. Por isso o *yara* não conseguiu fazer o que queria comigo, porque eu era respeitado. Meu irmão matou o *yara*. Fez minha vingança. Fez como ele fez comigo, o matou. Lá estava ele, caído no meio do terreiro. Esse é nosso princípio. Esse é meu princípio.

Contavam antigamente que os Paiter matavam seus inimigos ao ser atacados. Essa era a lei que me conduzia, já que eu era Paiter, vivia como Paiter. A lei me conduziu desde o princípio porque eu sou humano. Mas não faço mais essas coisas. Ninguém faz nada sozinho. Sozinho ninguém se torna poderoso. Sozinho, acabamos no nada, ficamos sem ação. Só somos alguém poderoso se temos companheiros. Às vezes fico imaginando: eu sou da floresta e agora estou sem ação, não posso voltar ao que eu era antes. Fico pensando isso comigo.

Quando eu fui para outro lugar, rio abaixo, para o sul, nessa época Apoena pendurou os facões no caminho por onde eu passava. Não dei importância quando outros guerreiros pegaram os facões porque eu estava bravo, eu só vivia com a flecha em punho, eu não gostava de nada que era fácil, gostava daquilo que era difícil. Eu fui o responsável pelo *yara* fazer contato com nosso povo, por Apoena fazer isso, Chico Meireles era o nome do pai dele. Ele estava junto. Foi assim que os Paiter se misturaram com os *yara ey*, logo depois que fiz essas coisas. Eu questiono: “Palob, por que o *yara* veio mudar meu caminho?”. Palob me trouxe até eles, eu não vim por

mim, foi Palob quem me trouxe. Sou muito grato a Palob por isso. Pelo fato de ele fazer com que os *yara ey* fizessem contato comigo e me tirassem da guerra, assim escapei da morte.

Quando os meninos fizeram contato com os *yara ey*, eu reclamei que era para ter sido eu. Então resolvi fazer contato com outros grupos de *yara ey*. Foi quando eu cheguei ali no Espigão do Oeste, onde eles já estavam abrindo cidade, mais ou menos a esta hora. Anoiteceu, e eu ali, próximo deles. No dia seguinte acordei e me aproximei. O *yara* estava tirando lasca de paxiuba³ e fiquei observando, escondido; eu estava com meus irmãos mais novos. Ali estava só meu grupo. Costumo contar que essas ações eram meus atos de coragem. Eu era muito corajoso quando eu era jovem. Assim eu coordenava: “Você pega esse, você pega esse, você pega esse, você pega esse”. Organizava o grupo para pegar os *yara ey*. Eram cinco. Na quantia certa, também éramos cinco. Então eu mandei que meus irmãos mais novos os pegassem, eu fique só na guarda deles. Não tivemos medo de ser atacados, que eles nos ferissem com facão ou machado. Então os agarramos por trás. Enquanto um gritava, íamos agarrando os outros e eu parti para cima. Agarrei o Robertão, que era enorme! E aí, enquanto ele gritava, eu falei: “Estamos nos vendo, estamos nos vendo!”. E batia nas costas dele. Foi quando ele ouviu o que eu estava dizendo, que estávamos nos vendo, nos conhecendo, então ele parou de gritar. Quando fizemos isso, os *yara ey* que estavam ali na cidade, correram; as mulheres correram, os homens correram, todos fugiram e só ficaram alguns que tinham mais coragem. Ficaram ali, encurralados nos cantos de suas casas. Ali parecia um deserto, nesse momento, porque todos fugiram. Então saí dizendo: “Sou eu, sou eu!”. Tirava os *yara ey* do meio do mato, onde eles tinham se escondido. Assim os conquistei para nós, enquanto a FUNAI estava fazendo o mesmo conosco.

Foi assim que naquela época eu apareci para os *yara ey*. Então os meus parentes, depois que fiz isso, foram se misturar com eles na cidade. Depois que fiz o contato. Por isso, quando os *yara ey* me veem andando em Espigão, dizem: “Foi esse que fez contato comigo”. Os que me conhecem falam assim.

Quando a FUNAI fez contato com nosso povo, eu também fiz igual, para não perder. Era para ser eu, na época, se eles deixassem, eu ia fazer contato com eles. Isso aconteceu quando eu já os tinha na mão. Isso aconteceu quando eu já estava ameaçando matá-los, com arco na mão. Estava me preparando, porque estavam pendurando facões para mim. Por isso cantei assim, com arco atravessado, sentado, ao amanhecer:

Estou planejando, já estou com planejamento em mente de deixar o tempo da vida triste; Matar o dono da vida, deixando o tempo da vida triste, tirando a vida dele.

Sou programado para matar, tirar vidas, deixando o dono da vida triste, tirando a vida dele. Já deixei que o dono da vida vivesse o bastante. Passa da hora de matar o dono da vida, deixando o dono da vida triste no tempo;

Eu planejei, planejei tirar a vida do dono da vida, deixando a vida do tempo triste, assim planejei.

Assim eu fiz, com o arco atravessado, sentado ao amanhecer. Só isso, eu fiz. Passei o tempo vivendo, fazendo só isso. Já andei por toda esta floresta, espantando os inimigos.

Eu cantei porque estava em vingança, porque o *yara* baleou minha esposa, minha família, eu sabia que o *yara* estava lá, o que matou meu irmão, minha irmã. Eu fui e matei. Quando eu estava voltando, encontrei um caminho muito limpo e segui. Pensei que ia matar mais inimigos que tinham aberto aquela trilha, então encontrei o tapiri com muitos facões. Eu pensei: “Que coisa estranha é essa?”. Cheguei ali e vi muitas panelas, facões, tesoura, espelho, até cocar. Eu pensei: “Quem deixou isso tudo? Até cocar?”. Eu peguei minha flecha e apontei, procurando pelo inimigo. Eu não queria pegar facão, só queria matar, estava com muita raiva, só queria vingança. Os outros que vinham junto pegaram o facão, eu não queria o facão, só vingança. A mesma flecha que eu queria usar para matar, eu deixei no lugar do facão. Meu pensamento era: “Essa era a flecha com que eu queria matar você”. Não sei se ele entendeu. A minha flecha era poderosa demais, uma flecha tão linda, um símbolo de guerra. Então eu cantei:

O yara pediu a paz, eu queria matar. Eu aceitei a paz. Eu fiz a troca. No lugar do presente, deixei minha flecha. A flecha como se fosse eu mesmo, na presença do

yara, meu espírito de guerra. Meu espírito ficou lá. Não venci, nem perdi. Alguém morreu, minha família também morreu. Houve um empate. Para não acontecer mais mortes, aqui estão os presentes. Assim fica o sinal de que a guerra acabou.

O meu canto de guerra hoje não é o mesmo daquele tempo. Minha voz hoje não tem gosto. Naquele tempo meu canto era muito lindo.

Quando eu estava acompanhando a demarcação da terra eu disse ao fazendeiro: “Alguém vai estar enganado quando disser que esta floresta lhe pertence”. O fazendeiro me disse: “Você está roubando minha terra”. Eu respondi: “Esta terra é minha! Muito antes de você aparecer, eu já andava por aqui demarcando meu território. Depois você veio e roubou minha terra. Quando coloco marco da demarcação, você vem e tira, e coloca mais para dentro da minha terra, segue roubando e agora vem dizendo que eu estou roubando? O intruso aqui é você!”, respondi para ele.

Eu sou aquele que chegava fazendo barulho, chamando a atenção de muitas pessoas, para mim isso é fazer muito. Chegava tocando flauta, chegava assoviando e outros homens se escondiam de mim, tinham vergonha de mim. Eu me sentia superior, por causa disso. Eu me sentia poderoso. Assim eu sou. Matava muita caça! Eu era homem, né? Não achava que era difícil matar caça. Matava caça para todas as pessoas, servia carne para todas as pessoas, fazia isso para mostrar que eu era homem. E eu sou Paiter, eu sou aquele que ocupou o lugar dos que se chamavam de Paiter, gente de verdade, ser humano. Eu sou aquela pessoa que quando veem, dizem: “Ah! Olha aquele Paiter! Ele não é qualquer um, ele é alguém importante!”. Quem sabe da minha origem pensa isso de mim. Meu pai era *labiway*. Meu avô dizia para meu pai: “Eu sou Kaban, porque sou filho de Kaban. Já você, pode ser Paiter, porque você é filho de Paiter. Sou seu pai, mas minha origem é Kaban, sou filho de Kaban e você nasceu filho de Kaban e por isso você pode dizer que você é Kaban, não há outro que pode ser como você. Só sua origem é assim”, dizia ele. E por isso, hoje eu sou Kaban. Algum tempo atrás eu ainda dizia ser Ğameb, depois decidi assumir ser Kaban e todos os meus filhos são também, e os seus filhos serão também, para sempre. Como sei da minha origem, eu sou, e por isso meu nome é Kaban, Kaban!

É isso, estou contando que eu nasci nesta imensa floresta, não tinha *yara* aqui, não existia *yara* e eu achava que também não existiam outros povos indígenas. Achava que só eu existia e que eu era dono de tudo isto. É, eu nasci muito importante, nasci no meio de um povo, povo unido, grandes casas cheias de gente, sem divisão, era muita gente mesmo. Da porta da casa faziam grandes caminhos, limpos, até o rio. E nos interiores das casas, grandes pilões cheios de *yatir* para as festas. O líder do povo é aquele que oferece *yatir*. O segundo líder é aquele que organiza seu clã para beber *yatir*. São eles que dividem suas tarefas entre os seus clãs. Cada chefe de família é líder para servir ou ser servido. Cada dono de *yatir* sabe a quem servir. Já os que bebem *yatir* se organizam em fila conforme suas posições. É assim. O líder diz: “Vem, fique aqui perto de mim!”. Coloca um banco para que ele se sente. “Eu deveria oferecer um alimento melhor, mas este é o que tenho para oferecer!”. Então serve, na boca dele, uma panela grande, cheia de *yatir*. Antigamente as pessoas serviam *yatir* forte.

Meu pai contava que foi *labiway*, porque cuidava do povo, mesmo o povo não o respeitando. Ele fazia tudo por eles, porque era dono deles. Ele dizia que ser chefe era ignorar a teimosia dos membros de seu povo.

Eu andei por todos os cantos desta floresta, andei por todos os lugares onde hoje existem cidades, já andei ali onde hoje é Ji-Paraná, tudo ficou próximo porque os *yara ey* dividiram, construíram estradas, mas tudo isso já foi uma imensa floresta.

Eu gostava muito de fazer guerra, eu gostava quando outros povos nos ameaçavam. Houve uma época, quando eu era menino, em que os parentes mataram meus irmãos. Mas eu recuei, porque eu ainda era menino, não sabia o que fazer, fiquei com medo. Mas passou algum tempo e logo virei homem, então entendi o que fizeram. Eu tinha uns 14 anos. Eu já namorava, dava umas fugidinhas. E quando fiquei maior, eu já andava planejando fazer algo para me vingar. Aí cresci. Foi quando eu peguei à força o facão dos *yara ey*. Isso aconteceu quando estávamos lá, onde funciona o garimpo hoje. Os *yara ey* já estavam bem próximos. Eu achava que eles ainda estavam bem mais distantes, mas estavam logo ali.

Quando voltava, depois disso, ao me aproximar da aldeia me preparei e fui assoviano para chamar a atenção. Foi quando alguém disse: “Silêncio, estamos com medo. Zoró está andando com uma tocha de fogo pelo meio da aldeia”. E as pessoas vieram correndo ao meu encontro, quando viram que era eu. Alguém me falou: “O inimigo está andando com uma tocha de fogo lá na roça de seu pai!”. Na época estávamos divididos em grupos, um grupo ali, outro ali, outro acolá, e assim, estava só o meu grupo na aldeia do meu pai. E como eu tinha chegado ao anoitecer, dormi ali mesmo. As pessoas falavam que o inimigo tinha apagado o fogo bem ali próximo! Assim eles diziam. E meu pai estava lá.

O ataque dos Zoró

Aconteceu assim: o inimigo veio caminhando e ao chegarem próximos da casa, não sei o porquê, mas ainda faltavam alguns metros para chegarem, sem mais nem menos resolveram voltar. Não perceberam que ali tinha gente.

Então, quando amanheceu eu falei: “Estou indo para lá”. E fui. Chegando, vi muita caça moqueada e mais caça cozinhando. Ao me verem, as pessoas me receberam e me contaram o ocorrido. Contaram que viram alguém carregando tocha de fogo. Com preocupação, contaram que o seu irmão tinha ido atrás para encontrar mais vestígios e que quando ele voltasse mudaríamos de aldeia.

Ali estava sentado o meu irmão mais velho, ouvindo tudo. Olhei para ele e disse: “Irmão, as pessoas estão dizendo que é inimigo?”. “Sim. Estão dizendo”, ele respondeu. Então falei: “Pois então, são esses que mataram nossos irmãos, não é?”. “São eles! E parece que estão nos provocando, se oferecendo, sabendo da culpa que têm, né?” “Todo esse tempo, foi o tempo de eu crescer e planejar vingança. Poderíamos segui-los.” Comentei com ele. “É verdade”, respondeu ele. “E não tem mais ninguém, a não ser nós mesmos, para vingar os irmãos mortos. Tudo bem, então vamos fazer!”

“Pai, podemos fazer isso?” Consultei o meu pai. “Claro”, ele disse. “Vocês é que sabem o que fazer.” Então fomos. Marcamos um ponto estra-

tégico de encontro para deixar nossas mães. E junto foram outros grupos. Estava o meu grupo, o grupo dos meus tios e o grupo dos Gãmeb. Então fomos, e eu cantei assim:

Você já era! Você já era! Minha onça! Ô minha onça! Você já era! Fazia tocaia nos nossos caminhos, agora você vai deixar de fazer isso. Minha onça! Ô minha onça! Vou fazer com que você deixe de fazer tocaia em nossos caminhos, sou homem como você, e vou tirar isso de você, com meu arco. Estou dizendo para ele: você já era! Depois de fazer várias tocaias em nossos caminhos, você já era! Estou dizendo para ele: você já era! Estou dizendo para ele: Você já era! Você já era! Fazia tocaia em nossos caminhos, com o seu arco, com que você fazia isso, já era! Ô! Você que fazia tocaia! Estou dizendo para ele: vou buscar o arco, com o qual foi feita a tocaia. Depois que eu fizer você abandonar o seu arco. Com o meu arco vou tomar o arco de você. Estou dizendo para ele: você já era, já era! Estou dizendo para ele: você já era! Depois de fazer várias tocaias em nossos caminhos, já era! Assim falarei para ele.

E não ficou só nisso, não. Foi dito e feito, prometi que ia fazer e cumprir. Eu costumava verificar os locais depois dos ataques. Dificilmente as pessoas faziam isso, mas eu fazia. Quando a gente abate um animal, verifica o lugar. Então, assim também eu fazia, para depois não ficar com dúvida, para não falar que matei, sendo que não havia matado.

Então, assim eu fiz! Fui lá e avistei um corpo caído. Olhei mais adiante, lá estava outro. Foi quando o meu tio disse: “Pai! Você já fez aquilo que planejou, então precisamos ir agora. Eles não estavam sozinhos. Com certeza estavam na frente dos outros que neste momento já estão de tocaia”. Então saiu correndo. Quando me lembrei do que falei, voltei e peguei duas flechas, deixando outras para trás, peguei as mais fáceis de pegar.

Meu pai dizia para mim: “Os inimigos mataram o meu cunhado e presenciei tudo. Eu não busquei vingança porque fiquei com sequelas de outro conflito, não tenho muita agilidade em um dos meus braços, por isso deixei os inimigos viverem. Se eu estivesse perfeito, como você, eu teria acabado com eles. E sei que você tem coragem, vejo isso em você”, ele disse. “Quero que um dia você vingue a morte dos meus cunhados, faça isso por mim”, ele dizia para mim. “Eu vou fazer arco para isso, para

“você. Você assumirá o meu posto, vai fazer igual como fiz e quando isso acontecer, você será eu. Eu vou estar lá em você. Por isso vou assumir suas culpas, em qualquer lugar.” Assim ele falava para mim.

À imagem do pai

O pai daquele que matou o dono do revólver dizia, quando me via: “Nossa! O homem fez o filho! Você carrega seu arco como seu pai carregava o arco, filho dele”, dizia ele. “Ele, quando jovem, usava seu arco como se fosse enfeite corporal e o filho é do mesmo jeito!”. Ele falava assim quando me via.

Meu pai dizia que eu não era como ele, que eu não conseguiria fazer *yah iter*.⁴ Demorei a aprender. Levei algum tempo para pegar prática, ali embaixo no Agoykira,⁵ foi ali que aprendi mesmo. E ali no Labgabeub,⁶ peguei prática, já estava profissional e logo depois nos espalhamos e acabei esquecendo. Eu me tornei homem bem distante daqui. Nasci e logo me tornei homem.

“Você não é capaz de fazer como eu, fazer *mebesin*, *waiam-amotingah*, fazer *mebesin-iter*, fazer *mebesingira*, fazer *mebesinalawam*, fazer *mebesinlapoma*, fazer *lagantanga*, e fazer *lagatangalapoma*, fazer *moribgoxar*, fazer *ixakub*, fazer *mebesinapomuin*, todos os tipos de flecha que eu faço”, ele falou para mim. Ele era muito inteligente e eu não aprendi, porque quem aprende a fazer flechas é quem fica parado na aldeia. Como eu andava muito, isso não era para mim. Mas eu tinha outro dom. Achava que enfrentava a multidão sem temer, enfrentava todos, esse era meu perfil. Meu desejo era causar terror, causar pânico. Ele dizia para mim: “Seu filho jamais será como você, jamais fará como você. Você jamais fará como eu, como corto a pena do gavião”.

Lembro que Yab Nabi um dia o procurou com uma pena de gavião na mão e disse para ele: “Sobrinho, eu estraguei a pena da minha flecha”. “Que é isso, koko,⁷ não é difícil arrumar uma pena danificada, tio!”, dizia ele. “Faça assim, é muito fácil!” E ensinava Yab Nabi. Pegava a ponta da faca e dizia: “Observe bem!”. E passava a faca, zzzzz! “Faça assim! Olhe!” E fazia todo o acabamento para ele. “Nossa, sobrinho, agora você cortou

perfeito!”, dizia ele. Ele, meu pai, pedia para o seu grupo fazer flechas e dizia a eles: “Vocês vão confeccionar flechas e depois vão trazer até a mim, todos juntos, para que eu veja quem consegue fazer melhor”. E assim as pessoas faziam. Depois que passavam dias confeccionando flechas, faziam filas, e o tio dele era o primeiro a se apresentar. Então ele fazia a correção dos defeitos da flecha dele. Assim ele ensinava até o tio! Imagina como ele ensinava os seus colegas! Ele também fez correção na flecha do meu cunhado, que era cunhado dele. O cunhado disse para ele: “Como fui na confecção?” Ele pegou a flecha, olhou e disse: “Cheio de defeitos e mal costurado. Faça assim, olhe!”. E fez as correções na flecha dele. Depois entregava: “Já fiz as correções”, dizia ele. Ele era muito inteligente, as flechas dele eram perfeitas, pareciam envernizadas, de tão bem-feitas que eram.

Lembro-me de um fato que ocorreu entre ele e o colega dele. Isso ocorreu pouco antes do falecimento deles. O colega disse: “Irmão, por que seu arco é assim, menor? Parece não ter impulso, mas é muito bem envernizado”. Ele olhou disse: “Esta é uma obra perfeita”. “Sei do que você está falando, o seu arco parece até nariz de anu, de tão malfeito. Este aqui, que é uma obra perfeita”, respondia o seu colega. “Não, isso não é arco, não”, dizia meu pai. Pegava seu arco, que estava ali próximo, e mostrava: “Isto é que é arco de verdade!”. O outro respondia: “Não, eu confecciono melhor que você!”. Então, já se dando por vencido, meu pai dizia em voz baixa: “Ei! Não se esqueça de que fui eu que te ensinei!”. E então, ele dizia: “Verdade, desculpe-me! Estava esquecendo esse detalhe”. E meu pai dizia: “Você aprendeu comigo, aprendeu a fazer linha para o arco. Aprendeu comigo a fazer acabamento do arco. Apreendeu comigo a fazer *mebesin*. Você aprendeu comigo a fazer acabamento da pena de gavião. Você “prende” comigo as pintas nas costas de uma flecha. Você aprendeu tudo comigo, você não ia aprender nada sozinho. Lembro que você fazia flecha com a ponta quadrada e as garras desencontradas, mas depois você viu como eu fazia e foi aprendendo e então aquilo que faz ficou perfeito”. Assim ele falava. “E agora você vem se gabar?”. Então ele respondia: “É mesmo! Desculpe-me!”.

Dizia meu pai: “Este sou eu. Fui o último dos que vieram antes de mim, sou dispensável, mas este sou eu. Fui como *labiway*, eu tinha auto-

ridade, fazia as coisas com autoridade. Minha voz tinha autoridade. E os que eram para ser assim, líderes, estavam nos cantos, cabisbaixos. Eu, que era dispensável, fui maior que eles”. Ele dizia que era dispensável por ser filho do irmão caçula. Assim meu pai contava para mim. E dizia que eu jamais faria como ele.

O ataque à aldeia⁸

Foi assim, eu estava sentado no banco me aquecendo ao fogo, do lado de fora da casa, quando resolvi urinar. Então levantei, coloquei meu arco e flechas encostados na casa, caminhei um pouco, me afastando da casa e da flecha. Quando terminei de urinar percebi que tinha algo estranho, a mata parecia estar em movimento. Então agachei, olhei de baixo para cima, no clarão do amanhecer, quando avistei vultos de gente cercando a casa. Inacreditável! No primeiro momento, achei que era Zoró. Nessa hora meu arco e flecha já estavam cercados. Parei para observar melhor, eram pessoas vestidas de roupas e com chapéus na cabeça. Isso aconteceu em questão de segundos. Quando vi a casa cercada e eu desarmado, fiz como a onça faz para pegar a presa, recua apenas para saltar. Nessa hora minha vida já não tinha nenhum valor. Jamais abandonaria meu arco e flecha com medo da morte. Estava pronto para abraçar a morte, quando gritei: “Estamos sendo atacados!”. Os que cercavam a casa não esperavam por isso. Então, assustados, apontaram as armas para mim. Saí em zigue-zague, no meio deles, na tentativa de pegar meu arco. Então, saltando, me protegendo, atiraram em meu rumo. Em seguida busquei me proteger atrás de um pé de babaçu. Naquela adrenalina, me preparando para atacar, deixei parte do meu corpo visível, quando, pou! Atiraram em mim, me atingiram! Eu não podia mais revidar. Se eu não tivesse sido atingido, com certeza eu teria revidado e ferido alguém. Foi assim.

Contam que ao atirar nas pessoas que saíam pela porta dos fundos, o inimigo ia entrando. Enquanto outros que ali estavam, e que ainda não tinham sido atingidos, revidavam, impedindo a entrada na casa. Os que impediram são eles: o meu irmão mais velho e o Tamary. Eles estavam atrás de escudos feitos de pau, próximos dessa saída. Esses escudos eram

feitos para dar cobertura aos que estavam fugindo, no caso de ataque, e ali eles estavam, por isso não foram atingidos.

Meu irmão contava que, com os primeiros tiros, as flechas dele foram danificadas, mas ele continuou ali, em posição de ataque. E quando o inimigo tentava entrar, ele fazia movimentos, e ao ver isso o inimigo recuava. Ele contava, bem antes do acontecimento, que o *yara* atirava em linha reta, na altura do peito ou acima, nunca para baixo. Então, quem se jogava no chão, tinha mais chance de sobreviver. Ele sabia disso, e como ensinava isso à família, assim eles fizeram. Lá estavam as minhas mães e os filhos delas, jogados ao chão e os tiros passavam por cima delas. Assim os *yara ey* fizeram, de tocaia à beira do rio, durante a noite toda, esperando que adormecêssemos, com certeza trabalhando para passar sobre os obstáculos. Os obstáculos eram paredes como esta da casa e o *yara* conseguiu passar por elas. Sou sabedor de que o *yara* é estratégico. Nesse conflito minha mulher foi atingida.

Liderança

Se eu fosse jovem, tomaria o lugar do Itabira na liderança, não deixaria isso acontecer. Como eu era mais idoso, deixei na mão do Itabira. Hoje imagino como eu faria esse papel... Eu não entendia nada na época, senão seria uma pessoa importante hoje. Se eu entendesse, seria *labiway*. Como não entendia, fugia da FUNAI. Morava em Espigão, nessa época. Eu não aceitava a proposta da FUNAI de voltar para o posto Sete de Setembro. Eu seria o principal, no lugar do Itabira. Sou o filho mais velho, sou importante para o povo.

Quando a ameaça chegou, com tantos conflitos, a FUNAI construiu um espaço na linha 14. O Carlão falou: “Olha, Nema, você não pode mais fugir, não pode mais negar. Caso contrário, a FUNAI vai me colocar na cadeia ou vai me matar”.

Eu entendi que não era brincadeira, que era ameaça muito séria. Por minha causa uma pessoa poderia ser morta. Procurei entender. Como era jovem não entendia. A FUNAI construiu uma casa e me levou para morar lá. Então entendi que era como o pai tratando do filho. Eu pensei: “Quem é essa pessoa me tratando bem?”. Hoje eu abri a minha mente e entendo

tudo o que aconteceu. Antigamente não entendia nada. Não percebi o que acontecia de bom. Foi o trabalho da FUNAI protegendo nosso povo. Eu seria *labiway* se eu entendesse como Itabira entendia. Chamaria todas as pessoas para me ajudar. Eu seria a pessoa principal na demarcação da terra Suruí. Eu sabia que os *yara ey* eram maus e já tinham assassinado nosso povo, por isso não queria voltar para aquele lugar. Não sabia o que era a FUNAI, pensava que eram estranhos. Hoje eu entendo diferente, o inimigo era outro, não era a FUNAI.

Apoena falou: “Olha, Nema, estou protegendo vocês, sou seu amigo, não fui eu que matei vocês, estou protegendo vocês dos inimigos”. Eu entendi a diferença entre os amigos e os inimigos. Apoena perguntou: “Com quem foi feito o contato?”. Eu respondi: “Fui eu, eu era o principal. Foi comigo que você fez o contato”. Quando o Apoena ficou sabendo que era eu, ele me abraçou e disse: “Foi você!”. Eu o abracei também, ele riu e ficou contente. Foi muito bom. Foi isso que aconteceu.

Quando Itabira assumiu a liderança eu estava deixando para ele o meu posto de *labiway*. Se fosse outra pessoa eu teria falado que não. Mas, como ele era meu irmão, eu deixei. Quando ele estava na Linha 11, eu ficava preocupado com a segurança dele, observando de longe. Como não aconteceu nada e ele decidiu vir para cá, veio morar aqui na linha 7, eu disse: “Eu estou aqui para te ajudar”. Este lugar estava muito distante de onde eu morava, por isso eu vim morar junto, para não deixá-lo sozinho. Por isso estou aqui, morando com ele. Eu vim muito preparado, porque as pessoas podiam fazer algum mal para ele. Como sou guerreiro, eu comprei muita munição para fazer a segurança dele. Eu usava uma cartucheira, dois revólveres, um de cada lado do cinto, para proteger o Itabira. Agora não tenho mais armas, acabou.

No primeiro dia que cheguei aqui as pessoas estavam com medo dos Zoró, de outras coisas. Eu pensei: “Que homem tem medo de outro homem? A qualquer hora eu posso matar, como ele também pode me matar”. Eu saí na mata para caçar o inimigo. Aconteceu exatamente isso. Eu encontrei e matei uma pessoa. Ele era muito magro.



.....
1 Tataravô.

2 Este relato é sobre um confronto que o narrador teve com inimigos do povo Zoró.

3 Espécie de palmeira.

4 Flecha de guerra.

5 Nome da aldeia.

6 Nome da aldeia.

7 Irmão da mãe.

8 Mesmo ataque relatado por Ixhob, esposa de Nema.

Ĝaami Anine Suruí



Viver sem pai

Enquanto crescia e observava tudo que acontecia, eu perguntei uma vez para minha mãe: “Mãe, por que você vive no meio de seu irmão, o meu tio?”. Ela respondeu: “Filho, quando você nasceu, depois de três meses, seu pai morreu”. Existiam muitos casos assim, de uma pessoa que ficou sem mãe ou sem pai, porque morreram, ou que não sabia quem era o pai porque a mãe gostava de namorar muito e tinha ficado com vários homens. Eu não tinha pai porque ele havia morrido, então, naquele momento, minha mãe era meu pai.

Quando perguntei por que não conhecera meu pai, ela respondeu: “Seu pai morreu. Eu me casei com ele, mas antes eu estava casada com uma pessoa muito importante dos Suruí, do clã Āameb, e ele morreu porque era já muito velho. Eu gostava dele mesmo assim, velho, porque eu tinha um sonho de ser casada com uma pessoa importante, para ser como uma rainha. Eu tinha esse sonho, por isso eu o escolhi, mesmo ele sendo velhinho, decidi me casar com ele. Mas um tempo depois, ele morreu. Aí eu me casei com o seu pai e seu pai também morreu logo depois”. Eu perguntei por que ele morreu, e ela me contou assim: “No mês de setembro, no dia de começar a plantar cará, milho, de começar a plantação, ele queria plantar amendoim. Ele estava guardando as sementes no alto da casa. Então subiu para pegar as sementes e escorregou no pau, lá de cima ele caiu e morreu”. Assim ela falou para mim, ele havia escorregado lá de cima da maloca, de uns 4 metros de altura, caiu e quebrou o pescoço. Morreu na hora. Então falei: “Puxa! Então eu fiquei sem pai”.

Meu irmão Oreia era do primeiro casamento de minha mãe, era filho do pai do Dikboba. Quando ele morreu e minha mãe ficou viúva, a irmã dela estava casada e a chamou: “Oh, minha irmã! Você ficou viúva, não quer vir aqui? O meu marido vai sustentar você. Você pode ser mulher dele”. A irmã dela ofereceu, ela aceitou e viveu com meu pai uns dois anos, depois meu pai morreu também. Minha mãe ficou viúva duas vezes.

Eu vivia no meio dos Suruí que faziam muita festa. Eu não tinha pai, não tinha quem me levasse, quem brincasse comigo, com vontade, com

alegria. Meu tio me levava muito pouco, eu não ficava satisfeito. Eu tinha irmãos que eram considerados gente importante, o finado Posissara e o finado Oreia. Em nossa família éramos quatro irmãos, eles dois, eu e depois Ibalabinha. Eu crescia cada vez mais e era muito curioso.

Quando o povo Suruí fazia sua festa, eu participava, mas não tinha prazer, porque eu queria ser uma pessoa importante da festa. Eu não podia, porque era uma pessoa muito simples, sem pai, não tinha poder para chegar assim na cadeira do cacique. Quem era filho de cacique, era muito importante e eu ficava com muita vergonha por isso.

Existia também o Suruí muito rico, porque tinha muito colar, muito enfeite, colocava *atenah*,¹ *garaguĩm*,² muitos enfeites no braço e também na perna, muita pintura, cocar bonito. Isso significava que ele era muito rico. Mas eu não tinha enfeites, então ficava muito triste.

O pai deve dar conselho para seu filho. O bom pai não pode deixar o filho fazer coisa errada, deve falar, ensinar como fazer flecha, como fazer cocar, contar histórias de como a primeira geração Suruí nasceu. Muita coisa o pai deve contar à noite, durante a festa, brincar, se divertir.

Até que um dia eu comecei a caçar, aprendi. Matei um passarinho que se chama Orubá, cheguei com aquele passarinho, tirei todas as penas dele. Foi no dia em que o pessoal estava fazendo acampamento, assim de tapiri, não maloca. O povo Suruí tinha medo também, porque estava guerreando com os inimigos, então fazia tapiri, ficava uma semana ou duas naquele lugar e depois mudava, a cada período mudava, mudava, andava. O povo vivia daquele jeito, era uma multidão mesmo, assim uns três mil índios, andando pela mata. Os guerreiros cuidavam do seu líder, das crianças, das mulheres, andavam ao redor deles, protegendo. Então, quando eu matei esse passarinho, no dia em que estávamos fazendo tapiri, eu trouxe e disse: “Mãe, eu matei caça”. “Puxa, meu filho, um dia você vai ser igual a seu pai.” Aí eu perguntei: “De que jeito eu vou me parecer com meu pai?”. Ela falou assim: “Rapaz, seu pai parecia uma onça, um gavião real, ele pegava muita caça, tão rápido! Caçava muito bem, não perdia nenhuma e o seu inimigo o chamava de onça, gavião! Seu pai era muito bom caçador”. Ela falou assim para mim e eu me senti gigante na-

quela hora, quando minha mãe estava elogiando meu pai: “Puxa, é mesmo? Que bom, que bom que meu pai era caçador profissional, meu pai era um guerreiro bom!”. Fiquei muito contente com essa notícia. Naquele acampamento que nós construímos quando eu matei o primeiro passarinho para ela, nós vivemos ali muito tempo.

Confrontos com os inimigos

Quando estávamos todos naquela casa, o líder falava para os jovens guerreiros: “Nós vamos lá, fazer o reconhecimento da mata. Vamos ver como aquele lugar está. Se você achar alguém, não mate, volte para trás, porque, se você matar, vai ter vingança, vão nos perseguir, não faça isso!”. Mas os guerreiros não ouviam o conselho do líder. Quando estavam construindo a estrada, construindo o Espigão do Oeste, os guerreiros foram lá e mataram seis brancos. Eram peões dos fazendeiros, estavam derrubando a mata, uma área muito grande. Isso quando eu tinha mais ou menos 10 ou 12 anos.

Aí aconteceu que, pela primeira vez, no lugar onde estávamos fazendo a festa, o avião passou, sobrevoou a aldeia. Por isso, por causa das mortes, o avião veio, ficou rodeando, passou cinco vezes em cima da aldeia. Foi a primeira vez que vimos um avião. Os guerreiros atacaram, jogaram flechas, mas as flechas não atingiram o avião, só chegaram perto. Eu entendo hoje que o vento do avião era muito forte e desviava as flechas. Só por isso eles erraram. Então o avião subiu mais alto e voltou. Na segunda vez que ele sobrevoou a aldeia, jogou panelas de alumínio, jogou açúcar, farinha, nem sei o que mais. Ninguém comeu aquilo. Só pegamos as panelas. As panelas eram muito bonitas, brilhantes, eram muitas panelas. As panelas que caíram do avião amassaram um pouco. As pessoas lavaram com muito cuidado e deixaram durante uma semana fora da casa porque achavam que aquela química, o cheiro do homem branco, fazia mal para o índio, trazia cada vez mais doença. O cheiro, o perfume, a maneira de fabricação das coisas, com químicas, seriam muito ruins para o povo Suruí.

Quando vimos o avião, não pensamos que tinha gente dentro. As pessoas viam as asas do avião e pensavam que tinha alguém montado nele,

por isso jogaram as flechas, para flechar quem estava em cima. Não pensavam que havia pessoas dentro. Eles falavam: “Que absurdo é esse! Quem está voando lá em cima?”. Eles sabiam que era o homem branco.

Os antigos já diziam que um dia haveria muita destruição, que os brancos iam acabar com todo o povo Suruí para se apoderarem da terra. Eles sabiam. Os antigos sabiam que existia deus, que existia o homem branco, que a lei dele é muito terrível. Eles falavam que os homens brancos não gostam de pobre, não gostam de pessoas com aparência de velho, aleijado, preto. Eles sabiam que o branco é muito orgulhoso, muito mau. Eles diziam que o homem branco não é igual aos índios. A maneira que os índios viviam naquele tempo era de muita união. Eles falavam que no costume do branco, se a pessoa for muito preguiçosa, ela morre, porque ninguém vai dar comida para ela, ela pode morrer, ou então ser escrava. Tudo isso eles falavam. Quando chegamos a este tempo nós percebemos que tudo o que os antigos falavam era verdade. Eles não erraram nada, era como se estivessem vendo o que aconteceria.

O tempo passou, mais ou menos três anos depois do sobrevoo do avião nós mudamos para outro lugar, a uns cinco quilômetros da maloca velha. Mudamos e de novo começamos as festas, todo tipo de festa: do pajé, de derrubada da mata, de construção da maloca. Tudo isso estávamos fazendo, mas o seringueiro chegou e atacou a aldeia.

Os guerreiros tinham ido até o lugar onde hoje é Riozinho e atacaram os seringueiros para pegar facão, mas não mataram ninguém. Quando o grupo foi embora, os seringueiros os perseguiram e chegaram na aldeia. Chegaram e atacaram a aldeia.

Eu me lembro muito bem, era mês de agosto, o povo estava no final da festa. De madrugada, como é de nosso costume, sempre levantamos às quatro horas da manhã, ainda escuro, para nos banhar no rio e fazer a fogueira. Muita gente vinha fazer seu fogo ali, outro grupo perto, ali, outro perto, ali, porque o pátio central era muito grande. Então faziam fogueiras em vários lugares, cada grupo, mais ou menos de 10 ou 20 pessoas, fazia o seu fogo. Os guerreiros também faziam seu treino, seu preparo físico ali. Eu era criança, um rapaz de uns 10 anos, queria sair

para o pátio e me esquentar no fogo, mas não faltava fogo dentro da minha casa. Aí, quando eu me levantava, comecei a escutar. Eu não sabia que tipo de tiro era, os outros sabiam, os guerreiros sabiam. Ouvimos o tiro de bala, parece que era 38. As pessoas falando: “Oh! O branco está nos matando!”. Pá, pá, pá. Bala 22, começando lá na aldeinha, a mais ou menos 1.500 metros da aldeia principal, onde eu estava. Assim eu conheci, naquele tempo, como era o tiro do homem branco, da arma de fogo. Então começou o tiro maior, Bam! E todo mundo corria, todo mundo falando para correr para o lado daquela montanha, tinha uma montanha grande lá perto da casa. As pessoas falavam: “Sobe naquela montanha, todo mundo tem que subir lá, para poder fugir mais fácil”. Os guerreiros, a maioria deles, partiu para o lugar de onde estavam vindo os tiros, onde estavam atirando.

Isso foi muito triste. Nós passamos fome lá, o dia inteiro, as crianças não tinham nada de bom para comer, apenas água. Alguns, com muito cuidado, buscavam mel para as crianças. Passamos o dia todo na montanha, sem comida, sem nada, com muita fome, as mulheres, as crianças, os velhos. Alguns guerreiros estavam junto. Ficamos ali três dias. Quando acalmou aquele clima de guerra, nós voltamos. Aí as pessoas falavam: “Nós matamos um branco, flechamos outro, flechamos outro. Uma mulher da aldeia morreu, duas crianças ficaram vivas mas levaram muito tiro, muito chumbo”. Aí outro falava assim: “O nosso principal guerreiro está muito ferido, perto de morrer”. Muita gente foi ferida, dois pajés e mais três guerreiros estavam feridos gravemente. E foi assim, o tempo passando, passando e aquelas pessoas não morreram. Eu ouvia essas coisas, ficava curioso, mas minha mãe não me deixava ver aquele lugar onde estavam as pessoas baleadas, as pessoas doentes. Eles ficaram em tratamento durante muito tempo, com remédio, o pajé fazendo a cura. Eram guerreiros muito fortes, por isso não morreram, porque eram muito fortes. Tudo isso aconteceu para que nós chegássemos até aqui.

Nesse tempo, os Suruí começaram a guerrear mais ainda, com mais guerreiros. Por todo lado havia guerra. Quando a maioria dos guerreiros estavam fora, os Cinta larga atacaram a aldeia. Um Cinta larga morreu, dois foram feridos e fugiram. Mataram um Suruí. Naquele tempo não

tínhamos arma de fogo ainda, era só flecha. Os Suruí eram muito bons de flecha. Os Cinta larga também eram bons, mas nem tanto, erravam muito. Os Suruí não, quando atacavam, acertavam. Assim também os Zoró.

Um dia, chegaram meus irmãos por parte de pai e falaram assim: “Ah! Eu matei o branco, eu trouxe facão, arma”. As pessoas disseram: “Não, não traga arma para cá”. Pegaram um facão, era do tipo do soldado, um facão pesado, e voltaram lá, onde o homem branco havia assassinado a nossa gente. Já tinha muita roça, muita mandioca, muita banana, mamão, bastante comida. Voltaram lá e comeram durante algum tempo, pegaram plantas, semente para plantar.

Encontrando o branco

A partir daí não viveríamos mais em alegria. Acabou a festa, comíamos muito mal, quase não dormíamos, com muito medo. Esse tempo eu vivi, chegou a tristeza, mais preocupação. Então, o que foi que aconteceu? O povo Suruí se dividiu, um grupo por ali, outro grupo por ali, outro ali. Eram três grupos para que algum pudesse escapar caso fossem atacados. Era essa a estratégia para proteger o povo, para se defender. Então esses grupos andavam separados. E os guerreiros continuavam a perseguir o homem branco.

Numa das andanças pelo território, os Suruí encontraram um tapiri do homem branco no caminho, com muito facão, muita faca, muito machado, panela, espelho, canivete, tesoura. Os Suruí colocavam muitos nomes nas coisas que encontravam, porque a gente não conhecia aqueles objetos ainda. Aquilo que os Suruí antes estavam querendo, apareceu em quantidade, de uma vez. Nessa viagem mesmo, os guerreiros trouxeram mais de cem peças de facão, machado, faca, tesoura, canivete, espelho, panela, todo tipo, tudo que a gente imaginava, tinha muito naquele tapiri.

Então, o cacique, de novo falou assim: “Olha pessoal, eu já disse que não é para matar essas pessoas que estão querendo nos dar presente. Temos que ver o que eles querem com a gente. Por isso, não matem”. O jovem ouvia esse pedido, não matava. Foi muita sorte dessas pessoas

que andavam sem arma, traziam só facão. Os guerreiros viam e falavam: “Puxa! Esse cara não está armado, não!”. E a cada vez tinha mais facão, de 15 em 15 dias eles voltavam e tinha muito facão mesmo! Não tem nem como dizer! Aí os Suruí começaram a pegar e jogar aquele facão ali, só pegava e não usava, porque era muito facão para pouco índio. Como hoje eu sei matemática, se eu contasse, até onde eu conhecia homem, velho, mulher e criança, na minha cabeça éramos cinco mil pessoas.

O tempo todo os guerreiros estavam no acampamento da FUNAI, pegavam muito tipo de mercadorias colocadas no tapiri: espelhos, tesoura, até bonecas eles colocaram. Uma vez, quando os guerreiros colocaram carne de caça e filhote de animais, a FUNAI colocou um cachorro! Todo tipo de coisas eles colocavam! Quando os Suruí colocaram um arco, eles puseram um rifle 22. Os Suruí não queriam arma e jogaram lá mesmo. Quando aconteceu isso, quando encontramos muito facão, as pessoas pensaram: “Eles nos mataram e agora por que estão dando facão? Por que eles estão dando muito espelho, estão dando muita rede, muita boneca? O que significa isso? Eles acabaram de matar o nosso líder, o nosso guerreiro, não mataram?”. Nesse ponto, todos os líderes do nosso povo e os guerreiros se reuniram e decidiram: “Enquanto eles estão dando facão, não vamos matar”.

A maioria dos Suruí não tinha facão naquele tempo. Só os mais importantes tinham facão, os mais importantes tinham machado. Eles emprestavam aos outros para derrubar a mata, ajudavam aqueles que não tinham. Quando os guerreiros pegavam facão, pegavam machado, eles diziam para os líderes: “Olha, eu peguei este aqui, você quer?”. “Sim, eu quero.” Da mesma forma, quando tem uma moça muito bonita no meio do povo Suruí, o pai, a família, ofereciam para quem era o líder, para casar, ou então o líder pedia: “Eu quero casar com a sua filha”. A riqueza das pessoas importantes era essa.

Sempre tinha um líder principal, um cacique, e cada família tinha também seus líderes, como entre os brancos tem o presidente da república, os deputados, os governadores, os prefeitos. Cada família reunia seus grupos, os líderes de cada grupo. Por isso aconteciam festas, o líder maior

provocava os outros. Quando eu nasci, o líder maior era o avô paterno do Almir, esse era o líder. Quando eu era maior um pouco, era o finado Dikboba, ele era pajé e líder político também, o principal. Aí, depois, cada família tinha seus líderes, o pai do Itabira, outros...

A liderança passa de pai para filho. Quando o filho não consegue dar conta, o pai percebe e ele mesmo ou o pai passam as responsabilidades para outros, para o irmão, o primo, pessoas que vão ajudar. Mas ele continua como líder, considerado como líder, enquanto os outros cumprem as tarefas, do lado, ajudando. As mulheres dos líderes também davam ordens, mandavam. Eu não sei como é um rei, uma rainha. Na minha imaginação é assim, tem o poder e comanda o povo, tem voz para fazer a guerra e para fazer a paz. Por isso quando aconteceu o contato com o homem branco o líder disse não mata, e o povo obedeceu. Naquele tempo havia obediência. Será que eu posso falar hoje, aqui na minha aldeia, para fazer ou não fazer algo? Será que obedecem? Acho que não, nem meu filho, nem minha mulher... não vão obedecer. Quem obedece à minha mulher, sou eu, ao meu filho, sou eu, é o contrário.

Epidemia e morte

Antes mesmo do contato, nós já estávamos em guerra, os seringueiros nos atacavam. Eu falo seringueiros, mas tinha também o pessoal que estava construindo a BR 364. Só depois disso conhecemos os colonos, os fazendeiros. A gente via as pessoas que estavam abrindo as picadas na mata, vimos os seringueiros. Durante 10 anos, nós íamos atrás das ferramentas, matávamos índios e não índios até que um dia chegou o tempo do contato com o homem branco. A FUNAI descobriu que estávamos aqui e fizeram o tapiri para o contato. Foi onde encontramos muitas doenças.

Paramos de matar o homem branco, mas continuamos a guerra com outras tribos, Cinta larga, Gavião, Zoró. Quando guerreávamos com as outras tribos, ficamos cercados e chegamos cada vez mais perto do homem branco, onde encontramos todo tipo de doença. Antes do contato era muita casa, muita gente. Então, aquele tanto de Suruí que eu falei,

cinco mil pessoas, morreram, morreram assim, rápido, ninguém enterrava, morreram como se fossem animais, o urubu tomava conta. Apareceu febre que não conhecíamos, feridas no corpo como se estivesse queimado. O pajé, os mais velhos não sabiam como tratar daquela doença, não tinham remédio para isso. A doença atacava o pulmão. Os guerreiros que eram muito fortes, que tinham sido curados com nossos remédios até de ferimento de bala, quando essa doença chegou, não tinham mais cura.

A pessoa morria na rede, outro ia buscar remédio na floresta e morria lá. Muita morte, muita morte mesmo! Não dá nem para dizer assim. Pessoas muito importantes que eu conhecia morreram, pessoas responsáveis por seu povo, que faziam o bem para o povo, que defendiam, protegiam seu povo. Todos morreram nessa época. Essa foi a história Suruí. Não foi fácil. Aquele que não viu esse sofrimento, que não conhece a história e acha que é o dono do mundo, nunca vai ser o dono do mundo. As pessoas que viviam antes de nós morreram, morreram. Restou muito pouco Suruí.

Então chegou o fim, minha mãe morreu! Antes de morrer, ela falou assim: “Filho, se por acaso meu irmão, o seu tio, viver, vá até ele”. Então eu fui, fui viver com meu tio por algum tempo e depois ele morreu também. Ficou minha irmã e ela falou assim para mim: “Ah! Filho! – ela me chamava de filho – não me deixe, eu estou aqui”. Eu acreditava nela, mas um dia a criança que ela tinha morreu e logo depois ela morreu também. Aí acabou mesmo a minha família.

Quem me criou, como pai, foi minha mãe e os outros parentes dela, o tio, o irmão. Eles todos morreram de sarampo. E depois do sarampo veio a tuberculose. Aí acabou com o resto das pessoas. A tuberculose perseguiu durante muito tempo o povo Suruí. A FUNAI ia com um grupo de pessoas para a aldeia, ia de helicóptero, vacinava, dava remédio, remédio, remédio... mesmo assim a maioria morreu.

Os mais jovens viveram. Alguns velhos viveram, acho que, se muito, uns 30 velhos viveram. A maioria morreu. Sobreviveram somente umas 300 pessoas. Ficamos sem líderes. O Dikboba ficou doente, ficou muito fraco, ficou triste, sozinho, porque os outros guerreiros e líderes tinham

morrido. Então, não tinha como ser como era antes. Até o poder dele de pajé diminuiu muito. Por isso os Suruí ficaram sem líder por muito tempo.

Quando fiquei sozinho, eu falei para o meu cunhado: “Cunhado, eu não vou ficar com você, não vou morar com você mais”. E ele perguntou: “O que você vai fazer?”. Eu falei: “Um grupo vai para buscar contato, conhecer o homem branco, e eu vou junto”. Então ele falou: “Não, você não pode, você é uma criança, o que você vai fazer lá?”. Aí eu falei para ele: “Para você eu sou criança, mas a partir de agora eu sou homem, eu mesmo resolvo o que quero fazer, eu vou viver, vou me manter”. E ele falou: “Por que você está falando isso? Eu sou seu sobrinho, você é filho do meu avô, eu vou cuidar de você!”. Eu respondi: “Não, obrigado, acabou! Eu não vou voltar para a aldeia. Eu não sei para onde vou, só o que está me levando sabe aonde eu vou, o mundo é que leva a gente”. Aí ele falou assim: “Você vai voltar? Daqui a quinze dias eu vou atrás de você, vou procurar você aonde você for”. Então eu arrumei minha bagagem, arrumei minha rede e fui embora.

A vida é muito triste. O que uma pessoa passa! Eu acho que não fui só eu que sofri. Tenho certeza de que outras pessoas passam o que eu passei. Minha família, o mais importante para mim, eu perdi. Eu fiquei sozinho. Eu pensava: “Quem vai fazer comida para mim? Quem vai me consolar, dar carinho como mãe, como família?”. Por isso estou emocionado, estou chorando.

Morando com os brancos

Os antigos já diziam que o homem branco maltratava os índios, que como nós não aguentávamos trabalhar o dia todo, eles castigavam, matavam. Isso os velhos já diziam, que existia o homem branco que escravizava quem eles queriam que fosse o seu escravo. Os velhos nos ensinavam: “Não serve para nós ser como o homem branco, temos que seguir nossa natureza de indígena, temos que viver da nossa maneira”. Como minha família tinha se acabado, eu fiquei muito revoltado, eu pensava que não queria mais viver. Eu queria enfrentar aquilo que o velho falou. Eu dizia:

“Eu não tenho medo, eu vou para reconhecer como é o homem branco”. Isso antes de o pessoal vestir roupas. Eu tinha mais ou menos 12 anos. Eu não tinha roupa, estava como eu nasci, nu. Então eu peguei a minha rede e vim com o grupo que vinha encontrar o homem branco, um grupo de mais ou menos 70 pessoas.

Eu segui com eles. Estava realmente muito sozinho, perdido, tinha muita doença naquele lugar, estava muito magrinho... e vim embora, lá de Pacarana. Cheguei aqui, no acampamento da FUNAI. Era um dia só que o povo da aldeia ficava para fazer o contato com o branco. O pessoal chegava, ficava um dia e voltava. O grupo chegou, dormiu no acampamento próximo e, no dia seguinte, mais ou menos às 9 horas da manhã, eles foram ao encontro do branco. Ao meio-dia eles saíram para voltar para a aldeia. Aí eu sentei, com minha mochila tradicional, meu balainho, onde tinha minha rede, minha bagagem, minha comida. Quando o grupo se preparava para voltar, eu fiquei parado lá. Eles disseram: “Vamos!”. Eu falei: “Boa viagem! Eu vou ficar”. “Mas, como você vai ficar?”. Eles me perguntaram. Eu falei: “Não, não me pergunte, eu sei o que estou fazendo, eu vou trabalhar para o homem branco, eu vou viver assim”.

Alguns deles choraram, porque eram muito jovens, abandonados como eu. Alguns deixaram comida para mim. Eu não sabia falar na língua do branco, nenhum de nós sabia, ele conversava com a gente e cada um entendia de uma maneira o que ele estava falando. A gente apontava com o dedo. Quando queria comer, apontava a boca. Mas o homem branco entendia.

Então, todo mundo foi indo embora e eu fiquei lá sentado, não tinha mais ninguém. Era uma casa de palha, eu amarrei minha rede, peguei um pouco de lenha para me aquecer. Eu estava nu, eu não tinha nada, nem calção nem nada. Aí o chefe do posto chegou e falou comigo, eu não entendia nada, mas sei que ele falou assim: “Oh! Indinho, vem aqui, não vai ficar fazendo fumaça na casa, eu tenho uma coberta, eu tenho uma rede para você dormir, vem para dentro, aí tem muito sereno”. Ele amarrou a rede no corredor deles, estava tudo fechado de paxiúba. Deitei, com cobertor. Não passei nada de frio e pensei: “É interessante, uma outra

natureza que estou conhecendo, eu dormia com o fogo perto de mim, por isso nunca passei frio, depois eu dormi longe do fogo, me cobri e dormi tranquilo”.

No outro dia de manhã, ele acordou e falou para mim assim: “Você passou frio?”. Falei que não, eu entendia que ele estava falando isso. Mais de uma semana depois ele falou: “Você quer trabalhar? Então cuida da cozinha, o cozinheiro está lá, você vai pegar água para ele, você vai tirar lenha para ele”. Eu falei: “Eu aprendi a trabalhar na roça, aprendi a caçar, para mim não tem limite, eu entro no mato e saio em qualquer lugar, eu tenho toda essa experiência. Se você mandar eu capinar, eu sei, eu só não sei falar na sua língua. Eu tenho coragem, podem me mandar tirar lenha, eu sei tudo... eu só não sei fazer a casa como vocês fazem”.

Ele pegou uma roupa dele e me vestiu. Como a roupa era de homem e eu era criança, ele me enrolou com a roupa e amarrou. Arrumaram bota para me calçar.

Então aquele outro grupo, do meu sobrinho, veio. “Ah! Como você está?”. “Eu estou aqui feliz”. Ele falou: “É mesmo? Então está bem. Parabéns para você. Viva assim, né! Eu trouxe comida para você”. Eu falei: “Não, eu não quero comida, eu tenho comida melhor do que isso”. Eu sei que ele não era culpado, mas eu fiquei com muita raiva, era um homem muito educado, que eu nunca vi ficar bravo, muito carinhoso, muito correto, tentava sempre fazer a coisa certa. Por que eu estava falando assim com ele? Desde criança eu o conhecia. Esse homem de quem eu estou falando é o André.

Eu fiquei vivendo lá muito tempo, comecei a trabalhar e a notícia se espalhou. Falavam assim: “Olha, aquele rapazinho que foi para lá está vivendo bem, o branco está tratando bem dele, ele está trabalhando”. Então a maioria dos jovens da minha idade decidiu ir também, os que perderam o pai, a mãe, como eu, vieram: “Nós viemos ajudar você, viemos ficar aqui, com você!”. Então formamos um grupo e começou a melhorar o tempo da minha alegria. Comecei a conversar, porque antes eu não conversava com ninguém. Eu conversava em Suruí, brincava, banhava, trabalhava. Juntos.

Então outros Suruí começaram a chegar, mais gente chegou. Meu irmão estava viajando para longe quando outros grupos vieram, visitavam, visitavam e começaram a vestir roupa. Depois construíram a casa mais perto.

Oreia

Quando o finado Oreia, o finado Posissara estavam lá em Riozinho, o serviço deles era só passear, pediam roupa, visitavam as pessoas que eles conheciam. Então, naquele tempo, ele, como outros índios, pensava que comida vem sem trabalho, roupa vem sem trabalho, as coisas vêm sem trabalhar. Ele pensava assim. Pedia dinheiro e muitas vezes conseguia um cruzeiro daquele tempo e comprava banana, comprava roupa, ia na loja, voltava. Vivia assim, naquele tempo, nos anos 70.

Quando chegou 1975, todos os meus irmãos voltaram. Posissara não, Mamuia veio, finado Oreia veio. Vieram ficar mais perto. Eu fiquei mais feliz. Oreia comprou uma arma para mim, uma roupa, eu estava muito feliz, estava muito chique. O pessoal não tinha roupa, eu usava roupa bonita da loja, sapato. Nesse período eu conheci a alegria, mas entendi que a alegria da gente não dura, não fica muito tempo. Tristeza em algum momento, alegria em algum momento. A vida da gente é curta, não é?

O finado Oreia, como era o apelido do meu irmão, foi considerado líder dos Suruí. Oreia era de linhagem nobre, por isso ele ficou como líder. Ele chamava outros jovens, iam trabalhar com a FUNAI.

Um tempo depois, meu irmão conheceu a moça, para lá da rodovia. Na viagem de volta de um trabalho para a FUNAI, no caminho para a aldeia, ele encontrou a moça. Ele se encantou por ela, ela gostou dele. Passou o tempo até que um dia ele falou: “Olha, meu irmão, eu tenho uma namorada”. Eu falei para ele: “Você não sabe falar a língua do branco, como você vai conversar?”. Ele disse: “Você tem algumas palavras de português, você pode falar por mim?”. Eu disse: “Não tem sentido, irmão”. E ele falou: “Não, por favor, fale para ela que eu gosto muito dela, eu estou apaixonado, eu tenho coragem de casar, se ela quiser, eu sou um líder Suruí. Eu posso, porque ninguém pode falar nada, ninguém pode proibir, eu sou uma liderança,

quem toma a decisão sou eu”. Como eu era muito novo, então aceitei. Nós fomos lá pela primeira vez, na Linha 11, onde ela morava na casa da irmã. O pai e a mãe estavam na Linha 13. A irmã deixava que eles conversassem.

No dia em que eu a conheci, ela ficou com muita vergonha. Ele falou: “Não fica com vergonha, não. Esse é meu irmãozinho querido, eu gosto muito dele, ele vem conversar com você para mim”. Eu perguntei para ela: “É verdade que você gosta mesmo do meu irmão?”. “Sim!”, ela respondeu. “E você tem coragem de ir embora para a aldeia com ele? Toda comida que ele comer, você vai comer também?”. “Sim! Eu sou capixaba”, ela disse, “capixaba pode comer qualquer caça, nós somos iguais a índio”. “Não vai se arrepender depois?”, eu perguntei. “Não, aonde ele for, aonde me levar, no meio dos índios, eu vou com ele”. Eu falei: “Está bem, mas você pode ficar pelada, passar fome”. “Não me importo, aonde ele for eu vou com ele.” Eu contei para ele o que ela havia falado. No outro dia, à noite, ele a levou para a aldeia. Viveram lá alguns meses.

Um tempo depois, o pessoal da FUNAI precisou dele no trabalho de contato com os Karipuna. Ele era funcionário da FUNAI, tinha que ir, por isso, foi. A FUNAI pediu para a moça ir embora, parece que a família ia levá-la para o Espírito Santo. Então o sonho chegou até ele. O sonho disse: “Olhe, Oreia, você está muito distraído. Tem alguém roubando a sua mulher, você deve voltar para lá, ela não estará mais esperando por você”.

Ele se levantou e pediu ao seu chefe que queria voltar para a aldeia. Pegou a bolsa e voltou. Chegou na casa da sogra e perguntou pela filha. Ela disse que não sabia. Ele ficou muito revoltado. Havia cinco homens dentro da casa. Parece que a casa era aberta, com muitos colchões e eles ficavam ali. A mãe falou: “Não sei, ela foi embora, acho que ela foi para o Espírito Santo, para a casa da avó dela”. Ele observou o homem, ele ouviu a família conversando assim: “Olha, o índio chegou, ele vai perseguir você, então você pode ir amanhã para Cacoal, nós vamos levar nossa filha no carro, escondida, e entregar para você ir embora para o Espírito Santo”. Ele ouviu e pensou: “É esse rapaz que está levando minha mulher! Está bem, nem eu nem ele vai ganhar”. Então ele se deitou na rede e preparou o machado. À noite, ele pegou o machado e atingiu o homem na cabeça. Matou e depois fugiu.

Ele ficou inconformado, muito mal. Passou um tempo. Como ele era funcionário da FUNAI, devia ir até a cidade para receber. No caminho os homens encontraram com ele. Mesmo ele tendo dois revólveres e uma espingarda, mesmo o companheiro dele estando armado também, aconteceu. Uma picape passou por eles e disse: “Olhe, índio, você vai morrer”. Ele disse: “Está bem, se você pegar sua arma, nós vamos trocar tiros”. Ele pensava que seria assim, enfrentando cara a cara. Mas na verdade o inimigo ficou esperando por ele, ali perto. Na hora que ele passou... Tá! Um tiro na cabeça dele o matou. O outro companheiro fugiu, não conseguiram matá-lo. Foram muito cruéis, cortaram e queimaram o corpo dele.

No outro dia eu estava no serviço com um companheiro, no pilão, Tá, tá tá... socando arroz. Não tinha máquina, era tudo distante, difícil, então fizemos o pilão ali. Já era quase hora de os trabalhadores pararem para tomar banho e jantar, eram cinco e pouco da tarde. Watamoia chegou correndo. Ele tinha ido com meu irmão para Cacoal. Ele chegou correndo e falou assim: “Seu irmão morreu”. “Como, morreu?”. “Os caras o mataram, eu vi quando ele caiu, foi muito tiro”. Eu disse: “Você está brincando!”. Ele disse: “Não estou brincando, foi sorte eu escapar”. Eu larguei o pilão.

(Longa pausa)

A única coisa em que pensei naquele momento era que eu ia morrer. O mundo para mim acabou ali. O que eu me lembrei, a única coisa, era que tinha a casa com as armas da FUNAI, com bastante arma. Não sei por que naquele tempo tinha assim tanta arma. Podia ter algumas, só para a caça. Eu não sei por que tantas. Talvez o pensamento da FUNAI fosse que na hora que os índios os atacassem, eles iriam atacar também os índios. Pode ser só imaginação minha, não tenho certeza.

Eu vi que tinha muitos tipos de armas da FUNAI ali, muita munição. Eu pensei em quebrar a porta. O João Natan era o enfermeiro, era muito alto, muito forte. Esse homem chegou na porta e disse: “Aqui você não entra”. Eu falei para ele: “Você não sabe o que eu estou passando. Eu não quero machucar você, não quero matar você. Não vai ser fácil você me bater. Se você me bater aqui, na frente de toda a aldeia, eles vão matar você. É isso que você está querendo? Você sabe que meu irmão morreu. Eu

só quero as armas, não quero nada de você. Você se afaste para longe, seja nosso amigo. Mas se você não deixar, todos os índios vão atrás de você”. Ele entendeu e se afastou. Nós quebramos a porta. Alguns índios vieram e eu passei as armas para eles. Eu disse: “Agora os brancos vão nos atacar, vocês não precisam ir comigo, eu vou sozinho”. Era de noite. Sei que mais ou menos cinco pessoas foram comigo, andando, comigo, seis. Fui até lá, encontrei o lugar onde Oreia foi morto, encontrei o corpo.

Pela manhã a FUNAI chegou, com o jipe, com a polícia. Eu era muito jovem, não tinha ainda muito pensamento. Para mim a FUNAI era como um pai. Eu contava todos os meus segredos para eles, para o Zebel, Aimoré. Eu falei: “Eu vou matar aquele cara. Eu preciso”. Meu irmão, que se chamava Mamuia, disse: “Meu irmão, você não pode brigar, você vai morrer”. Eu disse: “Eu não vou ouvir você, se tem medo de morrer, então fique longe de mim. Preciso fazer a vingança”. Ele disse: “Vamos pelo menos enterrar o corpo dele, senão os urubus vão comer”. Eu falei: “Não, ele já morreu, mesmo, não me interessa mais nada”. Ele falou: “Mas é nossa obrigação, vamos enterrar”. Então eles levaram o corpo para enterrar em Riozinho.

Logo eu comecei a perseguir os inimigos. Eu não conseguia perceber, mas os Suruí achavam que eu era, naquele momento, o líder deles. Se eu falava, eles ouviam; se dissesse que não deviam fazer, não faziam; se dissesse para fazer, faziam, eles obedeciam. Então, essa vingança contra os que assassinaram meu irmão porque ele tinha matado o parente deles, tudo isso aconteceu para que eu chegasse ao posto de líder. Naquele momento eu não entendia isso.

A lei pode ser a nossa ou a dos brancos, quem mata é criminoso. Mas os Suruí não me consideravam assim. Eles consideravam que eu estava com a razão, achavam que eu estava no meu direito de não gostar do fazendeiro ou do seringueiro ou do madeireiro. Eu não gostava deles e os Suruí me apoiavam, diziam que eu estava com a razão. Na minha fala para eles eu dizia: “O nosso pai, nosso avô, nosso tataravô, os antigos diziam que o homem branco era aquilo e eles estão cumprindo, eles vão tomar a nossa área, vão destruir nossa família, vão fazer tudo o que

está previsto, por isso precisamos demarcar a nossa área”. Assim eu começava a minha fala para o povo. E já era tarde. Os brancos já estavam invadindo, tomando o que era nosso.

Conflitos e demarcação

Assim começou o conflito maior, mais pressão sobre a FUNAI, colonos invadindo, os Suruí virando inimigo do colono, perseguindo, querendo matar. Quando aumentou a pressão, a FUNAI retirou os trabalhadores braçais. O chefe falou: “Anine, eu vou levar esse pessoal que trabalha com a FUNAI para o colono não vir matá-los, eles vão matar todos vocês aí”. Quando levaram os braçais, o pessoal começou a ficar triste comigo, disseram que eu era o culpado. Eu falei: “Pois é, mas eu não posso deixar o colono à vontade, eu tenho que fazer vingança, eles mataram meu irmão”. Assim começou, ninguém ficava quieto, todo mundo ia para todo lado, brigava com o invasor. A gente chegava na casa do colono e tocava fogo, tentava tirar o invasor, nós mesmos. Por isso a FUNAI levou embora os empregados.

Então eu liguei de noite para falar com o presidente da FUNAI. Eu observava como o pessoal falava no rádio, por isso eu soube falar assim: “Sete de Setembro, câmbio, quero falar com o presidente”. Do outro lado responderam: “Fala cacique, estou escutando, aqui é o presidente da FUNAI”. Aí eu falei: “Não sou cacique, eu sou Anine”. Ele perguntou: “O que você quer falar comigo?”. Eu falei: “O homem branco matou o meu irmão, eu estava perseguindo ele e o pessoal da FUNAI não gostou, tiraram seus trabalhadores daqui. Então, amanhã de manhã nós vamos voltar para a aldeia onde antigamente nós morávamos, você não vá atrás. Quando você for atrás de nós e ficarmos sabendo que são vocês, então vamos matar vocês”. “Por favor, cacique, amanhã às 8 horas da manhã eu vou até aí conversar com você, não saia antes de eu conversar com você”. “Eu já falei para você que não sou cacique, eu sou Anine!”. Aí ele repetiu: “Você tem que me escutar, você tem que me conhecer, eu vou levar a palavra do presidente da FUNAI, eu vou levar todas as pessoas para resolver seus problemas”. Eu falei para ele: “Eu quero que você vá prender quem matou meu irmão”. “Então espere, amanhã eu vou conversar com você”.

Eu fiquei sem acreditar, quando ele chegou. Muitos Suruí estavam ali armados, cercamos todos eles. Quando o presidente Ismarth³ chegou, trouxe o avião da Polícia Federal, do Exército, do governador, da FUNAI e da Plantel⁴. Naquele tempo eu acreditava que a FUNAI tinha muito poder. Chegaram cinco aviões de uma vez, o presidente da FUNAI chegou primeiro, depois o governador, depois os soldados, depois a Federal e depois a Plantel.

O Apoena levou o presidente para me encontrar e ele falou: “Quem é o Anine? Esse aí? É uma criança, o líder do povo Suruí?”. E o Apoena respondeu: “Sim, ele é o principal, ele que resolve tudo aqui”. Então eu disse: “Durante esses cinco anos, a FUNAI não demarcou a nossa terra, falou que ia demarcar, mas nada aconteceu. Agora meu irmão morreu, agora eu vou perseguir quem o matou”. Ele falou: “Não, senão você vai morrer também, você não precisa perseguir, eu vou demarcar a terra para você!”. Eu falei: “Não, não fale isso, não prometa isso, que você não sabe com quem você está falando. Você está na minha mão, porque você não vai mais sair daqui. Todas essas promessas que a FUNAI fez, tudo que prometeu para nosso povo, até hoje não cumpriu. Você está fazendo o mesmo, então você não vai embora, você vai ficar aqui”. O delegado da Polícia Federal disse: “Não, deixe o presidente da FUNAI ir, quem vai tomar conta disso sou eu”. Quando ele falou isso, eu cuspi na cara dele e falei: “Para mim você não é nada, porque já falou que ia demarcar e nunca conseguiu cumprir”.

Eu tinha todos os guerreiros comigo, tinha toda a oportunidade. Alguns choravam pela morte de Oreia. Quando eu cuspi, o policial tirou os óculos escuros dele e chorou. Ele falou assim: “Você tem coragem para enfrentar como eu enfrento”. “Você acha que só você é homem? Você não conhece o guerreiro Suruí. Suruí também é homem como você, você é um soldado apenas, mas nós somos guerreiros. Então amanhã, você vá até o INCRA, nós vamos pegar o carro e nós vamos na Linha 8, lá tem fazendeiro muito bravo”. O presidente da FUNAI apontou, chamou o general e disse: “Vou apresentar este para você, cacique. Ele aqui fica no meu lugar. Você falou para eu ficar, mas eu não posso, quem vai ficar com você é este aqui”. Tinha mais ou menos 12 pessoas com o general do exército, o avião

era grande, avião preto. Os soldados ficaram, o chefe da Plantel ficou, algumas pessoas ficaram o dia todo lá. O governador e o presidente da FUNAI foram embora.

A FUNAI dizia que não precisávamos brigar. Levou mais do que cinco anos, muito tempo. As autoridades do governo, o pessoal da Polícia Federal, todos vinham e diziam que um dia iriam demarcar a terra, mas não faziam nada. Quando voltavam e diziam a mesma coisa nós brigávamos com eles. Enquanto eu falava, a comunidade olhava e me defendia, todos armados. Quem falava era eu. Muitas vezes as autoridades do governo me procuravam, queriam me conhecer. Eles diziam: "Esse aí é o Anine? Pensávamos que ele era mais velho, alto, forte. Ele é jovem, quase criança." Muitas pessoas conheciam o meu poder quando algum inimigo atacava, quando o invasor chegava. Assim me consideravam como líder.

É uma história muito grande, muito comprida, de muito sofrimento, muita tristeza, muito choro, muito medo! Tudo isso o povo Suruí passou para demarcar a terra, por causa da morte de Oreia. Se ele não morresse, com certeza o povo Suruí perderia a sua terra. Essa vingança trouxe benefício para os Suruí, assim conseguimos demarcar a terra. Mas a luta para tirar o invasor foi muito longa. Hoje o povo Suruí está bem, considera que a terra é dele, que é dono da madeira, ele acha que é dono da riqueza que está dentro do território. Assim pensa o jovem hoje, aquele que não viu, aquele que não conhece a história.

Foi o povo Suruí que conseguiu demarcar a terra por causa da morte do finado Oreia, todo o povo Suruí brigou, ajudou até que conseguimos. Eu estava apenas como se fosse o chefe daquele grupo, eu estava à frente, comandava as ações. Por isso, todas as pessoas achavam que eu era como o pai delas, que eu era um líder grande, eu tinha a voz.

Naquele tempo eu não tinha amor, não tinha tempo para dormir, não tinha tempo para comer, eu pensava só no que ia acontecer conosco. Com certeza o homem branco era muito mais numeroso, muito mais que a gente. Foi isso que se passou, uma luta tão triste! A única coisa que o povo Suruí achava era que tinha que lutar para demarcar a terra.

Tudo mudou

Em 1976 até 1979 começou a demarcação. Mas havia muitos problemas, muitos conflitos com os invasores, a toda hora parava o serviço de demarcação. Só em 1986 retiramos todos os invasores. O povo Suruí pegou as plantações de café dos colonos na Linha 9, Linha 10 e 11. Conheceu o dinheiro e começou a perder a cultura. Acabou a festa, a tradição, o pajé já não faz mais as cerimônias. O povo conheceu também o evangelho, na cidade. Os índios iam para a cidade pedir comida, pedir roupa. Para mim foi um tempo muito difícil como chefe dos Suruí. O pessoal da Linha 14 estava na cidade, pedindo, e eu fui lá para conversar: “Nós temos terra, muito mais do que o branco e você vai pedir comida para ele? Você pede roupa e ele vai dar a roupa contaminada com doenças. Ele vai passar essa doença para você. Isso não é bom!”. Eu falei muito para esse pessoal que ficava pedindo as coisas em Cacoal, outras cidades.

Como o povo conheceu o dinheiro, passou a depender das coisas do branco, ele pensava como poderia fazer dinheiro. Então começou a vender a madeira.

Hoje o povo Suruí parou de andar, ficou quieto, não briga mais, está em paz, nem pensa mais nisso. Acha que está tudo bem, mas não está tudo bem, porque o Suruí hoje tira madeira, o Suruí garimpa. Com certeza, alguma coisa de ruim vai acontecer no futuro. Um dia todos vamos chorar.

Hoje o Suruí quer ter dinheiro, quer ser líder para ter um nome famoso, não é para ajudar seu povo. Hoje a comunidade Suruí não confia em nenhuma liderança, porque conheceu vários tipos de liderança, a maneira da liderança tratar a comunidade, falar com ela. Hoje, mudou muito, mudou muito mesmo daquela época. Agora, quem toma as decisões são os jovens, não tem mais liderança, cada um faz por si mesmo, por isso cada vez estão abrindo mais aldeias.

O povo Suruí, naquele tempo, antes da chegada do homem branco, vivia com muita alegria, muito unido, comia junto, a liderança vivia junto. Hoje não, hoje há muita inveja, hoje ele fica interessado porque existe projeto, porque existe aquele que está se vestindo bem, porque aquele tem

o carro bom, importado. Há muita briga, muita inveja. Suruí é muito ciumento, isso eu sei porque eu sou Suruí, isso acontece conosco.

O que mais me faz sofrer hoje é a falta de parceiros, a falta daquele que me ajudou na luta. Eu não sei o que aconteceu com a gente, nos afastamos um do outro. Vamos dizer que foi assim um acidente, uma coisa sem querer. Algumas pessoas estão muito preocupadas, outras lembram e queriam que voltasse. Mas não existe isso, o tempo não vai voltar. Não dá para recomeçar uma coisa que não deu certo. Se voltasse, o que aconteceria? É bom a gente aprender com tudo o que passou.

Os jovens, aqueles que estão nascendo, não sabem o que aconteceu nesta terra dos Suruí. Então eu estou muito contente e por outro lado muito triste também, estou chorando, emocionado por contar essa história. Mas é importante, para que as outras pessoas reconheçam também a história Suruí, possam ler e ouvir nossas gravações.

Morada

Quando teve a demarcação, cada família decidiu morar num lugar diferente. Quando as pessoas mudaram para a Linha 11 por causa do cafezal, eu tentei morar lá. Mas, para mim, a minha riqueza era o lugar que a minha mãe, que os meus irmãos conheciam. Para mim, nenhum dinheiro é mais importante do que este lugar. Para mim, parece que a minha família está viva aqui, essa é a minha felicidade. O finado Oreia, o finado Posissara viveram aqui, eles viram esta floresta, então vou viver aqui, esta é a minha riqueza. Vivi um pouco lá na aldeia Lobó, tinha mais de 15 mil pés de café, mas eu abandonei tudo e vim morar aqui mesmo, os outros ficaram na Linha 11, Linha 10, Linha 9, por causa da riqueza do café, foi bom para eles. Para mim, desde criança eu desejava aquela beira de cachoeira, a mata muito linda. Hoje não está tão bonito, tem a roça, a mata foi derrubada. Mas pelo menos a cachoeira me dá alegria, aquele lugar tem muita recordação.

Família

Nesta terra, muito sangue foi derramado. Tudo isso mudou a minha vida. Naquele tempo eu não tinha amor. Mesmo tendo noiva, eu não tinha amor, mais do que isso, não tinha esperança. Eu não tinha filho, não tinha ninguém do meu lado, estava sozinho. Hoje eu tenho filho, hoje eu tenho família e torço bastante para que minha maneira de viver permita vencer tudo o que passamos hoje, porque a nossa maneira de viver hoje é complicada demais. Eu gosto de paz, eu gosto da vida muito tranquila, alegre. É isso que quero hoje. Não consigo nem imaginar o que eu passei. Sem pai, mãe...

Por isso eu digo, quem tem pai deveria ser muito feliz, porque tem tudo. Mesmo que ele tenha alguma doença, mesmo que seja fraco, seja analfabeto, o pai é tudo. Quem tem pai vive com espírito bom, muita saúde, muito alegre. Eu acho que quem tem mãe hoje, tem a vida muito tranquila. O que eu passei ninguém sabe, ninguém consegue imaginar como pode uma pessoa viver sozinho no mundo. Não imaginam. Quem tem pai, tem casa; quem tem mãe tem todo o carinho, com certeza. Tudo, ele tem. São riquezas que as pessoas não reconhecem. Imagina quando alguém não tem pai, imagina quando não tem família, não tem casa, não tem lugar certo no mundo!

Hoje eu tenho filho. São 11 filhas e 10 filhos, então 21 filhos. Hoje eu tenho neto, eu tenho quatro esposas. Achei que eu ia ficar feliz com isso, mas não é assim. Cada vez eu penso que tenho mais tristeza porque o filho não obedece ao pai, a filha não obedece ao pai, à mãe. Por isso a minha vida é mais sofrida ainda, mais triste ainda. Não consigo dormir tranquilo, preocupado com meu filho, preocupado com minha filha, preocupado com a vida de toda a família. Cada vez eu sofro mais. Eu pensava, quando não tinha mulher, não tinha filho, eu pensava que estava triste, que estava sozinho no mundo, mas não, eu estava enganado, eu estava procurando mais peso ainda... eu não sei o que dizer.

Eu tenho um pouco de experiência da vida hoje e quando vejo aquilo que eu já passei, vou falar com meu filho, digo que não é bom aquilo e ele não escuta, a mesma coisa com a filha, a mesma coisa com minha mulher. Dentro de mim tem o meu pai e a minha mãe que me dão conselho.

Eu me corrijo, todo dia da minha vida estou me corrigindo. Quem está me dando conselho, está aqui dentro de mim, o meu pai está aqui dentro, a minha mãe está aqui dentro.

Quando eu aprendi sobre o dia das mães eu chorava muito, lembrava de minha mãe, sua maneira de ser muito carinhosa, então chorava muito. Quando me casei, eu pensava que não queria ter filha. Por quê? Porque eu achava que a menina é quem mais sofre, que um homem poderia maltratar a minha filha. Aí eu dizia que não queria ter uma filha. Não é porque eu não gostasse, era por medo de como ela iria viver neste mundo. Eu torcia para que todos os meus filhos fossem homens, porque assim eles poderiam se virar, trabalhar, viver como eu vivi.

Assim que eu pensava. E acho que Deus, que conhecia o meu pensamento, me deu um castigo, acredito eu, porque hoje tenho 11 filhas, e só 10 homens. Daqui para frente eu não sei. Se for da vontade do tempo eu ter mais filho ou mais filha, porque a maioria das minhas mulheres são jovens, muito mais jovens do que eu.

Quando nasceu a Talita, minha filha mais velha, naquele tempo um motorista que trabalhava aqui disse: “Eu sei que o senhor não gosta da sua filha, dê ela para mim”. Eu ouvia e não respondia nada. A mulher dele chegava na minha esposa e dizia: “Seu marido não gosta da sua filha, dê ela para mim”. Minha mulher me perguntou: “É verdade que você vai dar nossa filha para aquelas pessoas?”. Eu disse: “Mulher, você está doida? Como eu posso dar a minha filha para os outros? Ela é minha filha, o que você está pensando de mim? Isso não existe”. Depois esse homem disse: “Você não quer dar a sua filha para mim, então ela vai morrer porque eu vou falar para Deus para que ele mate a sua filha”. Que absurdo, não? Fiquei chocado com isso.

Logo depois da Talita, nasceu a Hinkir e fiquei triste. O que eu ia fazer? Então eu pensei: “Já que no dia das mães eu choro muito, para poder tirar a dor de dentro de mim, eu vou colocar o nome da minha mãe nela, assim no dia das mães eu vou homenageá-la como se fosse minha mãe verdadeira. Esse foi o meu pensamento. Minha primeira esposa também é considerada como minha mãe, porque ela é muito carinhosa, agrada muito as pessoas, da mesma forma como era minha mãe. Ela é muito

generosa, não tem pensamentos maus, ela ama a todos, ela chega nos lugares e mostra muito amor pelas pessoas. Quando estou doente ela cuida muito de mim. Eu a considero como minha mãe.

Hoje eu preciso trabalhar para tratar daquelas 11 filhas e de alguns filhos que são dependentes ainda, são crianças. Os Suruí hoje não sabem mais viver como eu vivi, antes do contato. Tenho certeza de que se eu puser meu filho lá na mata e disser: “Fique aqui, tire castanha, se chover você pode fazer uma proteção contra a chuva, um tapiri”, com certeza ele não saberia fazer.

Mesmo assim, com todos esses filhos e filhas, eu tenho esperança de que alguém possa seguir meu caminho, como líder. Não estou dizendo que eu sou a única liderança Suruí, não! Estou falando que eu fui bom para o povo Suruí, na demarcação da terra, ajudei como liderança. Então hoje o povo Suruí está muito feliz, e eu também. Porque Suruí está vivo, porque Suruí é muito importante, muito orgulhoso de ser Suruí, é muito famoso, muito valente. Isso me dá alegria!

Mas não é todo Suruí que faz papel de Suruí. A mesma coisa com o povo Xavante, não é todo Xavante que faz papel de Xavante. O Juruna fez, da mesma maneira que o Kaiapó. Foi Raoni, junto com sua equipe, que fez papel de Kaiapó. Amanhã, se Raoni morrer, ninguém vai fazer como ele fez. O Juruna fez coisas muito boas, um exemplo para o povo indígena, para o Xavante mesmo. Então é assim a vida, aqueles que fizeram bom papel para o Suruí, já não fazem mais. Por isso eu quero dizer aos jovens para serem lideranças que ajudam o seu povo, façam o bem dele, o bem do seu próximo. No futuro, converse com a criança que vai estudar, faça palestra para ela conhecer a história Suruí. Por isso eu quero deixar minha palavra.

Estou falando do meu sofrimento, de tudo que vivi até aqui. Hoje é muito diferente de como eu vi, no começo, quando eu era jovem, quando eu era criança. E isso nunca mais vai voltar. São muitas lembranças, muita saudade daquele tempo, muita saudade.

Vingança

Um dia, uma pessoa que eu conheci, me disse: “Você sabe, Anine, que a pessoa que matou o Oreia mora aqui pertinho, na Linha 5? Eu sei que você tem dinheiro, se você me der R\$ 5.000,00, eu mato ele e trago a orelha para provar”. Eu escutava e não respondia nada. Depois eu disse: “Venha aqui, sente-se aqui. Olhe, eu quero ser seu amigo, mas você está pensando coisas ruins sobre mim, porque eu sou o irmão do Oreia, porque sou o Anine e você já ouviu muitas histórias sobre mim. Agora eu fiquei com muito medo de você, porque você está falando de uma coisa do passado. Você não sabe quem eu era. Eu era como qualquer homem, podia matar, podia fazer qualquer coisa, mas hoje eu tenho família, eu tenho filhos, tenho mulheres, na minha aldeia tem poucas pessoas, só a minha família mesmo. Quem eu sou para mandar você matar outra pessoa? Como eu vou confiar em você, se você tem coragem de matar? Hoje tenho família, vou ter netos, tenho responsabilidade, não é como antes, quando brigava. Eu destruí minha vida. Não quero que você pense isso de mim. Não tenho coragem de mandar matar uma pessoa. Se eu fizer isso, o que vai acontecer depois? Amanhã, se descobrem que eu mandei matar, vão vir aqui, cinco, seis pessoas e vão acabar com a minha família, aí acaba de novo a minha vida”.

Hoje estou muito abençoado, a terra demarcada, a família que estou construindo de novo. Não tenho mais desejo de vingança. Acredito que, um dia, quem matou meu irmão vai morrer. Eu não tenho plano de vingança, acabou. Mas ainda dói em mim. Muitas vezes eu pensei: “Se um dia eu encontrar cara a cara com aquele que matou o meu irmão, o que vou fazer?”. Porque quando eu era jovem, eu sempre usava arma, até quando viajei para São Paulo, Brasília, eu levei a arma na minha cintura. Agora eu mudei, quando vi meu filho, minha filha. Eles merecem viver, não vou destruir a vida deles. Eu amo todos eles, tenho responsabilidade de pai. Hoje mesmo eu falei para minha mulher: “Eu nunca imaginei abandonar vocês, eu amo todos vocês. O dia em que abandonar vocês, será somente no dia da minha morte”.

O fundo do poço

Depois da morte do Oreia eu estava muito mal. Meu tio André falou que eu devia me casar, para parar, ficar quieto, senão eu ia morrer também. Então trouxeram uma menina, lá do Cinta larga. Nós vivemos juntos um tempo, mas eu não estava satisfeito. A gente nunca está satisfeito com a vida, estamos sempre reclamando: “Ah! Estou de barriga muito cheia! Ah! Estou com muita fome!”.

Teve um tempo em que os Suruí tiravam muita madeira, como hoje. Naquele tempo, como eu era liderança, o madeireiro estava sempre atrás de mim e eu recebia muito dinheiro. Nessa época também aprendi a beber. Eu só não morri porque o tempo não queria que eu morresse. Muitos companheiros bons morreram por causa da bebida. Dirigiam o carro bêbados ou eram atropelados pelo carro, o corpo ficava como carne moída. Então, naquele tempo, eu bebia muito, tinha carro, aprendi a dirigir desde 1988 e dirigia bêbado todo dia, todo dia, todo dia! Por isso eu falo para o meu filho, a bebida não é boa, leva à morte, falo porque sou conhecedor desse caminho. É perigoso. Não faço mais isso, eu fui lá no fundo e voltei.

Com certeza não volto nesse caminho. Se eu pego dinheiro, não gasto com bebida, gasto com alguma coisa boa para mim, para minha família, com comida, compra de mercado. Hoje tenho nojo de bebida, de fumo. Experimentei droga também. Eu conheci todas essas coisas, e como conhecedor, posso decidir não fazer mais. É como você mexer na caixa de marimondo. O marimondo vai ferroar você todo e aí você não vai mais passar naquele lugar, porque sabe que vai sofrer.

Como estamos vivendo no meio do homem branco, a gente aprende. Eu já bebi muito, usava arma. Arma é muito perigoso, você pode ficar bêbado e, sem querer, matar seu companheiro, ou ser preso pela polícia por usar a arma. Temos que procurar o que é bom.

Uma vez eu fiquei apaixonado pela mulher branca. Eu ganhava muito dinheiro, andava com carro bonito. Aí encontrei essa mulher. Uma pessoa do Paraná. Naquele tempo abandonei minha família verdadeira e viajei com essa mulher para conhecer a família dela. Fiquei três meses

no Paraná. Quando voltei, minha mulher estava me esperando. Ela sabia que eu estava fazendo isso e falou: “Essa branca vai dar um chute na sua bunda quando acabar o seu dinheiro. Você me maltrata e eu estou aqui te esperando, sem comida, sem ninguém para cuidar de mim. Fiquei muito tempo sem comer carne”. Eu entendia que estava errado e abaixava minha cabeça. “Está bem, por isso você é minha mãe. Só minha mãe pode entender o meu erro e me corrigir”. Então peguei minha arma que estava abandonada há muito tempo e matei um nambu para ela.

Como minha mulher havia falado, a mulher branca me abandonou. Ela me telefonou e disse: “Não quero mais você. Voltei a namorar com um antigo namorado de infância”. Por isso eu fiquei muito mal e comecei a beber muito mesmo. Então entendi o valor da minha mulher. Ela era minha mulher verdadeira, nunca me abandonou por causa de dificuldade. Uma vez eu perguntei por que ela não me dava comida na boca e ela disse: “Por acaso você é criança?”. Eu disse que a minha namorada branca fazia assim, me dava comida na boca, me tratava bem e eu pensava que ela me amava. Minha mulher disse: “Eu amo você, mas não sei fazer esse tipo de carinho, minha natureza é outra”. Eu tenho muita sorte, casei com uma mulher muito boa. Ela me deu muitos filhos. Tenho esperança de que vou viver muito tempo com minha família. São presentes para mim. Foi Deus quem me deu esse presente.

Não proíbo meus filhos de casarem com mulher branca. Mas tem que conhecer primeiro, como é a pessoa, como é o homem, como é a mulher, como ela vive. A maioria dos índios estão se casando com a branca. Mas precisa conhecer. Tanto entre nós, os índios, como entre os brancos, as pessoas não são iguais, tem gente boa, mas tem gente ruim. Por isso quero deixar para os jovens a experiência da vida que eu passei. Eu fiz muita coisa errada, por isso hoje eu não tenho nada. As pessoas inteligentes hoje têm criação de gado, têm dinheiro no banco. Enquanto eu, quebrei a cara. Por isso tenho que aconselhar meu filho. Porque a vida no meio do homem branco não é fácil. Muitas vezes o branco também passa fome, muitas vezes o homem branco larga sua mulher ou então mata. Muitas vezes o homem branco estupra a sua filha, muitas vezes mata seu pai. Estamos vivendo no meio do homem branco e aprendendo. Por isso temos que tomar cuidado. Temos que ser Suruí

verdadeiro. Como eu já falei, antes o Suruí era muito unido, muito alegre. Muito antes do tempo do contato. Hoje eu não conheço mais esse Suruí.

O evangelho

O povo Suruí abandonou a sua dança, a cerimônia do pajé, o *mapimai*.⁵ Hoje acham que tudo é pecado. Eu pedi para um velho contar histórias para o livro e ele disse: “Eu tenho limite para contar histórias, eu acho que não é certo contar histórias porque eu sou religioso, sou crente”. Eu pensei: “Será que ele está entendendo mesmo o que é ser crente?”. Isso estraga a cultura, se não fosse a religião, hoje teríamos pajés.

O Bill era um missionário holandês e sua mulher, Carolina, era americana. Desde 1966, desde antes do contato, eles já estavam aqui. Ele acompanhou o contato, fazendo fotografias. Ele disse que estava aqui para estudar a língua e fazer a cartilha Suruí, para ensinar para as crianças, para que não esquecessem a língua. Ele gravava com as pessoas. Eu não queria que ele gravasse mais, nem que trouxesse a palavra de Deus. Ele fazia isso escondido. Escondia o gravador na roupa e levava o índio para a mata para gravar escondido, ou dizia que ia levar para tratamento de saúde em Porto Velho e lá ele pagava para o índio para gravar. Quando eu percebi, pedi para ele ir embora. O André me disse que queria que seu filho aprendesse a escrever e ler em Suruí, que achava importante. Eu achava que isso não seria bom, que depois os Suruí não iam querer mais ser Suruí, iam deixar sua cultura. Ele então me pediu para levar o Bill para a Linha 11, que faria isso com cuidado, que se ele ensinasse algo errado, o mandaria embora. Eu brigava muito com os crentes dentro da aldeia, expulsava as pessoas que vinham aqui pregar a palavra de Deus. Eu era grosseiro. Diziam que eu era bravo. Eu achava que não era bravo, que só estava fazendo o papel do líder.

Até que um dia as visões apareceram para mim. Eu pensei que ia virar pajé. Mesmo antes do contato, quando eu era criança e estava muito doente, vi alguém me levando numa nuvem pequena, como se fosse uma bacia. Alguém me levava para o ar, nessa nuvem, e eu gritava, gritava. Mesmo de olho aberto eu via.

Uma vez, muito tempo depois eu tive outra visão, eu estava num caminho e caíam raios que começavam o fogo, em todas as direções. Tinha uma montanha muito linda, uma paisagem muito limpa, com plantas diferentes, tudo muito lindo, eu nunca tinha visto aquele tipo de mata. Eu estava lá, procurando a menina para namorar, como faziam os rapazes e, de repente, o fogo apareceu. Eu fiquei cercado, não tinha como sair, tinha três carreiras de fogo, na frente, pelos lados, atrás. Então uma voz falou comigo. Eu ouvi uma gargalhada... Rá, rá, rá, rá, rá! E depois: “Te peguei!”. Eu não via quem estava falando. Ele falou de novo: “Você não é corajoso?”. Eu respondi: “Sim, eu sou corajoso”. “Então enfrenta esse fogo pulando, pulando, sem parar”. “Isso não é ser corajoso”, eu respondi. “Sim, me mostra que você é.” Eu pulava uma carreira, outra carreira, outra. Ficava cansado, cansado. E ele ria de novo... Rá, rá, rá, rá, rá! E falou: “Eu te peguei”. “Como você me pegou?”. “Não precisa perguntar, você está na minha mão. Se você quer acabar com esse fogo, ajoelhe-se para mim”. Eu disse: “Eu não me ajoelho diante de ninguém, eu sou guerreiro, muito valente”. Ele riu de novo: Rá, rá, rá, rá, rá!, e falou: “Para mim, você não é guerreiro coisa nenhuma, você não é valente coisa nenhuma, você não é nada!”. Eu perguntei: “Quem é você? Só estou escutando sua voz, me mostre a sua face”. Então apareceu, como se fosse aquele desenho de Cristo. Eu vi, aquele rosto, no meio das nuvens. Senti o toque de alguém no meu ombro, dizendo: “Você é muito teimoso, ajoelhe-se”. Então eu ajoelhei. Quando ergui o meu rosto não vi mais aquele fogo. Quando acordei, percebi que coisas muito ruins estavam acontecendo na minha vida enquanto eu perseguia os cren-tes, enquanto não os deixava falar sobre a palavra de Deus. Como liderança, eu não deixava entrar a religião porque eu tinha essa certeza de que se entrasse, acabaria a cultura do povo Suruí, por isso eu me preocupava.

Quando minha filha Hinkir ficou muito doente, o sonho me disse: “Você é muito malvado, muito mau. Eu não gosto do que você faz com os meus filhos, por isso você vai pagar. Você vai ver, sua filha vai sofrer muito”. Eu perguntei: “É verdade?”. “Quando acontecer, você vai ver que é verdade”. No meu sonho, estávamos passando por uma ponte e minha filha caía dentro da água. Eu queria pegá-la, salvá-la, então mergulhava no rio, mas um cipó agarrava o meu pé.

O Bill me contava a história de Jonas e eu nunca esqueci. Ele me contava que Jonas não obedecia a Deus e ia embora, para outro país. Então o vento soprou muito forte contra o barco e o marinheiro perguntou por que aquilo estava acontecendo. Jonas disse que era por causa dele: “Se você quiser, me jogue”. O marinheiro o jogou no mar e na mesma hora o vento acalmou. O peixe grande veio e engoliu Jonas. Durante três dias ele orou a Deus e o peixe grande o jogou na praia. Isso eu nunca esqueci.

Por isso eu lembrei da história, dentro do meu sonho. Na hora em que Hinkir caiu dentro do rio e o cipó agarrou no meu pé, eu falei: “Deus, como você sempre diz que é Deus no meu sonho, a minha filha é muito querida, eu gosto muito dela, então salve minha filha. Como você guardou Jonas, dentro do peixe no mar, guarde minha filha”.

Ela ficou realmente muito doente, passamos mais de 9 meses com ela no hospital em Goiânia e os sonhos me perseguiam. Então aceitei a Cristo. Acabou aquela coragem, a valentia que eu tinha, já não era mais a mesma pessoa, não tinha mais vontade de ser líder do povo Suruí. Me afastei naquele tempo por causa do evangelho. Depois que eu aceitei, o evangelho começou a penetrar muito nas aldeias, todos aceitavam, muita gente, muita gente. Eu ficava muito admirado. Por que até o velho estava aceitando? Será que ele está entendendo mesmo, como seria uma doutrina da igreja? Não é fácil. Isso aconteceu comigo. Como Deus disse para mim que eu não teria força para enfrentar, eu aceitei logo. Minha família é evangélica. A maioria do povo Suruí hoje aceitou a palavra de Deus. Essa é uma fraqueza do nosso povo.

Eu posso contar, que, quando eu me converti, aconteceu um milagre. Eu não sabia ler. Eu pedia para o meu filho ler para mim, a bíblia. Ele lia, eu passava para os Suruí. Outro dia eu chamava minha mulher Artemira para ler, ela lia e eu passava para os Suruí. Então, no rio, numa praia de areia muito bonita, eu me sentei lá e olhei a bíblia, as letras, separadinhas, não tinham significado para mim. Eu levantei a bíblia, assim, para o céu e falei: “Deus, se você existe mesmo, faça com que eu aprenda a leitura. Você não fez a terra, você não fez o céu? Por que eu estou falando isso com você? Porque eu nunca estudei, nunca peguei o lápis. Se você quer que eu seja seu filho, me dê a leitura para que eu entenda sua palavra”. Logo, logo apareceu o significado de uma palavra. Isso aconteceu comigo.

É uma coisa que as pessoas talvez não possam acreditar. Eu olhava as letras nas caixas, e começava a compreender a letra a, o x...

Hoje eu leio, muito mal, mas alguma coisa eu entendo, uma história de Jesus, uma história do povo de Israel, no tempo de Moisés, como ele atravessou, como era castigado no Egito. Muita história triste, muita história bonita.

Eu acredito que hoje Jesus não está morto. Jesus está vivo. Eu falava sobre o que ia acontecer comigo e o espírito falava comigo. Jesus mesmo falou que o pai dele é o verdadeiro espírito.

Essa é minha vida hoje, eu tenho muita emoção, por qualquer coisa eu choro. Antes de casar, antes de ter filho, eu batia no peito e dizia: “Eu sei que posso trocar tiro com o cara, ou posso comer uma cobra viva, se ela me morder, se algum dia eu machucar a minha perna e ficar aleijado, eu me mato”. Assim eu falava, pensava que era muito corajoso. Só pensava no mal, achava que tudo era fácil para mim. Hoje não, hoje eu tenho medo de morrer, tenho pessoas muito carinhosas do meu lado e me preocupo muito com o futuro delas. Hoje eu conheço um outro caminho.

Essa mudança que aconteceu com o povo Suruí, com a entrada da religião, o povo não é capaz de entender. Para ter o evangelho, tem que ser muito obediente, muito habilitado, se transformar, ser de outra maneira, não como o índio é, não como a gente vive. Jesus falou que o crente não pode desejar o dinheiro, se olhar uma menina que o agrada, só de olhar já comete um pecado. Não é fácil! Quem consegue fazer isso? Por isso eu falo que não serve para o Suruí. Nós temos costumes que fazem parte de nós mesmos, xingar, matar, comer macaco. Os dez mandamentos falam que temos que ter limite com a comida. Isso está escrito, é uma religião de judeus. Serve para o índio? Claro que não. Tudo isso que aconteceu, para essa mudança, é muito sacrifício para o povo Suruí, muito ruim largar a sua tradição, a sua cultura.

Falta liderança, eu acredito nisso. Falta a gente batalhar e tentar voltar de novo a nossa tradição. Aquele que entende o evangelho pode continuar, aquele que não entende pode tentar voltar, continuar sua tradição como Suruí. Eu me preocupo com isso, alguns outros líderes mais antigos se preocupam. Só alguns.

Novos contatos

Nesse tempo de muita luta eu andei pelo Brasil inteiro, conheci muitas pessoas. Muito tempo depois, quando já estávamos nessa briga, conheci Betty Mindlin. Conheci Ailton Krenak, quando ele era ainda muito jovem. Conheci outros líderes, o Juruna, o Raoni, Davi Yanomami, Biraci Yawanawá, Álvaro Tukano. Nós todos, naquele tempo, éramos muito jovens.

Foi então que entendi que não éramos somente nós, os Suruí, que sofriamos. Ailton Krenak contava como o homem branco tratou o povo dele, como o líder dos Krenak foi morto, foi preso, levou choque na cadeia. Muitos líderes valentes haviam morrido. Assim entendi que não éramos somente nós que estávamos sofrendo. Conheci muitos líderes importantes, pessoas batalhadoras, guerreiros como ele. Assim a nossa energia ficou muito forte de novo, como se estivéssemos morando em algum lugar especial, alguma aldeia, numa terra muito protegida. Mesmo que o governo não nos escutasse, nós estávamos felizes, compartilhando com os outros grupos diferentes, os outros líderes. Aprendíamos, um com o outro. Então isso foi muito importante, até eu chegar aqui, no momento que estou vivendo.

Essa é minha história, tem muita coisa boa, mas muita tristeza também, por isso quando eu falo, eu choro, me emociono por tudo o que passei. Ainda sinto dor dentro de mim por tudo que passei, por tudo que vi com meus próprios olhos. Muita morte. Muita morte dos líderes, muita morte das pessoas, das crianças, adultos.

A minha alegria maior é saber que o Ailton está vivendo ainda, como o Raoni, como o Álvaro. Grandes líderes! Isso me faz lembrar daquele tempo, quando éramos jovens, quando nos encontramos. Muitas vezes chorei, como agora estou chorando, quando ouvi a notícia da morte do Mário Juruna, das brigas do povo Xavante, dos problemas do pessoal do Xingu, isso me deixa triste. Mas eu fico contente que o Davi está vivo, que o Biraci está vivo, os companheiros. O principal líder, eu considero até hoje, é o Krenak, ele é um líder, sempre esteve na frente. A história dele é muito linda. Ele nos ensinou como lutar. Sempre o admirei, a história dele é muito mais bonita que a minha, como ele levava sua comunidade para Brasília, para lutar. Por isso mesmo, pela luta dele, pela força dele,

a nossa terra está aqui, por isso eu o considero nosso principal líder. Sem ele, a gente não era nada.

Tem muita história linda, esta história eu contava sempre: uma vez, quando estávamos juntos, o congresso estava votando a lei de população indígena e ele pintou o rosto... é uma história muito bonita. Ele sempre vai ser líder, mesmo quando terminar a vida dele, ele será sempre o líder.

Uma vez nós fomos para Rio Branco, no Acre, para um encontro, no tempo do Chico Mendes, para fazer uma aliança dos povos da floresta. Eu me lembro disso tudo. Eu aprendi muito com ele, nós aprendemos juntos.

Eu elogio também todos os parceiros dessa luta, a Betty, a Maria Barcellos, muitas outras pessoas que deixaram lembrança. Eu torço para que tenham saúde. Os jovens têm que conhecer as pessoas que lutaram pela demarcação da terra deles. Por causa dessas manifestações, dos encontros com outras lideranças, apoio dos antropólogos, dos amigos, no começo também do padre Ezequiel, nossa terra foi demarcada.

Antes do povo Suruí conhecer o homem branco não tinha essa preocupação, não tinha essa batalha, não tinha essa luta, mas quando eu cheguei aqui, foi isso que eu encontrei. Muito tempo se passou, muita história.

Eu quero deixar essas palavras para os jovens, para poderem analisar minha história, essa história nossa, do povo Suruí, porque quando eu conto a vida do Suruí, eu conto também a minha vida. É isso. Obrigado.

.....
1 Bracelete usado pelos homens.

2 Enfeite usado pelos homens nos pulsos e nas pernas.

3 Ismarth Araújo de Oliveria, presidente da FUNAI de março de 1974 a março de 1979.

4 A empresa Plantel, de Goiânia, chegou a Cacoal para demarcar a área Suruí.

5 Ritual da origem da humanidade, reúne todas as pessoas da aldeia em torno da bebida, do alimento, de cantos e danças, com trocas de presentes e favores.

Ĝakaman e Ĝathag Suruí



História de duas mulheres

Os antigos contavam a história assim. Nenhuma mulher gostava dele. Ele não tem nome. Por isso ele mantinha relação sexual com a *oroyhid*, uma árvore que havia atrás de sua casa. Havia uma rachadura no tronco da árvore e ali ele fazia sexo. Assim a árvore engravidou. Então ele disse para sua mãe:

— Mãe, sempre ouça com atenção os sons no canto de nossa casa.

— Sim! – respondeu a mãe.

Da mesma forma, o sem-nome manteve relação sexual com uma cabaça e a cabaça engravidou. Ele também pediu que a mãe ouvisse no canto da casa com atenção. Então ele se foi.

A mãe já havia se esquecido do pedido do filho, quando escutou um estouro: POOU! E depois um choro de criança: We, we, we! Ouviu o estrondo e depois o choro, então se lembrou do pedido do filho. Saiu correndo e deparou com uma criança deitada no chão, próxima à árvore. Ela pegou o bebê e levou-o para a casa. Mais alguns instantes e: POOU! We, we, we! Ela também se lembrou do pedido do filho. Um pouco mais distante do local onde houve o primeiro acontecimento, ela também viu outra criança deitada no chão, próxima aos cacos da cabaça. Contam que então ela tomou as duas crianças, eram meninas: Sansam e Kabeud.

Contam que então o sem-nome criou as duas meninas, suas filhas, mesmo não tendo mulher. Assim ele viveu com as filhas. Elas cresceram, andavam por todas as aldeias, andavam por toda parte. E o pai as avisava:

— Eu gerei vocês do nada. Por isso vocês não devem se deixar usar.

Mas elas não davam importância ao que o pai falava. Kabeud, quando pediam para namorar com ela, se entregava. Já Sansam, quando pediam, ela oferecia a palma da mão.

Contam que houve uma grande festa, de beber *yatir*, chicha, onde as pessoas se reuniram. O dono da festa convocou todos os seres: pássaros, animais, humanos, todos. Contam que depois de se enfeitarem, se pinta-

rem, começaram a dançar, tocando flauta. Mokowá, a coruja, começou a dançar oferecendo-se para as moças, as filhas do sem-nome, enquanto o povo tocava flauta. Lá estava ele, Mokowá, todo enfeitado, com um belo enfeite labial.

Mas, na festa, elas depararam com Peyxir, um belo pássaro que exibía suas lindas penas. Mokowá se exibía também, mas as mulheres só tinham olhos para Peyxir, desejavam ficar com ele, e comentavam:

— Poderíamos ficar com aquele ali.

Contam que ele, o sem-nome, falou para as filhas que elas não deveriam envolver-se com ninguém na festa:

— Pelo fato de eu ter gerado vocês no buraco da árvore e da cabaça, vocês não têm origem – disse o pai para as filhas.

— Sim! – responderam.

Mas, mesmo assim, sentiram-se atraídas pela beleza do Peyxir. Mokowá, a coruja, ficava na frente do Peyxir, tentando impedir que as moças olhassem para ele. Sabia que as moças não estavam interessadas nele, então perguntou ao dono da festa:

— O que elas estão comentando?

— Ah! Elas estão admirando a sua beleza!

Ouvindo o que o dono da festa dissera, as duas irmãs comentavam:

— Nós é que não queremos ficar com esse perna cabeluda aí! Mokowá acha que estamos falando dele. Queremos é ficar com o Peyxir.

Nesse momento, as pessoas começaram a se despedir para ir embora e as mulheres falaram com o Peyxir:

— No caminho, deixe sua pena para nós, indicando o caminho, a direção da sua casa.

Mokowá ouvia tudo o que elas planejavam. Então, ficou para trás e trocou de lugar a pena que o Peyxir deixara. Pegou sua pena e colocou no caminho da casa do Peyxir e a pena do Peyxir ele colocou no caminho da sua casa.

Contam que ele foi para sua casa, empoleirou-se e ficou de frente para o caminho, vigiando. Ao avistar as mulheres chegando, disse para sua mãe:

— Mãe, as mulheres estão vindo me encontrar!

Ao perceber que haviam sido enganadas, resolveram ficar. Foi quando Mokowá disse para elas:

— Deixa eu namorar com vocês.

Então Sansam mostrou a mão e disse:

— Pode fazer aqui.

E ele manteve relação com a mão dela.

— Agora é sua vez – ele disse para Kabeud.

— Sim!

E então ela se entregou e namorou com ele.

— O que você está fazendo? – dizia a irmã mais velha, Sansam. — Você não deve se deixar usar.

— Está com ciúme! – dizia a irmã mais nova, Kabeud.

— Não fiquem com ciúme, não. Vocês podem me dividir – dizia ele, a coruja.

— Você não deve fazer assim – dizia Sansam. — Assim você está deixando que outros se aproveitam de você.

Contam que depois Mokowá falou para elas:

— Vocês querem mel? Vamos, vou tirar mel para vocês.

Então ele furou o tronco de uma árvore qualquer e ordenou que elas fossem buscar folhas largas para pegar o mel. Enquanto isso, ele colocou a cabeça dentro do oco da árvore, fechou bem os olhos e chorou. As lágrimas encheram o tronco da árvore. Ele apanhava as lágrimas nas folhas e dizia ser mel.

Kabeud tomava mel sem parar e a irmã dizia para ela:

— Não tome mais mel, estamos sendo enganadas, ele está se aproveitando de nós. Isso parece ser lágrima.

— Você está com ciúme.

— Não briguem por mel, não – dizia Mokowá. — Comam juntas.

— Já não tem mais vasilha para guardar o mel, vamos buscar mais vasilha.

E saíram buscando ouriço da castanha. Quando encontravam, batiam um no outro, tum, tum, tum. Ele dizia para elas:

— Voltem!

— Espera, espera, espera! – elas respondiam.

Andando assim, foram embora. Como elas demoravam muito a voltar, a coruja percebeu que haviam fugido e desceu do alto da árvore. Contam que antigamente as pessoas tinham linhas, fios parecidos com os das aranhas e ele, Mokowá, seguiu a linha delas.

No caminho, elas encontraram Oiô, um tipo de pomba, que estava comendo *abiah*,¹ tinha uma vasilha cheia dessa fruta. Elas se alegraram ao ver as frutas e pediram para ficar com ele. Ele aceitou e então pediu:

— Deixe-me namorar com vocês.

E da mesma forma elas fizeram. Sansam ofereceu a mão para ele e a irmã, Kabeud, namorou de verdade.

— Você não pode fazer isso – disse Sansam.

— Agora já é tarde! – respondeu a irmã.

Contam que, antes, elas haviam avisado para Oiô que a coruja iria procurar por elas.

— Tudo bem – respondeu ele. — Deixe que esconde vocês.

E ficou ali parado, fingindo estar triste. Logo depois a coruja chegou.

— Como vai, amigo? – perguntou a coruja.

— Estou bem! Estava comendo pama. – respondeu Oiô.

— Você viu alguém passando por aqui?

— Não! – respondeu. — Não vi, não. Eu estou com muita dor de dente e por isso estou aqui triste, com a boca inchada – comentou Oiô, que mantinha as duas mulheres escondidas dentro de sua boca.

— Vejo que a linha delas está vindo nesta direção. Elas estão dentro da sua boca.

Mokowá tocou a boca e as mulheres fugiram.

— O que pensa que está fazendo conosco!? – disseram as mulheres para a coruja.

Elas o empurraram e ele saiu assobiando o canto da coruja. Assim ele se transformou em coruja e elas se livraram dele.

E foram morar com Oiô que as levou para a casa dele. No dia seguinte, ele perguntou:

— Vocês querem peixe elétrico?

Elas responderam que sim e ele saiu com a promessa de trazer peixe. Voltou de lá, com um balaio cheio, jogou no chão e disse para sua mãe:

— Mãe, cozinhe peixe elétrico para as mulheres.

Ela cozinhou e depois serviu. Kabeud comia sem parar, com gosto.

— Você está comendo essa coisa? Isso não é peixe! – dizia Sansam para ela.

— Você está com ciúme! – respondia ela.

— Não briguem por comida, não – dizia ele para as irmãs.

E só Kabeud comia o cozido. No dia seguinte, ele saiu com a promessa de buscar mais peixe e elas resolveram segui-lo para ver onde ele conseguia pescar. E viram que ele tirava minhoca da beira do lago.

— É assim que você faz e fala que está pescando peixe elétrico, Oiô! – disseram para ele.

As duas mulheres foram visitar a mãe dele e contaram a ela o que o filho fazia. Então, ela saiu voando, transformada na pomba Oiô.

Contam que seguiram andando, andando, quando viram Makabé, a garça, limpando peixes.

— Nossa! Quanto peixe! É com esse homem que vamos ficar. Podemos ficar com você?

— Sim! Mas só se namorarem comigo – ele respondeu.

Então Kabeud, como sempre, deitou-se com ele, numa pedra, na beira do rio. Enquanto estavam namorando, o esperma de Makabé caiu no rio e virou peixe. É por isso que damos o nome de “esperma do Makabé”, *makabesob*, a esse peixe. Isso é parte da nossa criação. Então ele falou para a mãe dele:

— Mãe, as mulheres vieram ficar comigo, cozinhe peixe para elas.

E as mulheres comeram o peixe. Quando Sansam viu Makabé ficar com Kabeud, ficou com ciúme. Essa foi a origem do ciúme. Então ela falou:

— Oh! Oiô vai vir me procurar.

Então Makabé resolveu escondê-las no seu papo. Oiô veio andando e perguntou:

— Por acaso as mulheres vieram para cá? Vejo que elas entraram no seu papo, vejo a linha delas.

Oiô abriu o bico de Makabé para pegar as mulheres. Para se proteger, ele empurrou Oiô que saiu voando. Voou seguindo o rio, transformado na pomba Oiô também.

Elas seguiram andando e mais adiante encontraram Itxiab, o veado, que tinha um cesto cheio de milho. Pediram para ficar com ele e ele aceitou. Logo depois ele pediu para namorar com elas e da mesma forma que faziam com os outros, fizeram com ele. Então ele falou:

— Eu vou caçar porco do mato para vocês.

Quando voltou, veio com um balaio cheio, cheio somente de carne.

— Mãe, cozinhe carne para as mulheres – ele disse para a mãe.

Assim ela cozinhou e Kabeud comia muito.

— Por que você está comendo só carne? Cadê os ossos? – dizia Sansam para ela. — Você nem sabe que carne está comendo.

Itxiab saiu com a promessa de caçar novamente e elas o seguiram. Então o avistaram num tapiri onde havia uma panela de barro grande, e perceberam que, escondido embaixo da panela, ele estava tirando carne de suas próprias pernas.

— É isso que você faz, Itxiab? – disseram para ele.

Ele jogou a panela e saiu correndo, transformado em veado.

— Olha o que ele faz! E você ainda come! – dizia Sansam para a irmã.
— Vamos lá, na casa da mãe dele.

Quando contaram a ela o que o filho estava fazendo, ela correu, transformada em veado também.

— Acabou. Não temos sorte, vamos tentar mais uma vez – disseram as duas irmãs.

E assim seguiram até que se encontraram com Peyxir. Então viram que Peyxir tinha uma roça muito farta e ficaram impressionadas:

— Deixe-nos ficar com você – disseram para ele.

— Sim, mas eu quero namorar com vocês – ele disse a elas.

— Sim! – responderam.

Contam que, dessa vez, Sansam entregou-se a Peyxir porque gostava dele de verdade. E Kabeud também namorou com ele. No dia seguinte, ele disse a elas:

— Eu tomo muita chicha, vivo em festa. Vou a outra aldeia, preciso ir lá.

E quando a noite já tomava conta do dia, ele chegou, veio andando em direção a elas cantando... Rei, rei, rei! Veio andando e entrou dizendo:

— Tomei muita chicha na festa!

E as mulheres se deitaram e namoraram com ele. Enquanto estavam namorando, apertaram demais a barriga dele, ele arrotou e elas sentiram um cheiro diferente de chicha. No dia seguinte, ele fez a mesma coisa. Disse que precisava ir beber. Quando ele se foi, decidiram segui-lo.

— Vamos ver por onde ele anda – disseram uma para a outra.

O fato de ele arrotar um cheiro diferente as deixou curiosas. Quando foram, avistaram muitos pássaros reunidos e bem acima deles estava Peyxir fazendo: Rei, rei, rei, rei! Impressionadas, ficaram observando de longe, até que decidiram falar algo para ele. Foram até a árvore onde ele estava e disseram:

— É isso que você faz? E sai com a desculpa de que está bebendo chicha, Peyxir!

E ele saiu voando. Elas tinham imaginado que ele era um líder importante, por isso participava de muitas festas. Mas perceberam que ele era um homem comum e foram até a mãe dele reclamar:

— Seu filho é como os outros, um homem comum, e você escondia isso de nós.

Então ela saiu voando.

As irmãs resolveram seguir para outro rumo e lá encontraram alguém que tinha muitas cabeças de porco do mato. Aquilo as impressionou muito e assim pediram para ficar com ele, que era filho da Mekopitxay,² a onça.

Então ele pediu para namorar com as duas e elas aceitaram. Sansam entregou-se para ele e assim também fez Kabeud, como fazia com todos com quem se encontrava. Então ele, o filho da Mekopitxay, saiu com

a promessa de buscar caça para elas, e voltou com um cesto cheio de porco, esse tinha caçado de verdade! Pediu que a mãe dele cozinhasse a carne para elas, e elas comeram. Dizem que Sansam já estava grávida de Peyxir.

Algum tempo depois, as duas estavam grávidas. Sansam deu à luz primeiro, por isso estava de reclusão quando Mekopitxay chamou Kabeud, que ainda estava grávida, para ir junto com ela tirar lenha. Então Sansam pediu para a Mekopitxay não comer a sua irmã. O filho dela também sempre fazia esse pedido. Ele dizia:

— Mãe, não coma minhas esposas. Eu sempre vou trazer caça para você não ficar com fome. Você não precisa comer minhas mulheres.

E ela, Mekopitxay, sempre dizia para Kabeud:

— Você me respeite, tenha medo de mim.

E lá se foram as duas tirar lenha. Quando chegaram na mata, Mekopitxay pisou num espinho e disse para Kabeud:

— Ai! Tem um espinho no meu pé! Tire o espinho de mim!

E, virando a bunda para o lado de Kabeud, esticou a perna, mostrando o pé em que estava o espinho. Kabeud cutucava, tentando tirar o espinho e, com a dor, a onça peidou. Pum!

— KAKAKAKAKA! – riu Kabeud.

— Não ria de mim, não – disse ela. — Tire o espinho.

E pum! Peidou de novo.

— KAKAKAKAKA! – ria Kabeud.

— Estou ordenando, não ria de mim. Vou comer você, se continuar rindo de mim! – dizia Mekopitxay. E pum! Peidou novamente.

— KAKAKAKAKAKA! – ria Kabeud.

Foi quando a onça disse, mais uma vez:

— Já ordenei que não risse de mim! Eu avisei que ia comer você!

E a golpeou com uma mordida no pescoço. Contam que assim Mekopitxay a comeu, comeu, comeu, durante o dia todo. Ela era onça em forma de ser humano.

Como Kabeud demorasse muito a chegar, Sansam estava preocupada:

— O que foi que ela fez com minha irmã?

Ali, sozinha, Sansam pensava no que teria acontecido com sua irmã, até que Mekopitxay apareceu, quando a noite já tomava conta do dia e Sansam perguntou:

— Cadê minha irmã mais nova?

— Ela ficou para trás, ocupada com seus afazeres – dizia ela.

— Você não comeu minha irmã, não é? Se comer minha irmã mais nova, eu mato você!

Então Mekopitxay pôs a lenha no fogo, tirou um embrulho de folhas que trouxe da mata e colocou na panela que estava no fogo. Logo em seguida, pegou outro embrulho e começou a socar no pilão.

— O que você tanto soca no pilão? – perguntava Sansam para a onça.

— Estou pilando para fazer farofa de formiga – respondia ela.

Socou, socou, e então o embrulho escorregou e saltou do pilão, caindo no colo de Sansam. O embrulho era a criança de Kabeud. Mekopitxay veio às pressas atrás da criança que havia escapado.

— Onde foi parar o meu embrulho de formigas?

— Não, não vi nada.

Mas a criança chorou: We, we, we! Sansam pegou uma lenha acesa e disse:

— É por isso que eu estava desconfiada! Você comeu minha irmã mais nova! Você se aproveitou da minha irmã!

Avançou para cima de Mekopitxay com o fogo, ela teve medo e fugiu. O bebê, filho de Kabeud, crescia no colo de sua tia sem parar. O filho de Sansam era um bebê, uma criança normal.

Enquanto isso, o filho da Mekopitxay ainda estava fora, caçando. Ele era humano, mas também era onça, como sua mãe. Quando voltou, Sansam lhe contou que a mãe havia comido sua irmã. Ele sempre pedia para a mãe não comer suas esposas, mas não adiantou. Então ele falou para Sansam:

— Não mate minha mãe. Mas se algum dia você matá-la, não me deixe sozinho.

O menino, filho da onça com Kabeud, logo se transformou num rapaz. O pai estava longe caçando, e Sansam disse a ele:

— Mekopitxay comeu a sua mãe. Você deve se vingar.

Ele foi e preparou *yah iter*, a flecha verdadeira, feita para a guerra, para matar. E foi vigiar a avó. Quando Mekopitxay estava sentada, ele atirou a flecha nas costas dela. A flecha bateu na onça e caiu. Ele atirou novamente e a flecha de novo caiu.

— Uiuiu! Estou levando picada de muriçoca! – dizia ela.

— Ah! Mãe, minha flecha não penetra nela! – reclamava o rapaz para Sansam, que ele chamava de mãe.

— Você tem que matá-la.

— Sim! Vou cortar árvore de tucumã e derrubar em cima dela – dizia ele, e assim fez.

— Sente-se aqui, avó! – disse ele para Mekopitxay.

Foi e cortou a árvore de tucumã para que caísse em cima dela. Mas a árvore bateu e pulou. Planejou cortar outra palmeira para que também caísse em cima dela. Cortou a palmeira, a palmeira caiu em cima dela e nada aconteceu.

— O que posso fazer, mãe? Nada consegue ferir minha avó – ele falava.

Decidiu ir caçar tatu, foi e matou um tatu. Decidiu fazer um moqueado de gordura do tatu, fez o embrulho muito malfeito e pediu:

— Avó, asse isso para nós.

E quando ela virou o moqueado, o embrulho que era malfeito se desfez e o líquido da gordura espirrou nela.

— Ui! Me queimei com a caça do filho daquela que foi meu alimento! – disse ela.

Ao ouvir o que a avó-onça dizia, ele ficou com muito ódio. Então pensou, pensou e planejou:

— Vou quebrar a cabeça dela com o machado.

E assim fez. Amolou bem o machado e quando ela estava sentada de cabeça baixa veio por trás e a golpeou. Toou! Mas nada aconteceu, o machado saltou da mão dele.

— Uiuiu! – disse ela. Que coceira gostosa. Um mosquito me ferrou.

— Desisto! – disse ele. — Não consigo matá-la.

Então Sansam lembrou-se do dia em que ela teve medo do fogo! Lembrou e sugeriu ao filho que experimentasse matá-la com o fogo. E assim ele fez. Convidou-a para fazer coivara³ no pátio, e então começaram a limpar e a queimar.

Quando a Mekopitxay veio com alguns galhos para jogar na fogueira, ele não perdeu a oportunidade, veio por trás e a empurrou na fogueira. Tchum! Dessa vez o planou deu certo e ela se queimou. Contam que ela ficou toda carbonizada. O fogo queimou o que era resistente a tudo, até ao machado.

O rapaz foi correndo avisar sua mãe:

— Consegui! Consegui matar a Mekopitxay!

— Então devemos fugir! Já é tempo de o filho dela chegar – disse Sansam.

— Calma! – disse ele. – Eu vou provocar os Goanei, os espíritos das águas.

Então foi e bateu nas águas. Voltou e perguntou:

— O que aconteceu com meu irmão?

— Já consegue se mover! – disse ela.

— Vou lá bater novamente – ele disse.

Bateu, bateu e voltou.

— E agora? – perguntou ele.

— Ele já consegue se sentar. – respondeu ela.

— Vou lá novamente, pela última vez – disse.

Bateu, bateu e voltou.

— E agora? – perguntou.

— Ele já consegue engatinhar.

— Ótimo – disse ele. — Agora já podemos ir.

Contam que, antigamente, tínhamos acesso ao céu por uma linha, um tipo de escada. Até hoje na floresta existe o cipó que foi a linha de acesso ao céu. Então entraram no céu e depois que já estavam dentro do céu, Sansam disse:

— Uma hora o filho da Mekopitxay virá nos procurar.

— Vou cortar essa linha para que assim ele não consiga vir até nós.

Assim ele fez. Cortou a linha, e o céu, que antes não ficava muito distante, subiu e deixou todo esse espaço que vemos. Agora não sabemos a que altura que o céu foi parar. Foi por causa do filho de Kabeud que o céu se foi.

O filho da onça estava caçando naquele momento. Quando chegou, viu que sua casa estava em silêncio total, procurou sua mãe por toda parte, nos cantos. Não tinha quem pudesse dar informação, porque as pessoas moravam sozinhas, distantes umas das outras. Até que ele, procurando, foi e encontrou o local onde a mãe havia sido queimada. Viu seu corpo todo carbonizado e tocou nela. Zzzzzzzum! Nesse momento ele

foi atacado pelas moscas. Foi assim que surgiram as moscas. Então ele saiu dali, andando. Andando e chorando escutou o mutum cantar e resolveu matá-lo. Fez tocaia e ficou piando. O mutum veio andando, avistou-o e perguntou:

— O que você está fazendo?

— Eu vou matar você!

— Como assim, me matar? Você não vê que também estou chorando pela falta de sua mãe? Acha que estou chorando por chorar? Choro por causa de sua mãe, sinto falta dela!

Então o mutum deu para ele um arco branco e vermelho que tinha feito e assim ele virou onça de verdade. Assim contam, sobre o tempo antigo. Essa foi a história das mulheres que surgiram do nada. Surgiram de uma relação feita com madeira e cabaça e da subida do céu.

.....

1 Espécie de fruta vermelha nativa, conhecida na região como pama.

2 A palavra Mekopitxay é formada por duas palavras: meko, que quer dizer onça e pitxay, que quer dizer resistente, flexível. Mekopitxay era uma mulher, ela e seu filho eram onça.

3 Palavra de origem indígena que designa um método tradicional de preparo do terreno para o cultivo da roça com a derrubada da mata e depois o uso do fogo para a limpeza.





Waleley ewãwe
a palavra das mulheres

Insereg Suruí



Origem

Assim é minha origem. Eu sou Makor. Sou Makor porque meu pai é Makor. Casei com meu tio, filho da minha tia.¹ Minha tia também era Makor. Meu marido era Kaban, por isso meu filho é Kaban, minha filha é Kaban. Nosso casamento era certo, porque eu sou Makor e meu tio, Kaban. Nossa origem é assim, definida pelo clã do lado do pai.

Desde que nasci, desde que era criança, fui criada pelo meu tio, sabendo que ele seria meu marido. Quando me tornei moça, todo o ritual foi cumprido. O casamento foi planejado. Como meu pai havia falecido, minha mãe e meu irmão mais velho foram os responsáveis.

Esse compromisso de casamento pode ser comparado com o dos *yara ey*. Mas meu casamento era para sempre. Acontecesse o que acontecesse, não poderia haver separação. Como prova desse compromisso, meu irmão recebeu de meu marido uma flecha de guerra *yah iter*. Esse foi o pagamento.²

A flecha era o preço de minha vida. Meu tio era *labiway*. Como me casei com ele, me tornei *labiway* também. E minha primeira função como líder foi chefiar a festa. A cada novo tempo de festa eu era a dona, a chefe da festa. Porque meu marido era o grande *labiway*.

Na época do milho verde, a festa começava. Eu fazia a bebida de milho verde, servia *ipagari*.³ Para realizar essa festa eu passava por todo o ritual. Já passei pelo ritual da urtiga, já fui ferroadada pela urtiga.⁴ Depois de sermos ferroados pela urtiga, tomamos *ipagari*. Nossa vida não era monótona, era feita de muitos acontecimentos. Neste tempo que estamos agora, eu estaria organizando uma festa. Esse era o período mais difícil para mim. Teve tempos em que eu não aguentava mais organizar festas. Mas eu tinha que fazer isso porque era *labiway*, era esposa de *labiway*.

Agora sou uma pessoa humilde porque já não tenho meu marido que era um grande chefe. Eu já não sou *labiway*. Hoje eu não sou ninguém. Um dia eu já fui alguém importante. Agora me veem como uma pessoa qualquer. Mas estou assim porque estou *masode*, num tempo de perdas, de pobreza, de sofrimento. Tudo acabou para mim. Eu fui chefe para servir

meus parentes. O tempo que tinha para mim mesma era pouco. Era o tempo de acabar a produção da roça, de colher e já tinha que começar tudo de novo. Com a nova festa, a nova roça, *ipagari* de novo.

A vida era assim, de festas, porque era *labiway*. Era chefe para servir meus parentes. Servi meu irmão de sangue, mas ele disse que eu não podia servir só a ele, tinha que servir os primos dele também. Então eu atendi o desejo, a vontade do meu irmão, o homem que foi marido de Weitã. Eu tinha muitas vidas paralelas, mas mesmo assim eu era chefe, mesmo na minha vida pessoal, mesmo depois do contato com os *yara ey*, continuei a ser chefe.

Mas o contato tirou essa liderança de mim.

Pelo fato de ser *labiway*, eu tinha que servir as pessoas. Meu marido, além de ser *labiway* era *wāwā*.⁵ Ele curava as pessoas. Os Paiter viam meu marido como um verdadeiro pajé.

Eu sou essa pessoa, essa pessoa que foi *labiway* tanto quanto o meu marido. Eu mandava nas mulheres. Elas mandavam nos seus maridos e eu mandava nelas. Eu tinha serviçais, *lawab*. Como eu era chefe, mandava em pessoas até mais velhas do que eu. Eu fazia as pessoas trabalharem, ordenava o que deveria ser feito: *yatir*, socar o milho...

Eu fui chefe desde criança. Virei moça e continuei sendo chefe. Sendo chefe, me tornei adulta. Assim foi minha vida. E hoje, que fazemos parte da vida dos *yara ey*, os novos nem sabem quem eu sou. Não sabem como era a minha vida, pensam que eu era qualquer uma, uma pessoa comum. Hoje pensam que eu sou qualquer pessoa. Quem vai ter respeito e saber quem eu sou? Só as pessoas daquela época.

O povo me provocava para que fizesse mais festa. Provocavam meu tio, que era o chefe, para fazer festa. E como eu servia meus irmãos com festas, tinha que realizar outra festa para esses que me provocavam. Eu fazia *yatir*, muita festa de *mapimai*. A cada ano que passava, eu fazia *mapimai*. Passava o ano, eu fazia de novo. Passava outro ano, fazia de novo... até chegar o tempo do contato.

Não podemos mais voltar a esse tempo antigo, por mais que a gente tente, a gente não consegue voltar a esse tempo. Hoje as pessoas tentam fazer a festa tradicional. Eu fico observando, mas não é nem parecido. Por mais que tentem, não conseguem fazer. Antes seguíamos um planejamento, era tudo preparado. Não acontecia assim, de repente. Eu fico observando e não é como era antigamente, quando tinha data para começar e terminar. Hoje as pessoas se embebedam e isso não tem sentido, fazem isso por fazer. É assim. Minha vida como Paiter foi assim.

Eu ordenava que fizessem *mananga*.⁶ Eu só ordenava e faziam.

Teve momentos que eu tomei posição de chefe mesmo, quando meu marido falava: “Você é *labiway*”. Eu mesma servia meu irmão. Eu mesma fazia tudo, servia com *likilá*.⁷ Eu já fui *labiway*, já mandei, eu ordenava... e hoje não sou ninguém. Eu falo para meus filhos: “Uma pessoa que já foi tão importante, tão superior, hoje está jogada, abandonada”.

Tempo do medo

Naquela época sentíamos muito medo. Os caçadores iam caçar e traziam notícia que tinha rastros de inimigos. Tínhamos muito medo de *galobá*.⁸ Medo dos rastros dos inimigos. Tínhamos muito medo porque se os inimigos nos descobrissem, eles matavam mesmo.

Os Cinta larga atacaram a aldeia quando eu estava de resguardo de minha filha. Em outra ocasião, mataram os parentes de uma pessoa que mora nesta aldeia. Aconteceu o ataque aos caçadores quando estávamos em festa. Quando a notícia chegou, acabou a festa. Paramos de fazer *yatir*. Eu me lembro desses dois conflitos que presenciei no meu tempo de liderança.

Meu filho era bebê. Eu estava reclusa e os inimigos atacaram e fugiram. Quando os Cinta larga atacaram eu estava com meu bebê. Meu marido pediu para eu fugir, ele me colocou atrás de uma grande árvore e ficou me protegendo, à distância. Se algum inimigo me descobrisse, ele estaria pronto para atacar. Então ele percebeu que os inimigos estavam fugindo e foi cercá-los. Ele gritou: “Cerca, cerca o caminho deles”.

A última vez que os Cinta larga atacaram foi um pouco antes do contato com os *yara ey*, quando eu estava com filho de colo. Aconteceu da mesma forma. Eu estava na reclusão e meu marido ficou de tocaia para me proteger de um ataque. Assim fazem todos os homens que têm sua esposa, protegem.

Eu tinha medo dos *yara ey*. As pessoas tinham muito medo deles. Só me acostumei muito tempo depois. Não participei dos primeiros contatos, não estive presente em nenhum momento enquanto estavam fazendo tapiri para entregar presentes. Só apareci muito tempo depois.

Quando eu era criança, houve uma tragédia. O pai de um homem que morava na aldeia Amaral foi morto. Isso aconteceu quando eu era criança. Um grupo foi pescar no rio e ele foi lá para matar o homem que estava namorando com sua esposa. O povo da aldeia se organizou para ir pescar no rio e ele foi junto. O homem foi morto num desvio do caminho. Isso quando eu era criança. As pessoas perguntaram a ele: “Porque você matou o homem?”. E ele disse que o havia assassinado por causa de um tatu, que o havia encontrado e viu que estava carregando um balaio com um tatu: “Eu pedi, me dê esse tatu. Então ele disse que não, e eu o matei”.

Como ele havia planejado a morte, forçou o homem a seguir pelo desvio do caminho e lá ele o matou. Não sei por que o grupo que estava pescando não foi pelo caminho certo. Seguiram pelo desvio e descobriram a morte.

Assim que ele chegou na aldeia, a notícia da morte também chegou. Ele tinha atingido a cabeça do homem com o machado e depois roubou o tatu. Quando chegou na aldeia pediu para minha mãe cozinhar para ele. Ele era casado com minha tia. Assim falou: “Irmã, eu matei um filhote de tatu e queria que você fizesse para mim. Faça logo!”. Minha mãe respondeu: “Por que você está me apressando, meu irmão?”. Então ela cozinhou e quando estávamos comendo o povo veio todo armado, pronto para matar. Ele era Āapğir. O filho dele é o Amazonas. Os outros vieram prontos para matar, armados, na direção da nossa casa. Então minha tia, irmã mais nova de minha mãe, ficou desesperada e disse: “O que está

acontecendo? As pessoas estão vindo em direção à nossa casa!”. Meu pai estava lá também. Então ele, o assassino, como se não soubesse de nada, perguntou: “O que está acontecendo?”. Ele apareceu na porta, observando os que estavam vindo. E quando fez isso, minha tia disse: “As pessoas estão dizendo que você matou!”. Então, ele deu as costas e comentou: “As pessoas já estão falando de mim de novo!”.

Sempre havia uma saída de emergência nas casas para que pudéssemos fugir no tempo de guerra e os adultos mandaram que ele fugisse por ali. As pessoas iam matá-lo naquele dia, se meu pai não tivesse salvo a vida dele. Foi meu pai que o salvou. Primeiro ele se escondeu num cantinho da casa. Quando as pessoas entraram em nossa casa, prontas para atirar, meu pai falou: “O que vocês estão fazendo, armados dentro da minha casa? Aqui é uma casa de família, merece respeito, cunhados!”. Minha mãe também falou: “Respeitem a casa de meus filhos, meus irmãos!”. Quando meu pai falou, as pessoas pararam. Foi o tempo de ele fugir pela porta de emergência. Como o povo da aldeia entendeu que ele estava ali dentro da casa, ficaram esperando do lado de fora, esperando que ele saísse. Achavam que ele sairia pela porta, mas ele já havia fugido pela outra saída. Não tinha mais quem o pegasse. Foi assim.

Meu pai sempre aconselhou que isso não se faz. Ele falava que isso não era certo, mas hoje as pessoas não ligam. Quando isso aconteceu, nossa vida mudou. As pessoas passaram a viver em pé de guerra. Por isso eu tenho muito medo de que possa acontecer de novo, porque passei por isso quando já estava ficando moça, meus seios já estavam começando a aparecer. Por isso sei dessa história. É de muito tempo atrás.

Meu marido deu muitos conselhos a meus filhos, mas vejo que eles não escutaram. Eu pergunto a eles: “Por que não seguiram os conselhos de seu pai, nem o substituíram?”. Nenhum deles seguiu seu pai, mas mesmo não tendo seguido os conselhos do pai, têm o grupo deles, não falam da vida dos outros, nem falam dos outros.

Saudade! Sim, eu tenho saudade desse tempo passado, ainda mais porque eu vivo sofrendo, às vezes eu até choro. Eu lembro e tenho saudades do tempo em que tinha família, lembro da vida boa que tinha. As pessoas

sempre se lembram do passado quando estão sofrendo. Eu choro quando lembro de meu marido e às vezes eu canto as músicas que ele cantava...

Agora não consigo mais falar...

(Diz isso chorando.)

-
- 1 Ela foi casada com Dikboba, um grande líder e pajé.
 - 2 A flecha de guerra é preparada cuidadosamente com a única função de tirar a vida do inimigo. Ela é o símbolo da vida, da fidelidade até a morte.
 - 3 Ipagari é o nome de uma bebida e também do ritual de purificação que prepara o ser humano para a vida, tratamento espiritual contra os perigos e ameaças. Uma medicina muito poderosa, feita com várias plantas de gosto muito amargo.
 - 4 Uma fila formada pelas pessoas mais idosas ou importantes que batem com o galho da urtiga em quem passa, ferindo a pele.
 - 5 Pajé.
 - 6 Bola de massa de milho para preparar yatir, a bebida da festa.
 - 7 Tipo de yatir, bebida mais diluída.
 - 8 Símbolo de morte, de guerra, deixa as pessoas aterrorizadas. Luz forte, brilho no céu, passa e é seguida de um grande estrondo.



Ihxob Suruí



O ataque inimigo

Naquela época, eu cresci, cresci, fiquei adulta. E quando adulta, já tinha saído da fase de moça nova, já estava grávida, quando fui atingida pelo *yara*.

Bem próximo de nós, nosso inimigo já estava planejando, mas não sabíamos disso. Então, naquele dia, fazia muito frio e as pessoas estavam colhendo amendoim, na roça, enquanto o inimigo já planejava algo, bem perto dali.

Na ausência das pessoas, o inimigo já tinha observado minha casa. Eu lá fiquei, até anoitecer. Eu sabia que ele estava observando porque vi rastros na beira do rio. Tinha muitos rastros de pessoas e de cachorro, os vestígios eram de várias horas durante o dia.

Tinha um caminho que nós usávamos para ir para longe da aldeia, e foi esse caminho que o inimigo usou. No caminho tinha uma roça dos meus parentes. Ali tinha um tapiri. Lá comeram cará. O inimigo comeu cará cru, mandioca crua, assim contaram.

E aí, já era noite. Foi quando aconteceu.

Durante o dia, o inimigo já tinha feito várias tocaias, mas ninguém tinha ido para esse lado. Quem tinha organizado colher amendoim, eram os donos de *yatir*. Eles que chamaram todos. O dia que tiraram para colher amendoim já tinha chegado ao fim, já era noite. E eu estava grávida, então eu tinha pressentimentos, já previa que algo ia acontecer comigo.

Quando estava amanhecendo, eu não tinha noção do que estava para acontecer comigo. E aí ouvi alguém chamando, alguém que disse: “Fulano, saia lá fora, faça fogueira, já é hora de levantar”. Nessa hora o inimigo já estava preparado, lá na beira do rio.

O povo já tinha cercado a aldeia de obstáculos, cercas de palha trançada, e deixado livre apenas o caminho para fuga, caso fôssemos atacados. Fazíamos isso porque temíamos outros grupos indígenas, não imaginávamos que seríamos atacados pelos *yara ey*.

Então, aquele que tinha feito a fogueira se comunicou com quem tinha ordenado, que em seguida saiu para fora da casa, depois outro. O *yara* não faz barulho, não. Anda como andamos no terreno limpo, sem fazer barulho nos obstáculos feitos para dar o alerta! Fico admirada por não fazerem barulho num lugar onde nem um rato passaria. Passaram por aquilo como se não tivesse nada ali. E então, aquele que estava se aquecendo na fogueira sentiu algo estranho. Voltou sua atenção para verificar, quando avistou que a casa já estava cercada de pessoas.

Foi assim! Quando o ouviram gritar que estávamos sendo atacados, outro pegou seu arco e flecha, que ficavam acima da rede. Como na casa sempre tinha uma porta de fuga, então buscamos fugir por aquela porta. A casa estava toda cercada de inimigos. Quando aquela pequena porta estava sendo aberta, Pouuu! Atiraram no rosto da pessoa que estava abrindo a porta. Pou, pou! Pou, popoupou! Tiros de espingarda para todo lado!

Fui atingida já nos primeiros tiros, estava cambaleando quando ouvi: “Fui atingido!”. Então, junto com ele, voltei para dentro da casa. Eu o perdi de vista e saí pela porta principal. Saí sem rumo, mata adentro. Saí pela porta da frente! Para mim, eu já era, não temia mais a morte, sobreviver era tudo.

A mãe do meu marido, que já tinha experiência, buscou esconder-se dos tiros dentro da casa, deitou no chão, deitou, deitou, deitou junto às crianças, às irmãs, netos e avôs. Fugindo dos tiros. E assim fizeram todos da família.

Nós, que não sabíamos, fomos feridos, eu e minhas irmãs, os filhos delas, todos da minha família. Os que tinham experiência conseguiram se proteger. Assim, quem sabia, fazia.

E Poupoupoupou! Depois que consegui fugir, os tiros de espingarda continuaram. O primeiro ataque foi de madrugada. Quando o dia já tomava conta da madrugada, meu irmão contava que viu um inimigo tentando entrar na casa e imaginou: “Agora ele acaba comigo!”. Temia pela vida da família, dos que ainda estavam com vida dentro da casa. Ele estava escondido observando tudo. Era ele, aquele que os brancos chamavam

de Tamary, ele contava que se protegeu atrás de um toco e ao ver que o inimigo ia entrar na casa, acertou o alvo. Ele estava do lado de fora, era ele quem tinha feito a fogueira.

Assim, ele atingiu o inimigo. Se não fosse assim, teriam entrado na casa, teriam matado todos. Mas viram que ainda tinha gente pronta para revidar. E assim, era quase essa hora, meio dia, mais ou menos, e os Paiter ainda estavam na batalha. Lembro que o filho da minha tia chegou nessa hora, ele estava fora. Ele chegou com notícia de que tinha matado um sobrevivente no caminho, um *yara*.

Ele conta que os guerreiros tinham cercado dois *yara ey* que fugiam. Conseguiram matar um e o outro se protegeu atrás de uma árvore. Esse *yara* feriu muitos guerreiros Paiter que tentavam matá-lo, até que ele, ao chegar próximo à aldeia, percebeu que haviam sido atacados, se preparou e conseguiu matar o inimigo.

E então as pessoas fugiram dali. Eu não sei como saí dali, não me lembro. Eu tinha sido toda perfurada pelos tiros dos *yara ey*. Acho que Palob estava comigo, porque só ele sabe como consegui sobreviver, como consegui fugir dali. Naquele dia achei que tinha sido cortada ao meio.

Olha aqui, ainda tenho cicatriz e as balas em meu corpo. Tenho razão em ainda sentir as dores, né? Ainda sinto muita dor, às vezes desmaio de tanta dor. Assim aconteceu comigo, não me lembro como as pessoas foram embora dali. Além de estar grávida, tive que carregar balas de tiros de espingarda na barriga. Com todas essas cicatrizes em mim tenho a consciência do porquê ainda sofro de tanta dor. É graças ao dono do universo que ainda vivo.

A minha avó, a filha dela que as pessoas chamavam de Xoiub, lembro que, ao me ver, ela, chorando, chamou o seu filho, aquele que as pessoas chamam de Gawexir. Ela disse a ele: “Filho, o que foi?! Que foi que aconteceu com minha sobrinha?! Ajude-me! Ajude-me a ajudar minha sobrinha!”. E assim ela ia tirando as balas do meu corpo. Hoje entendo que ela não viu essa que está aqui, e toda vez que dói, que sinto dor, lembro dela tirando as balas de mim.

Foi assim que o inimigo nos atacou. O tiro rasgou o rosto do homem com quem eu tentava fugir. Rasgou o pescoço dele, rasgou o peito dele. Era pai de meu marido. Teríamos morrido ali mesmo, se não tivéssemos forças para correr, porque teríamos sido atingidos por muitos tiros.¹

Eu não perdi minha filha, minha barriga ainda estava crescendo, minha filha existe, ainda está viva, ela está casada com Tener, essa é ela. Não sei como consegui escapar, não sei como os tiros não foram certos, como minha barriga e minha filha ficaram ilesas. As balas conseguiram quebrar meus ossos, mas voltei a andar de novo e hoje vivo sofrendo com muitas dores. Sei que na época Palob já planejava meu futuro, esperava um dia eu ouvir falar dele. É isso, o que sei e que posso contar é isso.

Outra história

Vou contar mais uma história. Quando eu estava crescendo ainda, o cunhado do meu pai pediu que ele governasse o nosso povo no lugar dele. Nessa época fomos atacados pelos Awuîr.² Não sei ao certo quantos anos eu tinha. Na época não crescíamos logo, então eu estava desenvolvendo aos poucos. E então, quando meu pai era *labiway* e estava no início, seguido de outras pessoas, tinham comunicado que nas proximidades da aldeia havia vestígios de inimigos e por isso estávamos de mudança, estávamos construindo novas casas. Mas o inimigo já estava nos seguindo, planejando o ataque. E isso aconteceu em poucos dias.

Os filhos dele tinham ido andar na floresta por vários dias ou meses. Nesse meio tempo, o inimigo já estava vigiando, observando-o, que estava a cantar sempre.

Quando o dia amanhecia, ele contava que foi urinar. Estava urinando, segurando assim no arco, quando olhou para o caminho central da aldeia e viu os inimigos, todos enfeitados, aproximando-se em posição de ataque. Então ele fez da mesma forma, gritou: “Estamos sendo atacados”. Saiu correndo para proteger sua família e como os meus tios estavam todos preparados, assim eles fizeram, protegeram as famílias. Então não foi fácil para o inimigo se aproximar deles. Os guerreiros ficaram atiran-

do flechas contra os inimigos, atiraram muitas flechas e assim também faziam os inimigos.

Depois que tudo passou, contava que até faziam piadas com o ocorrido. Contavam que eles diziam uns aos outros em cochichos: “Como você está? Está bem?”. “Sim, estou bem! Na verdade, fui atingido, mas da forma que fui atingido, parece que não aconteceu nada.”

Fizeram graça com o que foi uma tragédia. Na verdade, foi um mal-entendido e acabaram fazendo piada com isso. Já era dia quando eu ouvi: “Aiaiai, ai, ai!”, o inimigo gritou. Acho que enquanto ele estava com a atenção voltada para o grupo maior, ele foi atingido pelas costas. Ele saiu gritando, passou bem perto da casa onde estávamos. E bem ali, perto da aldeia, tinha a casa de reclusão da menstruação, onde tinha uma mulher e seu marido a estava protegendo. De repente a gente escutou o grito, desta vez alguém dos nossos: “Ai! Mãe, socorro, socorro!”, ela gritava, “Pai, paiei! Paiei!”. Ela gritava, gritava muito mesmo, gritos assustadores. Contava o homem, marido dela, que a segurou por muito tempo, mas ela queria fugir de qualquer jeito. E assim ela conseguiu se soltar e saiu da casa. Assim aconteceu. Ela foi atingida pelo inimigo.

Meu pai contava que ele tinha perseguido o inimigo, que o tinha atingido pelas costas e seguiu o rastro de muito sangue até que, de repente, o sangue sumiu. O inimigo havia se escondido debaixo de palhas que alguém tinha deixado ao tirar palmito. Ele tinha passado pelo inimigo, escondido bem ali. Ele estava procurando em outro canto e assim o inimigo conseguiu fugir. Os guerreiros perseguiram o grupo por uma longa distância na tentativa de se vingarem, mas ao perceberem vestígios de outros grupos, provavelmente de Zoró, resolveram voltar.

Então, já estávamos ali, morando na aldeia do barro Wauba, quando os que estavam atrás de vingança chegaram e ouvimos as falas assim: “Irmão! Irmão! Eu vi o túmulo, o local onde o inimigo que você atingiu morreu! Poderíamos ir lá amanhã para você verificar”. Então, assim eles fizeram, foram ver o local e contavam que avistaram um tapiri que haviam construído na tentativa de salvar a vida do ferido. Parece que ficaram ali por alguns dias até que ele veio a falecer. Foi assim que aconteceu.

Isso atrapalhou que meu pai governasse nosso povo. Eu vi isso acontecer quando eu era menina.

Pois bem, estou contando do ataque dos Awuir. Meus pais não deixaram de maneira alguma que o inimigo invadisse a aldeia. Foi assim que meu pai achou seus escravos, foi a partir desse ataque que meu pai disse que esses inimigos seriam seus escravos e por várias vezes ele saía com o objetivo de encontrá-los novamente. Lembro que uma vez, quando eu já era moça, ele veio com notícias de que os tinha encontrado e assim as pessoas foram obrigadas a voltar para o lugar de onde já haviam fugido.

Contavam que conseguiram achar vestígios dos inimigos. Quando estavam perseguindo os rastros, resolveram matar queixada, pois encontraram uma manada. Enquanto eles cercavam os queixadas, eles também estavam sendo cercados, pois o inimigo os percebera primeiro. Foi quando estavam cercando os queixadas que um deles percebeu movimentos de gente.

Não tem mais nenhum vivo desse grupo, mas quem viu foi aquele que é casado com a Romagaweti, foi o irmão dele mais velho que viu. Contavam que o inimigo estava pronto para flechar, meio desajeitado, mas estava pronto para flechá-lo. Então, assim, ele conseguiu fugir e comunicar ao povo que tinha encontrado o inimigo. Era mais ou menos essa hora quando soubemos da notícia e na mesma hora os Paiter resolveram fugir, voltando no sentido de onde já estávamos fugindo. Contam que abandonaram as bagagens, pois foram todos cercados pelos inimigos. Foi assim, para infelicidade de meu pai, ele nunca mais conseguiu ferir os seus inimigos.

E é assim até hoje, mesmo sabendo que os *yara ey* um dia planejaram o meu fim, vivo sem mágoa alguma desse povo. Mesmo impossibilitada por causa das sequelas, muitas vezes consigo de alguma forma me mover. Foi assim, meus pais e meus irmãos um dia enfrentaram seus inimigos protegendo suas casas. E passaram o resto de suas vidas contando histórias desses fatos.

As pessoas perguntavam, pediam para contarem e assim eles faziam, contavam, faziam piadas, faziam gestos de como os inimigos faziam, as-

sim eles viveram a vida por muito tempo. Já eu, jamais imaginei viver no meio dos que planejaram minha morte um dia. Afirmo que minha vida não é fácil, estou morrendo aos poucos, sempre tenho falta de ar. Isso aconteceu comigo quando ainda eu era jovem, tinha idade da minha filha, aquela moça ali. Meu nome é Ihxob.



.....
1 Nessa época as espingardas eram carregadas pelos canos, então os tiros eram compassados.

2 Segundo os Paiter, eram do grupo dos Cinta larga.

Inkar Suruí



Não era para ser assim

Sim, esta é a vida dos Paiter que vivemos hoje. Não era para ser assim, vivendo parado, sem fazer nada, sofrendo. Os Paiter não viviam assim. Os Paiter viviam atarefados. Viviam em reunião. Faziam festas para os cunhados. Muita festa! A mulher tinha o que fazer, vivia atarefada. Eu sou uma mulher que já fez muita coisa, não ficava parada sem fazer nada. Eu tinha muitas tarefas, coisas para resolver, sem descansar.

Eu tinha que organizar o preparo de *yatir*. Hoje em dia os Paiter não fazem nada. Estamos sofrendo, desacreditados, abandonados. O Paiter não é para ficar sem fazer nada. Os nossos pais, nossos antepassados, viveram assim, em festas, bebendo e oferecendo *yatir*, bebendo e oferecendo *yatir*, bebendo e oferecendo *yatir*... E assim também aconteceu comigo. Eu estou dizendo que Paiter não fica sem fazer nada. Eu compreendo que a vida de Paiter é sempre fazer algo.

Os Paiter viviam em muita união, faziam festas para seus cunhados. Sempre organizando algo para fazer. Na festa de *yatir*, organizavam tirar lenha, faziam o *mapimai*. Assim eles faziam. E nós não fazemos nada hoje. Nada! Nós não nos preocupamos com nada. Só o que fazemos é estar preocupados em viver como os brancos. As pessoas só querem ser como os brancos. Isso não é nosso jeito.

Isso sim era a vida dos Paiter antes: viviam bebendo e servindo *yatir*, sempre organizando algo, desafiando uns aos outros. Organizando, fazendo *itxira*,¹ *lobeah*.² Assim era o Paiter! E nada disso fazemos hoje. Quem pode fazer isso agora? Não tem ninguém que faça, não tem.

Assim eles, os meus pais, viveram fazendo festa para as pessoas. Assim eles fizeram algo. Os Paiter devem saber da sua origem e seguir sua tradição. Nunca devem deixar de ser o que são. Mas, infelizmente, não está sendo como deveria ser. Os Paiter estão sofrendo, vejo que estamos desacreditados. Sim, estamos desacreditados.

Assim eu vivi, eu fiz *yatir*, eu servia *yatir* para os Paiter. O homem com quem eu vivia era organizador de festa e por isso eu era dona de *yatir*, fazia

yatir enquanto ele tirava lenha para mim. Isso era muito bonito! Era maravilhoso organizar festas e oferecer para os Paiter. Isso era muito bonito, muito gratificante. Foi assim.

A vida das mulheres

A vida particular das mulheres era assim. Existia o período da menstruação, *panemikoy*, e então nos afastávamos, íamos para um local especial e lá passávamos vários dias. A mulher dormia, dormia, dormia, dormia e depois voltava, era um local próprio para isso, uma casa construída pelos maridos, *panemikoy leah*, só para essa finalidade. E então, quando era o período da menstruação, as mulheres Paiter iam para esse lugar. Isso era certo, não pode ser de qualquer jeito.

Da mesma forma acontecia com as mulheres que engravidavam. Elas também tinham lugar próprio, *mamig ikĩn apawa*, também construído pelos maridos. Lá elas ganhavam o bebê e permaneciam até a criança ter compreensão, saíam de lá quando a criança já estava grande.³ Nesse lugar a criança tinha todos os cuidados, ela recebia tratamentos com folhas de plantas medicinais, fazia todo o tratamento lá. Segundo os Paiter dizem, por fazerem os tratamentos é que nos tornávamos saudáveis, fortes, ágeis e ricos. Mas hoje em dia nada disso é feito, depois do parto vamos direto para casa.

Tínhamos muitos medicamentos, muito conhecimento, e os usávamos. Era assim. Assim já aconteceu comigo, do primeiro parto eu só saí de lá com a tipoia toda enfeitada, com a criança já grande. Nós, dessa época, já passamos por isso, todos nós.

Na primeira menstruação, as pessoas faziam assim: quando a menina menstruava, fazia a reclusão, fazia o ritual da reclusão.⁴ Fazia a casa dela e lá ela crescia, tinha toda a vida dela lá, sem ninguém vê-la, até que o pretendente a pedisse em casamento. Assim os Paiter faziam no passado, não faziam de qualquer jeito, não. As moças casavam-se com os pretendentes certos. Os Paiter não viviam de qualquer jeito, não. Da reclusão, já saíam enfeitadas e preparadas para casar, tinham seus pertences preparados e

assim se uniam ao homem. O pretendente, o que está se casando com a mulher, por sua vez, dá a flecha de guerra para os pais da esposa. A pessoa que se casou comigo, deu algo de valor ao meu pai, era o meu preço. Antigamente, tudo era pago, não era de qualquer jeito. Era para ser assim.

Para ser mãe, é assim: depois que sai do parto, vai para a casa de reclusão, aguarda o repouso com todo o cuidado, não fica andando, cuida só do filho, faz todo o tratamento dele ali, aquece com o calor do fogo, aquece, aquece, aquece sempre. A mãe e o bebê banham-se com a água morna, jogando água, jogando água, jogando água. A mãe é bem cuidada, a criança é bem cuidada, a criança cresce saudável. A mãe deve cuidar do filho durante todo o tempo, em nenhum momento deve descuidar dele, deve viver para ele. Não pode ficar andando com ele, andando, andando, andando. Não. Tem que ficar em um só lugar, educando o filho, até que ele cresça. Quando a criança começa a engatinhar e depois a andar, já é outra fase. Assim que os Paiter faziam antigamente. Quando a criança já tinha entendimento, só então podíamos começar a fazer outras coisas, a andar. Assim os Paiter viviam antigamente. Não podíamos viver a vida com nossos filhos de qualquer jeito, não. Hoje, mal saímos do parto, já fazemos qualquer coisa, de qualquer jeito. Antigamente vivíamos da forma certa. É assim.

.....
 1 Panela de barro grande, usada para fazer *yatir*.

2 Panela de barro pequena, usada para servir *yatir*.

3 Segundo a tradição Paiter Suruí, assim que a mulher dá à luz ela fica em reclusão até que a criança se desenvolva bem. A mãe não pode manter contato com as pessoas e muito menos manter relação sexual. Durante quatro meses, não conversa nem chega perto do marido. Só a sua mãe leva comida e lenha para ela. Somente depois de seis a oito meses, ela pode voltar a manter relações com o marido.

4 A casa é construída pelo pai da menina quando acontece a sua primeira menstruação. A menina tem seu cabelo raspado, deita-se numa rede com o corpo totalmente esticado, reto, sem nenhuma roupa. A mãe e as irmãs cuidam de todas as suas necessidades. Os dois primeiros dias são de jejum total, nem água ela pode beber. No terceiro dia, a menina bebe um mingau de leite de *buxi* e *yah txiga*, seivas de árvores da floresta, doces como o açúcar. Esse mingau provoca vômito, o que limpa totalmente o estômago. No quarto dia, ela volta a sentar-se e a comer, de pouquinho, *makaloba* de milho. Ela não pode tomar mingau de mandioca, nem de batata, nem de cará. Não pode comer castanha, nem amendoim por causa da gordura que provoca mais sangramento. Não pode comer nenhuma carne, para evitar ter vermes. Só pode comer algumas frutas desde que não sejam azedas. Não pode comer mel, nem pupunha. Não pode falar muito, senão, ela fica faladeira. Essa restrição alimentar é para todo o tempo da reclusão, quando a menina deve aprender tudo sobre sua cultura: fazer serviços leves, panela de barro, rede, cinto, colar de algodão. É nesse período que ela prepara o material para o casamento.



Mapini Suruí



Antes de meu pai morrer

O branco baleou o meu pai. Meu pai estava atrás de machado. Ele precisava do machado para fazer derrubada, para fazer a roça dele. Ele não conhecia o branco, só via algum de longe, quando estava escondido, quando ia atrás do machado. Então o branco descobriu que ele estava ali, andando por perto. O branco seguiu o rastro dele na mata, perseguiu meu pai. Meu pai percebeu que o branco estava perseguindo, ele não estava sozinho, estava com mais dois irmãos. Então o branco atirou com arma de fogo, baleou meu pai. Mesmo ferido, meu pai conseguiu flechar o branco e o matou, tirou a vida dele, ele era seringueiro.

O irmão conseguiu carregar meu pai. O irmão cantou o canto de guerra. É sempre assim, com o povo Suruí. Quando faz a guerra, quando enfrenta alguém, quando mata, o guerreiro canta. O guerreiro mesmo, aquele que atacou, que tirou a vida. Meu pai mesmo cantou, o irmão dele cantou, contando a história, o canto de guerra, assim: “eu vi o branco, ele veio atrás de mim, eu flechei o branco, eu matei o branco”. Assim eles cantaram.

Voltaram para casa e ele ficou muito mal, tinha muita dor no braço, a mão dele ficou aleijada, durante muito tempo viveu assim. Ele era pajé forte, ele sabia que tinha bala, tinha chumbo no seu corpo e que não viveria muito. Quando percebeu que ia morrer ele preparou muito o Perpera¹ para ser também pajé forte. Ele tinha muita dor, sabia que ia morrer, então disse que gostava muito de seus filhos, do Fábio e de mim. Queria que o filho fosse preparado pelo Perpera para ser pajé também. Queria deixar seus filhos abençoados, protegidos por seu espírito. Aí ele morreu. Ele se chamava Iamosakir.

Antes de morrer ele falou para minha mãe: “Você não precisa casar com outro homem. Se você quiser, pode casar, eu sei que mulher precisa do homem, mas ele pode maltratar você, eu não vou estar aqui para cuidar mais de você. Pode ser que ele a maltrate, pode ser que não. Você que sabe, você que decide”. Ela disse que não precisava se casar de novo, que podia cuidar dos filhos e filhas mesmo sem marido.

Então, quando ainda éramos crianças, começamos a cuidar dela, com 7, 10 anos nós já fazíamos makaloba, chicha para ela tomar de café da manhã. Ela ensinou as filhas a fazerem tudo. Para os homens meu pai ensinou a chamar nambu, fez flecha. Eu ia com meu irmão chamar o passarinho, caçar o passarinho para trazer para minha mãe cozinhar. Meu irmão ficou no lugar de meu pai. Caçava porco, macaco, tatu, todo tipo de caça. Todos comiam juntos, unidos, na maloca grande, eram muitas casas junto, aqui na Linha 12.

Nessa época eu não conhecia o branco, só o chefe de posto que morava lá embaixo, perto do rio. Não tinha outras pessoas morando aqui bem perto. Nós ficávamos sem roupa, fazíamos bola de algodão para preparar rede. Minha mãe plantava, colhia e preparava muito algodão para fazer rede. Eu chorava muito, não queria morar sozinha, queria ir embora. Mas ela estava trabalhando muito para fazer rede. Ela dizia: “Não chora, não, eu estou preocupada com vocês, porque logo, logo não vai mais ter rede. Eu preciso trabalhar para fazer a rede. Você está judiando de mim. Quando você casar, você vai ver... sua filha vai judiar muito de você também. Você tem que aprender. Você vai dormir sozinha, não me chame não. Eu estou preocupada que não vai mais ter rede. A nossa está velha, está perto de acabar”.

Nós também tirávamos barro para fazer panela. Para tirar o barro não pode ser mulher casada, que está namorando. Só pode menina nova ou viúva, senão o barro vai morrer. Então tem que ficar sentada, calada, sem falar nada, sem virar a cabeça. Tem que respeitar a regra. Com o barro, ela fez bastante panela *lobeah*, *trokeu*, *itxira*. Ela fez aquela grande para preparar chicha. Às quatro horas, ainda de madrugada, as mulheres acordam para preparar e beber.

Quando chegou a menstruação ela foi ficar com as outras mulheres, lá na maloquinha que o homem faz, longe das pessoas, das crianças, para a reclusão de quem está menstruada. A mulher sangrando não pode ficar perto da criança. A criança adoece se fica perto do sangue.

Quando a mulher ganha criança, também tem que ficar separada. Quando fica menstruada pela primeira vez também tem que ficar sepa-

rada. O marido, a irmã, a mãe, levam a comida, levam água morna na panela para ela se banhar. Se a maloquinha fica perto do rio, a mulher menstruada pode ir banhar no rio. Só quando acaba a menstruação pode voltar de novo para a casa, beber makaloba, comer muito. A menina nova não pode comer carne, quando ganha neném também não pode comer carne, só nambu... tem muita dieta.

Agora estamos esquecendo quase tudo. A menina não fica mais na reclusão porque não quer faltar na escola. Eu fiquei um ano e meio na reclusão da primeira menstruação. Quando ganhei criança fiquei um ano, até a criança engatinhar. A gente não dorme nada, quando ganha a criança, só banha. A noite inteira banha na água morna, a mãe banha também, passa remédio para a criança ficar com o osso duro. Quando o umbigo cai, o tio vai pôr remédio no umbigo, nos olhos. A mulher não faz nada, só cuida da criança.

A irmã do pai do neném faz o nome na menina. O tio, irmão da mãe, faz o nome no menino. O avô e a avó também podem fazer o nome. Eu vou fazer o nome da criança da minha filha.

Tudo isso começou a mudar. As pessoas começaram a vestir roupa quando eu estava com 7 anos. A FUNAI trazia calcinha para as mulheres. A Betty² comprava muita calcinha para as mulheres, trazia muita calcinha, vermelha, branca, preta. A FUNAI também dava Zorba para os homens. E depois calção e roupa, para o povo se acostumar a usar roupa. Quando eu estava com 10 anos começou a mudar a alimentação, começamos a comer arroz.

Eu via muita festa linda, o povo no *matereilá* fazendo muito colar, muitos adornos. Eu aprendia a fazer com as pessoas. Havia muita chicha para beber e vomitar. Eu via isso tudo, até eu crescer. Eu chorava quando via meu irmão caído, de bêbado. Eu achava que ele estava morrendo, chorava muito. Minha mãe limpava o rosto, a boca dele, eu ficava olhando quietinha. Depois ele acordava e cantava de novo. Eu vi muita festa de abrir roça, davam chicha para quem fazia a roça, davam *lobeah* cheia de chicha para quem fez a roça, cantando muito.

Era muito alegre, muita festa, muito *mapimai*. Quando eu estava casado com Anine, ele fazia chicha para o meu irmão, para agradecer ao meu irmão e ele ficar contente. O Suruí sempre faz assim, agrada o cunhado. Mata o porco, caça macaco, e chama o cunhado. Ele fica contente. Quando caça muito, divide com todos, conta a história de como foi caçar.

A mulher faz caldo da carne, mingau, oferece para todos. Eu via minha mãe preparando a caça à noite, muito porco, tatu, macaco. Eu dormia e não esquecia da carne que via ela preparando. Quando acordava às seis horas, eu me lembrava e pedia a carne de caça, a comida estava pronta. Ela mandava lavar a mão, o rosto para comer. Eu comia com o beiju de milho.

Todo mundo feliz, isso eu via. Minha mãe me tratava muito bem, com muito carinho. Eu lembrava de tudo quando ela morreu, eu chorava muito. Então eu orei muito para Deus e aí eu parei de chorar, não lembro mais dela com tristeza. Só quando estou feliz. Agora eu sei que ela está lá no céu, não está morta para mim, só dormindo. Quando Deus voltar aqui, vai fazer de novo.

Quando eu tinha 12 anos, eu casei com o meu marido. Ele foi morar lá na Linha 10. Depois veio para cá. Quando as pessoas se separaram, eu fiquei muito triste. Quando separou a Linha 11, Itabira foi para Riozinho, alguns mudaram para a cidade. Anine não quis mudar daqui para lugar nenhum porque este lugar o faz lembrar do irmão dele. Ele era o líder primeiro. Havia outra pessoa mais velha, mas lá na mata ele era o líder. Mas quando chegou aqui, o irmão do Anine se tornou o líder. Quando o Anine era rapaz, ele era muito teimoso, ele queria matar as pessoas, até homens muito mais velhos do que ele. Então, o irmão dele não deixava, ele era o líder e organizou esta comunidade aqui depois do contato.

Anine falava assim: “Por que ele se casou com branca?”. Ele ficou muito revoltado quando o irmão morreu. Quando o pessoal da FUNAI foi embora, abandonou tudo aqui, Anine chamou Brasília pelo rádio, chamou o presidente da FUNAI e disse que ia voltar para a mata. Então o presidente da FUNAI veio aqui, com o exército e outras pessoas, veio atrás de nós. Aí ele falou: “Eu vou voltar agora para o mato!”. Se Anine não fizesse isso, os

brancos que mataram o irmão dele iam acabar com tudo, iam matar todos os índios aqui. Eles eram colonos.

Oreia casou com uma mulher branca, a filha do colono. Ele gostou dela, trouxe ela para morar aqui. A FUNAI não queria que ele se casasse com ela, por isso levaram ele para Manaus e a mulher, mandaram embora. Quando ele voltou, perguntou: “Cadê minha mulher?”. Disseram: “Sua mulher foi para a casa da mãe dela”. Ele foi atrás, até a casa da família e perguntou: “Cadê minha mulher, sogra?”. Ela não estava mais lá. Então Oreia pensou mal, que algum branco a tinha levado.

Ele dormiu lá na casa onde tinha outros cinco homens. Ele desconfiou que um deles é que tinha levado a sua mulher. Ele dormiu pensando, pensando e decidiu matar aquele homem. Ele acreditava que aquele homem tinha ficado com ela. Tinha um barraco do pai dela onde guardavam foice, enxada, machado. Ele foi naquela casinha e achou o machado. Voltou e atacou aquele homem, era de noite ainda. Os outros homens gritaram: “Esse índio matou um dos nossos!”. E correram atrás dele.

Ele fugiu para a aldeia. Ficou aqui mais de um mês. Os brancos cercaram a aldeia, os índios não os deixavam chegar, todos armados com flecha. Itabira, Anine, ninguém dormia. Anine era muito novo, mas não tinha medo de morrer.

Oreia foi de avião para Riozinho e comprou armas. A FUNAI o aconselhou, falou para ele não andar a pé, que ele tinha matado o branco e estava sendo perseguido, que o avião o levava de volta. Mas ele não escutou. Veio andando.

O branco estava no jipe, foi atrás dele xingando, filho da puta, filho da puta... eram os parentes do homem que ele tinha matado. O companheiro que seguia junto com ele falou para eles se esconderem e ele não quis, disse que também tinha arma, que ia enfrentar, que se o matassem ele também iria matar. Mas os brancos fizeram tocaia, se esconderam, e quando ele passou atiraram, só nele, seis tiros. Depois levaram o corpo para o mato, cortaram o pênis dele fora, cortaram os braços, cortaram as pernas, puseram fogo nele.

Então, Anine resolveu ir para matar aquelas pessoas, andava a noite inteira, chorando. Itabira disse que ia acompanhá-lo. Foram na Linha 14 encontrar outros parentes, foram em seis pessoas. Foram na casa, estava tudo fechado, a mulher ficou escondida, o cachorro latiu. Anine pegou o cachorro pelo pescoço, quebrou e matou. Atirou na mulher, ela ficou muito ferida, foi para o hospital e depois morreu.

A FUNAI falou: “Esse índio não tem estudo, não entende nada, é igual criança, inocente, não podem matar ele”. Assim diziam para os capixabas: “Ele é muito inocente, ele não pensa, por isso matou a pessoa, ele não entende nada, deixa ele”. Se a FUNAI não aconselhasse o capixaba, não aconselhasse o governo, o povo dessas linhas todas ia acabar com o índio. Eles escutaram, por isso, até hoje, Anine não pagou por isso.

Por isso ele ficou com muita raiva de branco, falava: “O branco vai tomar a minha terra. Não vou deixar, vou organizar tudo, vou demarcar a terra”.

Ele arrumou avião. Foi com o avião na Fazenda Catuva, na Linha 9, tirou os brancos. Então o pessoal Suruí se mudou. Ele ia morar lá na Aldeia Lobó, mas não gostou, ele disse que aqui era melhor. Eu queria morar na Linha 10 com minha família. Então ele disse: “Eu sou autoridade, não vamos para lugar nenhum. Eu gosto daqui, eu vou morrer aqui”. Então eu ouvi o que ele estava aconselhando, eu decidi ficar com ele para sempre aqui, nem vou lembrar mais da minha família, lá na Linha 10.

Cultura e evangelho

Bill³ estava junto no contato, com a FUNAI. Quando os índios estavam pelados ele não falava do evangelho ele queria só saber da língua do Suruí, escrever cartilha. Depois ficamos sabendo que ele era do evangelho. Ficamos muito tristes quando ele morreu, há cinco anos atrás.

Quando o sarampo pegou, nosso povo morreu como bicho no mato. Muita gente, muita gente. Eu era pequena, eu vi só nas fotos, gente na rede, morrendo... muito triste. O Bill carregou as pessoas doentes nas costas, ajudou muito. Ele virou Suruí mesmo. A família dele mora hoje nos

Estados Unidos. Agora eu sou do evangelho. Deus cuidou de nós, do meu marido, dos meus filhos. Quando Cinta larga atacou, Deus cuidou de nós, mesmo sem meu pai. Quando Cinta larga atacava, meu pai nos protegia. Eles guerreavam com Suruí, eles mataram uma mulher, não tinham dó de matar as pessoas. Teve vingança. Na guerra dos Zoró, eles mataram meu primo, meu tio, minha prima. Eu tinha muito medo da guerra.

Quando o sarampo atacou, Apoena cuidou das pessoas, outras pessoas ajudaram. Depois veio a tuberculose, outras doenças. Foram muitas mortes. Um tempo de muita tristeza.

Agora estou com muita saudade da minha cultura, do *mapimai*, da festa do pajé. Era muito bonito! Tenho muita dor de deixar a nossa cultura. Agora as pessoas viraram todos crentes, acho que não dá mais para voltar. O pajé acabou. O pajé que está vivo largou o espírito. Outros morreram. O Perpera está muito doente, não lembra mais. Se fosse possível conseguir voltar, já seria outro mundo, não é mais a mesma pessoa, a mesma vida. Não dá para voltar depois que conhece o evangelho, o pensamento muda.

Tenho muita saudade daquela cultura, meu filho não viu, meu neto não viu. Fico muito triste. Os velhos estão doentes. Muita gente já morreu. Tem poucos velhos. Anine tem três tios que moram em Pacarana, estão muito velhos, doentes.

Acabou a lei, a tradição do Suruí. Temos que fazer alguma coisa para as crianças, sobre a nossa cultura. Por isso Anine fez a organização para recuperar a cultura.

Meus filhos estão criados. Agora tenho o meu sonho, de buscar alguma coisa para mim, buscar para o meu neto. Não sei conversar como o branco, não estudei. Estou aprendendo a escrever o meu nome, mas é muito difícil aprender a letra. Eu não conhecia o tempo, o mês, os dias, a semana. Estou conhecendo agora. Estou abrindo meus olhos. Isso não é pensamento do índio. Para nós, quando a chuva para, nós sabemos que é aquele tempo, o tempo é marcado assim. É difícil esse conceito do branco. Tem que anotar tudo, é muito número, até o dia que a criança nasceu...

Tem muita coisa no livro. Estou conhecendo agora. Vou tentar entrar nisso. Abrir os meus olhos e tentar.

Esse tempo antigo não vai voltar mais. A FUNAI acabou, a nossa saúde acabou, a cultura acabou. Os velhos acabaram. Fico triste. Meu neto hoje não vê o que eu vi, não conhece as histórias que eu conheci. Por isso Anine tem o sonho dessa maloca, da tradição. Mas os filhos não seguem o caminho do pai, do guerreiro, do lutador, do líder. Eu ficaria contente em ver meus filhos seguindo o caminho do pai.



.....
1 Perpera é um importante pajé, ainda vivo.

2 Betty Mindlin, antropóloga, esteve entre os Suruí pela primeira vez em 1978.



Soman Suruí



Vivendo como o yara

Há muito tempo viemos nos misturar com os *yara ey*. Morávamos lá na aldeia Pakobtabitor¹ depois viemos morar com os *yara ey*. Viemos de lá. Decidimos ser *yara*, viver como os *yara ey*. Na época morávamos na floresta, é de lá que viemos. Não éramos daqui, éramos da floresta e viemos nos misturar com os *yara ey*, assim fizemos há muito tempo. Direto da floresta viemos morar com os *yara ey* no posto indígena Sete de Setembro.²

Nasci e cresci na floresta, hoje tenho comigo todo o conhecimento de como viemos da floresta e nos misturamos com os *yara ey*, mas ainda não consigo compreender o porquê. Por isso, acredito que vim morar com o *yara* para sofrer. Antes, quando eu vivia sem os *yara ey*, era saudável; hoje vivo sofrendo, vivo doente. Mas Palob é testemunha de que eu estar viva ainda é só porque ele sabe de todas as coisas.

Decidimos deixar a nossa vida de Paiter e viver com os *yara ey* e viver como *yara*. Não sei ao certo sobre isso, somente o *yara* sabe. Vimos vestígios dos *yara ey*, vimos que poderiam tomar e controlar tudo e, mesmo sem saber ao certo, teríamos que fazer contato, viver como os *yara ey*.

Fizemos contato quando eu já era adulta, eu já tinha filhos, Roberto já era grande. Eu já era madura. Meu pai faleceu quando eu já tinha filhos. O *yara* feriu meu pai. Eu ainda era uma criança inocente, só percebi que meu pai estava ferido porque ele falou que o *yara* tinha atirado nele e ele estava todo cheio de ferimentos à bala pelo corpo. Então eu chorei. Quando ele me viu chorando, disse que não era para eu chorar, porque ele ainda estava vivo, mas que, com o tempo, iria morrer por causa das balas em seu corpo. Hoje vejo que ele estava certo, meu pai morreu. Meu pai dizia que ele poderia viver muito mais tempo se isso não tivesse acontecido com ele. Ele disse que sua vida tinha sido amaldiçoada pelos *yara ey*. Meu pai morreu ainda jovem e eu vim morar com os *yara ey* que acabaram com a vida de meu pai.

Deixamos de viver nossa vida de Paiter na floresta para viver como os *yara ey*. Eu jamais vou me acostumar a viver como *yara*, porque minha vida é de Suruí. Acostuma-se a viver como *yara* quem nasceu no meio deles. Esse, sim, vive como *yara*. Eu, não. Parece que quero morrer vivendo com os *yara ey*.

O primeiro contato foi lá no Nabekodabalakiba.³ Depois é que decidimos vir nos misturar com os *yara ey*. Hoje eu compreendo que esse foi o nosso fim. Decidirmos nos misturar com os *yara ey* foi o nosso fim. Buscamos o sofrimento, ao nos misturar com eles, deixando nossa vida de floresta, onde podíamos viver livres, plantando cará, para depois fazer *yatir* e beber *yatir* que se faz na panela de barro. Não fazemos mais nada disso. Sou do tempo da floresta, não sei viver como o *yara*.

Foram várias as minhas aldeias, o povo construiu várias aldeias. Minha vida começou lá no Pakobtabitor, depois viemos construindo muitas outras. Lá tínhamos nossa vida, tínhamos roça, plantação de amendoim. Não era pouco, não. As pessoas faziam colheitas de amendoim e distribuíam entre eles. As pessoas sempre faziam a distribuição daquilo que plantavam, nos reuníamos para fazer *makaloba* e depois tomávamos *makaloba*, comíamos milho, assávamos o milho e chamávamos as pessoas para comer. Isso era na floresta. As pessoas viviam em paz na floresta. Viemos seguindo o Ikabékain, essa foi nossa jornada, viemos de muito longe construindo e morando em tapiris para vivermos com os *yara ey*.

A decisão de nos misturarmos com os *yara ey* foi a decisão de nossa extinção. Por isso eu não tenho mais vida. Muita gente perdeu sua vida no meio dos *yara ey*. O que é a vida? É viver sua cultura, sua tradição, não viver a vida do outro. É isso, já contei aquilo que eu sei da nossa vida.

.....
1 Nome de aldeia, significa tronco cortado da árvore garapeira.

2 Sete de Setembro denominou o primeiro posto da FUNAI dentro do território Suruí. Depois da demarcação da terra, todo o território recebe o nome de Terra Indígena Sete de Setembro.

3 Nome do local: “onde os facões foram pendurados”.



Pamadjeron Suruí



Uma vida bonita

Vivíamos em paz na floresta. E viemos nos misturar com os *yara ey*. Os Paiter viviam bebendo *yatir*, no passado. E para beber *yatir* confeccionavam muitos adornos para usar na festa. E tudo isso era feito com muita alegria. Faziam *atenah*,¹ faziam *garaguĩm*,² faziam *agoiab*.³ Assim eles faziam. E eram muitos os enfeites que usavam. As mulheres faziam colar e os maridos usavam como enfeites, nossos maridos usavam quando iam beber *yatir*. Usavam colar e do mesmo material usavam como cinto. Assim eles faziam.

E para que isso se realizasse os Paiter faziam festa de *yatir*. Os donos de *yatir* faziam para os que iam beber, para os *Çapğir*. E assim os Paiter eram felizes, bebiam, cantavam. Sempre assim, dançavam em grupo, faziam o *mapimai* e isso nos Paiter era muito bonito. Não era sem graça não, bebiam *yatir*, tiravam lenha, faziam *ariah*.⁴ Assim os Paiter faziam sempre. Riam e tocavam alto e assim bebiam *yatir* do dono da festa.

Era muito bonita a vida dos Paiter. Na floresta buscavam seus alimentos, comiam *yokahb* (patoá), comiam *abiah* (pama), assim os Paiter faziam e por isso tinham saúde. Bebiam *yatir*, faziam *mãme*,⁵ comiam de tudo. Outros caçavam. Nossos maridos traziam carne para nós. Os Paiter se reuniam para comer carne. Tinha muita atividade para fazer. Os Paiter eram muito felizes, porque reinavam.

Depois viemos nos misturar com os *yara ey*, entramos em outro mundo, que desconhecemos. E assim não fazemos mais como fazíamos como indígenas. Hoje uso roupa de *yara*. Antes andávamos nus, usávamos *garaguĩm*, usávamos colar, cinturão, usávamos jenipapo, fazíamos pintura corporal *wexomã*.⁶ Para beber *yatir* realizávamos o *mapimai*, assim os Paiter viviam, faziam de tudo. Bebiam *yatir*, faziam *yatir*. Faziam roça. O homem fazia roça para sua esposa e nela plantava raízes: *soah*, cará; *mõy*, mandioca; *watĩgua sĩ*, batata-doce, *makaah*, amendoim e delas se alimentavam. E também *moyxi*, *yatir* de mandioca, *yatir* de batata-doce. Antigamente era uma outra vida, mas hoje o Paiter nada disso faz, vivemos no meio dos *yara ey* e parece que vivemos na miséria. Antigamente as pessoas se reuniam para a colheita, se reuniam

para comer milho verde, *meguir*. Quando tinham que fazer roça, se reuniam para fazer roça, e depois também se reuniam para beber *yatir*, assim faziam. Esse era o afazer dos Paiter: se reuniam para colher frutas na floresta, se reuniam para comer pama. Assim faziam, colhiam e depois comiam. Os Paiter viviam fazendo de tudo e por isso tinham saúde, viviam sem enfermidade.

Depois, quando nos misturamos com o *yara*, passamos a viver doentes. Antes não era assim, vivíamos em paz, éramos felizes na floresta e ainda temos isso dentro de nós, porque trazemos essa herança. Os Paiter viviam realizando festa de *yatir* até nos misturarmos com o *yara* aqui. Partilhávamos quase tudo. Vivíamos todos enfeitados com nossos belos adornos. Antigamente tínhamos vida e vivíamos com responsabilidade, seguíamos nossos princípios. Assim vivíamos.

.....

- 1 Braclete usado por homens.
- 2 Enfeite que mulher usa no pulso e na perna e o homem usa no braço e na perna.
- 3 Colar de algodão.
- 4 Festa onde se usam máscaras feitas de entrecasca de árvore só com os furos nos olhos, nariz e boca.
- 5 Beiju de milho.
- 6 Pintura corporal de jenipapo.



Ibekain Suruí



O tempo antigo

Naquela época, os Paiter primeiro seguiram mato adentro, fugindo, fazendo tapiris, com medo. E depois os Paiter decidiram ficar em um só local, no local onde Apoena fez o contato, naquele lugar onde Apoena nos visitou.

Foi assim: os Paiter andavam e construía tapiris no meio da mata, porque outros povos nos atacavam! Nesse tempo estávamos dispersos, as famílias andando, mesmo assim o povo estava unido. Foi nesse tempo que outro povo atacou uma das aldeias. Eles nos atacavam quando fugíamos, eles roubavam todos os nossos pertences. Esse povo era o Cinta larga. Eram eles que roubavam nossas coisas, as redes. Durante algum tempo os Paiter tinham medo dos ataques, assim fugiam em grupos separados, até que resolveram unir-se novamente. Esse foi o começo, antes do contato, antes de nos misturarmos com os brancos. Somos esse povo.

Deitado comigo, meu pai cantava o canto dos nossos antepassados para mim. Meu pai contava como Palob nos fez, contava para mim e para seus filhos. Antigamente os Paiter construíram *lab alawã*, isso foi no tempo de Morabti,¹ nesse tempo eu crescia, me tornava adolescente, ficava reclusa, já era independente, já fazia *yatir*, cozinhas, preparava *mãme*.² Confeccionava *adoiter* e *adonanal*.³

Estou contando do tempo antes de virar moça. Então alguém me pediu, perguntou se eu já sabia fazer *yatir* e se eu poderia fazer. Esse pedido foi para mim e para minha irmã. Ela já era moça. Na época, os Paiter, quando iam fazer roça, antes faziam *yatir*. Os que iam para derrubada da roça tinham os cabos dos machados enfeitados com pintura de urucum e colares, cabos novos, bonitos, vinham e bebiam *yatir*, com suas mulheres junto. Lá no Sete de Setembro⁴ eu ainda dancei, engravidei de um menino, ainda dancei junto com o homem, meu marido, dancei, dancei. Realizaram a pescaria e depois bebemos muito *yatir*. No passado assim vivíamos. Eu me sentia respeitada, eu era respeitada.

Foi quando Apoena fez contato conosco. Meu pai contava que foi Palob quem nos fez, nossa origem é de ossos, assim meu pai contava. Meu pai

contava muita coisa sobre nossos antepassados, mas não me lembro de quase nada. Ele contava sobre nossa origem, como eram cantadas as músicas e sobre isso sei tanto quanto os homens sabem. Ontem mesmo estava cantando para o meu neto.

O suco do borkáh⁵ está, Tim! O suco do borkáh está, Tim! Deixando meus dentes sensíveis...

Assim meu pai contava, sobre como Palob nos fez.

Faz-me costas de Panab. Roiô, roiô, toiô! Faz-me costas de Panab. Roiô, roiô, toiô!

Meu pai contava assim, de como Palob nos fez para que vivêssemos assim.

Fazíamos *akapé*⁶ e pendurávamos no roçado. Quando eu estava crescendo, as pessoas viviam assim. Uma vez, quando eu estava crescendo, nos pediram para fazer *yatir*. E todo *yatir* que fizemos foi bebido pelas pessoas, e eles dançavam, dançavam, bebendo *yatir*. Nos desafiavam deixando *akapé* pendurados na nossa roça e depois, quando bebiam, cantavam sobre isso.

Nesse tempo vivíamos em acampamentos, com medo da tragédia que aconteceu com os meus parentes. Aconteceu assim, fomos expulsos da nossa aldeia e fomos morar na mata em acampamentos construídos. Nessa época eu crescia, foi lá que cresci, eu era rica, desconhecia o que era pobreza. Não sabia o que era ser à toa.

Hoje falo para minhas netas: “Não denigram minha imagem. Vocês devem zelar pelo meu nome e fazer como fiz”. Assim falo para elas. Falo que hoje acabei em nada, por ter errado na vida. Assim conto para elas, digo que não devem fazer igual. Foi assim, cresci assim, independente, as pessoas dependendo de mim. Foi assim, essa foi minha vida.



.....
1 Nome da aldeia.

2 Tipo de beiju ou pão feito de milho.

3 Tipos de cestos e balaaios.

4 Posto Sete de Setembro, criado pela FUNAI depois do contato.

5 Espécie de fruta.

6 Esteira de palha trançada para sentar.



Contexto histórico

Primeiras referências

As primeiras referências da chegada de pessoas não indígenas à região onde vive o povo Paiter Suruí foram registradas no século 18, com a construção do Forte Príncipe da Beira, às margens do Rio Guaporé, no atual município de Costa Marques. Hoje um local tombado pelo Patrimônio Histórico.

No século 18 é quando a grande busca por ouro, expandindo-se de Minas Gerais para toda a região Centro-Oeste, chega até Rondônia, com ocupação de terras, formação de vilas e propriedades agrárias.

No Século 19 as fronteiras políticas entre o Brasil e os países vizinhos começam a ser firmadas, com acordos entre os governos e, em alguns casos, somente depois de guerras sangrentas como a Guerra do Paraguai.

Essas fronteiras foram firmadas sem se considerarem os ecossistemas e os povos originários que já viviam nesses lugares. Rios, montanhas, florestas, aldeias, povos indígenas foram divididos entre os países como se fossem coisas, sem espírito, sem alma.

Assim aconteceu com a delimitação de fronteiras entre Brasil e Bolívia, no que seria o Território Federal do Guaporé e que depois viria a se chamar Território e Estado de Rondônia.

As narrativas do povo Paiter Suruí contam que os ancestrais migraram da região de Cuiabá, fugindo dos *yara ey*. Nessa movimentação, houve muita guerra e conflitos com os outros grupos indígenas e não indígenas que já habitavam a região. Esse é conhecido como o Tempo das Correrias.

Começando o novo século

No final do século 19 e início do século 20, com o invento do automóvel, o aumento das fábricas e com a Primeira Grande Guerra Mundial, o *yara* precisava muito da borracha, e assim houve o primeiro ciclo de exploração do látex nas florestas da Amazônia, com ocupação de extensas áreas, expulsão, escravização e extermínio de povos indígenas, enquanto acontecia a migração de pessoas da região Nordeste como mão de obra para os seringais.

Em 1910 é criado o Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais – SPILTN, como uma necessidade de “prestar as-

sistência e promover a integração dos povos indígenas”, já que em todo o território nacional a expansão das fronteiras agrícolas e a ocupação do território geravam conflitos com os povos originários.

A partir de 1918, esse órgão passa a ser designado como SPI. A ação do SPI previa o respeito às terras e à cultura indígena, mas atuava na transferência de populações inteiras para a liberação de terras para colonização, instalação de grandes empreendimentos, projetos de infraestrutura, interferindo profundamente na tradição e nos sistemas político, social e produtivo das comunidades indígenas. Um documento da época explica os métodos desenvolvidos para o contato com os povos indígenas:

“As táticas e técnicas de contato com povos indígenas, empregadas nas atividades de atração e pacificação do SPI, foram paulatinamente desenvolvidas por Rondon, no âmbito das Comissões de Linhas Telegráficas, desde o final do século XIX. Eram práticas filiadas a uma longa genealogia que tinha origem nos contatos dos jesuítas com os povos indígenas desde o séc. XVI.

Uma das principais táticas, em um cerco pacífico de povos indígenas (Lima, 1995), era a de identificar-se como amigo, isto é, como um interlocutor de confiança. Nas atividades de atração foram adotadas as seguintes técnicas:

- 1. A turma de atração deveria ser constituída por trabalhadores esclarecidos a respeito dos problemas do contato;*
- 2. Chefe da equipe experiente no trato com os índios;*
- 3. Participação de índios do mesmo tronco linguístico dos índios arredios para trabalharem como guias e intérpretes;*
- 4. Equipe de atração instalada dentro do território indígena;*
- 5. Construção de um posto indígena protegido, além da plantação de roçado;*
- 6. Exploração das redondezas do posto indígena, conhecendo matas, rios e tapiris;*
- 7. Exibição de armas de fogo, diante de qualquer ataque de índios hostis, demonstrando que a equipe tinha poderio que não seria usado contra o grupo;*
- 8. Instalação de tapiris com presentes, distribuindo-se os índios intérpretes pelas matas. As trocas de presentes estabeleciam a fase inicial de «namoro» com os índios arredios;*

9. Após o contato inicial, a pacificação era consolidada com ampla confraternização. Entretanto, se houvesse algum incidente grave, poderia ocorrer o colapso da atividade de atração” (Erthal, 1992; Ribeiro, 1962).¹

E foi exatamente assim que o *yara* fez o cerco e promoveu o contato com o povo Paiter Suruí, em 1969.

Conflitos e mortes

Esse começo do século 20 foi marcado por muitos conflitos e mortes na região de Rondônia. A construção da estrada de ferro Madeira Mamoré mexeu profundamente com a vida da população local. Foi um desastre que destruiu o meio ambiente, trouxe doenças e desequilíbrio para a floresta, matou pelo menos 1.500 trabalhadores de diversos países e origens.

Nesse mesmo período, o Marechal Cândido Mariano Rondon instala as linhas telegráficas, ligando o Sul e Sudeste à região Norte do país. Com isso, aumenta muito o fluxo migratório para Rondônia, e também os conflitos e mortes entre os colonizadores e a população indígena da região. Muitos desses relatos chegaram até hoje, na voz dos anciãos do povo Paiter Suruí.

Em 1943 é criado o Território Federal de Guaporé, com capital em Porto Velho e a população *yara* aumenta ainda mais, com um novo ciclo de exploração de borracha e minérios motivado pela Segunda Grande Guerra Mundial.

Na década de 1950 o povo Paiter Suruí vive novo momento difícil e é obrigado a abandonar suas aldeias, fugindo às invasões de seringueiros e garimpeiros.

Em 1956, em homenagem ao Marechal Rondon, o território passa a se chamar Território de Rondônia. Nessa época já se podem encontrar matérias na imprensa relatando ataques às aldeias da região, com mortes de indígenas.

A partir da década de 60, principalmente depois de 1964, com os militares no poder, uma nova política de ocupação da Amazônia é instituída pelo Governo Federal. O lema “Integrar para não entregar” guiava as ações de ocupação da floresta que era vista como “o deserto verde”.

A ocupação das faixas de fronteira da Amazônia era uma questão de soberania nacional e também uma estratégia para aliviar os conflitos que

se intensificavam no Sul e Sudeste. A industrialização e mecanização da agricultura, com a formação de grandes propriedades agrárias, provocou um êxodo dos trabalhadores rurais que perderam suas terras e seu modo de vida, causando graves problemas nos centros urbanos. Hoje, depois de muitos anos de pesquisa, foi concluído o Relatório Figueiredo, que documenta as atrocidades cometidas contra povos indígenas nesse período. Esse relatório, com 7 mil páginas, pode ser encontrado na Internet.

Nessa época começa a construção da Rodovia BR 364, Cuiabá-Porto Velho, com recursos do Banco Mundial. A população do Estado passa de 80 mil para 500 mil pessoas em 20 anos.

Além do plano de colonização realizado pelo INCRA, outras empresas particulares entraram na disputa pela terra em Rondônia, muitas vezes sem respaldo legal, invadindo terras indígenas já delimitadas e enganando os colonos que pagavam por uma terra que não poderia lhes pertencer.

Esse é o tempo dos conflitos e mortes entre os diversos povos indígenas que ali viviam, pois se sentiam pressionados e expulsos de seus territórios tradicionais, e passaram a se movimentar e disputar entre si o pouco de áreas livres que restavam.

Em 1967 é criada a Fundação Nacional do Índio – FUNAI, em substituição ao SPI, numa tentativa de superar os graves problemas de corrupção e desvios denunciados na época.

Nesse tempo, os guerreiros Paiter Suruí tentam se defender de invasões e ataques dos *yara ey*, com mortes dos dois lados. Os jornais da época noticiam esses conflitos e a necessidade de se apressar a pacificação dos povos indígenas diante da presença de mais de 10 mil garimpeiros nessa área. A FUNAI dizia haver “indícios de pelo menos três povos indígenas diferentes” depois de sobrevoo e identificação de malocas.

Em 1969 o Governo cria o Parque do Aripuanã para “proteger territórios habitados por grupos indígenas que deveriam ser contatados com urgência para não serem dizimados pelas frentes de ocupação” que avançavam com milhares de garimpeiros, fazendas de gado, projetos de colonização, povoados e novas estradas.

Nesse mesmo ano de 1969 acontece o primeiro contato oficial do povo Paiter Suruí com a frente de atração da FUNAI, comandada pelo sertanista Francisco Meireles e seu filho Apoena Meireles, no mês de julho. Esse

acampamento da FUNAI recebeu o nome oficial de Sete de Setembro. A terra indígena Paiter Suruí, quando demarcada, recebeu também o nome de Sete de Setembro.

No ano de 1970 vários grupos Paiter Suruí que andavam dispersos chegam ao acampamento e estabelecem contato com a FUNAI. Os conflitos com não indígenas diminuem, mas ainda há muitos confrontos entre os diversos povos que habitam o mesmo território, como os Zoró, Cinta larga e Gavião. Nesse ano os Paiter Suruí começam a usar roupas.

Em 1971 os jornais noticiam: “Fome e doenças dizimam índios Suruí no Parque do Aripuanã”. Epidemia de sarampo, tuberculose e fome crônica atingiram quase toda a população Suruí, com a morte de mais de 300 pessoas, ou metade da população, pelos dados oficiais da FUNAI. O Jornal do Brasil de 21/11/72 afirma que a FUNAI concedeu autorização para mais de oito empresas fazerem prospecção mineral dentro da área indígena, o que contribuiu ainda mais para as invasões.

Em 1973 o PIC - Programa Integrado de Colonização é instalado pelo INCRA dando origem à atual cidade de Ji-Paraná. Nesse período, o povo Paiter Suruí passa a morar de forma permanente nas proximidades do posto da FUNAI, em razão das epidemias que dizimaram a população. Cada um dos sobreviventes das epidemias relata a perda de diversos parentes próximos e amigos. Líderes importantes, pajés, curandeiros, parteiras, pessoas fundamentais para a vida Paiter Suruí, todos morreram.

Enquanto isso, uma parte do povo continuou a morar fora da área indígena delimitada, aliciados por empresários que faziam loteamentos na vila de Espigão do Oeste.

O município de Cacoal é criado em 1974 em área tradicional Paiter Suruí, que vê as florestas, os babaçuais, os taquarais, áreas importantes onde buscavam materiais para necessidades básicas, serem totalmente devastadas. Nesse tempo, muitos Paiter perambulam pelas estradas e vilas pedindo alimentos e roupas aos *yara ey*. O povo Paiter Suruí não tem mais lideranças fortes para comandar e unir o povo.

Em 1976, o guerreiro Oreia, jovem liderança do povo Paiter Suruí, é assassinado por colonos. Seu irmão, Ġaami Anine, ainda muito jovem, lidera ações para expulsar os invasores de seu território. É um tempo de muitos conflitos e mortes.

As autoridades, pressionadas pelos conflitos e pela ação de expulsão dos invasores levada em frente pelos guerreiros Paiter Suruí, tentam negociar a saída de posseiros e fazendeiros e a demarcação do território. Assim tem início o processo de demarcação da terra, mas com avanços e recuos e muitas perdas para os projetos de colonização.

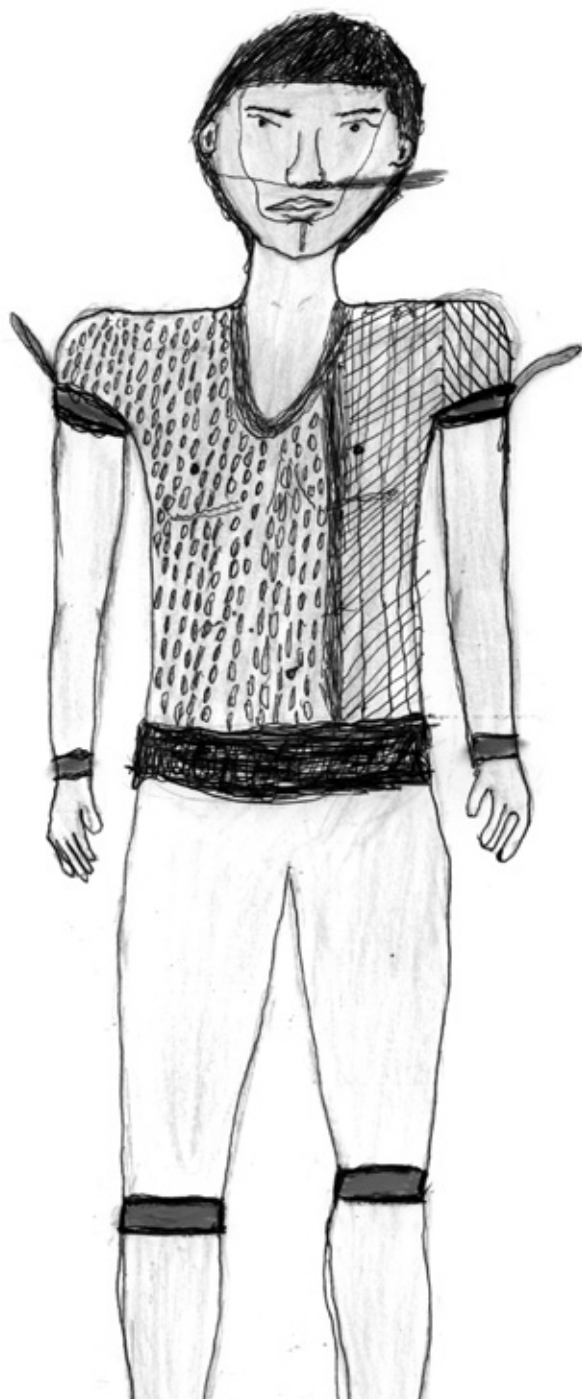
Em 1977 a FUNAI instala outro posto na Linha 14 para atender o clã *Çapgĩr* que foi levado para lá, depois de viver na vila de Espigão do Oeste, dando origem às aldeias da Linha 14.

A população de *yara ey* na região não para de crescer, principalmente a partir de 1981, depois da implantação do Programa Polonoroeste (Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil) que tinha a abertura e asfaltamento da BR 364, Rodovia Cuiabá-Porto Velho, como principal obra.

Em 1983 é finalmente homologada a Terra Indígena Sete de Setembro com 247.869 hectares, mas invasores ainda ocupam grandes áreas do território. A partir de 1984/85 as famílias Paiter Suruí começam a se dividir, criando várias aldeias nas Linhas de colonização. Ocupam áreas deixadas pelos colonos com benfeitorias e plantações de café nas Linhas 8, 9, 10, 11 e 12.

Esse é o tempo também do envolvimento dos jovens Paiter Suruí com o movimento indígena que começava a se organizar. Os principais líderes nesse período são Anine, Itabira e Idiaraga, com ações de defesa dos direitos do povo, começando o diálogo com autoridades e instituições e levando suas reivindicações até a FUNAI. Nessa época cresce entre os Paiter a consciência de como se constitui a sociedade brasileira e a necessidade de lutar pela defesa de seu território e de sua cultura.

.....
1 Mais informações sobre o SPI podem ser conferidas em <http://www.funai.gov.br/index.php/servico-de-protecao-aos-indios-spi?start=2#>.



Narradoras e narradores

Ĝaami Anine Suruí, ou simplesmente Anine, como é conhecido, pertence ao clã Makor e nasceu cerca de 12 anos antes do contato. Foi importante liderança em todo o período mais delicado da consolidação do território Suruí, lutando, junto com outros companheiros, pela demarcação e respeito aos direitos de seu povo. Nesse processo, viajou para Brasília, outras capitais e aldeias do país, participando de reuniões, audiências e da luta do movimento indígena nas décadas de 1980 e 90. Representou seu povo e os indígenas brasileiros também em encontros e eventos internacionais. Trabalhou no Distrito de Saúde Indígena, em Cacoal. Vive hoje na Aldeia Sete de Setembro, Linha 12, com suas quatro esposas e 21 filhos.

Itabira Ĝapoi Suruí nasceu cerca de 18 anos antes do contato em uma família importante do povo Suruí Paiter, afirmando-se como do clã Kaban. Foi liderança importante em toda a luta para a expulsão dos invasores e demarcação do território Suruí. Juntamente com Anine, participou ativamente do movimento indígena que começava a se organizar na década de 1980. Foi vereador pelo município de Rondolândia, sendo o primeiro indígena a assumir um cargo político nessa região. Vive hoje na aldeia Sertanista Apoena Meireles, na Linha 7, município de Rondolândia, Mato Grosso, região noroeste do território.

Nema Uredmilar Suruí é irmão classificatório (seus pais são irmãos) mais velho de Itabira, guerreiro importante e reconhecido pelo povo Suruí Paiter, lutou à frente de seu povo na defesa e proteção do território. Tem hoje cerca de 75 anos e vive na aldeia Sertanista Apoena Meireles, na Linha 7, município de Rondolândia, no Mato Grosso, região noroeste do território, para onde se mudou para estar ao lado de seu irmão.

Ĝasalab Suruí, conhecido como Joaquim, é cacique da Aldeia Ĝapğir na Linha 14, que reúne a maioria da população do clã Ĝapğir e tem aproximadamente 57 anos. Pertence a uma grande família Ĝapğir, de nove irmãos e irmãs ainda vivos.

Iba Suruí é um dos homens mais velhos entre os Suruí Paiter com aproximadamente 80 anos. É o irmão mais velho de Gasalab e, segundo informações, foi a primeira pessoa que contraiu o vírus do sarampo entre os colonos. Vive na Aldeia Betel, Município de Pacarana.

Ĝaserê Suruí é o terceiro irmão, do grupo de nove irmãos e irmãs Ĝapĝir, filhos dos mesmos pais. Tem aproximadamente 69 anos e vive na Aldeia Gaserê, Município de Pacarana.

Ĝathag Suruí, conhecido como André, pertence ao clã Ĝapĝir, tem aproximadamente 70 anos e vive na Aldeia Amaral, Linha 11.

Ipatarra Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 68 anos e vive na Aldeia Linha 10.

Yab-alapixah Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 55 anos e vive na Aldeia Linha 10.

Pamadjeron Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 63 anos e vive na Aldeia Linha 10.

Inkar Suruí é uma das irmãs da grande família Ĝapĝir que vive na aldeia da Linha 14. Tem aproximadamente 70 anos, é sogra e ao mesmo tempo irmã do líder Gasalab pois as meninas do povo Suruí Paiter casam-se preferencialmente com os tios maternos ou seus filhos.

Insereg Suruí pertence ao clã Makor, tem aproximadamente 70 anos e vive na Aldeia Linha 9. Foi casada com o grande líder Dikboba que comandava o povo Suruí na época do contato.

Ihxob Suruí tem aproximadamente 66 anos, vive com seu esposo, Nema Uredmilar na Aldeia Sertanista Apoena Meireles, Linha 7. É uma das irmãs da grande família Ĝapĝir da Linha 14, onde viveu por muitos anos com seu esposo até mudarem para a Linha 7.

Soman Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 68 anos e vive na Aldeia Linha 10.

Ibekain Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 72 anos e vive na Aldeia Linha 10.

Mapini Suruí pertence ao clã Kaban, tem aproximadamente 48 anos e vive na Aldeia Sete de Setembro, Linha 12, com seu esposo Anine.

Ķakaman Suruí pertence ao clã ĶapĶir, tem aproximadamente 70 anos e vive na aldeia Linha 14.



Glossário

Aber – espécie de árvore, breu

Abeseb - enfeite de palha

Abiah – pama, espécie de fruta vermelha

Adoiter – cesto cargueiro, tipo de balaio

Adonanal – balaio

Agoiab – colar de algodão, tipoia

Agoiey – povo indígena já extinto no século passado

Agoykira - nome de uma aldeia

Akapé - esteira de palha para sentar

Amô – avô, termo usado como respeito a pessoas mais velhas

Ariah – adorno feito da entrecasca da árvore que é vestido um uma determinada festa, apenas com furos nos olhos e boca

Ariméh – macaco

Arimekã – tesoura

Atenah – bracelete usado pelo homem

Betiga - enfeite para o furo no lábio inferior feito de resina de árvore

Borkáh – espécie de fruta

Buxi – leite da árvore que se toma para purificar o corpo

Gabeypagah – árvore alta e fina, de uso medicinal, muito amarga

Ġahd- roça

Ġamagará – mutirão de fazer roça, festa de derrubada

Gairg poe iwai – dono do lugar de muita areia, como uma praia

Galobá – símbolo de morte, de guerra, deixa as pessoas aterrorizadas. Luz forte, brilho no céu, passa e é seguida de um grande estrondo

Garaguim – adorno usado pelos homens no pulso e na perna

Garah y – nome de remédio tradicional

Garaub – pau pereira, espécie de árvore

Gãtxiah – espelho

Goanei – os espíritos das águas

Gopodxu – nome de gavião

Õoxor – povo Zoró

Guerekân – tapiri, abrigo, construção improvisada

Iãmgah – plantação de taquara para flechas

Iamni – aldeia taquaral

Ikabékain - velho rio

Ikabi – pilão

Ikahkoy – espécie de árvore, imburana

Ipagari – ritual de purificação, preparo espiritual para formação do ser humano

Isokãhg alwiway – dono do curral

Itxanguêi – tataravô

Itxiab– veado mateiro

Itxira – panela de barro

Ixakub – tipo de flecha

Kalerey – povo indígena já extinto

Koro - semideus

Labiway – líder, chefe

Lagantanga e lagatangalapoma – tipos de flechas

Lab āāh – casa ou construção

Lab alawā – casa com a porta no meio

Labgabeub – nome de aldeia

Lahd – inimigo, bandido, o que mata as pessoas

Lahd Amiah ou Awir ou Xamiah – diferentes nomes para o povo Cinta larga

Lawab – serviçal

Likilá – tipo de yatir, bebida mais diluída

Lobeah – panela de barro para tomar chicha

Makaah – amendoim

Makabé – garça, espécie de pássaro

Makabesob – nome de um peixe

Makaloba – mingau feito de milho

Makor apid – primo /sobrinho de Makor

Māme – tipo de beiju feito de milho

Mamgala iwai – castanhal, lugar de muitas castanheiras – hoje, Cacoal

Mamig ikīn apawa – casa de reclusão do nascimento

Managa – massa de milho para fazer chicha

Mapimai – ritual espiritual importantíssimo para o povo Suruí Paiter

Masode – estado emocional muito ruim, como se a vida tivesse acabado, sem esperança

Matered ey – antepassados, ancestrais

Matxag-lipeh – espécie de árvore

Maxo – fumo, cigarro especial

Mebé – porco do mato, queixada

Mebesin – tipo de flecha

Mebesinalawam – tipo de flecha

Mebesinapomuin – tipo de flecha

Mebesingira – tipo de flecha

Mebesin-iter – tipo de flecha

Mebesinlapoma – tipo de flecha

Meguir – milho verde

Meko – onça

Mekopitxay – palavra formada por meko, que significa onça e pitxay que significa resistente, flexível – Mekopitxay era uma mulher e ela e seu filho eram onças

Metare – local no meio da mata, clareira

Metareilá – local de trabalho, numa clareira aberta na mata, com construções simples, como tapiris, onde as pessoas da metade ritual da mata trabalham durante o período da seca, quando acontecem as festas, fazendo colares, adornos, flechas, painéis, balaies e outros objetos para a troca ritual com a outra metade da aldeia, responsável pela comida e bebida, que permanecem na aldeia

Mokoba – banana

Mokowá – coruja

Morabti – nome de aldeia

Morabtapó – Cipó muito amargo

Moratĩ esamõy – local de muito gengibre

Moribgoxar – tipo de flecha

Môy – mandioca

Nābekod – facão

Nabekodabalakiba – significa “local onde foram pendurados os facões”, depois denominou a aldeia formada próxima ao posto da FUNAI onde foi estabelecido o contato em 1969.

Nambekonora iwai – homem do facão grande – perto do município de Presidente Médici

Napó kabé – espécie de cipó

Noah papi – urucum, espécie de árvore

Oiô – rolinha vermelha com pescoço azul

Omay – nome do pajé

Orowáhb – espécie de ave com longas penas no rabo

Oroyhid – árvore moreira

Paiter – ser humano, humanidade, autodenominação do povo Suruí

Pakaa nowa – nome de um povo indígena de Rondônia, também escrito como Pacaa Nova

Pakobtabitor – tronco cortado da garapeira, nome de aldeia

Palob – criador, nosso pai

Pamatô – nome do ritual do Conselho

Panemikoy – menstruação

Panemikoy Leah – casa de reclusão da mulher menstruada

Pasap – protetor peniano

Patxaïd – veado Campeiro

Pavuru – faca

Pawele – nome de remédio tradicional

Pawentiga - local do contato

Peyxir – canário, espécie de pássaro

Soah – cará

Soso yab – povo Gavião

Tamari – jacamim, espécie de pássaro

Tamoahb – jacu, espécie de pássaro

Tapiri – estrutura de abrigo com caráter mais provisório, que serve tanto para se proteger da chuva como para breve permanência feita também pelos brancos para deixar os presentes.

Toubaray – espécie de árvore

Trokeu – tipo de panela de barro

Wabedyorĩn – espécie de árvore, embirema

Wakise – facão

Wakoya – mutum, espécie de pássaro

Waloy – Tatu

Watanr – povo já extinto

Watĩgua sĩ – batata-doce

Wãwã –pajé

Wayã – nambu, espécie de pássaro

Wexomã – pintura de jenipapo

Xamiah – pessoa mentirosa

Yah – flecha

Yah iter – flecha de guerra

Yahtxiga – leite da árvore que se toma para purificar o corpo

Yara – não indígena, o branco

Yatir – yatir é a festa onde todos se encontram para beber muita chicha, a bebida fermentada feita de mandioca, milho, batata-doce ou cará. Toma-se muita bebida, há cantos, danças e as pessoas ficam embriagadas.

Yokahb - patoá, espécie de fruta

Ysoah – nome da pedra usada em ritual de cura e proteção, sinal de espírito



Fontes de informação

Com a facilidade, hoje, de acesso à Internet, podem-se localizar livros, discos, artigos, teses, websites, imagens, filmes e vídeos com várias abordagens sobre o povo Paiter Suruí, inclusive materiais produzidos por aldeias e pessoas do povo Paiter.

A antropóloga Betty Mindlin acompanhou por décadas o povo Paiter e tem várias publicações, inclusive coletâneas de mitos. Marlui Miranda, musicista reconhecida, realizou juntamente com Marcos Santili o belo disco Paiter Merewá, referência dos cantos do povo Paiter Suruí. Jesco von Puttkamer acompanhou o contato do povo Paiter e tem um vasto acervo fotográfico sobre esse e vários outros povos indígenas em museu em sua homenagem, em Goiânia.

Seria difícil reunir aqui essa quantidade de fontes de referência. Por isso, deixamos apenas alguns links onde se pode aprofundar a pesquisa sobre o povo Paiter Suruí.

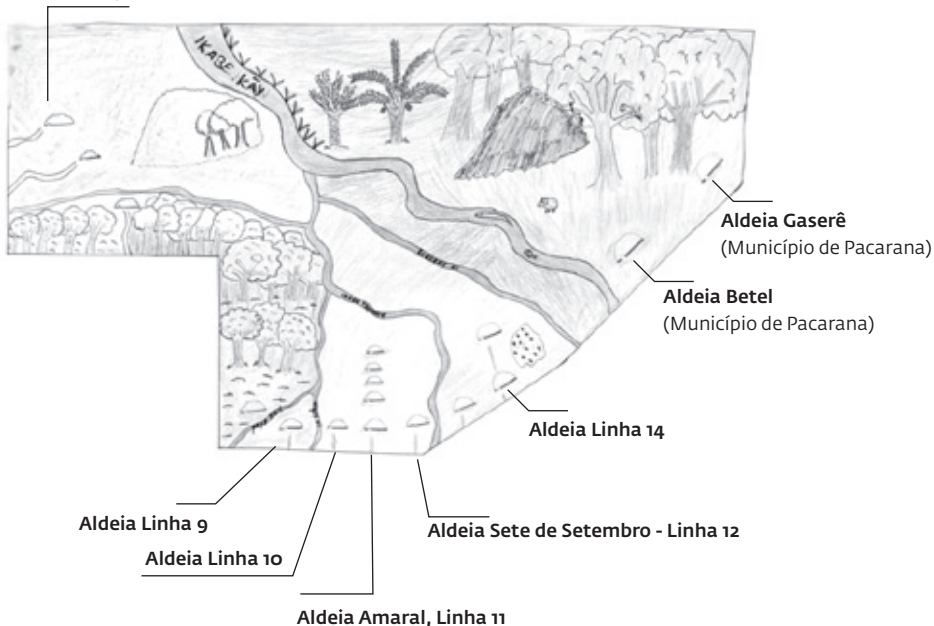
<https://pib.socioambiental.org/pt/povo/surui-paiter> - além de informações básicas, o site apresenta uma extensa bibliografia.

www.paiter.org/ - web site oficial da Associação Metareilá do povo Paiter Suruí

www.programadeindio.org/ - com quase 200 programas de rádio realizados pelo Núcleo de Cultura indígena, este site traz muitas informações e entrevistas com lideranças Paiter da década de 1980 e alguns programas mais recentes da série Aldeias Sonoras, da década de 2010.

Mapa

Aldeia Sertanista Apoena Meireles
(Município de Rondolândia)



Terra Indígena Sete de Setembro

Rondônia e Mato Grosso

Área: 247.869 hectares

População: aproximadamente 1300 pessoas

No mapa, localização das aldeias onde vivem os autores do livro.

Os caminhos, as pessoas, as paisagens









Esta publicação pode ser reproduzida no todo ou em parte e em qualquer forma para fins educacionais ou sem fins lucrativos, sem necessidade de permissão especial do titular dos direitos autorais, desde que seja citada a fonte. A Forest Trends e a Ikorê, porém, gostariam de ser informados e receber uma cópia de qualquer publicação ou menção que venha utilizar esta publicação como fonte. É vetado qualquer uso comercial da publicação.

Realização: Forest Trends

Apoio: Fundo Vale e Fundação Ikea

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

P218h

Histórias do começo e do fim do mundo: o contato do povo Paiter Suruí/ Āaami Anine, Suruí; Itabira Āpoi, Suruí; Āthag, Suruí [et al.]; Angela Pappiani; Inimá Lacerda [orgs.] – São Paulo : Ikorê, 2016. 264p.

ISBN 978-85-62970-04-7

1. Índios da América do Sul - Brasil. 2. Índios Paiter Suruí. 3. História Oral. 4. Floresta Amazônica. I. Pappiani, Angela, org. II. Lacerda, Inimá, org. III. Título.

CDD 980.41

Conceito e coordenação editorial: Ikorê

Autores: Āaami Anine Suruí, Ākaman Suruí, Āsalab Suruí, Āaserê Suruí, Āthag Suruí, Iba Suruí, Ibekain Suruí, Ihxob Suruí, Inkar Suruí, Insereg Suruí, Ipatarra Suruí, Itabira Āpoi Suruí, Mapini Suruí, Nema Uredmilar Suruí, Pamadjeron Suruí, Soman Suruí, Yab-alapixah Suruí

Organização: Angela Pappiani e Inimá Lacerda

Coordenação: Āaami Anine Suruí

Tradutores: Āaami Anine Suruí, Naraykosar Júlio Suruí.

Colaboração na tradução: Diori Suruí, Enoque Suruí, Hinkir Suruí, Salomé Suruí

Edição de textos em português: Angela Pappiani

Assistente de edição: Inimá Lacerda

Revisão: Maria Suzete Casellato

Fotografias: Ikorê (páginas: 20, 28, 38, 52, 62, 68, 74, 92, 106, 110, 127, 144, 178, 196, 204, 212, 218, 228, 232, 236, 260, 261, 262, 263), Betty Mindlin (página: 231), Jesco von Puttkamer/Acervo PUC Goiás (páginas: 4, 8, 10, 11, 19, 26, 27, 37, 51, 67, 72, 73, 105, 108, 109, 143, 194, 195, 203, 211, 227, 235, 239, 240, 257), Mark Edwards/Hard Rain Picture Library (páginas: 101, 127).

Ilustrações: Jovens da aldeia Sete de Setembro (páginas: 71, 193, 217, 226, 247, 250)

Mapa: Criação coletiva em “Alfabetização Intercultural Paiter Suruí: historiografando trajetórias do tempo ágrafo à cultura escrita” (Naraykopega Suruí, 2015)

Projeto gráfico e capa: Silvia Amstalden

Normatização: Beatriz O. R. Massonetto

ISBN 978-85-62970-04-7



9 788562 970047

Realização:



Apoio:



IKEA Foundation

